

Danda de Alencar

Voltando
a
mar





Voltando

A

Amar



“Não importa o tamanho da sua dor, se tiver ao seu lado alguém com quem dividi-la, esse alguém trará luz para os cantos mais escuros, valerá a pena continuar procurando a saída e será tão maravilhoso quando acontecer, que um dia esquecerá como era estar lá dentro.”

Ficha Técnica

2017 – Todos os direitos reservados.

Esta é uma obra de ficção. Nomes, personagens, lugares e acontecimentos descritos são produtos da imaginação da autora. Qualquer semelhança com nomes, datas e acontecimentos reais é mera coincidência.

Nenhuma parte desta publicação poderá ser reproduzida por qualquer meio ou forma sem a prévia autorização dos autores.

A violação dos direitos autorais é crime estabelecido na Lei nº 9.610/98 e punido pelo artigo 184 do Código Penal.

Foto da Capa: Pixabay

Capa: Mayara Barros

ISBN: 978-85-921083-7-3

2ª. Edição — Dezembro/2017

Agradecimentos

Nesse momento não tenho palavras para descrever como estou feliz em concluir meu primeiro romance.

Quero agradecer primeiramente a Deus por me dar inspiração, à minha mãe Lúcia que sempre foi e será minha heroína e me ensinou a ser forte, mesmo quando parece que tudo está perdido, minha filha Isabelle que me deu inspiração necessária para descrever a emoção de ser mãe, meu marido Ivan por aceitar e incentivar, mesmo sem ser leitor, o meu sonho, isso só me faz te amar ainda mais, e cada vez que a Lim diz que ama o Ethan é o meu coração se abrindo para você, Vida. Aos meus irmãos que sinto tantas saudades: Ládía, Damile e Lázaro a falta que vocês me fazem é boa parte da minha inspiração.

A todos vocês que tiraram um tempinho para ler minha história.

À minha amiga-madrinha MG Nunes, obrigada por nunca me deixar fraquejar, Ellen Savvy minha amiga brilhante e inteligente, que saiu um pouquinho das suas histórias para fazer minha revisão com tamanho brilhantismo. (P.S. Vocês devem ler o que essas pessoas incríveis escrevem, elas realmente têm talento) Gika Sandrine, minha amiga que tantas dicas me deu.

E a vocês, meus amigos tão amados que fazem parte da minha vida cotidiana e tanto me apoiam, não tenho como citar todos agora, pois levaria um bom tempo e correria o risco de deixar alguém de fora, mas tenho certeza que cada um sabe a quem me refiro, meus amados, vocês têm minha eterna gratidão...

Não tenho palavras para dizer a importância de vocês na minha vida, os Amo para sempre ou enquanto eu viver, ou o que vier primeiro!

Sumário

[Ficha Técnica](#)
[Agradecimentos](#)
[Sumário](#)
[Prólogo](#)
[Capítulo Um](#)
[Capítulo Dois](#)
[Capítulo Três](#)
[Capítulo Quatro](#)
[Capítulo Cinco](#)
[Capítulo Seis](#)
[Capítulo sete](#)
[Capítulo Oito](#)
[Capítulo Nove](#)
[Capítulo Dez](#)
[Capítulo Onze](#)
[Capítulo Doze](#)
[Capítulo Treze](#)
[Capítulo Quatorze](#)
[Capítulo Quinze](#)
[Capítulo Dezesseis](#)
[Capítulo Dezesete](#)
[Capítulo Dezoito](#)
[Capítulo Dezenove](#)
[Capítulo Vinte](#)
[Capítulo Vinte e Um](#)
[Capítulo Vinte e Dois](#)
[Capítulo Vinte e Três](#)
[Capítulo Vinte e Quatro](#)
[Capítulo Vinte e Cinco](#)
[Capítulo Vinte e Seis](#)
[Capítulo Vinte e Sete](#)
[Capítulo Vinte e Oito](#)
[Capítulo Vinte e Nove](#)
[Capítulo Trinta](#)
[Capítulo Trinta e Um](#)
[Capítulo Trinta e Dois](#)
[Capítulo Trinta e Três](#)
[Capítulo Trinta e Quatro](#)
[Capítulo Trinta e Cinco](#)
[Capítulo Trinta e Seis](#)
[Capítulo Trinta e Sete](#)
[Capítulo Trinta e Oito](#)
[Capítulo Trinta e Nove](#)
[Capítulo Quarenta](#)
[Capítulo Quarenta e Um](#)
[Capítulo Quarenta e Dois](#)
[Capítulo Quarenta e Três](#)
[Epilogo](#)
[A Autora](#)

Para os meus amados, não por fazerem da minha vida perfeita, mas por torná-la menos tediosa. E Isabelle por sempre me levar de volta ao amor verdadeiro.

Prólogo

Estar de frente para a morte por mais de uma vez, não me fez ter medo de enfrentá-la. Pelo contrário deu-me ainda mais motivos para continuar seguindo, podem me chamar de mórbida ou sem noção, mas nada que eu enfrentei doeu tanto quanto a imagem que minha mente projetou.

O difícil não é partir. Quando não se tem motivos que te façam querer ficar, isso seria até mesmo considerado uma benção, porém, desde que Ethan entrou na minha vida, tudo que era pálido e frio ganhou cor e calor, o que era escuro se iluminou e meu coração, há tanto adormecido, novamente voltou a bater no meu peito, ele deu-me um motivo para lutar, um amor, uma família. Trouxe-me de volta o ar, agora aqui estou agarrando-me com unhas e dentes à vida, irônico até, depois de ter desejado que ela me fosse tirada, mas agora não sou apenas eu quem perderá com a minha morte.

Capítulo Um

Bom Sossego, cinco anos e meio antes

Helida 🦋

— Acho que deveria considerar a proposta! — Falo enquanto giro o volante para desviar de uma caminhonete que invade a contramão.

— Sério, Helida? Quer falar sobre isso na nossa última noite de folga, sabendo que amanhã voltamos à rotina maluca de estudos e estágios? —Pela minha visão periférica, o vejo olhar pela janela e observar os pingos de chuva baterem no vidro e deslizarem.

— Caio, não estou querendo estragar nossa lua de mel atrasada, de forma alguma, mas fala sério! Um estágio muito bem remunerado no Hospital das Clínicas em São Paulo, com o melhor amigo do seu pai como chefe do setor ortopédico, e deixa que lá vem a melhor parte, ele é somente a maior referência em cirurgias ortopédicas reparatórias e de alto riscos no cenário da medicina brasileira atual, será que te dei motivos suficientes?

Arrisco uma olhadela na sua direção, vejo que sorri ainda olhando a paisagem além da janela.

Com chuva, é preciso o maior cuidado possível, ainda mais no último dia do feriado de carnaval, qualquer descuido e nossa curta lua de mel, seis meses após assinarmos os documentos perante um juiz de paz, estará como ele bem colocou, arruinada.

— Está falando isso por que acha que é o certo, ou meu pai conversou com você esses últimos dias? — Mais uma olhada e seu reflexo me sorri largo.

— Eu... Droga, Caio. Não quero você do outro lado do país, não mesmo, porém, não o quero daqui a dez anos, quando estiver entediado e arrependido, no seu emprego como plantonista do HCA, lamentando-se por não ter seguido o conselho do seu pai, que pode ser um esnobe e mandão, mas sabe bem o que quer para o futuro do único filho, eu não quero ser a

causa de mais discussão entre vocês!

Guardo em mim um sentimento profundo de culpa, desde que decidimos nos casar e, como consequência, Caio recusou-se a mudar de cidade junto com a família, privando-o de seu relacionamento com o pai, que é o nacionalmente conhecido Dr. Carlos Albuquerque, cirurgião chefe do setor de cardiologia do Hcor, que é, nada menos do que um dos maiores hospitais em referência no tratamento de doenças cardiovasculares da América Latina.

Mata-me saber que posso, não apenas, o estar impossibilitando de uma convivência saudável com os pais, como também atrapalhando uma carreira brilhante. Morando em Bom Sossego, ele nunca poderá se destacar entre os grandes cirurgiões ortopedistas, e ter sua foto estampada, com orgulho, em um hospital de grande porte, como seu pai.

— Helida? — Seus olhos agora fitam meu rosto com seriedade e sinto minha pele formigar, como se estivesse a me tocar. — Nada me fará mais feliz do que ser o plantonista ortopédico do HCA alguns dias por semana, como também atender alguns raros pacientes no meu consultório, desde que esteja ao lado daquela que escolhi para ter como parceira, amiga e esposa.

— Isso é muito fofo, futuro Dr. Albuquerque, mas não muda o fato que ainda tenho razão! — Sua risada rouca enche o carro, aquecendo ainda mais meu coração.

— Sim, uma meia razão para cada, que tal? — Sua mão acaricia a minha, sou impelida a olhá-lo, algo grita na minha cabeça, que se não o fizer me arrependerei pelo resto dos meus dias, e assim o faço.

Meu suspiro é audível mesmo com todo o barulho da chuva, o tempo para por alguns instantes, enquanto vejo o sorriso mais acolhedor, reconfortante e amável, que me é familiar desde a infância, foi o farol nos meus momentos incertos, mostrando soluções até mesmo para problemas que não sabia da existência. Seus olhos verdes, seu cabelo castanho escuro, a pele clara, porém bronzeada dos nossos infindáveis passeios, a imagem da perfeição diante dos meus olhos, não apenas fisicamente falando, mas sua alma bondosa, companheira, amorosa e justa é o que há de mais belo nele. E então seu sorriso se apaga, demora alguns instantes para que eu perceba o

porquê.

— Sabia que eu te amo, Lim? — Ele fala, de repente sério demais, fazendo com que eu olhe rapidamente para seu rosto, não querendo desviar a atenção da estrada.

— Também amo você, querido!

Saindo de uma via de acesso lateral, um carro nos atinge em cheio do meu lado, o impacto faz o carro girar e girar desgovernado barranco abaixo, antes que pare capotado. Minha cabeça dói, sinto um líquido quente escorrer pela lateral do meu rosto. *“Droga bati com a cabeça em alguma coisa, aparentemente só está sangrando, menos mal!”*.

Pisco meus olhos algumas vezes tentando enxergar, porém está tudo escuro, escuro demais para ser normal. Tateio em meio ao caos atrás do Caio, minha mão encontra seu corpo mas ainda não enxergo, droga! Não vejo nada com essa droga de escuridão.

— Caio? Fale comigo, por favor, me responda, não consigo ver, está tudo escuro! — O chamo na esperança de que me escute, mesmo minha voz estando tão distante aos meus ouvidos.

— Lim... — Sua voz está fraca, tão longe, muito baixa, quase inaudível. — Amor... vai ficar tudo bem, eles logo nos acharão, há luzes em toda parte... — Não vejo luz alguma, devo ter sofrido uma concussão e como efeito perdi a visão, só pode ser isso, uma dor alucinante toma conta do meu crânio, como se milhares de agulhas fossem enfiadas uma a uma através do meu couro cabeludo repetidas vezes, então o escuro se fecha de vez ao meu redor, já não há dor, som, já não há Caio, nem eu...

Capítulo Dois

Dias atuais

Helida 🐾

Veja o sol dessa manha tão cinza ...

Sou transportada em uma viagem no tempo pela, onde tudo está no seu devido lugar, mais um dia perfeito, braços carinhosos envolvem minha cintura enquanto dançamos num ritmo totalmente diferente da música que toca ao fundo, olhos nos seus olhos e suspiro aliviada por ele ainda estar aqui...

Então me abraça forte e...

Faço como a música de Renato Russo da Legião Urbana diz, o aperto ainda mais junto ao meu peito, ainda de olhos fechados, sinto seu cheiro cítrico maravilhoso. Ao abrir os olhos, percebo que tenho novamente quinze anos, ele está com quase dezessete, “*nada disso é real*”, — minha mente nada caridosa grita alto — apenas mais uma das inúmeras lembranças dos bons momentos em que o tive comigo...

Somos tão jovens

...

Acordo sobressaltada, novamente o mesmo sonho, mais uma vez estou agarrada ao travesseiro, desde o acidente, assim é o meu despertar, algumas vezes com choro descontrolado, outras apenas o silêncio e as cores creme com roxo do meu quarto como companhia, tudo tão igual e diferente da adolescência feliz que aqui passei, no entanto, há uma sutil mudança no ar, a música entrando através da janela, mesmo que a mantenha trancada.

Isso é uma novidade nada agradável, meus pais sabem que tenho evitado qualquer tipo de lembranças dolorosas. Sem dúvida, foi essa porcaria que me fez sonhar com minha festa de quinze anos, abrindo o baú que mantenho trancafiado a sete chaves, com as lembranças de uma época onde eu adorava ouvir músicas e até mesmo arriscava dançar...

Muito me admira eles estarem ouvindo algo assim, não que eu tenha decretado uma lei contra ouvir músicas, longe de mim, gostaria apenas que eles esperassem, pelo menos até que eu esteja pronta para isso, não simplesmente me forçando a ouvir logo ao amanhecer. Só que...

Espera um pouco, alguém está cantando junto. Argh! E ainda é um péssimo cantor, pra mim já deu, não suporto mais nem um segundo disso.

— Caramba! Será que é tão difícil ouvirem a droga da música um pouquinho mais baixo? Mãe? — Grito o mais alto possível, mesmo que já saiba de cor o que ela vai dizer, que é sempre a mesma coisa: que preciso sair do meu casulo, voltar a viver como qualquer pessoa de vinte e quatro anos e blá, blá, blá.

O problema é que, não sou como qualquer outra pessoa. Como posso “voltar à vida”, não quando estou vazia por dentro, se o que antes era um coração que batia forte ao ritmo de um outro coração, hoje é apenas um órgão que serve para bombear o sangue e mais nada.

Algo mudou, sei disso por estar notando coisas que até então me eram estranhas. Tudo está tão perturbadoramente nítido a minha volta, pequenos detalhes que sempre passaram despercebidas entram na minha bolha de torpor, como se um objeto de ponta afiada a tivesse estourado.

Um calafrio me sobe pela espinha, espero que não venha a ser um presságio de algo ruim.

Conto mentalmente cinco segundos até poder ouvir minha mãe subindo as escadas, um degrau de cada vez. Meu pai deve estar tomando café da manhã na cozinha e é provavelmente quem está a cantarolar junto com a música.

Lembro-me quando costumava ouvi-lo cantar, então dançávamos pela casa rindo como dois bobos, porém, esse tempo ficou no passado, hoje já não suporto qualquer tipo de música. Ainda mais quando uma voz desafinada, cisma em duelar com a voz grave de *Renato Russo*.

— Bom dia *pra* você também, filha!

Reviro os olhos para seu sarcasmo, não é possível que ela não esteja incomodada com esse barulho.

— Helida, meu bem, que você não se sente pronta para algumas coisas, é um fato conhecido, no entanto, não pode querer que o mundo se feche para a vida como você fez!

Ela diz ao puxar o cobertor que está cobrindo minha cabeça e me vê toda enrolada, com o travesseiro sobre a cabeça. Logo, senta-se ao meu lado e põe sua mão sobre a minha.

— Há pessoas que gostam de se sentirem vivas, sabe? — Eu já esperava por esse sermão. — Você bem que poderia fazer o mesmo, ainda é jovem tem toda uma...

— Nada disso, não venha me dizer que eu tenho uma vida! — Ela se espanta diante a minha explosão. Geralmente evito pensar e falar, seja o que for, simplesmente finjo que não é comigo. — Por que ninguém respeita minhas escolhas, será que já não sou mais capaz de tomá-las sozinha?

— Filha, não é questão de ser ou não capaz, você só não pode viver desse jeito, ou melhor, ver a vida passar assim. Você não morreu naquele maldito acidente!

Instintivamente recuo. Uau, ponto para dona Laura, essa foi golpe baixo, ela mais do que ninguém sabe que não suporto falar sobre isso, o assunto proibido. Conto até dez para acalmar minha respiração, ou vou explodir.

—Desculpa, Lim? —

Ela suaviza o tom de voz e me odeio por vê-la sempre se desculpando.

— Sei que não devia ter tocado nesse assunto, mas não suporto vê-la tão sem vontade de viver. — Se sabia, não deveria ter falado, penso comigo.

— Tudo bem, mãe, sei que não teve a intenção, só... por favor tire a música, sim? — Ela me olha triste e balança a cabeça, sinto-me mal por fazê-la passar por tudo isso comigo.

Minha mãe é uma mulher forte, tem traços marcantes, com seus um metro e sessenta e oito de altura, cabelos ruivos naturais, que contrastam com a pele clara e olhos castanhos acolhedores. É professora universitária de História da Arte e ao longo dos seus trinta e cinco anos lecionando, aprendeu

a se adaptar a diferentes situações, criando verdadeiros vínculos com seus alunos.

No fim, a maioria deles presenciou toda a minha trágica história de amor chegar ao fim e respeitaram o meu silêncio e afastamento, o que foi um alívio.

— Eu bem que gostaria, sabe? Faço tudo para vê-la o mais confortável possível, mas não posso! — Ela dá de ombros.

— Como assim, não pode? — Será que hoje é o meu dia de pagar por algum pecado que não foi devidamente computado pelos céus há quase seis anos?

— Essa música não é aqui! — Há uma certa tensão na sua voz.

— E aonde poderia ser, eu podia jurar que... Não é? — Pergunto intrigada, só há uma casa próxima da nossa e recuso-me a acreditar que essa música vem de lá.

— É na casa ao lado, você não percebeu, mas temos um novo vizinho. — Seu olhar vai para todas as partes, menos para os meus.

— Tem alguém morando na casa dos Albuquerque? Isso é estranho. — E uma coisa que não me é muito fácil de aceitar.

— Estranho, por que? — Será que não é óbvio?

— Filha, é natural que uma casa tão bonita seja vendida, alugada ou o que quer que seja.

— Mãe, essa casa não deveria ser passada para outra pessoa, o Caio a construiu para nós dois, era para estarmos juntos agora tomando café da manhã na cozinha, rindo um com o outro...

— Chega, Helida! Pare de se torturar! Não se lembra que você assinou um documento abrindo mão de qualquer herança, a casa estava inclusa e os pais dele podem fazer o que quiserem com ela.

— Sim, mas não pensei que seria tão rápido! Afinal, só se passou um tempo.

— Rápido? Você deve estar brincando, já se passaram cinco anos e

meio, você não vê o mundo à sua volta? — Na verdade não.

— Mãe, pare, não comece, eu não vou ouvir essa ladainha toda novamente. — Será que ela não enxerga que está me matando?

— Pois não escute! — Grita irritada. Nossa, ela nunca gritou comigo assim, seus olhos ficam marejados. — Só viva, por favor. Há pessoas que passaram por isso e continuaram a viver depois, você também pode.

Ela fala como se fosse possível viver quando a pessoa que te mantinha viva não está mais aqui. O pior disso tudo é que, por mais distante que eu fique, que tenha tentado proteger aqueles que amo da dor, minha família sofre comigo mesmo assim.

— Mãe, tudo bem, eu vou ficar bem! — Tento controlar as emoções dentro de mim, não suporto o olhar de piedade que me diz o quão sem vida estou, sei que se olhar no espelho estarei parecendo um zumbi.

— Sabe, você bem que poderia tentar conhecer os nossos vizinhos! — Sua fala mansa de quem não quer nada, em nada me engana.

— Eles têm filhos? Se sim, é bem provável que eu conheça mesmo! — Não vou cair no seu jogo, dona Laura.

— Não, vi um casal saindo outro dia, mas não voltei a vê-los, então acho que apenas um filho, ou filha esteja morando lá. — A voz que ouvi era claramente masculina, ou é o “filho” ou namorado da moradora. Estranho minha mãe sugerir uma aproximação, quando sabe que sou péssima em fazer amigos.

— Você já o, ou a conheceu, não é mesmo? Por isso está toda estranha olhando para os lados! Te peguei dona Laura!

Estreito os olhos e algo inusitado acontece, uma risadinha sai de mim, a primeira em anos, assustando a minha mãe, que parece ver a realização de um milagre diante dos olhos.

— Eh, a senhora pode me dar licença? Eu preciso de um banho. — Peço constrangida.

— Tudo bem, claro, filha! Espero você lá embaixo para tomarmos café juntas! — Sua voz está embargada de emoção. Um pouco desajeitada, ela me

sopra um beijo e sai, essa realmente é uma manhã atípica, algo dentro de mim está diferente, ainda não sei o que e não sei se gostarei da resposta quando descobrir.

Ethan 7

— Mãe, já pode parar de me ligar a cada meia hora, sim? Estou aqui há uma semana e nenhum bicho papão veio pegar meu pé no meio da noite.

Ouço seu riso fácil encher a linha, gosto de ouvi-la rir.

— Além disso, se quer saber porque não atendi antes, foi por estar no banho, com o som ligado, você sabe que música me distrai!

Minha mãe já teve que aguentar tanta coisa nos últimos dois anos e meio por minha causa, que saber que agora seu riso vem fácil, alegra-me de uma forma surpreendente.

— Certo, rapazinho! Acho que você já pode atravessar a rua sem a minha supervisão!

É a minha vez de rir, ela usa a mesma frase que me disse aos doze anos de idade, quando estávamos em frente à escola de música onde fazia aulas de violino e me deixou atravessar a rua sozinho, fingi não perceber ela entrando no café ao lado, para ficar me observando pela vitrine.

Tenho a mesma sensação agora, de que estou pronto para encarar o mundo de cabeça erguida, tudo que vivi até hoje, fica para trás, voltarei a ser feliz, essa é minha meta de agora em diante.

— Uau! Agora posso ir para meu primeiro dia de trabalho no HCA, depois do voto de confiança da excelentíssima Sra. Alice Scott? Estou pronto para enfrentar um exército de feridos com traumas ortopédicos!

— Seu bobo, nada de exército, apenas faça um bom trabalho, como sempre, tente não ficar apenas lá e no consultório, viva um pouco mais, conheça sua nova cidade, faça amigos, apaixone-se por alguém interessante, quero muitos netos!

— Certo, vou conhecer minha futura esposa no próximo fim de semana e em pouco mais de um ano estaremos tão apaixonados, que doce de leite com coco, será menos enjoativo!

— Tá, engraçadinho, vá se vestir e lembre de se alimentar bem, não gostei nada da sua magreza.

— Mãe, eu estava na África, como voluntário, não em uma colônia de férias! Estou perfeitamente saudável para um homem de vinte e sete anos, sou médico, posso afirmar com toda certeza!

Não posso culpá-la por se preocupar comigo, não deve ser nada fácil para uma mãe receber um telefonema no meio da noite de alguém desconhecido, falando que seu filho desaparecido há uma semana, está em um hospital, nada bem.

— Ok, Sr. Médico, agora me deixa ir, tenho uma cliente daquele tipo para o café da manhã!

Ela ri, é nossa piada interna, para suas clientes de classe alta, que apesar de darem carta branca para que ela, como designer de interiores, gaste o que for preciso, ainda assim acabam dando uma certa dor de cabeça.

—Te amo, rapazinho!

— Também amo você, Coisa Linda! — Desligo e começo a me arrumar, hoje o dia promete, cidade nova, emprego novo e a minha mais que merecida vida nova!

Capítulo Três

Helida 🍷

Às vezes me pergunto, para que tantos sinais de trânsito em um lugar tão pequeno?

Bom Sossego é uma cidade minúscula, situada na pequena faixa litorânea do estado do Piauí, no Nordeste brasileiro. O tipo de cidade onde todo mundo se conhece. As mesmas famílias residem aqui há gerações, são raros os novos moradores, por isso a maioria dos casamentos são realizados entre amigos, como foi o meu caso, ou parentes, provendo assim a continuação das famílias, no entanto, há uma família que está prestes a deixar de existir por aqui.

Nós os Morales!

Sou filha única de um casal de outros dois filhos únicos e não pretendo levar em frente o legado da família, não mais, então me resta alguns anos de solidão nesse lugar que há muito foi meu lar e hoje me serve como refúgio, porém, não é hora para lamentações, tenho muito o que fazer.

Trabalho em um pequeno consultório pediátrico, na verdade o único da cidade, onde passo o meu dia e algumas vezes, boa parte da noite.

— Bom dia, Dra. Morales! — Minha melhor amiga e fiel escudeira Gianna¹ me cumprimenta quando entro na recepção, o prédio comporta outros seis consultórios particulares, sendo dois por andar, o que fica ao lado do meu está fechado por tempo indeterminado, eu espero, não sei como reagiria ao ver alguém no consultório que deveria ser do Caio.

— Bom dia, Gianna! Quantos temos para hoje? — A pergunta típica de todas as minhas manhãs!

— Bom, até agora, dez pela manhã e outros dez à tarde, mas como sempre, deve aparecer alguém de última hora.

Sua expressão de indignação com as pessoas que resolvem misteriosamente aparecer na sexta-feira ao fim do expediente é hilária, não

tinha percebido esse detalhe até hoje.

Curiosamente também não tinha percebido tantas outras coisas sobre ela, como a cor castanho escura que ela insiste em colorir os cabelos, que deixa seus olhos ainda mais verdes e sua pele ainda mais pálida. Um contraste simples que a deixa tão bonita.

— E é claro que não preciso dizer a você o que fazer, já sabe bem! — Na verdade hoje nem eu mesma estou sabendo bem o que fazer, respiro fundo, concentrando-me no aqui e agora.

— Claaaaro, você não deixa de atender ninguém, é um exemplo de profissionalismo, deveria receber um prêmio, sabia? — Diz enquanto revira os olhos, um hábito seu de muitos anos, que por incrível que pareça, me faz rir.

— Eu já recebo, Gia, vejo papais tranquilos e crianças saudáveis.

Ela tem sido minha assistente desde que me formei. No fundo acho que essa é sua forma de manter um olho em mim, esteve comigo durante toda minha vida e tem sido a minha ligação com o mundo exterior, como costuma dizer.

— Mande entrar o primeiro, por favor.

— Claro! — Ela me responde como sempre, com o seu sorriso que ilumina o dia de qualquer pessoa, menos o meu.

Lembro de como gostávamos de nos divertir juntas, bons tempos aqueles. Argh! Tenho que parar com essa nostalgia, hoje realmente não estou bem, para resolver isso, nada melhor que muito trabalho, assim evito ficar pensando no que não é tão fácil de digerir.

— Com licença, bom dia, Dra. Morales! —A primeira mãe entra com sua filha de dois anos no colo.

— Bom dia! — Coloco o meu sorriso profissional e nada autêntico em ação. — Por favor, sente-se, Sra. Moura. Como está essa pequena princesa?

Olho para os olhinhos castanhos que estão focados na mesa com diversos brinquedos multicoloridos e educativos, as crianças os adoram!

Faço uma nota mental para pedir à Gia que providencie mais, esses já

podem ir para doação.

— Não muito bem. — Ela começa o relato do que tem acontecido com sua filha nas ultimas vinte e quatro horas.

Ouçó atentamente, minha mente, enfim entrando nos eixos, começando a consulta e mantendo minha cabeça focada no trabalho. A noite vejo como ela estará, porém, agora tranquei a porta para qualquer outro assunto que não seja crianças, viroses e outras doenças típicas da infância.



— Nossa, Helida, agora mais do que nunca reafirmo a sua indicação ao prêmio pediatra do ano! Pensei que não fosse parar de chegar criança doente, meu Deus, parece que todos resolveram se resfriar!

— É assim mesmo, Gia, garanto que nenhum deles pediu para ficar doente, quando o tempo muda, as viroses também dão o ar da graça, pare de reclamar, já acabamos por hoje!

— Por hoje, né? Aposto que na segunda teremos o dobro dessas lindas criaturinhas catarrentas por aqui!

É impossível não dar um risinho disfarçado, mesmo que não a deixe perceber.

— Que tal uma bebida, para relaxar? Depois uma saidinha para uma dança entre amigas? — Mais uma pergunta esperada numa sexta à noite

— Não, obrigada, estou muito cansada, louca para cair na cama. — E a mesma resposta sempre.

— Helida, você tem que ver gente, sair! — Posso jurar que ela e minha mãe andaram confabulando contra mim, mais uma vez, não posso culpá-las por quererem me ver bem, mas não se sairão bem-sucedidas.

— Gia, não consigo, simplesmente não dá. Você sabe, ainda dói muito e sinceramente, acho que nunca vai melhorar, é como se uma parte enorme de mim tivesse morrido. — Mais uma vez sinto a ferida em meu peito sangrar,

por instinto levo a mão ao coração em busca de algum jeito amenizar a dor, não que isso seja possível.

— Eu sei, Lim, ainda sente muita falta dele não é mesmo? Também sinto. — Sua expressão séria é a prova de que sabe bem, ela também perdeu alguém naquele maldito dia.

— Sim, todos os dias. Quando o Caio morreu minha vontade de viver morreu junto com ele. Mas, não vamos continuar a falar sobre isso.

Não consigo dizer mais nenhuma palavra sem que venha o choro.

— E aí, vai querer uma carona?

— Claro, vamos lá andar como duas irresponsáveis e furar todos os sinais vermelhos, nesta cidade com mais sinais de trânsito do que carros, Doçura!

— Rá-rá-rá, muito boa! — Impossível não rir do seu comentário irônico, sua vontade sempre foi de sair daqui, porém, não levou muito a sério a ideia, acho que o motivo é um belo médico ginecologista que ainda mexe com seu coração de pedra.

— Olha só isso! Você ainda sabe sorrir, isso é novidade, Lim.

Muitas vezes me pergunto se a vida de Gianna não tem problemas. Mas sei que não é bem assim, por mais que viva sempre sorrindo, cantando. E por falar em música.

— Gia, posso te fazer uma pergunta? — É preciso ir com calma, para ela não me interpretar errado.

— Na verdade já fez uma, mas deixo que faça outra! — Ela não perde uma.

— Engraçadinha! Você sabe quem está morando na casa dos Albuquerque? — Finjo não perceber seu olhar perscrutando minha expressão, mantendo os olhos na estrada.

— Bom, se o que dizem for verdade, porque você sabe, o povo dessa cidade não faz nada melhor do que fofocar, é um cara que veio de fora do país, ao que parece ele estudou fora, mas sabemos como as pessoas adoram aumentar as coisas para ter mais do que falar. Já o viu, ele é mesmo tão

bonito como dizem?

— Nem vem com esse sorrisinho, não o vi, mas ouvi o seu gosto para música essa manhã, não é de todo ruim, porém, não gostei da barulheira que ele fazia tentando cantar junto.

— Será que era barulho mesmo? Ou você está exagerando? — Odeio quando me olham como se eu estivesse louca, bem, talvez eu esteja, massss, eu achar é uma coisa, quando vem de outros, torna isso mais real.

— Não, era insuportável sim de ouvir. Ele estava cantando junto, parecia uma arara gritando, aposto que o pobre *Renato Russo* estava se revirando no túmulo, de desgosto!

— Pelo menos tem um bom gosto, mas tudo bem, se você diz que ele não deve tentar uma carreira musical, eu acredito!

— Sei, como se eu não soubesse o que se passa nessa cabecinha.

Olho para o lado e vejo que seu apartamento está há três prédios de distância.

— Chegamos, está entregue!

— Obrigado, minha cara motorista particular, a gente se vê amanhã. E se cruzar com o vizinho, quero saber se os olhos dele são tão impressionantes como dizem.

— Até, Gia! — Aceno uma última vez e lá vou eu para casa, tomar um banho, alguns comprimidos e apagar por algumas horas, isso se aquela gralha não começar a gritar antes do sol nascer.

Chegar em casa a cada noite, não me traz a satisfação que seria esperada, pelo contrário, apenas mostra como minha vida tem se resumido a tão poucas coisas como: deitar na cama e fechar os olhos.

Isso é o que sempre faço, porém, o sono não vem fácil, não sem antes as ondas insuportáveis de dor me atravessarem vezes e vezes, fazendo-me rolar de bruços e abraçar o meu corpo, como se pudesse evitar que ele se parta em mil pedaços, em seguida, me fazer ter o trabalho de me remontar, da melhor forma possível, a cada dia que se passa.

¹. Por ser de origem italiana Gia se pronuncia como *Dia*.

Capítulo Quatro

Helida 

“Oh não, não quero acordar!”

Não após dormir como uma pedra depois que os dois comprimidos calmantes que ingeri fizeram efeito.

Estendo o braço e desligo o despertador do rádio relógio que fica no criado mudo. Já amanheceu e graças aos céus aquela música perturbadora não voltou, desde a manhã da última sexta-feira que venho acordando com um verdadeiro repertório da Música Popular Brasileira, desde de Cássia Ellen com *Segundo Sol*, até *Proibida pra mim*, na voz de Zeca Baleiro, músicas que um dia considereei agradáveis de ouvir.

Me incomoda ainda mais lembrar que eu mesma, por diversas vezes me peguei nos últimos dias lembrando as letras de cada uma delas, seja quem for o novo vizinho, tenho que admitir, tem bom gosto para música. Eu que não tenho mais coração, ou nervos, para ouvi-las sem me partir em mil pedaços.

Sento na cama e vejo que o sol já está alto no céu, “*Que horas são?*”

Esfrego os olhos ainda um pouco sonolenta, ontem foi incrivelmente doloroso para mim, demorou algum tempo para os comprimidos fazerem efeito. Sei que é errado recorrer continuamente a esse tipo de medicamento, mas quando fica difícil fechar os olhos, mesmo tarde da noite, busco esse pequeno truque.

Na noite anterior, já passava das três da manhã quando, enfim, consegui entrar na minha bolha de torpor e adormeci.

— Mãe? Você está aí?

Chamo enquanto desço as escadas, não recebo resposta alguma, que estranho, meus pais nunca saem sem me avisar.

— Mãe, pai? — Oh! Que cabeça a minha, hoje é domingo, eles devem estar na igreja!

O programa deles de sempre, o mesmo que fiz por anos, porém,

digamos que posso ter perdido a minha fé, não em Deus, sei que ele existe, mas deixei de acreditar que eu pudesse ser uma filha amada aos seus olhos.

Ser responsável por uma morte, não é bem o que manda a santa e amada igreja! Bem, nada posso fazer além de sentar à mesa e tomar café da manhã sozinha, como tem sido todos os domingos.

Depois de pensar um pouco vejo que só sentar e comer não é o suficiente para parar essa estranha agitação dentro de mim, talvez eu esteja desenvolvendo um novo vício por aquelas malditas músicas matinais, então vou correr, como sempre, talvez assim a mente acalme um pouco, eu espero.



Está decretado no meu livro de coisas detestáveis que odeio, odeio os domingos, é o pior dia da semana para mim, sem sombra de dúvida. Nunca há nada interessante ou complicado o suficiente para preencher meu dia, daí já viu, fico cada vez mais deprimida, tudo que eu não preciso é de tempo livre, isso significa que não estarei com minha bolha tão fundamental para me livrar da dor do momento.

Mas sei que não poderei me socializar apenas com a mobília da casa dos meus pais e meu consultório para sempre. Então, tenho que ao menos uma vez por semana encarar outras pessoas, que não sejam os pais dos meus pequenos pacientes

Olho a minha volta, com uma sensação estranha, algo não está igual. É impressão minha, ou todas as mulheres da cidade decidiram começar a correr também?

— Oi, Helida, como você está, faz algum tempo que não nos vemos, não é, querida? — Clara, uma das criaturas mais fofas de Bom Sossego, cumprimenta-me com um sorriso triste e falso, fazendo meu estômago embrulhar.

Não suporto esse olhar de pena que recebo quando resolvo sair de casa,

sempre acontece a mesma coisa, por esse motivo prefiro me manter no meu casulo. Minha vontade é de ser grossa com todos por me olharem assim e perguntar se nunca me viram, mas a boa educação me vence, mesmo quando quero ignorar a todos.

— Olá, Clara, estou na mesma. Vou levando, você sabe, um dia bem, outros nem tanto.

— Espero que logo as coisas melhorem para você, querida, mas me diz, já viu seu novo vizinho? — Ela tem um sorrisinho nos lábios nada santo para uma mulher casada.

Agora está explicado porque ela veio toda simpática para o meu lado, reviro os olhos por ser questionada novamente sobre aquela arara gasguita.

— Não, não o vi e tenho certeza que todos os três mil setecentos e noventa e sete, Ops! E oito habitantes da cidade sabem que, apesar daquela casa ser bem ao lado da minha, nunca mais pisei lá, nem mesmo no jardim. — Ela parece constrangida pela pergunta, menos mal.

— Desculpe-me! Eu deveria segurar mais a minha língua. — “*Deveria mesmo!*” Meu lado bruxa grita para ela.

— Deixa pra lá, sei que não teve a intenção.

Tento soar menos irritada, principalmente por saber como ela gosta de um bom assunto.

— Mas, diga-me uma coisa, o que deu em todo mundo para decidirem entrar em forma? Algum daqueles concursos sobre que cidade perde mais peso junto? — Ironizo por saber que não existe isso, pelo menos, não que eu saiba.

— É, querida...

Odeio essa forma dela de falar querida em todas as frases, balança a cabeça como se lamentasse algo, maluca!

— Está claro que não conheceu mesmo o seu vizinho, meu bem, ele é muito... Uau! Por falar nisso, olha lá ele correndo!

Sigo seu olhar admirado e cobiçoso, perguntando-me onde anda o imbecil do Douglas Vilar, seu marido, que tanto me infernizou no ensino

fundamental, que não está aqui aquietando o facho da mulher.

Neste momento, que finalmente o vejo, alto, magro, mas nem tanto, olhos azuis cinzentos e enigmáticos, pele clara, cabelos cor de mel, que vejo apenas de relance, por estarem cobertos por um boné, um belo sorriso e um olhar, vazio?

“Ei, espera um pouco, por que estou registrado tantos detalhes na primeira olhadela dessa pessoa que nunca vi?”

Distraio-me com a forma fluida que ele corre, com fones de ouvidos, parecendo concentrado no que está ouvindo e não dando a mínima para a baba que escorre das bocas do bando de mulheres que o cercam, ainda o olhando seguir em nossa direção, quando acontece o inevitável, eu caio estatelada no chão.

— Aí, mas que droga! — Isso sempre acontece quando esqueço de olhar onde meus pés estão pisando, descoordenada como sou, nunca deveria esquecer de prestar atenção neles, nem por um segundo. Meu problema de coordenação motora não é de hoje.

— Helida, você está bem!? — Clara grita estridente, atraindo a atenção de todos em um raio de meio quilometro pelo menos, que param para olhar em minha direção. Quero um buraco para me enterrar depois desse alarde desnecessário.

— Sim, estou! Não precisava de tanto!

“Se tivesse gritado com um alto-falante, teria poupado a voz”

— Apenas me ajude a levantar, acho que torci o pé.

Tento movimentá-lo, mas paro imediatamente quando uma dor insuportável me sobe pela perna.

— Agora tenho certeza que o torci, será que você pode me ajudar?

— Deixa que eu a ajudo!

Uma voz grave fala bem acima da minha cabeça, meus pelos se arrepiam com seu timbre impressionante, olho para cima e lá está ele, o meu novo vizinho que, caramba, já não bastava ter um rosto de tirar o fôlego, também tem que ter com uma voz sexy para caralho?

‘*Que tipo de pensamento é esse Helida?*’ Minha parte lucida me repreende, com toda razão.

— Não! Oh! Estou bem, não se preocupe. — Digo puxando o meu pé para junto do corpo, que treme só de pensar nele me tocando, devo estar enlouquecendo.

— Deixe-me pelo menos dar uma olhada? Não seja teimosa! — Automaticamente protejo ainda mais meu pé, como se ele pudesse puxá-lo a força, claro que não deixarei um estranho me tocar, ainda mais esse estranho em questão.

— Não precisa. Estou bem, já falei, mas obrigada assim mesmo! — Viro-me para Clara, que não sabe para quem olhar.

— Sou ortopedista, deixe-me avaliar o dano. Por sua expressão diria que está sentindo um grande desconforto. — Ele é mesmo ortopedista, ou está apenas me distraindo?

— Deixe-o olhar, Helida, não custa nada!

“Custa sim, sua idiota! Não é em você, que ele vai pôr a mão, se bem que, pelo seu olhar derretido na direção dele, sei que ela adoraria.”

— Viu? Até sua amiga concorda e está certa. Agora, vai me deixar olhar esse pé?

“Ela não é minha amiga!”

É o que quero dizer, mas gritar com alguém que está tentando me ajudar só me taxaria de ainda mais louca.

— Tudo bem!

Fecho os olhos e repito continuamente: *“É só um toque, só um toque...”*

Ele tem mãos tão suaves que quero olhar nos seus olhos e tentar desvendar mais da cor deles.

“Não vou olhar, não vou olhar! Mas suas mãos são tão delicadas.”

— Foi apenas uma entorse, dois dias de molho e ficará tudo bem, aliás,

sou Ethan Scott, prazer em conhece-la, Helida! — Mas que droga! Meu nome não deveria soar tão bonito saindo dos seus lábios. “*Esqueça Helida, esqueça!*” Balanço a cabeça rapidamente, talvez assim esses pensamentos nada comuns saiam dela.

— Eh! Hmm, bem, você já sabe quem eu sou, prazer em conhecê-lo também, Sr. Scott! — Meu inconsciente me diz que não devo mencionar que acho que a carreira de cantor está vetada para ele.

— Por favor, me chame de Ethan! — Ele sorri e tudo perde um pouco mais do brilho diante de um conjunto de dentes perfeitamente brancos.

— Prefiro apenas Sr. Scott ou Doutor! — Digo, colocando a devida distância entre nós.

— Certo, como quiser! Posso ajudá-la a chegar em casa? — Minha cabeça gira para olhá-lo.

— Não, não precisa, obrigada! Não estou muito longe, posso ir sozinha. — Como se eu fosse permitir que ele continue me tocando.

— Não seja teimosa! — Diz já me puxando para seus braços, aninhando-me em seu colo. Por Deus!

Uma verdadeira descarga elétrica desce por todo meu corpo em correntes, pergunto-me se ele também sente como se estivesse segurando um fio desencapado e mil borboletas voando soltas no seu estômago. Acho que não, deve ser normal me sentir ansiosa, afinal, faz muito tempo que não me aproximo assim de um homem, além do meu pai.

— Agora que estamos de acordo que a levarei para casa, pode me explicar onde ela fica? — Tento não olhá-lo nos olhos, pois não quero me denunciar.

— Ao lado da sua, Sr. Scott! — É a única frase que me limito a dizer.

— É filha de Jorge e Laura? — Não entendo a surpresa, ou entendo, sei lá, faz algum tempo que não sou vista na companhia deles, e meus pais são uns queridos.

Confirmo com um aceno de cabeça, remexendo-me em seus braços. Mas, será que ele precisa realmente me segurar assim tão perto? Tão apertado

e firme, como se eu fosse frágil como um cristal delicado?

“Depois de te ver tropeçar e torcer o pé sozinha, deve mesmo achar que você é um pouco quebradiça, sua imbecil!” Digo a mim mesma. Ainda bem que não estou tão longe de casa, assim ele logo me deixará em paz.

— Pode me pôr no chão, por favor? — Peço assim que paramos em frente a porta, no entanto, apenas faz um gesto indicando que devo abri-la para entrarmos.

— Não, decidi ser um cavalheiro hoje, então vou fazer o trabalho completo, a colocarei no sofá com esse pé para cima e prepararei uma compressa de gelo.

Juro que essa situação inusitada está cobrando toda a minha paciência, que já não é lá muito grande, ele, no entanto, mantém um sorrisinho besta no rosto.

— Pronto, agora diga-me, você tem uma bolsa de gelo? — Finalmente me livro dos seus braços fortes. Argh!

— Sim, está na cozinha. — Reviro os olhos, detesto essa atenção exagerada. Ele vai em direção à cozinha como se já conhecesse a minha casa e logo está de volta.

— Aqui, segure firme, assim não ficará muito inchado. — Entrega-me a bolsa para compressa e coloca algumas almofadas embaixo do meu pé.

De repente, ele para, fica lá me olhando de um jeito, sei lá, sinto-me como uma obra de Da Vinci ou Botticelli, perdida há muitos anos e que enfim foi descoberta. Isso me desconcerta.

Eu não sou lá muita coisa, um e setenta de altura, mais ou menos, pálida, cabelos louro escuro, olhos, como a Gia fala, verde-melados, ou seja, bem normal, por isso não entendo esse tipo olhar.

Até porque, nunca me olharam assim, nem mesmo o Caio, ele me olhava de uma forma especial, Ethan é diferente! Sua forma de olhar é completamente nova, como se ele fosse capaz de enxergar além de mim, arrisco a dizer que ele enxergaria minha alma, caso desejasse.

— Hmm, obrigado, agora eu me viro sozinha, Sr. Scott! — Digo

dispensando seus cuidados e tentando me ver livre do seu olhar intrigante.

— Ok! Qualquer coisa estou na casa ao lado, não esqueça de ficar com ele pra cima por pelo menos dois dias.

— Tchau! — Falo acabando logo com o papo. E a culpa ocasional pelo meu mau humor vem.

“Droga será que fui muito grossa?” Pergunto-me enquanto o vejo sair, fechando a porta. Isso deve ser culpa da minha falta de convívio.

“Não, eu vivo muito bem como estou e não preciso ser simpática sempre, ponto!”



A noite não está muito diferente das demais. Como de costume rolo por horas na cama, mas não pelos motivos de antes, além do desconforto no meu pé, que mesmo tomando um comprimido para dor a cada quatro horas, está me fazendo lembrar dele, sempre que fecho os olhos sinto o olhar de derreter os ossos de Ethan novamente sobre mim. Isso definitivamente é algo novo, espero que ele não se torne um constante nos meus pensamentos, não preciso de mais um motivo para passar noites em claro.

Ethan 7

De zero a cem, qual a chance que eu tinha de topar com a criaturinha mais irritadiça e mal-humorada, em uma cidade onde sorrir parece uma constante entre os moradores?

Se sua resposta for entre 1 em 10, lamento dizer, mas estou nas estatísticas de 100 para 100. Não sei bem qual emoção é a mais forte nesse momento, se raiva por ter tentado ajudá-la ou a surpresa por não ter o hábito de ser destrutado, principalmente quando tudo que fiz foi ajudá-la.

Porém, uma coisa é certa, a filha dos meus gentis vizinhos Laura e Jorge, tem alguma coisa só dela, talvez seus olhos incríveis que se misturam entre o verde e caramelo, ou seus lábios levemente cheios, não do tipo cirurgicamente modificados, ainda sim perfeitos para seu rosto pequeno, ela

toda grita FRÁGIL.

Quando a ergui do chão, imaginei que seu peso seria razoável, mas superou as minhas expectativas, ela é incrivelmente leve, mantê-la perto do meu peito foi inevitável, morri de medo durante os centos e cinquenta metros que com ela andei.

Algo em mim dizia para ter cuidado, que ela é mais como um animalzinho ferido, esse foi o motivo de não ter ensinado a ela, como é ser grato ante uma gentileza.

Olho o relógio sobre a cômoda, o deixo lá pois assim, mesmo que esteja deitado, como estou agora, consigo vê-lo. Mais um motivo para agradecer a minha tão talentosa mãe, que redecorou a casa inteira a perfeição. Ele marca uma e quarenta e cinco da manhã, mas que droga! Não costumo virar a noite acordado, na verdade criei o hábito de dormir sempre cedo, quando não estou de plantão, assim acordo disposto e pronto para mais vinte e quatro horas de mais trabalho.

“O que aquela mulher tem que não deixa minha mente sossegar um instante sequer?”

Toda vez que fecho os olhos, os dela estão lá, assim como o timbre doce da sua voz, mesmo que tenha tentado se manter séria e mal-humorada, todo o tempo que estive por perto.

Será que ela tem alguém e sua reação foi para evitar falatório? Laura e Jorge não me falaram sobre ter uma filha morando com eles, nas duas vezes em que os vi, estavam sozinhos, até tiveram a gentileza de me convidar para entrar, que na minha correria de adaptação tive que recusar, porém, conversamos e ela nunca foi mencionada, será que tem alguém?

“Mas que droga Ethan, esqueça-a, já teve sua cota de coração partido e pisoteado, quer mais uma vez ser um cachorrinho pidão implorando carinho, porra?”

Meu lado consciente me alerta, com certeza aquela garota é um problema, não parece ser do tipo que aceita fácil um desconhecido na sua vida, e Deus ela é linda! E, sim, para mim ela é apenas uma garota, não sei sua idade, mas seu corpo pequeno e frágil me diz que não passa dos 25 anos.

Viro de bruços e coloco o travesseiro sobre a cabeça, não posso pensar nisso, preciso dormir, tenho mais vinte e quatro horas de plantão no HCA, estar com a cabeça pesada por falta de sono não é algo bom, não mesmo!

Por fim, desisto e pego meu celular, na *playlist* seleciono a pasta onde estão as músicas instrumentais para relaxamento, não preciso delas para dormir há muito tempo. Hoje, no entanto, terei que recorrer a *Bach*, *Chopin*, *Weber* ou *Tsjaikoviski* e que Deus me ajude, se não conseguir tirá-la da minha cabeça depois deles!

Capítulo Cinco

Helida 

Ignorando completamente a orientação de Ethan, saí logo cedo para o trabalho. Meu psicológico se recusando veementemente a seguir algo que ele tenha me dito.

Por algum motivo, passar a noite em claro lembrando a forma intensa com que seus olhos me fitaram na manhã anterior, fez crescer um tipo de antipatia a ele e ouvir a voz de *Frejat* cantando *Segredos* hoje cedo quando acordei, em nada ajudou a melhorar essa aversão.

Sorrio pensando que, bem que essa música é linda e me fez ponderar, por que um cara tão bonito e atraente como ele – sim estou afirmando que o acho atraente – procura um amor, quando basta apenas um estalar de dedos e boa parte das mulheres da cidade se jogariam aos seus pés?

— Bom dia, Gianna! — Passo por ela indo direto para minha sala, não dormi muito bem durante a noite, além da dor terrível que sinto no pé a cada passo dado.

— Olá, bom dia, pra você também, Lim! É impressão minha ou tem um sorriso no seu rosto?

Ela faz uma pausa dramática, então cai na gargalhada.

— Sim sem dúvidas foi um sorriso que vi assim que entrei nessa sala, porém, acaba de sumir! — Ela faz beicinho e suspiro derrotado.

Eu sorrindo? Estreito meus olhos, ela deve estar enganada, mas e daí, não me é mais permitido sorrir?

— Qual é a de vocês, hein? Quando não sorrio vocês reclamam, quando sim, também recriminam. Está difícil dar uma dentro!

— Ei, calma aí mocinha! E não, Senhorita Morales, não estou reclamando, eu gosto de vê-la sorrir, eu hein, que bicho te mordeu?

Arrependo-me na hora por ter sido ríspida com ela, porém, não peço

desculpa, isso levaria à uma conversa interminável, sempre soube que a Gia é uma grande amiga, daquelas que se alegra junto com você, uma vez ou outra que eu não ceder não irá magoá-la.

— E como estamos hoje? — Mudo de assunto, ela resmunga, mas não ligo, já é normal, faço isso sempre que quero me esquivar de alguma pergunta.

— Certo... Como sempre, lotados. Isso não é mais novidade para nós! — Que ótimo, terei com o que ocupar a mente. A vejo quase dá pulinhos empolgada, o que significa que tem algo a dizer.

— Mas, temos uma novidade, sabe quem acaba de ocupar o consultório ao lado? — Seu olhar diz que ela pretende me dizer.

— Não! Eu deveria? — Levanto uma sobrancelha.

— Talvez, uma vez que ele já é seu vizinho. — Viro-me para ela com os olhos arregalados.

— Você está brincando, ele não pode estar aqui ao lado também! — Uma sensação que há muito não me tomava por dentro começa a vir à tona.

Tenho dificuldade em controlá-la e preciso respirar fundo, diversas vezes, para manter a minha postura impecável. Estou prestes a começar a minha rotina de consultas com os pequeninos e não preciso que a raiva que começa a me consumir, causada por meu indesejado vizinho, interfira na minha vida profissional.

— Não estou não! E toda a cidade está comentando sobre o seu pequeno acidente de ontem. — Ela faz uma careta e sei que está tentando não rir.

— Não me surpreendo nem um pouco, já esperava por isso, as vezes não consigo andar um único metro sem tropeçar em meus próprios pés, parece que nasci com dois pés esquerdos. Quanto a fofoca, eles falam de tudo, daqui a pouco surge a descoberta de alguma traição ou filha de alguém grávida e puff! Sou esquecida novamente.

— Mas, me diz, amiga, como foi ser carregada por aquele deus grego? — Meu Deus, estou ferrada!

— Bem, ele é lindo mesmo... — Putz! Não acredito que falei isso alto! Quero me bater, ela não precisava de mais artilharia, agora realmente estou ferrada.

— Como é que é?

Ela senta de frente para mim e cruza os braços na altura no peito.

— Eu ouvi direito, você disse que ele é lindo? — Argh! Tenho vontade de me estapear ainda mais por isso.

— Não, você não ouviu, pensa que ouviu, mas na verdade não está ouvindo bem.

— Conta a verdade, Lim, nada de tentar me enrolar dessa vez! — Pronto, ela não vai esquecer isso tão cedo, prevejo longas conversas sobre o mesmo tema.

— Não tem nada para contar, eu caí, torci o pé, ele me ajudou a chegar em casa, depois foi embora, agora vamos trabalhar, tudo bem? — Ligo o computador e coloco meu sorriso profissional.

— Não se engane, não vai escapar tão fácil, quando sairmos daqui você vai ter que falar. — Definitivamente estou ferrada, ela não vai me deixar em paz, por sorte terei muito trabalho, o que me dará algum tempo para pensar numa forma de amenizar sua curiosidade.



Saio da minha sala, olho se não estou esquecendo nada, já que, com a cabeça no massacre do unicórnio raivoso como estou, não seria novidade.

— Deus, como você aguenta, Lim? É uma guerreira mesmo, nem saiu para o almoço hoje. — Alongo meu pescoço enquanto espero que Gia pegue suas coisas.

— Não reclama, Gia, você sabe gosto de me sentir útil. Eu adoro meu trabalho. — Paro de falar assim que vejo a tagarelice de Gia acabar.

Ela está com cara de quem acabou de ver algo interessante, um sorriso lento se espalhando por seu rosto, quando me viro, logo entendo o porquê.

Bem ali está ele, como diz a música do Jota Quest que ele estava ouvindo outro dia, o causador da minha insônia, Ethan Scott, parado na minha frente com aquele sorriso brilhante de mil megawatts.

— Boa noite, senhoritas! — Seu olhar demonstra surpresa, enquanto que sua voz faz um tipo estranho e doce tremor percorrer meu corpo por dentro.

— Eh, oi! — Gia olha para mim com aquela cara de: Uau, ele é muiiiito gato! Reviro os olhos para ela como se dizendo “não é nada demais”.

— Boa noite, Dr. Scott! — Tento manter uma certa distância entre nós.

— Como está o pé? — Parece genuinamente preocupado.

— Melhor, obrigado!

— Se não me engano, falei algo sobre você passar ao menos dois dias de molho, não foi? — Bem, eu não ouvi.

— Não posso me dar ao luxo de passar dois dias sem trabalhar, tenho muitos pacientes, além do mais, sou uma das duas únicas pediatras daqui, não posso deixá-los na mão.

E meu humor nada agradável, começa a levar a melhor, principalmente com as emoções que ele me traz.

— E o que você tem a ver com isso? Deu uma sugestão que resolvi não ouvir, ponto! — Esbravejo, chocando a todos, inclusive a mim mesma.

— Ei, só queria ajudar! — Ele levanta as mãos como se eu estivesse com uma arma nas mãos e se rendesse a minha ameaça.

— Você está sempre só querendo ajudar, não é mesmo? Que conveniente ter sempre alguém tão gentil por preto! — Respondo sarcasticamente.

— Lim, ele falou numa boa, o que te deu? — Gia pergunta confusa, será que ninguém percebeu?

— Que tal isso, ele está começando a parecer minha sombra, está na minha casa, no consultório que seria do Caio, daqui a pouco vai querer levar você também, ou quem sabe ele queira uns pais novos? Vai querê-los

também? — Jogo as mãos para o alto exasperada.

— Espera um minuto, como assim estou na sua casa? Estou na minha casa, eu a comprei! — Aumenta seu tom de voz, como se estivesse no limite da paciência também.

— Pois é amigo, ela morou lá com o marido.

Olho feio para Gia, ela não deveria estar falando sobre mim para um estranho, ainda mais esse estranho de olhar intenso e cheiro cítrico embriagante.

— Claro! Como não percebi, você é Helida Albuquerque, esposa de Caio Albuquerque!

Sua expressão muda para pesar, então já não há o que conversarmos, ou gritar um ao outro, não vou enfrentar mais um olhar de pena sequer!

— Chega! Não fale mais nada, nada mesmo!

Saio praticamente arrastando a Gia dali, estou a ponto de estourar de raiva, não entendo o que esse cara tem que me perturba tanto. Não pode ser normal uma pessoa que mal conheço me afetar desse jeito.

— Lim, me diga o que está acontecendo, eu sei que tem algo errado, você foi mais grossa do que, ..., do que normalmente é, o pobre homem não disse nada demais? — Balanço a cabeça, porém, com ela é melhor a verdade, sempre.

— Eu não sei, mas sempre que ele chega perto me sobe um troço, e quando vejo, bum! Já explodi!

— Eu sei bem o que é esse troço, você gosta dele! — Ela dá um sorrisinho besta.

— Tá louca, acabo de dizer que sinto uma raiva insana do sujeito e você diz que gosto dele? Essa é boa! — Bato palmas destilando todo o meu sarcasmo.

— Não estou louca, quis dizer exatamente o que disse, faz muito tempo que não a vejo reagir a algo ou alguém, sua raiva vem por não saber como digerir isso! — Respiro fundo contando mentalmente para me acalmar.

— É, acho que talvez, veja bem, talvez, eu tenha exagerado um pouco.

— Agora estou me sentindo uma idiota.

— Bondade sua dizer um pouco, no entanto, tem que descobrir por que você reage com tanta raiva. Não pode ficar gritando com o cara toda vez que encontrar com ele e isso vai acontecer sempre. — Me encolho só de pensar que nossos encontros serão constantes.

— É, você está certa. — Como sempre, perco qualquer discussão com a Gia. — Bem, a gente se vê amanhã.

— Tchau, e, você sabe.

Ela vai me atormentar por um bom tempo com isso, porém, até certo ponto tem razão, preciso descobrir o que me faz reagir tão estranho, afinal, ele não falou nada de mais, falou?

Mas nesse instante só quero chegar em casa e tentar, pelo menos tentar ter uma noite de sono.

Ethan 7

Ando de um lado ao outro do meu consultório, a última paciente, ou poderia dizer, a última curiosa, saiu há quase uma hora, desde então, as palavras da minha, por ironia do destino, vizinha duas vezes, martelam a minha cabeça.

Tudo bem que agora sei o motivo da sua antipatia, ainda assim, não explica todo o seu mau humor quando estou perto, se bem que, não a vi perto de outras pessoas para ter uma opinião formada.

Talvez o correto fosse observá-la um pouco mais, no entanto, estaria invadindo sua privacidade.

Desperto dos meus devaneios com a batida abafada na porta, que não seja outra maluca com uma dor fictícia em uma região constrangedora, não sei se terei humor para mais uma!

— Pode entrar! —Dedos cruzados.

— Boa noite, caro colega! Pensei que poderia, sei lá, querer companhia no caminho para o hospital? —Álvaro, meu mais novo e único amigo em Bom Sossego, coloca apenas a cabeça para dentro.

— Hummmm, talvez, mas acredite, eu, na verdade preciso conversar com alguém! — Acabo de soar como um adolescente, mas dane-se, ou falo com alguém sobre isso, ou baterei na porta dela para dizer-lhe umas poucas e boas verdades.

Pego minhas coisas, desligo o computador e o acompanho até a saída. Ao passarmos pela porta do consultório da senhora mau humor, ele para, seus olhos fixos na mesa onde a simpática Gianna fica.

— Ela é sua namorada? — Pergunto antes mesmo de pensar a respeito.

— Quem, a Helida? Não!

Aceno em direção a mesa de Gia e só então ele entende a minha pergunta.

— Ah! Não, não mais, mas namoramos por um bom tempo.

— Cara, não fala mais nada, esqueci a caixa de lenços em casa! — Rimos da minha piada ruim, nunca fui bom mesmo. — Sorte sua não ter sido vítima da patroa dela!

— Agora está falando da Helida? — Sua expressão fica seria.

— Sim, dessa mesmo, a criatura mais mal-humorada da Terra! — Continuamos andando.

— Se você for inteligente ficará longe dela. — Diz ao sairmos e sermos banhados pelo frescor marítimo da noite.

— Quem disse que quero estar perto dela? Amigo, tenho amor próprio e ser esculachado não é um fetiche sexual! — Se bem que o meu corpo esteve bem entusiasmado por vê-la mais cedo, mesmo com toda a raiva que senti.

— Sério, Ethan, ela não está disponível, talvez nunca mais esteja! Acho que já soube do que aconteceu a ela, há seis anos? — Me olha com uma agressividade não vista por mim, até então.

— Sim, bom, não sabia que era ela a viúva do filho dos Albuquerque, mas soube da história antes de vir, uma das cláusulas do contrato que meu pai assinou, foi que deveríamos modificar totalmente a casa e o consultório, nada de mantê-los como o filho deles deixou. — Uma cláusula estranha, porém, não me aprofundei nos detalhes.

— Pois é, ela nunca mais foi a mesma, nós três, Lim, Gia e eu, não conseguimos mais ser o que um dia fomos, ela então...

Há uma dor profunda em sua voz, seus ombros caem, o vejo respirar fundo antes de continuar a falar.

— Imagine como seria ter na sua mente a lembrança de um acidente, onde vitimou a pessoa que foi seu melhor amigo, parceiro, marido, amor, saber que ele aniquilou todas as possibilidades de sobreviver, para que você fosse salvo, que mesmo os paramédicos insistindo em tirá-lo primeiro das ferragens, ele se recusou a deixá-la lá, inconsciente, e quando suas forças chegaram ao fim, seu nome foi a última palavra a sair dos lábios dele?

Ele para um pouco e olha para além das luzes da cidade.

— Ela convive com isso diariamente. Eu sei que aos olhos de quem não viveu os últimos cinco anos e meio por aqui, ela parece ser apenas uma garota de vinte e quatro anos mal-humorada, antipática e reclusa em seu mundinho particular, no entanto, sei como é, ou era, a verdadeira Helida. Se um dia tiver a oportunidade de conhecer, também irá se encantar, não me restam dúvidas.

Arrependo-me por tê-la julgado, mesmo que por meio segundo; por ter reagido a ela de forma tão intensa; por saber que no fundo da minha mente ela é presença constante desde a manhã de domingo; por não ser o homem inteiro que ela talvez precise, para tentar ser feliz novamente; arrependo-me por não acreditar mais no amor, pois só através dele poderia tentar mostrar que há uma felicidade pronta para ela em algum lugar.

Só não me arrependo de tê-la conhecido, pois sua beleza se compara a uma arte renascentista perdida, que um historiador encontra sem estar procurando e quando a vê, maravilha-se com tamanha descoberta e a guarda para si, por medo do mundo exterior danificá-la ainda mais.

Guardarei a imagem da minha preciosa apenas na minha mente, entretanto, a deixarei livre da minha presença, obrigá-la a conviver com alguém cuja presença a desagrada, seria um crime imperdoável e não serei eu a cometê-lo.

Capítulo Seis

Helida 

Tudo está perfeito, o que seria um dia de caminhada finalizando nossa, enfim, lua de mel, foi interrompido pela chuva, mas para mim, tudo bem, estou ao lado do homem que amo, aquele que fez com que eu me sentisse linda, mesmo quando todos diziam o contrário. Caio sorri e segura minha mão a levando até os lábios, depositando beijos suaves em cada um dos meus dedos, sua brincadeira de sempre.

— Sabia que eu te amo, Lim? — Ele fala, de repente sério demais, fazendo com que eu olhe rapidamente para seu rosto, não querendo desviar a atenção da estrada.

— Também amo você, querido!

Saindo de uma via de acesso lateral, um carro nos atinge em cheio do meu lado, o impacto faz o carro girar e girar desgovernado barranco abaixo, antes que pare capotado. Minha cabeça dói, sinto um líquido quente escorrer pela lateral do meu rosto. “Droga bati com a cabeça em alguma coisa, aparentemente só está sangrando, menos mal!”.

Pisco meus olhos algumas vezes tentando enxergar, porém está tudo escuro, escuro demais para ser normal. Tateio em meio ao caos atrás do Caio, minha mão encontra seu corpo mas ainda não enxergo, droga! Não vejo nada com essa droga de escuridão.

— Caio? Fale comigo, por favor, me responda, não consigo ver, está tudo escuro! — O chamo na esperança de que me escute, mesmo minha voz estando tão distante aos meus ouvidos.

— Lim... — Sua voz está fraca, tão longe, muito baixa, quase inaudível. — Amor... vai ficar tudo bem, eles logo nos acharão, há luzes em toda parte... — Não vejo luz alguma, devo ter sofrido uma concussão e como efeito perdi a visão, só pode ser isso, uma dor alucinante toma conta do meu crânio, como se milhares de agulhas fossem enfiadas uma a uma através do

meu couro cabeludo repetidas vezes, então o escuro se fecha de vez ao meu redor, já não há dor, som, já não há Caio, nem eu...

— Nãooooo! — Esperneio desesperada.

Sento-me suada e tremendo, pavor, desespero, impotência, todos os tipos de emoção sufocantes, correm pelo meu sistema nervoso, sinto ânsia de vômito, curvo-me para fora da cama, mas nada além de ar sai da minha boca, não consigo controlar a reação do meu corpo ante aos pesadelos, ou melhor dizendo, a recordação do pior momento da minha vida, onde sinto o carro dar voltas e voltas no ar, até ficar completamente irreconhecível.

Isso não é o pior, a pior parte, é olhar para o lado e não ver nada, chamar pelo Caio e só ouvir um ‘*Lim*’ sair dos seus lábios quase sem vida, ao meu lado, ainda tentando me acalmar em meio ao caos que estávamos vivendo.

Olho para o lado e vejo o meu pai vindo ficar comigo na cama, já segurando minha mão.

— Filha, você está bem? — Apesar de já conviver com este mesmo pesadelo por mais de cinco anos, meu pai sempre vem me ver, noite após noite.

Ficamos na mesma posição protetora de sempre, com ele segurando minha mão, esperando pacientemente que os espasmos causados pela ânsia incontrolável passem.

— Está tudo bem, pai, ao menos acho que vai ficar, algum dia. — Ele percebe que não estou bem, conhece a mim melhor que eu mesma, o choro incontrolável que sobe pela minha garganta, me entrega.

— Oh, minha menina, como eu queria poder tirar essa dor do seu coração e vê-la sorrir como antes, minha princesa. — Seus braços circulam meu tronco, puxando-me até que estou segura no seu peito.

— Eu também, papai, mas parece só aumentar. Será que um dia essa dor vai melhorar? Sei que ela nunca vai passar, mas gostaria de poder respirar e me sentir menos incompleta. — Aninho-me ainda mais no seu colo, isso tem sido a única coisa que ajuda.

— Querida, eu não sei, nunca passei por algo parecido, apesar de já ter lidado com a morte, por diversas vezes na minha profissão, mas você deveria se esforçar também! — Seu comentário me surpreende.

— Como assim? Eu tento, eu me esforço! — Afasto-me para poder ver seu rosto, seu olhar me diz que na sua opinião, não me esforço o suficiente.

— Lim, você não deixa o Caio ir, se apegar a essa dor de um jeito que a faz mantê-lo aí dentro, por saber que é uma ligação com ele. Isso não é saudável, há outras formas de deixá-lo ainda presente na sua vida, basta tentar. — É difícil me defender da sua lógica, ainda assim tento.

— O que eu faço é não me esquecer dele. Não quero e não posso esquecê-lo. Como poderia mantê-lo presente, se não, agarrando-me a dor que a falta dele me traz? — Não dá para argumentar com meu pai, ele me conhece, melhor do que ninguém.

— Meu bem, não é questão de esquecê-lo, isso você não vai conseguir, nem mesmo se tentasse com todas as suas forças, ele estará sempre com você, mas precisa se libertar, dar a si mesma uma oportunidade de voltar a viver. Assim o teria consigo. Você lembra de como ele amava a vida, nunca se deixando abater com nada? Acha mesmo que ele estaria feliz, vendo-a sempre triste, deprimida e deixando a vida passar diante dos seus olhos, sem nada fazer para mudar a situação? — Colocando as coisas dessa maneira.

— Não, ele amava a vida, a viveu com grande alegria e intensidade, isso é o que acho injusto!

Como alguém tão cheio de vida e planos se vai, enquanto aqueles que não são dignos de respirar, aqui continuam fazendo tantas atrocidades?

— A vida nem sempre será justa, filha! Porém, se quer homenageá-lo e manter seu espírito consigo, a melhor maneira é viver de verdade!

— Como faço para viver de novo, pai? — Sussurro. — Realmente não sei como fazer isso.

— Primeiro você tem que querer, depois, tentar se curar dos traumas e culpas que sente. Não pode achar que foi culpa sua, um cara bêbado decidir sair de casa dirigindo feito um louco, numa tarde chuvosa.

Meu pai fala de um jeito que eu quase acredito que seja fácil.

— Precisa voltar àquela casa, já se passaram quase seis anos, tem que voltar lá e se livrar das lembranças, deixá-las no lugar a que pertencem, o passado. Fazendo jus a tudo de bom que viveram juntos, não deixando, por exemplo, a tristeza por sua perda, ser a lembrança mais forte que tem do Caio.

— Eu, naquela casa? Não posso, talvez em um futuro bem, mas bem distante, inda não estou pronta para isso. Ainda mais com aquele metido morando lá. — Meu pai muda sua expressão, para o olhar que diz: você-esta-encrencada-mocinha.

— Que bom que tocou no assunto, não gostei nada de saber que destratou o pobre rapaz, você precisa pedir desculpas ao Ethan e isso é coisa para ontem, Lim!

— Como é, que é? — Não mesmo.

— A Gia me contou o que aconteceu outro dia, você foi muito grossa a troco de nada, ele é um rapaz muito gentil, não tem culpa alguma dos seus problemas, nem do que aconteceu na sua vida nos últimos anos. — Só o que faltava, ele conseguiu conquistar até mesmo o meu pai.

— Eu não sei o que me deu, mas sei que simplesmente não o suporto, ele me faz ferver de raiva, sempre presente para ser útil em alguma coisa, com aquele sorriso sempre estampado no rosto, além de que, há mais de um mês, tenho que acordar com aquele monte de músicas! — Tento achar um argumento lógico, uma vez que, ainda preciso descobrir o porquê dele me deixar tão irritada.

— Acho que você apenas não suporta o fato de outra pessoa na casa de vocês.

— E também no consultório! — O interrompo mesmo sabendo que não tolera esse tipo de atitude e ao menos dessa vez, ele não faz comentários sobre isso.

— Sim, também no consultório, você não aceita que o tempo passou e que as coisas precisam mudar, acha errado se desfazer dos santuários feitos como lembranças perpetuas de alguém que se foi. Sejam os honestos, você

não foi em nenhum dos lugares que a ele pertenciam por mais de cinco anos, então acha uma terrível violação isso ser feito por um estranho.

Dessa vez o irritei de verdade.

— Meu amor, se você der uma chance de conhecê-lo, verá que ele é muito parecido com o Caio, não na aparência é claro, no entanto, ele é divertido, gentil, prestativo e além disso um excelente ortopedista, curou seu pé e tudo!

— Que fique claro, eu nem queria a ajuda dele e não pedi nada. — Nem queria na verdade ser carregada por aqueles braços fortes.

— Porém, ele ajudou mesmo assim, isso deveria te dizer algo sobre seu caráter, não acha? — Não suporto quando estou errada, isso me faz parecer uma criança mimada e birrenta, e nesse caso, o melhor é desistir.

— Tudo bem, papai, tem razão, pedirei desculpas assim que eu o vir novamente, ok? — Falo derrotada.

— Ótimo, essa é minha linda garotinha! Agora durma, você precisa descansar um pouco, amanhã ainda é dia de trabalho, vou ficar aqui até você pegar no sono, igual como fazia quando você era criança. — Volto a encostar a cabeça no seu peito, aninhando-me a ele, ouvindo as batidas do seu coração.

— Boa noite, papai, eu amo você! — Bocejo cansada.

— Eu também amo muito você, Lim, para sempre!

Ele tem razão quanto a me libertar do sofrimento, da tristeza, tentar lembrar apenas das partes boas e felizes, porém, é certo que não será fácil, mas tentarei, de verdade, além disso terei que pedir desculpa para o tão estimado – meu Deus, o cara encantou a todos – Dr. Ethan Scott.

Seu nome soa de uma forma tão doce nos meus pensamentos, então me dou conta, que na verdade não o tenho visto muito. Semanas se passaram desde que o vi no fim do expediente, três para ser mais exata, ainda estou sentindo como se tivesse milhares de borboletas no estômago, toda vez que penso nele, só não sei se elas são de raiva ou por outro motivo desconhecido.



Olho o relógio acima da porta do meu consultório, vejo com tristeza que ainda são cinco em meia da tarde. Depois da noite de merda que passei, onde o mesmo pesadelo resolveu me visitar, o que mais desejo, nesse instante, é um pouco mais de distração, ocupando ao máximo o meu tempo.

Sem opção e incapaz de olhar as paredes claras do meu consultório, muito menos sua decoração, onde se vê um lindo céu azul de um lado e ursos saltitantes do outro, levanto e vou checar com Gianna, como estamos de acordo com a agenda do dia.

— Gia, quantos pacientes ainda temos? — Pergunto assim que chego na recepção, que, por incrível que pareça, está vazia, enquanto minha amiga-assistente, vasculha o celular.

— Na verdade, nenhum! — Olho para ela, para ter certeza que ouvi corretamente.

— Sério? Isso é uma novidade! — Estou realmente surpresa.

— Sim, um milagre, mas eu não me queixo nem um pouquinho. — Aproveitando seu bom humor, decido fazer a pergunta que vem corroendo minha mente desde cedo.

“*Vamos lá Lim, seja corajosa, é agora ou nunca!*” Dou-me um pequeno incentivo, sabendo que tudo o que eu falar será interpretado no estilo de Gia de ver o mundo.

— Eh, Gia? Você sabe dizer se o vizinho ainda está no consultório dele? — Tento fazer a melhor cara de paisagem possível.

— Como ainda são cinco e meia da tarde, é provável que sim. Mas que interesse repentino é esse, hein? Será que alguém não parou de pensar em um certo gostoso do lado? — Sua sobrancelha arqueia com curiosidade.

— Não, sua boba, não é NADA demais, só percebi que não voltamos a nos encontrar, curiosidade mórbida, só isso! — Mentira, tenho prendido a respiração toda vez que saio do meu consultório, na expectativa de poder vê-

lo novamente, digo para mim mesma que é só meu corpo se preparando para um possível confronto com aqueles olhos cinza intensos, o que estranhamento não voltou a acontecer.

Ela me olha com o seu olhar de “jura que você só quer saber por esse motivo?”

— O que aconteceu minha linda, inteligente e um tanto irritadiça amiga, que amo até mais que chocolate, é que depois do seu surto sem nenhum motivo, ele veio gentilmente aqui no outro dia para saber seus horários.

— Por que ele iria querer saber dos meus horários? Agora que não estou entendendo nada. — Não estou mesmo.

— Para evitar os encontros indesejados com você. — Dá de ombros, como se a informação não tivesse a menor importância. “*Mas tem?*” A resposta é: Não sei!

— O que? Por que ele fez isso? — A resposta me bate como um belo tapa na cara, porque sou uma surtada e ele não quer correr o risco de uma cena desnecessária.

Isso me surpreendeu, ele deve achar que sou louca de verdade e por algum motivo, incomoda-me a possibilidade de ser essa a visão que ele tem de mim.

— Acho que ele não quer causar mais desconforto, então está evitando que você volte a encontrá-lo, ou pode apenas estar com medo que você atire nele, rá-rá-rá. — Olho para ela com uma expressão que a faz recuar e dar risada na hora.

— Nossa, que maturidade a sua, Gianna! Mas, é sério mesmo, isso? Achei que era exagero de todos sobre a gentileza dele, uma vez que a maioria dos elogios vêm do sexo feminino.

— Não é não, o cara é o que se pode chamar de um príncipe encantado moderno. E então, vai lá falar com ele? — Sorrio docemente, a levando a crer que existe essa possibilidade.

— Lógico que não, perguntei só por curiosidade mórbida, já disse.

— Tudo bem, se você diz eu acredito, sem estresse. — Levanta as mãos como se estivesse se rendendo, o que sabemos não ser o caso.

“Será que sou tão estressada assim, a ponto de todos ficarem controlando o que falam perto de mim?”

— Então, vamos? Não vejo a hora de chegar em casa. — Mudo de assunto, não quero mais falar de nada que se refira a mim, ou a Ethan Scott.

— Claro, enfim, chegou o dia em que poderei deitar no sofá por mais tempo e relaxar, é tudo que mais queria. — Ela ri, pega suas coisas enquanto vou até minha sala fazer o mesmo e logo saímos para encerrar o expediente.

Talvez eu tenha andando desatenta nas últimas três semanas, nada tem feito muito sentindo, se bem que, faz tempo que nada faz muito sentido para mim, não entendo, por exemplo, por que o Ethan seria tão cuidadoso em não me chatear, ele mal me conhece, não sabe nada sobre mim, não fui nada menos que grossa e mal educada com ele, porém, tenho que admitir que o cretino, desculpe, o certinho do meu vizinho, foi muito atencioso comigo em relação aos horários e também quando tive aquele pequeno incidente.

E cá estou eu novamente, em frente “a casa”, olhando para sua porta fechada e suas janelas que não trazem mais aquela sensação de que voltei para o lar. Talvez um dia eu consiga entrar nela outra vez, mas não será hoje, ou tão cedo, ainda não.

Piso no acelerador de maneira suave, faltam poucos metros para a garagem dos meus pais e antes de pensar muito a respeito, já estou saindo do carro.

— Mãe? — Chamo sua atenção, ela está distraída conversando com o meu pai, ou evita olhar muito na minha direção, como sempre acontece quando fazemos as refeições juntos.

— Sim? — Volta seu olhar para o meu lado e sorri, visivelmente satisfeita por eu ter decidido interagir, o que me mostra a péssima filha que tenho sido.

— Hummmm! Sua carne de panela está maravilhosa. Estou feliz de, enfim, podermos ter uma refeição em família novamente! — Sorrio para os meus pais, acho que o primeiro sorriso não forçado em mais de cinco anos.

A forma como eles me olham, me deixa um pouco desconfortável, como se eles acabassem de presenciar um milagre aguardado há tempos, talvez seja mesmo o caso.

— Hã, obrigada, filha. É maravilhoso tê-la no jantar! — Ela limpa a garganta antes de responder.

“Por que será essa cara de espanto? Eu costumo elogiar sua comida, não elogio?”

Pelo jeito não. Faço uma nota mental de elogiar mais a comida da minha mãe, por que é realmente uma delícia.

Uma batida na porta me traz de volta dos meus devaneios. Levanto os olhos em direção a entrada da frente e me, pergunto quem pode ser, pois, sim, as pessoas da cidade são fofoqueiras, porém, evitam visitas inadequadas.

— Aposto que é o Ethan! — Minha mãe responde minha pergunta silenciosa.

Pelo modo confiante como falou, não deixa sombras para dúvida.

— Ethan Scott? Por quê? — De repente meu apetite se esvai, já que meu estômago está estranhamente completo de borboletas batendo asas.

— Hoje é sexta! — Meu pai diz como se isso explicasse tudo.

— E o que tem a ver o dia da semana com o Sr. Scott? Continuo sem entender, sexta?

— Desde que chegou a cidade, ele vem as sextas para jogar xadrez com seu pai. Jorge, enfim, encontrou um adversário à altura! — Alguém pegue meu queixo, pois caiu e saiu correndo.

— Sêrio? Eu nunca reparei. — Balanço a cabeça constrangida, não sei sequer o círculo de amizades dos meus pais.

— Querida, é uma raridade você estar aqui no jantar! Não se sinta culpada, estive trabalhando bastante, só isso. — Isso é verdade, hoje foi um dia atípico no consultório.

Minha mãe levanta e vai atender a porta, logo, meu pai também se junta à recepção do nosso vizinho.

— Olá, Jorge, Laura! — Arregalo os olhos com o que ele acaba fazendo, que exagero, precisa mesmo beijar a mão da minha mãe?

Fico olhando seu gesto e me pego perguntando, se seus lábios são macios como parecem.

— Olá, boa noite, Dra. Albuquerque. — Minha mãe me olha curiosa, sorrio de leve, não uso o sobrenome de Caio há anos.

— Boa noite! — Minha mãe e eu dizemos juntas, o que acaba nos fazendo rir.

— Sente-se, querido, já jantou? Posso preparar um prato para você! — Sério, mãe, querido? Ela parece que vai colocá-lo no seu colo e niná-lo.

O que já não me surpreenderia nem um pouco se acontecesse, o pior é que meu pai parece pronto para fazer o mesmo.

— Vou me recolher, estou um pouco cansada.

“E enjoada de tanto doce para um estranho, que curiosamente me deixa nervosa.” Penso comigo enquanto me levanto e vou em direção a escada.

— Não tão rápido, mocinha! — Olho suplicante para o meu pai.

“Papai, você não vai fazer isso agora, vai?” Pergunto com meus olhos, mas na verdade, ele já fez.

— Lembra o que conversamos hoje cedo? — Aí, meu coração parece que vai sair pela boca, respirando fundo, viro-me para o belo sorridente Ethan, coloco minha melhor cara de arrependimento e deixo as palavras fluírem.

— Dr. Scott, peço sinceras desculpas pela forma grosseira como o tratei na última vez que nos vimos, estou verdadeiramente arrependida, não sou tão louca como dei a entender, desculpe. — Peço, tentando ser a mais sincera possível, se bem que, estou mesmo arrependida, isso ajudou.

— Não se preocupe com isso, por mim, tudo bem, está desculpada! — Ele dá de ombros e eu solto o ar, que só agora percebi que estava prendendo.

— Não, não está tudo bem, Ethan, sei que você é muito gentil, mas, a minha filha não foi nada educada, indo totalmente ao oposto da maneira que

Laura e eu a ensinamos, por esse motivo, deve fazer algo para compensar a grosseria. — Jesus, só falta meu pai querer que eu me ajoelhe e faça uma cena dramática.

Ele olha de um lado para o outro, pensativo.

— Você não deve ter tido muito tempo de explorar a cidade, vive naquele consultório, no hospital ou enfurnado em casa, então, Lim o levará em um passeio. Mesmo que não pareça, Bom Sossego é uma cidade cheia de belas paisagens.

— Eu? — Pergunto aturdida. Por tudo que é sagrado!

— Não precisa, Jorge, deixe para lá! Ela já se desculpou, está mesmo tudo bem. — Mas é claro que não precisa, por que logo eu faria isso?

Aposto que todas as solteiras da cidade estão loucas para uma oportunidade como essa, até mesmo algumas casadas.

E pensar que há outras mulheres querendo ter um pouco mais do seu tempo, não faz muito bem para meu estômago, que acaba de embrulhar, uma dor estranha e entranhada surge em meu peito.

— Acho uma ideia maravilhosa. Lim conhece os lugares mais bonitos da cidade, será uma boa guia turística!

Para minha mãe, tudo é maravilhoso, não me admira que concorde com essa loucura.

— Você é novo, não sai muito, então, não conheceu muito deste lugar. Aposto que não teve o prazer de conhecer a nossa orla a noite, apesar de pequena, recebemos a visita de muitos turistas.

“Senhor Deus, que ele seja um recluso convicto, que não sai de casa.” Já estou pedindo ajuda aos céus e não é surpresa, ser ignorada.

— Na verdade, não conheci mesmo.

Pelo menos, tem a decência de me olhar com ar de desculpas.

— Estive muito ocupado organizando tudo, sabem como são essas coisas, mudanças sempre nos fazem gastar um bom tempo até que tudo esteja do nosso jeito.

“Se não tirasse todas as manhãs para ouvir músicas e cantá-las, já conheceria os arredores.”

— Então, está decidido, domingo a Lim te leva para ver tudo o que nossa cidadezinha pacata tem a oferecer, como uma boa vizinha.

Ela me olha com aquele olhar de *“não me faça repetir essa merda de novo”* e pelo visto não posso opinar, então faço o que me resta, concordo, com um sorriso amarelo estampando o rosto.

— Tudo bem, então, domingo. Agora, se me dão licença, realmente preciso dormir, boa noite! — Digo sem um pinga de emoção na voz. —

— Boa noite, filha! — Meus pais dizem junto e riem feito criancinhas.

— Boa noite, a gente se vê no domingo, então, Dra.! As 19:00hs está bom pra você? — Pergunta baixando o olhar como se estivesse constrangido, afinal, estaremos juntos, exatamente o que ele mais evitou nos últimos dias.

“Esse cara não existe!”

— Hum... dezenove, está bem, até mais!

Argh! Meus pais definitivamente querem acabar comigo, como podem me fazer passar por isso, eu, sua única filha, parece até que estavam maquinando isso há tempos.

Agora, é pôr um sorriso no rosto e quando domingo chegar, encarar o que me aguarda, corajosamente, não estou indo à força, estou? Entretanto, a sensação deve ser bem parecida!

Capítulo Sete

Helida 🐞

Você até pode tentar se enganar, negar ou dissimular, porém, quando seu estômago enche de borboletas, suas pernas falham e as palavras ficam presas na sua garganta, isto deve ser sinal suficiente para você saber que a hora da virada chegou, o que não quer dizer que não seguirá resistindo a isso, pois é exatamente o que tenho feito desde a noite de sexta.

Como se o senhor do tempo tivesse decidido acelerar o relógio para fazer as coisas andarem depressa, sábado passou antes mesmo que eu pudesse dar conta ou me preparar para o que me esperava: a minha “saída” com o novo vizinho.

E aqui estou eu, no meu quarto, tentando achar algo no meu escasso guarda roupa. Quando digo escasso, quero dizer que além das roupas de trabalho e as que costumo ficar dentro do quarto lendo, não tenho quase nada, se não saio, não vejo porque gastar com supérfluos, além do mais, sempre achei um desperdício você gastar rios de dinheiro com roupas, se você tem apenas um mísero corpo para vesti-las.

— O que vestir? — Pergunto para ninguém, minhas roupas estão espalhadas na cama, minha vontade é sair do jeito que estou, short e blusa de algodão, confortabilíssimos, como gosto, mas não quero dar mais motivos para o falatório, que será inevitável.

— Lim? — Minha mãe põe a cabeça para dentro e sorri ao ver minha mísera pilha de roupas.

— Oi mãe, pode entrar! — Digo rezando para que ela tenha alguma inspiração.

Ao contrário de mim, minha mãe, sempre que pode compra algo novo e da moda, acho que nesse quesito puxei ao meu pai.

— Querida, você ainda está assim? Não me diga que pretende sair com essa roupa?

Estreito os olhos na sua direção, o que a faz respirar aliviada.

— O Ethan já está aqui!

Respira, respira, meu corpo parece que virou gelatina, sugo o ar com certa dificuldade, tentando fazer o oxigênio voltar a fluir.

— Nossa, pontual ele, hein? — Pro meu azar.

— Não, você que está um tanto atrasada, não o faça esperar muito mais.

Não tem outra opção, o jeito é recorrer a ela, minha mãe sempre se arruma bem, mesmo que seja para ficar em casa, mesmo depois que se aposentou como professora, ela ainda tem o ar de superioridade acadêmica nas roupas que usa, eu por outro lado, nunca soube o que combinar.

— Mãe, me ajude, não sei o que vestir! — Peço fazendo biquinho.

— Claro, meu amor, deixe-me ver.

Ela olha a minha pequena pilha de roupas atrás de algo que grite “especial” e em menos de dois segundos, tem uma solução, a lá dona Laura e algo me diz que vou me arrepender de pedir sua ajuda.

— Aqui, essa saia com essa camiseta, assim você dará um ar de descolada, porém, bem vestida. — Ela me mostra sua escolha, a camiseta é branca, a saia de cintura alta com pregas e soltinha.

Há tanto tempo que tenho essas peças, que nem lembrava que estavam ali, em meio as outras.

Percebo que minha mãe quer me vestir para impressionar, não de uma forma positiva ao meu ver, já que a saia deixará boa parte das minhas pernas expostas, graças aos céus que a camiseta não é tão colada.

— Ok, obrigada, mãe! — Digo ao observá-la ir até onde guardo meus sapatos.

— Não tem de quê!

Ela pega uma sandália de salto que eu não vou usar mesmo!

— Use essa aqui e caso decida descer, usando seu *All Star* a faço voltar, entendeu? Agora se apresse, não o faça esperar muito mais. Não é

nada educado! — Suspiro derrotada, não tem jeito, vou sair pronta para o abate.

— Está bem, não demorarei muito mais, — Não depois que ela me socorreu. — Por favor, desça e fale que não vou demorar muito. — Ela está um pouco animada demais, para o meu gosto, ao deixar o quarto.

Engolindo meu mau humor, visto-me o mais rápido que consigo. Não sou fã de ficar horas na frente do espelho, então uma última e única olhada e é isso, acho que estou apresentável, pelo menos não pareço um zumbi, não que isso faça diferença.

— Uau, filha, você está linda! — Sorrio sem jeito.

“Obrigada papai, agora estou mais nervosa ainda.”

— Hum, eh, obrigada pai, mesmo você sendo suspeito para falar. — Tento fazer uma piada para disfarçar meu nervosismo.

— Eu não sou! Seu pai tem razão, você está muito, bonita! — Não preciso olhar no espelho para saber que meu rosto está em brasa e duvido que meus olhos conseguiriam deixar de olhar os dele, belos e cinzentos, o que é estranho, nunca fui de encarar as pessoas.

Tento formular uma resposta, no entanto, acabo apenas agradecendo com um sorriso tímido, apenas quando desvia o olhar, quebrando a conexão é que consigo baixar o meu, para minhas mãos unidas, cada vez mais constrangida.

Só então, percebo como ele está vestido, uma camisa branca de botões que parece ter sido feita sob medida para se encaixar no seu peitoral largo, abraçando cada pedacinho do seu corpo bem definido, uma calça jeans, também colada às coxas, que cai um pouco no quadril, dando um ar despojado para um cara que grita elegância quando fala, sorri ou anda, como fez agora, para educadamente beijar a mão da minha mãe, enquanto as minhas formigam curiosas para saber a sensação daqueles lábios.

Balanço a cabeça, dispersando-me desses pensamentos.

— Ok, vamos? — Na verdade, eu gostaria que o chão abrisse nesse momento, o que me deu para encarar o cara assim, como se meus olhos, não

pudessem desgrudar do seu rosto e corpo?

No mínimo, ele pensará que sou uma atirada, que está louca por um algo a mais. Preciso sair dessa encrenca o mais rápido possível.

— Claro! — Sorri divertido, no entanto, parece igualmente constrangido por ter ficado me encarando também.

“É Dr. Cretino, Ops! Certinho, você também me encarou, queridinho!”

— Bem, o que posso dizer? Divirtam-se e cuide bem da minha menina, Ethan! — Fuzilo meu pai com meus olhos, não acredito que estou passando por isso.

— Pode deixar, Jorge, prometo trazê-la para casa cedo. — Eles riem, como se alguma piada interna estivesse rolando.

Só o que faltava, virei motivo de risadas entre eles. Ah, mas isso não vai dar certo mesmo, meu mau humor persistente, uma hora dessas aparece, daí já viu, porém, faz tanto tempo que não saio, que vou me esforçar, só um pouco, bem pouco, para falar a verdade, para que essa noite seja agradável.

Capítulo Oito

Helida 🐾

— E então, onde vamos? — Pergunto para tentar puxar papo enquanto caminhamos em direção ao seu carro, um Kia Cerato preto e reluzente, essa belezinha, põe meu pequeno e modesto Uno no chinelo.

Mas a verdade é que minha vontade é sair correndo de volta para a segurança do meu quarto. Eu praticamente não saio de casa para passear desse jeito há cinco anos, ainda mais ao lado de um homem.

— Oras, diga-me você, Sra. Albuquerque, afinal, é a guia de hoje! — Que cabeça a minha, claro! Ethan tem a capacidade de me fazer coisas simples.

Mas assim é melhor, como guia decido onde ir, assim vou poder colocar um fim nessa noite o mais breve possível, mas primeiramente, preciso desfazer um engano.

— Pode me chamar de Helida, não uso mais o Albuquerque. Apenas me diga do que gosta, assim posso montar um itinerário. — Ficamos em silêncio enquanto nos acomodamos.

— Tudo bem, Helida.

Mas que droga! Meu nome não deveria ficar tão sonoro dito por ele.

— Deixe-me ver, adoro comer, ouvir música, ver gente. — Não nego que sua cara pensativa é muito encantadora. Lá se vão meus pensamentos errantes.

— Humm, ficaremos com a parte gastronômica, tudo bem? — Falo quebrando o encanto que ele lança em mim.

“Controle-se Helida!”

— Tudo bem! Você conhece algum bom restaurante com música ao vivo? Seria ótimo ter um bom ambiente, boa comida e música agradável ao mesmo tempo.

— Sim, conheço, mas não estou pensando em restaurante, vamos a um lugar ainda melhor. — Descarto logo sua breve ilusão sobre me fazer entrar em um restaurante, ainda mais na sua companhia.

Como se eu fosse entrar em um dos quatro restaurantes da cidade e ser a principal notícia pela manhã.

— Mas, é que eu pensei que íamos jantar. — Já disse que seu rosto confuso também encanta? Não? Pois encanta. O cretino é um desafio para a minha mente.

— E vamos, só que não será em um dos restaurantes cafonas e absurdamente caros, que temos nessa pequena e esnobe cidade. Nós vamos apreciar o melhor hot-dog daqui! — Ele me olha meio assustado, deve achar que sou louca.

— Sêrio?

— Oh, sim, você pensou que eu fosse do tipo fresca, não é? Pois fico feliz em desfazer esse seu pequeno equívoco e para falar a verdade, os restaurantes daqui não são mesmo lá essas coisas, além de caros para uma comida que não faz jus ao preço.

Começo a tagarelar, não sou de muitas palavras, porém, é inevitável que as prenda dessa vez.

— O único que é realmente bom e vale o valor do cardápio é o *Simple* da minha amiga Débora, ela passou alguns anos nos Estados Unidos estudando gastronomia, mas para jantar lá, precisaríamos fazer reserva.

— Se você está dizendo. — Ele dá de ombros.

— Além de tudo, o Sr., Dr. Scott, poderá comprovar por si mesmo que o hot-dog do Mike é maravilhoso, tenho bastante certeza e digo bastante mesmo, que você vai gostar tanto que se tornará um cliente assíduo dele!

Sorrio, um sorriso genuíno, pela primeira vez em muito tempo, sem ser forçada. Ele tem algo que acaba puxando um sorriso após o outro de dentro de mim.

— Tudo bem, só me diga como faço para chegar nesse lugar que prenderá meu estômago desse jeito tão impressionante, que em menos de dois

meses, acho que precisarei fazer um sério regime para voltar a forma! — Fala como se fosse possível um corpo tão bem definido, ficar gordo e sem forma.

O que importa mesmo, é que agora graças as suas frases desconexas e suas piadas de si mesmo, estou mais relaxada, além de que, estarei em um ambiente neutro, se por acaso aparecer algum conhecido vou ter como me safar facilmente, com a desculpa de que ele é meu vizinho, nada mais natural do que nos tornamos colegas.

— Segue pela 139, logo chegaremos. — Explico e viro o rosto para a janela, começando a admirar, depois de muito tempo a paisagem a minha volta.



Como tudo que se refere a Ethan Scott, nossa saída tem se revelado uma verdadeira surpresa, para o meu espanto total, uma surpresa boa, como há muito eu não tinha na verdade.

Se eu dissesse que foi ruim, seria uma mentira terrível e mentira é algo que não suporto, então não serei eu a contar uma, durante todo tempo que estivemos na orla da Praia da Latina, a melhor entre as três praias de Bom Sossego. Fui capaz de rir e me divertir para valer, ele não é o tipo de cara mais comum pelas redondezas, o típico intrometido que fica fazendo perguntas capciosas sobre você, o que é bem reconfortante. Só estava ali, assim como eu, para aproveitar a boa comida, mesmo que, a custo de uma futura barriginha saliente, além de ter uma bela visão do mar a noite.

— Você tinha toda razão, aquele com certeza, foi o melhor hot-dog que já comi, na minha vida toda! — Ele me lança um sorriso, que admito, me faz suspirar internamente.

— Geralmente sempre tenho razão! — Rebato um tanto convencida.

— É por este motivo que não vou discordar desse seu ar metido, Dra. Morales, mas da próxima vez eu faço o jantar, combinado? — Minha mente

acende o alerta vermelho, essa era a parte que eu mais temia.

— Já está mais do que convidada para jantar na minha casa, basta dizer o dia!

— Jantar, na sua casa? Não posso, desculpe, realmente agradeço, mas não. — Tenho que lembrar, a mim mesma, que ele não falou por mal.

— Por que não pode, foi algo que fiz ou falei? — Oh! Jesus, o cara é o martírio em pessoa.

— Não, você não fez ou falou nada de mais, apenas não posso e só. — Sabia que essa noite era uma péssima ideia!

Esfrego as mãos no meu rosto, por algum motivo é difícil dizer não ao seu convite, diferente dos tantos outros que já recebi de amigos, até mesmo os de Gia.

— Vamos fazer assim, já me desculpei por ser grosseira e imbecil. Você é muito gentil, bem mais do que eu merecia ou esperava que fosse, mas não posso fingir que sou normal e que estou pronta para ser, sequer sua amiga.

Cá estou eu afastando mais pessoas da minha vida, não tem jeito, não tenho conserto mesmo. E já que eu comecei com o meu discurso, talvez deva continuá-lo.

— O fato é que, a proximidade traz a amizade e amigos visitam a casa um do outro, tentam solucionar os problemas com um sorriso ou uma palavra de consolo e além disso, são bem abertos, falam sobre tudo. Porém, eu não sou assim, um dia fui, não mais, então, acho que não me encaixo neste papel, nem sei como Gia ainda me suporta. Desculpa se estou sendo desdenhosa, mas tenho que ser honesta. — Pronto, falei tudo de uma vez, quem sabe agora eu possa voltar para a minha bolha de torpor e lá ficar por mais cinco ou vinte anos. — Ei! Espera um pouco, Helida! Não pretendia ter nada a mais com você, por que iria querer?

Uau, isso doeu, não que esperasse algo dele, de forma alguma! E doeu.

— Droga, isso saiu meio grosseiro e idiota, quero dizer, não é que você não seja, humm, bem, atraente. Você é, além de muito inteligente, é eu que

não quero nada assim com ninguém, não agora, ou nunca, sei lá, nem passou pela minha cabeça, desculpe-me se fiz algo que insinuasse isso.

Meu Deus, que constrangimento, aposto que meu rosto está mais vermelho do que maçã do amor em quermesse, nunca esperei ouvir isso.

— Não, eu que devo pedir desculpa a você, Ethan. Não quero parecer convencida, nem nada disso, só falei para que possamos tentar, pelo ao menos ser, colegas? É só. Eu acho que, nunca mais, nunca mesmo, serei eu de novo. — Falo em fio de voz, que nem sei se ele ouviu.

— Você pode achar que não, mas, um dia a antiga Helida reaparece, tenho certeza, se bem que nunca a vi, aposto minhas fichas que ela era ainda mais linda de se ver. Já, esse Ethan que vê hoje, é só a sombra do que um dia fui, também acho que meu eu, ficou perdido em algum lugar, nos quilômetros que separam São Paulo de Bom Sossego.

— Sério? Não dá para acreditar nisso! — Ele não parece em nada com alguém que já se magoou tanto a ponto de mudar. Pergunto-me como poderia ser um Ethan ainda mais radiante.

— Não dá mesmo para acreditar, você parece tão bem. — Dou de ombros, não o conheço para saber se mudou algo.

— É o que você acha? Bem, pode ser que todos me vejam assim, não que eu esteja tão ruim como antes, porém, ainda não estou inteiro, não mesmo. Esse é um dos motivos pelo qual vim para essa cidade, precisava ao menos tentar me reencontrar, penso que um lugar distante e bem diferente de onde venho, fará isso por mim, na verdade, já tem feito, sei lá.

— Espero que tenha sorte na sua procura, porque no meu caso, ainda nem comecei a sentir que posso respirar sem dificuldade.

— Também não voltei, mas torço por você.

Um sorriso se arrasta pelo meu rosto. Ele também sorri e segura minha mão, um tipo novo de calor reconfortante se espalha pelo meu corpo e o acolho, já que não sei quando me sentirei aquecida novamente.

— É melhor eu entrar, já está tarde. Bom, tarde para mim. — Digo quebrando o nosso contato.

— Tudo bem, a gente se vê por aí, então! — Ele olha para meu rosto, porém, logo desvia o olhar.

— Isso é bem provável. Afinal, somos vizinhos. — Brinco tentando voltar ao clima leve de antes.

— É isso aí, por duas vezes! — Seu sorriso acolhedor está de volta. Acho que é a hora de ser um pouco mais grata a ele.

— Por falar nisso, foi muito gentil da sua parte, você ter o cuidado..., isto é constrangedor! — Abaixo a cabeça, no entanto, ele segura o meu queixo, com um gesto simples, fazendo com que eu volte a olhar nos seus olhos.

— Continue, por favor? — Seu olhar tem um efeito hipnótico, o escuro da íris transformando o cinza em cor tempestade noturna.

— Bem, você programou seus horários para não nos cruzarmos mais, nem aqui ou no consultório, isso foi muito, muito gentil mesmo. — Ele claramente não esperava por isso, sua cara surpresa é impagável, ainda bem que ele me fez olhá-lo senão, teria perdido isso em primeira mão.

— Ah! Não foi nada demais. É que, eu apenas, vi que você era uma... — Fico tensa com o que ele possa ter visto em mim.

— Louca? — Respondo por ele, quando não completa sua frase, ainda assim, cruzo os dedos, não sei como me sentiria com outra pessoa confirmando o que desconfio que elas acham ao meu respeito.

— Não! Claro que não, de forma alguma! O que te faz pensar nisso? És muitas coisas ao meu ver, porém, louca não está na lista. Vi em você, uma pessoa terrivelmente ferida, pela vida eu imagino, e muito frágil, mesmo com toda sua bravata de super-heroína, enfrentando a tudo e a todos. Eu só não queria causar mais nenhum tipo de desconforto.

Deus! O cara é um poço de gentileza ambulante.

— Obrigada! Foi muito gentil, de verdade. Bem, já que seremos colegas, posso te perguntar uma coisa?

— Isso já foi uma pergunta! — Olho feio para ele. — Estou brincando, pergunte. — Não tenho certeza se devo realmente, mas.

— Você já sentiu como se, como se estivesse vazio por dentro? Não precisa responder se não quiser. — O que está acontecendo comigo? O conheço há dois segundos e já quero conversar sobre tudo.

— Tudo bem, eu respondo, pois é mais ou menos assim que tenho me sentindo, sei que tenho pulmões e coração intactos, porém, é como se não os tivesse, tudo está perdido aqui. — Ele leva a mão ao peito, não posso deixar de reparar que ele tem braços fortes, não muito musculosos, mas belos braços.

— É, você acaba de descrever exatamente como me sinto. — Rio sem nenhum humor.

— Sabe, acho que devemos ser amigos, pulando a fase de colegas, tenho certeza que isso pode fazer bem a nós dois. — Diz com um olhar esperançoso.

— Talvez! — Penso um pouco no assunto. — Então é isso, seremos amigos, só não deixe a Gia saber que aceitei sua amizade assim tão fácil, ela pode querer atormentá-lo um pouquinho!

— Esse será nosso primeiro segredo, como amigos! Até amanhã, amiga! Imagino que não preciso mais da restrição de horário, certo? — Acabo rindo, ele consegue fazer qualquer clima pesado se dissipar, com apenas meia dúzia de palavras.

— Não, imbecil! Desculpa, mas foi você quem pediu. Boa noite, amigo!

Saio do carro e sigo para a porta da minha casa, fico lá até que o vejo manobrar e entrar na casa ao lado. Por sorte a soleira da porta me dá alguma privacidade, assim ele não me vê o observando. Ao entrar em casa sinto uma coisa que há muito tempo não sentia, esperança que no amanhã as coisas possam enfim melhorar, que a dor diminuirá a ponto de eu voltar a respirar sem tanto esforço.

Essa esperança foi exclusivamente por saber que não sou a única pessoa no mundo que sofre, não que eu achasse que era exclusividade minha, no entanto, ouvir outra pessoa falar sobre isso é totalmente diferente.

Subo os degraus que levam ao meu quarto com um novo tipo de torpor

sobre o meu corpo, um bem-vindo na verdade, que me traz um sorriso bobo ao lembrar da noite que tive, de como me diverti com Ethan. Ele é extremamente sensível e unicamente forte, para ter enfrentado seja lá o que for e ainda ser capaz de se manter em pé, não deixando que os outros vejam seu lado fragilizado.

Pela primeira vez, em anos, deito-me realmente achando que uma amizade pode me ensinar a ser mais forte, é certo que algo mudou dentro de mim, apenas não identifiquei o que, ainda, mas não importa, logo descubro.

Com esses pensamentos adormeço, poucos minutos depois de ter deitado, uma coisa inédita em terríveis e longos anos.

Capítulo Nove

Ethan ↗

Você sente que algo não vai bem quando tudo que está na sua mente, refere-se a apenas uma pessoa, não importando se a conhece há anos, ou se por um acaso do destino, topou com ela no meio da rua, em um domingo aleatório da sua vida.

Fico com a segunda opção, não consigo tirar da minha mente a minha mais nova “amiga”, impossível não lembrar a cada segundo do seu sorriso tímido, sua voz rouca, tão atraente que é um pecado aos ouvidos, seu rosto corando quando fica embaraçada.

Tudo nela me convida a mergulhar no seu mistério sem arrependimentos, o que não é algo inteligente, uma vez que presenciei ao vivo e a cores sua indisponibilidade para um romance no futuro próximo, ela assim como eu, está ferida, indisponível para o amor, por razões totalmente opostas, ainda assim, suficientes para nos manter apenas na categoria de amigos.

*É uma noite longa pra uma vida curta
Mas já não me importa basta poder te ajudar
E são tantas marcas que já fazem parte
Do que sou agora mas ainda sei me virar...*

A loucura completa chega, quando a letra de uma de música te serve como aviso. Levanto da cama e desabilito a reprodução da *playlist* do meu celular, ouvir *Herbert Viana* com a cabeça cheia de Helida, não é uma ideia tão boa assim, principalmente se não pretendo me deixar envolver pelos encantos dela, porém, preciso ajudá-la de alguma forma, não sei ainda como, talvez, apenas estando lá para ouvi-la, ou quem sabe um conselho aqui, outro acolá, eu aprenda a me virar.

Sinto que tenho a obrigação de mostrar o caminho a ser percorrido por ela, o toque do celular me tira dos meus pensamentos errantes, olho a hora, sete e quarenta e cinco da manhã, não preciso sequer olhar no visor para

saber quem é.

— Bom dia, Coisa Linda! — Saúdo minha adorável mãe, que não sossegará até que me veja casado e com uma casa cheia de crianças.

— Não enrola, Ethan! Como foi o encontro, ela continuou a tratá-lo mal, ou esses seus olhos já fizeram a mágica? — Sua empolgação é palpável, mesmo ao telefone.

— Mãe, não foi um encontro, apenas saímos, ela se desculpou, eu aceitei as desculpas, ponto!

— Certo, e você não estava pensando nela, até mesmo antes de eu te ligar? — Minha mãe é impossível quando quer, o que piora minha situação. Ela me conhece melhor do que ninguém!

— Por favor, não crie expectativas com relação a Helida, mãe. Ela não está interessada em um romance, assim como eu também não estou. Somos vizinhos e quem sabe, nos tornaremos bons amigos, agora pode parar de fazer suas promessas a Santo Antônio, o pobre santo deve estar cansado de ficar de ponta a cabeça. Dê a ele um descanso, não me envolverei emocionalmente tão cedo, não depois do que vivi com Lucie.

— Não me fale dessa diaba! — Aí está minha oportunidade. —O que ela lhe fez, foi sujo, mesquinho e nada bonito, porém, generalizar os sentimentos, por um que nunca foi verdadeiro, é uma tremenda burrice, Rapazinho!

As vezes quero realmente acreditar no que ela diz, no entanto, a pergunta que se repete na minha mente é: “e se a razão dela ter escolhido o Felipe, não a mim, mesmo depois de quatro anos de namoro e todos os planos que fizemos, foi por algo que deixei a desejar?” Talvez se tivesse prestado mais atenção a ela e suas necessidades emocionais, ao invés de ter colocado minha carreira a frente de nós, ainda estivéssemos juntos, agora casados e felizes.

— Ethan Mathias Scott, pare de pensar nos “e se?”, não foi sua culpa, está me ouvindo? Ela nunca te amou, filho, era visível para todos, menos você. Por diversas vezes, a flagrei olhando para aquele cretino, que só faltava comê-la com os olhos. Não aceito que ainda tenha dúvidas sobre isso.

Minha mãe está certa. Nem sei porque ainda me permito questionar se a culpa foi minha.

— Quem não presta, são eles, você foi inteiro, a deixou ir como era a vontade dela, ainda dividiu o dinheiro da venda da casa, sendo que era um presente meu e do seu pai para você. Quem não presta, nessa história, hein? Talvez tê-lo mantido em casa por tanto tempo, tenha feito isso com você, deixando-o vulnerável para que se aproveitassem da sua ingenuidade.

Por algum motivo, ouvir novamente o relato de como tudo aconteceu, não causa a dor profunda no meu peito, apenas um desconforto, dessa vez, por tê-la deixado me fazer de trouxa, não por a ter perdido para o meu melhor amigo, na época.

— Mãe, estou bem, como nunca estive antes, na verdade, acho que, enfim estou deixando para tudo trás, vir para Bom Sossego foi uma excelente ideia, agradeça a Verônica pela dica!

Não posso deixar de lembrar que a amiga de infância da minha mãe foi quem sugeriu que eu me mudasse para alguma cidade pequena do Nordeste brasileiro. Estar em um lugar completamente diferente da loucura que é viver em São Paulo está sendo bom para mim.

— Será que esse bem-estar todo, não tem a ver com uma certa vizinha mal-humorada que, como foi que você disse?

Não vou me perdoar por ter deixado escapar como fiquei impressionado com Helida.

— Ah, lembrei! Que tem uma beleza equivalente a uma joia rara, esquecida em um cofre secreto para poucos terem o privilégio de apreciar! É, Rapazinho, acho que assim que colocou os olhos nela, deixou para trás tudo o que viveu!

— Mãe, não vou discutir com você, seria um esforço inútil, pois quando põe algo na cabeça não há santo que retire. Mas, fique a senhora sabendo, que mesmo que fosse remotamente verdade o que falou, ainda assim seria impossível, ela não está interessada em ninguém, muito menos em mim.

— Veremos! Mas, deixarei que o tempo se encarregue disso, porém, Santo Antônio continua na mesma posição até o fim do ano, ou até você

desenrolar esse assunto.

— Certo, Dona Alice, agora preciso me vestir e ir para o hospital, terei uma semana cheia, com plantões duplos, o outro ortopedista se acidentou, então fiquei responsável por todo o setor essa semana, amo você, Coisa linda!

— Também amo você, Rapazinho, cuide-se!

— Prometo! — Desligo e vou para o closet me vestir, uma pena estar com uma semana tão cheia, isso significa que não verei minha nova “amiga” por esses dias.

Helida 🐾

Mesmo Ethan não sendo mais “obrigado” a planejar os seus horários, porque nos acertamos e decidimos ser amigos, não o tenho visto há algum tempo, duas semanas para ser mais exata.

O tão bom humor que esteve comigo nos dois primeiros dias depois que saímos, evaporou completamente, toda minha empolgação e as perspectivas de que seríamos amigos foram frustradas e comecei a me perguntar se fiz algo para ele ficar com uma impressão equivocada de mim.

“Ou será que ele percebeu que sou uma aposta falha para amigos? Talvez o tenha espantado com minha forma rápida de deixar claro que nada além de amizade aconteceria entre nós. Se bem que, ele falou que queria ser só meu amigo, talvez eu só o tenha o assustado com minha loucura.”

E cá estou novamente divagando sobre tudo e nada, ainda sentindo o poder daqueles olhos cinzentos sobre mim, a sensação de calor que me subiu por todo corpo quando ele pegou na minha mão.

— Terra para Helida! Lim, você está bem? — Gia estrala os dedos na minha frente. Só depois de umas boas sacudidelas percebo que está falando comigo, pisco sem saber bem o que perdi.

— Ah! Oi, Desculpa estava longe! — Para falar a verdade, estou com a cabeça no consultório ao lado, detalhe que ela não precisa saber.

— É, percebi. — Ela sorri e retribuo com um sorrisinho nada convincente.

— Já acabaram os pacientes? — Pergunto querendo mudar de assunto, pela expressão que ela faz, já sei a resposta,

— É. — Dá de ombros.

— Já sei, temos um paciente de última hora! — Sorrio de verdade, ela realmente detesta esses casos inesperados, principalmente quando não passa de uma paranoia de pais de primeira viagem.

— Pois é, você sabe, por mim você não atenderia, porque hoje é sábado, pelo amor de tudo que é sagrado. Essas pessoas deviam saber que também precisamos de comida e tal, somos seres humanos!

Levanto a mão para que ela pare, pois está tagarelando demais, coisa que não é típica dela. Minha amiga fica falando assim só quando está nervosa ou ansiosa.

— Gia, não reclama, faz assim, peça para que eles entrem, em seguida pode ir se quiser, eu fecho tudo depois que terminar.

Ela é livre, tem mais é que se divertir, não é justo que eu a prenda aqui em um sábado à noite, eu por outro lado, não vejo a hora de chegar em casa e afundar na minha cama, até tomar um calmante para facilitar o sono se for preciso.

— Posso mesmo ir, tem certeza que não quer que eu a espere para sairmos juntas? — Ela pergunta com aqueles olhinhos verdes esperançosos, porém descarto a oferta.

— Sério, divirta-se por nós duas, mas não demais, Alvin pode ficar com raiva disso. — Ela me lança o seu olhar matador como faz toda vez que comento sobre Álvaro, meu amigo e seu ex namorado que ela apelidou de Alvin.

— Que engraçado, Helida, estou me acabando de rir! Tchau piadista, até segunda. — Sai batendo o pé irritada, mas sei que até segunda sua raiva terá evaporado.

— Vai logo, antes que eu volte atrás e a prenda aqui comigo até meia noite! — Grito antes que ela feche a porta.

— Estou indo mesmo! — Posso ouvi-la saindo toda animada, então sei

que já estou desculpada. As três batidas na porta me colocam no modo médica novamente.

— Pode entrar!

— Com licença doutora, é que estou um pouco, sei lá resfriado.

Meu coração para de bater por alguns milésimos de segundos quando escuto sua voz, meu corpo reage a ele como se estivesse com uma saudade infinita, de apenas ouvi-lo, e quando o olho perco o controle sobre minha voz.

— Oh! Você..., você? — Gaguejo e acabo nem sabendo direito o que digo. “

Oh Deus, fiquei gaga agora, que ótimo!”

— Desculpe, amiga, não quis assustá-la. — Como não me assustar, estava esperando um pai com seu filho e me aparece essa criatura divinamente esculpida pelo criador, justamente quando estava roubando boa parte dos meus pensamentos.

— Não foi nada, apenas me surpreendeu! — Minto descaradamente.

— É que terminei minhas consultas agora há pouco, então pensei que pela hora, o jantar na casa da minha nova amiga e vizinha já deve ter sido servido, como eu não tenho quem cozinhe para mim, — Ele faz uma cara tão inocente, que me pergunto por que ele tinha que ficar tão lindo com aquela expressão de culpa. — foi então, que pensei, talvez pudéssemos comer outro hot-dog daqueles, o que me diz?

Olho no relógio para conferir e são quinze para as nove, sim, o jantar na minha casa deve estar no fim a esta hora.

— É, já está tarde mesmo e quer saber, estou com fome!

Não preciso dizer que também estou alerta demais por causa da sua presença. Sei que não conseguiria dormir tão cedo, mesmo se tentasse muito.

— Tudo bem, você me convenceu! — Fico seria por dois segundos, porém, logo um sorriso bobo se espalha pelo meu rosto.

— Ótimo, vou pegar o carro. — Isso foi providencial, já que o meu está na revisão e eu precisaria ligar para o meu pai me buscar quando tivesse

atendido o último paciente.

— É o tempo que preciso para fechar tudo aqui, te encontro lá embaixo, certo? — Ele confirma com um aceno antes de sair, com um sorriso vitorioso estampado no rosto.

Ainda não consigo entender porque toda vez que o vejo meu coração vira uma locomotiva desgovernada no meu peito, ou para completamente, como se ele nem estivesse batendo aqui dentro.

Esse efeito tem causa exclusiva, o meu novo amigo, não posso dizer que seja paixão, pois já estive apaixonada antes e não era nada assim, deve ser apenas um querer bem, somos duas pessoas com passados traumáticos, é normal uma afinidade, não é mesmo?

— Vamos, estou com muita fome? — Diz assim que chego ao seu carro e sento no banco do carona, tento de toda forma evitar, mas não posso deixar de olhar um sorriso tão encantador. Não mesmo, seria um crime!

— Vamos lá, só de ver toda essa sua fome, a minha está ficando cada vez mais insuportável.

— Sim senhora, madame! — Com sua forma brincalhona de lidar comigo, meu riso só aumenta, é essa parte que me deixa totalmente confusa, até poucos minutos atrás, estava bem para baixo, até um pouco deprimida, foi só ele aparecer com esse sorriso acolhedor que nos convida a gargalhar com ele a noite inteira, que tudo ficou esquecido.

“Como ele tem esse poder mesmo depois que fiquei triste as últimas duas semanas por sua causa?”

É exatamente essa parte que não entendo, nunca fui de sorrir, nem mesmo antes de tudo acontecer, sempre guardei os meus sorrisos, todavia, quando estou perto dele, é automático, sem pensar, meus lábios de afastam para retribuir-lhe o sorriso.



Como na outra noite, sair com Ethan é tranquilo e divertido, como se já

fôssemos amigos de longa data. É fácil conversar com ele, não preciso fingir entusiasmo ou me esforçar para sorrir, ele consegue deixar tudo tão natural, até mesmo o ato de respirar.

Isso por si só, deveria dar alguma resposta para meus questionamentos, mas decido ignorar minha razão, que manda me afastar enquanto há tempo, porque daqui para frente, é uma enorme descida, indo direto para um envolvimento profundo, onde um dos dois sairá magoado e a aposta maior, é que seja eu.

— E se fizermos algo amanhã, poderíamos sair para tomar um pouco de ar fresco, se você quiser é claro, mas como seu amigo, devo avisá-la que está pálida! — Acho que devo fazê-lo esperar, principalmente por sua descrição da minha aparência, não estou pálida, eu sou?

— Hum, preciso ver na minha agenda, acho que nesse domingo tenho algo marcado. — Digo sorrindo da sua reação chocada, com minha resposta, tudo encenação.

— Uauuuu! Está lotada assim, não daria para fazer um pequeno encaixe, sabe, para o seu novo amigo? — Penso ter visto um lampejo de tristeza em seus olhos, se sim, ele disfarça bem, logo abrindo um sorriso amigável.

— Não abro exceções, principalmente se lá estiver agendado um passeio ao ar livre, o que não é má ideia, com meu novo amigo. O que me lembra..., que tal se, quem sabe eu levá-lo para conhecer o mais belo pôr do sol da cidade, quicá do mundo? — Pergunto levantando meu dedo indicado, bem no estilo Gia de falar.

— Já estou dentro, se minha guia turística oficial de Bom Sossego diz que vou conhecer o mais belo deles, aceito de imediato. Vai que aparece outra pessoa para preencher a agenda lotada dela? Podemos até mesmo fazer um piquenique! — Sua empolgação é contagiosa. Meu novo amigo é, sem sombra de dúvidas, algo raro de se encontrar!

— Pode ser, só adianto que teremos que caminhar um pouco. — Faço uma careta ao lembrar do caminho até o topo do Morro Romeu & Julieta.

Esse não é o nome do morro, sim Monte Sossegado, é bem típico de

cidade pequena usar alguma referência ao nome da própria cidade, o apelido, no entanto, foi dado por Álvaro há muito tempo, em uma das nossas excursões para assistir ao pôr do sol entre amigos, pois a maior parte dos visitantes que ali vão, é para encontros românticos proibidos e assim ficou até hoje.

— Devo usar algo confortável, então? — Levanta uma sobrancelha e fico embasbacada enquanto seus olhos brilham empolgados.

Um arrepio gostoso percorre o meu corpo, o calor espalhando-se a partir do meu peito e acendendo partes do meu corpo que até tinha esquecido que existiam, engulo seco para responder.

— Com toda certeza! — Olho paro o outro lado, não conseguindo me manter longe o suficiente dele.

— Certo, você fica com o trabalho de ser guia turística gratuita, e o lanche fica por minha conta. Será uma boa oportunidade para expor meus dotes culinários. — Diz todo cheio de si.

— Sem problema, vou amar ser sua cobaia amanhã, mas se algo ruim me acontecer, será sua responsabilidade dizer aos meus pais de quem foi culpa! — Faço uma cara horrorizada, que arranca dele uma enorme gargalhada e eu paro, apenas observando como ele fica bonito assim, leve e sorridente.

— Devo pegá-la por volta das quatro? — Ele me olha ainda sorrindo.

— Não, se realmente quisermos ver o sol se pôr, com esse horário chegaríamos lá depois do anoitecer! — Agora consegui deixá-lo de olhos arregalados.

— Sério?

— Muito sério, amigo, é uma boa caminhada, vamos sair ao meio dia, assim temos tempo de descansar um pouco antes de fazer o caminho de volta à civilização.

— Então tá, se minha guia turística favorita está dizendo, não posso questionar a sua eficácia! — Não aguento e explodo em uma risada, que enche todo o ambiente do carro, provavelmente dá para se ouvir do lado de

fora, mesmo com os vidros levantados.

— Até amanhã, não esqueça de colocar sapatos confortáveis! Tenha uma boa noite! — Digo assim que minha crise de riso passa.

— Certo, boa noite para você também! — Como pedi que não desse a volta toda vez que eu fosse sair do carro, ele estica o braço para abrir a porta para mim e sem querer, roça a minha barriga. Seguro a respiração, percebo o calor da sua pele me invadindo mesmo por cima das camadas de tecido.

Saio do carro e respiro fundo, ainda sentindo aquela sensação boa, um calor renovado por dentro e um sorriso bobo estampado no rosto.

Ao entrar em casa, sorrio mais uma vez, para que a sensação de paz e conforto possa durar mais algum tempo e sei que ela provavelmente durará, já que amanhã estarei com Ethan novamente.

Capítulo Dez

Helida 🍷

Como combinado, ao meio dia Ethan estava lá, como sempre pontual, lindo, em uma roupa informal estilo mochileiro de Hollywood, bermuda cargo bege, camiseta azul marinho, que aderiu ao seu corpo como uma extensão da sua pele, seguindo minha dica, um tênis preto, visivelmente confortável.

Estava também, segurando uma cesta de piquenique na mão e a chave do seu carro na outra, sorri para ele na hora, na verdade um hábito que estou começando a me acostumar. Nos despedimos dos meus pais e seguimos rumo ao morro, segundo Álvaro, Romeu & Julieta, para nosso primeiro passeio de verdade como amigos.

— Você sabe como preparar um piquenique! — Fiquei surpresa com tantas coisas gostosas que ele trouxe, o que agradei internamente, depois de quase duas horas de caminhada, estou faminta.

— Quando falou meio-dia, imaginei que ficaríamos com muita fome. — Sorri olhando para o horizonte.

— Novamente você estava certo, estou com muita fome e caramba, você cozinha bem! — Elogio, verdadeiramente impressionada com seus dotes culinários, confirmando o que ele disse na noite passada.

— Eh. Obrigado! Mas, você merece, tem sido uma ótima guia turística.

Ficamos em silêncio alguns minutos, aproveitando a vista e a comida.

— Como você achou esse lugar? Desculpe, que pergunta mais idiota, você mora aqui desde que nasceu! — Ele se repreende, sem saber como fica ainda mais bonito quando sorri constrangido.

— Pois fique sabendo que pouquíssimas pessoas conhecem esse lugar! — Tento amenizar seu constrangimento, por algum motivo quero cuidar dele, um instinto de defendê-lo, mesmo que de si mesmo.

— Sério? Nossa, estou lisonjeado por fazer parte de um grupo tão

seleto. Mas, como o encontrou? — Insiste, enquanto isso, me preparo para a dor que eventualmente virá, quando falar sobre quem me trouxe aqui a primeira vez.

— Foi o Caio, você sabe, meu falecido marido que me apresentou esse lugar. Ele adorava ficar ao ar livre, eu por outro lado, gostava do sossego que meus livros traziam, era uma menina tímida e tinha poucos amigos, então não conhecia quase nada. Foi só quando o conheci que descobri uma nova cidade sem sair daqui. Ele me mostrou uma Bom Sossego desconhecida por mim.

Por incrível que pareça, a dor não vem com tanta força, me permitindo lembrar sem começar a chorar.

— O morro já era conhecido de todos, claro! Até porque, a escola faz excursões anuais para estudos da vegetação, no entanto, esse lugar específico, não. Poucas pessoas se arriscam a atravessar toda a borda, sabe como é, preferem ficar no seguro e confortável, estacionamento para piqueniques.

— Gostaria de tê-lo conhecido. — Acho que eu não gostaria tanto, não se me sentisse assim por Ethan na frente de Caio.

— Vocês seriam grandes amigos, não tenho dúvida.

É quando sinto aquela dor insuportável começar a se esgueirar pelo meu peito, lembrar de tudo que Caio deixou de viver, as pessoas que nunca conhecerá, é tão difícil que junto minhas pernas e as abraço, para ver se assim não desmonto, não na frente de Ethan.

— Ele era tudo na minha vida, meu amigo, companheiro, marido, e por aí vai. Acho que só consegui terminar a faculdade, porque sabia que era o que ele faria, porém, foi o máximo que consegui avançar. — Explico antes de conseguir segurar as palavras na minha boca.

— Não precisa falar sobre isso, se você não quiser. — Aí está o motivo de me sentir bem para falar com ele sobre tudo, está sendo de novo, muito gentil, dando-me o poder de escolha.

— Sabe, você é a primeira pessoa com quem eu consigo falar sobre isso, nem minha mãe ou a Gia. Acho que é pelo fato de você não me ter visto surtada quando ele morreu. Desculpe, é impossível falar sobre ele sem chorar. — Limpo as lágrimas que começam a cair, estava estranhando elas

não terem se mostrado antes.

— Está tudo bem, eu te entendo e saiba que tens em mim um amigo! E se quer saber, eu também já sofri e sofro por uma perda, claro que não igual a sua, mas ainda assim, uma perda. — O toque da sua mão na minha me surpreende, mas não me esquivo, seu toque suave é bem-vindo. O apoio que tanto preciso e nunca havia percebido.

— Sinto muito! — Digo com sinceridade, ele não merece sofrer, seja pelo que for, quero amenizar sua dor, porém, é impossível, não sei como fazer nem ao menos a minha melhorar.

Ethan 7

Só agora percebo como a nossa dor pode ser insignificante quando alguém que se torna especial em nossa vida já passou por sofrimento maior. Nossa dor, algo tão negativo nos trouxe aqui, os uniu e agora nos traz um conforto sem precedentes. Por que não ser grato pelo destino, mesmo quando ele é cruel e muitas vezes implacável?

É egoísmo da minha parte sentir alívio por ter sofrido e que Helida tenha sua carga de sofrimento também? Sim, muito provavelmente, ainda assim, ouvi-la dizer que sente muito pela minha dor, me fez ver uma luz no fim do túnel, bem aqui no ponto mais alto do Morro Sossegado.

Com seus olhos brilhando pelas lágrimas que caem, dou-me conta de um fato, estou apaixonado por ela e não posso dar mais um passo em falso em sua direção.

— Não sinta, a minha dor não é nem de longe, tão forte como a sua, é uma dor diferente. — Olho para ela e percebo que seus olhos ainda estão cheios de lágrimas, que querem se libertar assim como os meus se enchem ao vê-la neste estado.

Isso me desconcerta completamente, ver como ela está fragilizada. Minha primeira reação é consolá-la e antes que me dê conta, ela está me abraçando.

— Não fique triste, me dói ver você assim.

Diz me surpreendendo com suas palavras. Até demoro um pouco para

reagir e quando vejo, ela já está se afastando.

— Que bela dupla somos! Você algum dia vai me dizer o que aconteceu? Só se você quiser. É claro, não se sinta pressionado. — Tenho que sorrir para não demonstrar o meu nervosismo ao soltá-la. Vejo como fica receosa, não querendo que eu pense que é como as fofoqueiras intrometidas da cidade, como Laura me disse outro dia.

— Não, tudo bem, acho que está na hora de me abrir com alguém. Nada melhor do que ser com a minha nova e única amiga de verdade.

Respiro fundo, preparando-me para trazer para o centro da minha mente, memórias nem um pouco agradáveis, enquanto minha parte auto defensiva me avisa que não devo me expor a alguém que quebrará meu coração, mesmo que sem querer.

— Eu estava na faculdade quando a conheci, Lucie, esse é seu nome. Jamais tinha encontrado uma criatura tão bonita, cabelos negros até o meio das costas, corpo de modelo, olhos verdes intensos, a pele bronzeada. Ela era decidida, sabia bem o que queria e é claro, cheia de atitude, pois quando queria algo, não havia obstáculos para suas vontades, conquistava a todos com seu sorriso, que na época achei angelical.

Olho para a paisagem a minha frente, daqui onde estamos posso ver o mar, fecho os olhos e vejo as imagens passando na minha cabeça como um filme.

— Mas, hoje acredito na minha mãe, quando a chama de porta de entrada para o inferno, porque fui um idiota ao me apaixonar por ela.

— Eu gostei da sua mãe! — Diz sorrindo.

— Sei que ela gostaria de você também, mas como ia dizendo: Eu era um adolescente imaturo que viveu superprotegido pelos pais, durante os primeiros quinze anos de vida morei nos Estados Unidos e fui educado em casa por professores particulares, quando viemos para o Brasil, por não ter tido muito contato com crianças e adolescentes, me mantive recluso, até a faculdade, que foi onde tive, aos dezesseis anos, meu primeiro contato com pessoas da minha idade e percebi que poderia interagir sem pagar de imbecil completo. E antes que pergunte, sim, entrei cedo na universidade.

— Bom eu também! — Aqui está a cor rosada no seu rosto que adoro.

Paro meu relato e a olho, um tanto constrangido, com tanta falação, porém, seu sorriso em resposta me incentiva a continuar, ele é o combustível que preciso.

— Conheci o Felipe, éramos como irmãos, Lucie, para mim, ter uma pessoa como ela me dando bola, foi o maior dos prêmios que eu poderia ter, com isso, seus amigos também passaram a ser meus e um ano depois começamos a namorar, em seguida a pedi em casamento.

— Quanto tempo ficaram juntos?

— Ao todo, foram quase quatro anos, a data estava marcada para pouco depois da nossa formatura, eu ortopedista, ela cirurgiã plástica. Estávamos com tudo pronto para o casamento e pensava eu que nada poderia estragar nossa felicidade, sentia-me ansioso para o grande dia, tinha conseguido residência em dos grandes hospitais de São Paulo, como parte da melhor equipe de ortopedia do país, só que o motivo da minha felicidade, era a proximidade do casamento, a queria logo como minha esposa, porque ela era tudo para mim.

Fico em silêncio, esperando que a dor me atinja, mas, ela não vem.

— Se quiser parar, por mim, tudo bem! — Percebo que ela sabe que a história está chegando na parte difícil e não se sente bem imaginando o meu sofrimento, já basta lidar com o seu próprio, porém agora que comecei, devo ir até o fim.

— Eu preciso, sinto que estou me libertando um pouco mais de tudo, portanto, como eu ia dizendo, ela era o começo e o fim do meu mundo. Hoje vejo que eu amei sozinho, porém, na época pensava que o sentimento era igual para ela, que as vezes que ouvi “eu te amo” sair da sua boca, era tão verdadeiro, quanto quando eu falava.

— Não se culpe, você estava apaixonado só isso!

— Sim. Uma noite, cerca de dois meses antes do casamento, sai mais cedo do hospital, pedi permissão ao chefe do setor, coisa que nunca tinha feito. Eu queria surpreendê-la, sei lá, levá-la para jantar ou cozinhar eu mesmo. Como a data do casamento estava próxima, já morávamos junto para

irmos nos acostumando com a presença constante do outro.

Sua mão toca a minha, sinto a mesma corrente elétrica passar pelo meu corpo, como acontece todas as vezes que nos tocamos. Decido não deixá-la perceber, assim terei um pouco mais do seu toque.

— Toda vez que chegava em casa, era recebido com um abraço apertado e muitos beijos, naquela noite, porém, quando cheguei em casa, a encontrei com as malas prontas. Disse que não me amava mais, que talvez nem tivesse realmente amado, simples assim, como se tivesse dizendo qual vestido usaria.

— Que criatura desprezível! — Seu rompante de raiva arranca um sorriso meu, ela acena com a mão para que eu continue, assim faço.

— Disse que estava cheia de mim e que há seis meses tinha um relacionamento com Felipe, que na verdade, quando começamos o nosso relacionamento, seu objetivo real era provocá-lo, logo o Felipe, meu melhor amigo. Ele seria meu padrinho de casamento, o desgraçado!

— Seu melhor amigo? — Balanço a cabeça confirmando.

— Perdi meu chão naquele momento, larguei a maleta médica junto com as flores que havia comprado e saí de carro como um louco. Não estava perdendo apenas um amor e sim, tudo o que achei como certo na minha vida, era tudo parte de uma grande mentira. Dirigi por seis dias, sem rumo, só parava para as necessidades básicas, minha família enlouqueceu sem saber notícias minhas por quase uma semana, até que a falta de vitaminas, acho, me venceu e eu encostei num postinho de beira de estrada e apaguei. O que na época achei ter sido azar, na verdade foi a minha sorte.

Falando para ela como tudo aconteceu, percebo que talvez tenha reagido de forma exagerada, mas na época não tinha esse pensamento.

— Como todos que têm o coração partido a primeira vez, queria morrer, acordei três dias depois em um hospital, numa cidade chamada Lages, no Rio Grande do Norte, minha mãe a essa altura, já estava comigo. Fiquei internado por mais de uma semana até me reidratar, quando voltei a ser quase eu, decidi vender tudo e começar de novo, deixei tudo nas mãos dos meus pais, não queria ter que lidar com a parte burocrática nem nada, apenas

fiz as malas e parti, passei um ano e meio como voluntário na África, outro viajando por países assistidos pela cruz vermelha, voltei decidido a começar a viver novamente.

— Como veio parar em Bom Sossego? — Essa curiosidade toda me encanta.

— Encontrei a sua antiga casa e o consultório à venda, através de uma amiga dos meus pais que conhecia os proprietários. Ela quem fez o intermédio entre eles e os Albuquerque, transferi o dinheiro que me rendeu a venda da minha casa em São Paulo para sua conta, deixando toda a negociação nas suas mãos, não queria ter que passar por aquela cidade na minha volta ao Brasil, apesar de amá-la, decidi voltar direto para minha nova vida e o resto você já sabe.

Sorrio ao lembrar de tudo que se passou nos últimos dois meses, desde meu primeiro fim de semana na cidade, até aqui, uma evolução e tanto, só espero não estar parecendo um maricas aos seus olhos, a opinião dela sobre mim, passou a ter grande importância.

Helida

Fico sem palavras depois de ouvir a sua história, tento imaginar como seria ter toda essa vida dentro de si, sem ter amigos durante anos, certo, nunca fui a pessoa mais sociável do mundo, mas essa foi uma opção minha, não por não ter com quem interagir, era natural que ele se apaixonasse pela garota mais bonita do campus.

De alguma forma, isso me irrita, quero esganar a sujeita por tê-lo magoado, ou apenas abraçá-lo como fiz momentos antes num impulso, que não se repetirá. Quando ele fala sobre sua vinda a cidade, é um alívio, chegamos em uma parte mais leve, eu acho.

— Lembro muito bem, acordei um dia com uma pessoa morando ao lado, na casa que já foi minha, ouvindo música e cantando de manhã cedo, mudando tudo a volta. — OPS! Informação demais, ainda bem que não mencionei o que achei da sua voz.

— Me ouviu cantar? Que vergonha! Aposto que não devo tentar uma carreira como cantor, certo? — Ele cora um pouco, ficando adorável.

— Bom, eu acho que uma arara gritando era mais agradável de se ouvir! — Droga, cadê o meu filtro entre o cérebro e a boca quando preciso dele?

— Sério? — Consegui deixá-lo ainda mais constrangido.

“*Caramba, Helida, faça alguma coisa pelo pobre homem.*” Minha consciência me aconselha e aceito.

— Espere! Deixe-me explicar melhor, verá que minha opinião não conta em nada. Faz muito tempo que não suporto qualquer tipo de música, então como disse, minha opinião não deve ser levada em conta. — Até porque, começo a achar que exagerei.

— Se você está dizendo, Dra. Morales. — Ele sorri e logo o imito, gostando que a conversa voltou a ficar leve.

— Sim, agora vamos parar de falar e comer, ou então, as formigas vão fazer a festa com nossa comida que está boa demais para que elas saiam felizardas!

— Muito bem colocado, doutora. Você é uma mulher muito inteligente, além de bonita, um atrativo e tanto! — Me elogia e é minha vez de ficar constrangida, mas disfarço, não querendo me aprofundar no assunto.

Voltamos a comer e ficamos em silêncio por um bom tempo, eu absorvendo o que me disse. Confesso que estou impressionada com a sua sensibilidade, o que não o desqualifica como homem, pelo contrário, só o torna ainda mais interessante.

Sua busca pela vontade de viver através de ações que venham a beneficiar outras pessoas, mesmo com seu coração em frangalhos, demonstra como ele é valioso. Recordo-me da primeira vez que o vi e aquela sensação de que ele trazia uma grande tristeza no olhar, mas a mantinha escondida.

— Um centavo pelos seus pensamentos! — Pulo assustada com seu comentário, depois de tanto tempo em silêncio.

— Não vale tanto, só estou aproveitando o resto do dia, está um lindo fim de tarde. — Acho que me safei dessa, ele não percebe minha pequena mentira, não sei como, sempre menti muito mal, provavelmente por ele não

me conhecer bem o suficiente, ainda, então não é capaz de decifrar minhas expressões.

— É, você tinha razão, é o pôr do sol mais belo de todos os que já vi. Mas, tive a impressão que poderia estar pensando no que te contei! — Porcaria, não consigo mentir nem para quem acabou de me conhecer.

— É, você me pegou, estava pensando nisso sim. — Estou um pouco sem jeito, evitando olhar em seus olhos.

— Deve estar me achando um idiota, talvez até imbecil, por me deixar envolver por alguém assim, fazendo dela a minha única namorada na vida. Acho que por isso minha reação foi tão extrema.

Olho para ele, tentando ver se está brincando, só que não, ele realmente se acha assim, idiota e imbecil. E como assim apenas uma namorada na vida? Com certeza teve outras depois da megera traidora, não teve?

— Ethan, como pode pensar assim? Pelo contrário, fico surpresa e envergonhada por ter sido tão estúpida com você, quando nos conhecemos, eu realmente sinto muito! Mas, você deve ter tido mais algum caso, mesmo que não oficial, depois da sua noiva, não? — Não sei se quero saber desse detalhe. Eu e minha boca grande e sem filtro.

— Você teve algum, digo, depois do Caio, ao longo dos últimos cinco anos?

Sua pergunta me faz recuar um pouco, mas se perguntei mereço ser questionada também, balanço a cabeça negativamente.

— Pois bem, eu também não, ficou meio que difícil confiar nas pessoas e essa coisa de uma noite só, por prazer, não é do meu feitio. Quanto a você ter sido grosseira no início, realmente não te culpo por agir assim, eu mesmo não suportava ninguém por perto até pouco tempo, imagina você, que perdeu alguém não por falta de amor e afeição, mas por decisão do destino? — Não sei como responder, ao menos tenho a certeza que o Caio me amava.

— É, mas no meu caso, já se passaram cinco anos e meio, eu fiquei incomunicável por um bom tempo, você é a primeira pessoa com quem consigo conversar, assim abertamente, mesmo Gia, é sempre uma palavra ou outra apenas. Eu sei que ela sente falta da nossa amizade, sinto-me péssima

por ela ter estado ali, sempre fiel e eu ter fugido como uma covarde para não sentir dor, ela também perdeu um amigo, pouco tempo depois, seu namoro com Álvaro veio ao fim, não deixo de me culpar por isso, é difícil namorar alguém que está todo o tempo possível cuidando dos surtos psicóticos da melhor amiga. Álvaro a ama, como ela também o ama, mas não sei o que fazer para consertar isso.

— A Gia gosta muito de você, é uma boa amiga, até me pediu para não ficar com raiva, que era só um momento ruim que estava passando. — Isso é tão a cara dela, que nem me surpreende mais, ela é melhor do que mereço.

— Ela é ótima, esteve comigo sempre. Aguentando meus surtos e choros durante um bom tempo, nunca desistiu de mim! — Olho meus dedos retorcidos ao lembrar das vezes que surtei e a única pessoa que me fazia companhia era ela, o que não passa despercebido por ele.

— Ei, tudo bem?

Pega no meu queixo, levantando meu rosto para que possa olhá-lo.

— Seus olhos ganham um tom de verde lindo, que encobre por completo a parte caramelo quando está na luz do sol! — Fala pensativo e sinto um tremor no estômago com sua proximidade, fazendo meus lábios formigarem, quase sentindo o toque da sua boca na minha, um rugido forte enche meu peito, pois eu quero.

Balanço a cabeça, desviando meus pensamentos dessa linha, não posso fazer isso, nem devo, ele é apaixonado por outra e eu, amo meu marido.

— Não me lembre disso.

Olho para além dele, não podendo sustentar mais um segundo o olhar no seu, sem deixar transparecer como sou uma criatura egoísta e infiel.

— Isso era motivo de zombaria na minha infância, quando me chamavam de nerd dos olhos bicolor. — Vejo que, mudar de assunto para que não perceba meu desconforto, é o melhor, no entanto, acho que o choquei com isso, pois sua boca cai aberta.

— O quê? Que coisa horrível de se dizer, até mesmo para crianças, aposto que eram aquelas que se intitulavam como, famosas ou populares da

escola, que falavam isso. — Sua expressão chocada me faz rir.

— Está certíssimo e como sofri! — Balanço a cabeça para tirar as lembranças incômodas.

— Com certeza era inveja! — Diz todo sério.

— Tá de brincadeira? Elas eram lindas! — Lembro-me de como era difícil olhar para as garotas da minha turma, sem doer os olhos ante a tanto brilho.

— Não estou não, vi algumas fotos suas na casa dos seus pais, você já era linda. E era inteligente, tem esse olhar encantador, instigante, você era uma ameaça e tanto para elas. Além disso, parecia ser a única, entre tantas meninas, que não se vestia com o padrão, como robozinhos da moda! — Não pude deixar de corar com o comentário.

— Agora, você está sendo meio bobo! — Brinco ignorando o calor que aquece meu peito com suas palavras.

— Bobo nada, estou falando a verdade! E tem mais, a primeira vez que te vi, como eu posso explicar? Bem, sabe aquela sensação, quando você encontra a última peça rara que faltava para uma coleção, que vem montando ao longo da vida, tão rara que nem ao menos tem conhecimento da sua existência? Foi assim quando te vi, algo me disse seríamos amigos!

— Isso explica tudo! — Acabo falando alto o pensamento que me vem.

— Tudo o quê? — Por tudo que é sagrado, qual o meu problema, por que não controlo meus pensamentos antes que eles cheguem na minha boca? Por que, quando vejo já falei? Agora, é explicar.

— Explica a sensação que tive quando você olhou para mim, naquele dia, enquanto colocava a compressa no meu pé. Senti-me como uma, sei lá, obra de arte de algum artista renascentista consagrado que havia sido perdida ao longo dos anos e finalmente encontrada.

Mais uma vez não sei o que me dá, simplesmente não consigo parar de falar o que penso e sinto perto dele.

— Agora deve estar achando que sou mesmo muito convencida, não é? — Olho aqueles olhos cinzentos ao me encarar e sinto que poderia me perder

na sua intensidade, se quisesse, mas não, não quero.

— Nunca poderia pensar algo assim de você, principalmente porque foi essa a minha sensação também, como te disse, vi que não se tratava apenas de um rosto bonito, ali na minha frente, existia alguma coisa magnética em você, que me puxava e eu queria muito conhecê-la. — Ele desvia o olhar, também constrangido com o rumo da nossa conversa.

Não sei se estou gostando disso, essas verdades sendo jogadas abertamente por nós dois, a qualquer momento posso falar demais e estragar nossa amizade recém adquirida. Não ando com tantos amigos para me dar a esse luxo, só tenho uma coisa a fazer, mudar o rumo da conversa e é o que faço, com maestria.

— Nossa, nem percebi o tempo passar, se não andarmos rápido, vai ficar impossível sair dessa mata. — Ele obviamente percebeu que estou fazendo isso para não ter que falar mais nada, só que, finge o contrário.

— Tem razão, vamos?

Após guardarmos tudo, começamos a caminhar de volta ao mundo real, uma olhada no céu e percebo que não demorará muito a chover, é questão de segundos para ela nos atingir!

Supreendentemente, sou eu quem pega na mão dele e saímos correndo enquanto as primeiras gotas de chuva começam a cair. O engraçado é que não sinto vontade de soltá-la, pelo contrário, é boa a sensação do calor da mão dele na minha.

Ficamos totalmente molhados e sujos de lama, a camisa dele está tão encharcada, que ele precisa despi-la assim que entramos no carro. Sem querer, me pego olhando, sem parar, para aquela pele levemente bronzeada e absurdamente linda, ele tem um corpo muito bonito, forte, não com músculos enormes, nada disso, apenas definida nos lugares certos, ombros largos, barriga lisinha, com alguns gominhos. Desvio o meu olhar cobiçoso antes que ele perceba e eu fique sem graça.

— Você está com frio?

Pergunta ligando o aquecedor do carro. Como deixa, um espirro me escapa e eu ganho um sorriso torto cheio de covinhas.

— Terei que ir um pouco mais rápido, ao contrário, você vai ficar resfriada. — Ele entra no modo preocupado, enquanto eu, estou no modo apreciativo de um belo exemplar do sexo oposto.

— Não sou não frágil assim, Ethan. — Fecho a cara para ele, não gosto quando confundem minha tristeza com fragilidade, o que ajuda a evitar olhar para ele.

— Não é o que seu histórico de incidentes diz. — Ele mostra um sorriso ainda mais largo e consigo sentir seus olhos em mim, o bastardo está gostando da nossa implicância infantil.

— Sei me cuidar, muito bem, diga-se de passagem! — Viro ainda mais o rosto, ofendida com o comentário, claro que sei que meu histórico é terrível, sou eu quem mais o conhece.

— Desculpa, não quis te ofender, estava brincando, Helida! — Seu olhar de cachorrinho que aprontou, mas quer ser perdoado é o melhor, o vejo pelo vidro da janela.

— Tudo bem, não se preocupe com meu mau humor, ele é uma extensão de mim! — Amenizo o clima.

— Já estou vacinado contra ele, rá-rá-rá. — Estreito os olhos tentando não rir, mas é impossível quando ele sorri assim.

— Que bom, assim não preciso controlá-lo! — Por enquanto vou deixar passar, não quero estragar as coisas com meu já habitual mau humor.

Ainda mais depois de uma tarde tão agradável e cheia de revelações, umas boas, outras nem tanto, descobrir que meu corpo reage a ele, de uma forma que nunca tinha percebido antes, me perturba, não sei lidar muito bem com novidades.

— Helida, estamos em casa! — Uma mão sacode de leve o meu ombro, pisco em meio a escuridão, devo ter dormido no percurso.

— Nossa, já chegamos? Você dirigiu rápido mesmo! — Olho para a frente da casa dos meus pais, vejo as luzes acesas, minha mãe deve estar preparando o jantar.

— Falei que não quero que você se resfrie, mas tive que tomar cuidado,

com chuva não se brinca e veja só, deu tempo de tirar um cochilo e tudo! — Espirro novamente e sorrio.

— Parece que é tarde, já esfriei! — Sinto meu corpo pesado, acho que a chuva fez seu trabalho dessa vez.

— Ainda bem que chegamos! — Ele parece um tanto preocupado, não deveria, logo estarei bem.

Olho novamente para minha casa, não sinto vontade alguma de entrar, não sei como será a noite de hoje, depois de revisitar tantas emoções e lembranças, é provável que os pesadelos voltem com força total.

— Tchau, boa noite, amigo! — Digo ao abrir a porta,

— Espere! Hoje foi o melhor fim de tarde que já tive em anos, obrigada! — Ele está com aquele sorriso tímido no rosto e sei que o meu deve estar igual.

— Para mim também! — Não quero sair, quero aqui ficar e aproveitar a paz que sua presença me traz.

— Obrigado, Helida! De verdade!

— Não há de quê, Ethan, tenha um boa noite, até amanhã!

— Durma bem, amiga! — Saio do carro correndo da chuva e entro em casa ainda sorrindo, para o espanto da minha mãe.

— Filha, o que aconteceu, você está toda molhada? — Seu olhar é de deleite com meu sorriso, com um quê, da preocupação maternal de sempre.

— Fui fazer um piquenique com o Ethan, ao ar livre, lembra? Na volta a chuva nos pegou. — Espirro e sorrio.

— Lógico que lembro, mas pensei que tivessem voltado antes e estivessem esperando a chuva diminuir em algum lugar! Vem, suba e tire essa roupa molhada antes que fique pior, tome um banho quente, vou preparar um chá para você. — Pronto, Dona Laura está no modo mandona.

— Obrigado, Dona Laura você é a melhor mãe do mundo. — Vou até ela, a beijo no rosto e ela sorri surpresa, em seguida subo as escadas correndo, aproveitando aquela sensação de alegria que há muito tempo estava ausente, mas que é mais do que bem-vinda de volta na minha vida!

Capítulo Onze

Helida 📖

*Vou te pegar na sua casa, deixa tudo arrumado
Vou te levar comigo pra longe!!!
Tanta coisa nos espera, me espera na janela
Vou te levar comigo...*

Biquíni Cavadão

Tento abrir os olhos em meio a nevoa do sonho que ainda me cerca, onde escuto Ethan cantar Biquíni Cavadão para mim, é tão lindo de se ouvir, ouço seu sorriso, isso faz meu coração palpitar. Mais uma vez tento fazer com que eles abram, quero vê-lo.

Porém, a força que a névoa exerce é forte o bastante para me levar de volta ao sono profundo, não tento lutar, no entanto, é como se o meu corpo estivesse cobrando por todas as noites que fiquei em claro nos últimos anos.

Estou no limite da exaustão, possivelmente efeito de todo o esforço da caminhada, há anos não faço esse percurso, abraço o meu cansaço de bom grado e volto a dormir mesmo depois do despertador soar como uma britadeira na minha cabeça.

— Lim, você está bem? Nunca fica até tarde na cama, principalmente numa segunda-feira? — A voz da minha mãe se infiltra através do meu doce sonho, onde agora estou andando de mãos dadas com um lindo garotinho, trazendo-me de volta à realidade.

Meu corpo passou de exausto para extremamente dolorido em questão de minutos, ou será que foram horas? Parece que fui atropelada e pisoteada por uma manada de elefantes, cada parte do meu corpo dói, até aquelas que não tinha consciência da existência.

— Não, não estou nada bem, mãe, acho que estou resfriada, dói tudo. Por favor, ligue para o consultório e peça à Gianna que desmarque todos os meus compromissos de hoje e amanhã e os remarque para a próxima semana

como encaixes entre as demais consultas, sim? — Minha voz sai nada mais que um sussurro.

— Claro, meu bem! Assim que descer, agora vou dar uma olhada na sua temperatura, isso não é normal, já a vi trabalhar em situações piores!

Aí meu Deus, seu lado protetor e coruja vai entrar em ação, com certeza ela vai ficar aqui no meu quarto, me avaliando o dia todo, como se eu ainda fosse criança. Para dar-lhe o crédito, acabo fazendo birra para colocar o termômetro e caio na risada, mas paro quando meu corpo dolorido protesta.

— Não sei porque você está rindo, está ardendo em febre, vou chamar o seu pai para verificá-la. — Sem me importar com a dor rio ainda mais, ela nunca lembra que cresci, o que de certa forma me agrada muito. Para os meus pais, vou sempre ser a garotinha com medo de agulhas que saía correndo dos consultórios médicos.

— Mãe, eu sou médica, não precisa incomodar o papai, ele pode estar atendendo alguém. Só me dê um antitérmico, logo estarei bem, deve ser efeito da chuva da noite passada, é sério!

O olhar dela me diz que não vai ser tão fácil convencê-la. Terei que ser mais incisiva.

— Vou ficar bem, só traga o remédio, eu tomo, durmo, passo o dia de preguiça e em dois dias estarei nova de novo! — Tento sorrir para tranquilizá-la, o que minimiza sua preocupação.

— Certo, tudo bem, porém, — Seu dedo indicador está apontado para mim, não haverá negociações a mais. — se você sentir alguma coisa, qualquer coisa, até mesmo uma dor a mais na unha do dedão do pé, vai me chamar, e eu o chamo, sem concessões, está me ouvindo? Vou deixar você descansar, enquanto isso vou preparar alguma coisa para você comer.

— Ok! E não quero nada, só quero dormir, mãe! — Tento argumentar, mostrar que estou bem, mas não adianta discutir com ela.

— Não venha com essa história de estou bem, mocinha, terá que comer, então decida, vai comer sozinha ou eu mesma darei a você, como quando era criança? Aliás, sabe que morro de saudades dessa época.

Como meu pai sempre diz, “*com a Dona Laura é preciso saber as batalhas a se lutar*”, e essa não é uma delas! Principalmente, por estar muito cansada, balanço a cabeça concordando, assim ela me deixa quieta um pouco mais.

Como esperado, ao ouvir a porta fechar, fico derivando entre o sono e a consciência, até que o cansaço e as dores levam a melhor sobre mim, em segundos apago, indo feliz para a terra dos sonhos, quem sabe ganho outra serenata do amigo vizinho.

Ethan 7

É possível que eu esteja me tornando um paranoico, obsessivo e um tanto irracionalmente protetor, pelo bem-estar da minha amiga? Sim, com toda a certeza.

O que penso sobre isso? Dane-se, quero saber como ela passou a noite, principalmente depois da chuva que pegamos no caminho de volta até o carro, por esse motivo, estou parado em frente a porta da sua casa, segurando um recipiente de alumínio com sopa, que está acabando com as pontas dos meus dedos.

Na minha pressa em vê-la, acabei esquecendo de pegar algo para me proteger da temperatura, a demora em abrirem a porta, também não ajuda muito. Ouço passos vindo em minha direção e respiro aliviado, meus dedos agradecem.

— Ethan? Bom dia, o que o traz aqui a essa hora? — Laura sorri, meio confusa, não posso culpá-la, deveria estar trabalhando, é verdade, mas como posso explicar que não conseguiria fazer nada com o pensamento na filha dela? Melhor guardar essa informação só pra mim.

— Olá, bom dia, Laura, eu, eu trouxe sopa!

“*Grande, Ethan!* “

— Bom, trouxe sopa pra Helida, porque, ela estava espirrando e pessoas espirrando ficam resfriadas geralmente. Ai, droga! — Reclamo do recipiente queimando minhas mãos.

— Oh! Deixe-me pegar isso.

O alívio que sinto ao livrar meus pobres dedos da tortura é enorme.

— Que bom que veio, Lim está com um resfriado daqueles, acho que dessa vez ela fica de cama e como deve ter percebido, não gosta de ouvir uma opinião médica. Ir ao hospital está fora de cogitação, se puder olhá-la, sem mostrar que a está analisando, é claro, caso contrário já viu.

— Posso sim, mas sou ortopedista, darei um breve diagnóstico.

— Tudo bem, só estou preocupada com ela, nunca a vi ficar tão mole com uma gripe, pode subir, segunda porta a esquerda.

Passo por ela e subo as escadas quase correndo, não pelo fato que estou prestes a ver minha “amiga” em trajes, um tanto, pessoais demais, espero que ela goste de dormir de calça e blusa de mangas compridas, se bem que ainda assim ela ficaria linda.

“Que cabeça a sua Ethan, a garota está doente, está indo vê-la apenas como médico, esqueça seu desejo doentio, ela não está disponível!”

Abro a porta devagar, não querendo incomodá-la, olho em volta à sua procura e lá está, enrolada até o pescoço, literalmente, apenas seu rosto está visível, ela se mexe e muda de posição, ficando de frente para mim, a luz que se infiltra pela fresta das portas francesas que dão para a varanda, me permitem ver como suas bochechas estão coradas.

Muito rosadas na verdade, aproximo-me da sua cama em apenas três segundos, para o meu espanto, posso ver que não há nada de corado na sua pele, que está ainda mais pálida, o rosado que de longe vi, é sangue que está escorrendo por suas narinas, meu peito acelera, mil possibilidades passando pela minha cabeça.

Sem me dar conta, já estou com ela nos meus braços, indo em direção as escadas, seus olhos abrem com os globos girando sem nada verem, estão vermelhos.

“Olhos vermelhos, o que causa olhos vermelhos e sangramento nasal?”

Minha mente ficou oca, não lembro de absolutamente mais nada, ela está morrendo nos meus braços, sinto-me inútil, tantos anos de faculdade e

não consigo salvar aquela por quem estou apaixonado.

— Ethan, o que está acontecendo? Por que a tirou do quarto? — Laura está parada no primeiro degrau, uma bandeja com a sopa que trouxe, servida em um prato, quando vê o pequeno corpo que começa a sofrer espasmos, coloca o prato de lado e vem até mim, trago seu corpo trêmulo para ainda mais perto do meu, não posso perdê-la, não agora que a achei.

— Não sei. Precisamos levá-la, agora, ou ela vai morrer! — Minha voz fica presa na garganta.

Sáímos em disparada, Laura assume o volante, por mais que eu quisesse dirigir, não conseguiria afastar minhas mãos dela, não quando pode ser a última vez que a sinto ainda com vida.

Capítulo Doze

Helida 🍷

Ao cair de volta nos braços acolhedores do sono, perdi a noção do tempo, acho que já se passaram algumas horas, mas não é isso que me importa, sim o fato de sonhar, pela primeira vez em anos estou sonhando.

Dessa vez, sem pesadelos, mas sim com um anjo, esse não tem as asas habituais que os caracterizam, porém, tem um olhar doce e gentil, sinto uma vontade imensa de abraçá-lo, pois percebo que tem algo muito errado no seu rosto, ele está chorando, anjos não devem chorar, quando o fazem é porque uma boa alma acaba de se perder.

E se ele está chorando por mim? Significa que morri? Mas não sou uma boa alma para merecer o seu pranto.

“Lim, não posso perdê-la quando mal acabo de encontrá-la, por favor fique comigo meu raio de sol, você tem que ficar bem, sei que vai me odiar, mas eu me apaixonei por você.”

E ele segura minha mão e a beija, nada típico para um anjo.

“Eu preciso da luz que você trouxe para os meus dias, há tempos estava no escuro, não sei se consigo me adaptar a escuridão novamente.”

Quero ficar aqui ouvindo sua voz mais um pouco, ela me é ligeiramente familiar, então vem a consciência, eu conheço esse anjo, esses olhos de um azul cinzento tão indescritíveis, é Ethan! Sinto que deveria dizer-lhe que trouxe luz para mim também, mas não posso.

O poder que o sono estava tendo sobre o meu corpo começa a ceder, a ponto que começo a despertar aos poucos. Abro meus olhos e tomo um baita susto, não estou no meu quarto, como também não estou sozinha, onde estou?

Tento me orientar, o ambiente estéril a minha volta não me é estranho, o bip horroroso confirma minhas suspeitas, droga, estou no hospital.

Mas, por quê? Como e quando vim parar aqui? Pelo menos aquela dor que acometia o meu corpo passou.

Olho ao redor e lá estão os olhos que estiveram presentes no meu sonho, me encarando, barba rala que não estava aí ontem, olhar cansado como se há muito tempo não parasse para descansar, mas com início de sorriso se espalhando pelo seu rosto adorável.

— Você acordou!

Seu suspiro de alívio faz meu peito inflar, por saber que ele se preocupa comigo.

— Como se sente, sente dor em algum lugar? — Suas mãos sobem pelos meus braços, fazendo um leve calafrio percorrer meu corpo com o seu toque.

— Ethan?

Minha garganta arranha devido as horas de sono.

— O que aconteceu? Por que estou aqui? Onde estão os meus pais? — E o mais importante, por que ele está aqui segurando minha mão como se precisasse estar em contato permanente comigo?

— Sua mãe está comendo alguma coisa, temos nos revezado para te fazer companhia, seu pai foi para casa descansar um pouco, essa foi uma semana e tanto. — SEMANA? Eu não posso ter dormido durante uma semana, meus pacientes!

— Espera um pouco, estou aqui há uma semana? Por que? Eu nunca ouvi falar que um resfriado fizesse isso? — Não mesmo!

— Está tudo bem, Helida, você está bem agora! É normal não lembrar, mas como médico devo perguntar a última coisa que você se recorda.

“De você dizendo que gosta de mim, é isso que lembro!”

Quero gritar para ele, mas sei ao que está se referindo, lembranças reais, não sonhos, porque deve ter sido minha imaginação que me fez ouvi-lo dizer isso, com certeza efeitos do esforço que estive fazendo, para que minha mente despertasse.

— Eu acho que estava em casa e minha mãe desceu para preparar algo para mim, e avisar a Gia que eu não poderia atender ninguém, então dormi. — Dormir, não é bem a palavra certa, apaguei é mais preciso.

Ergo meus olhos e fico paralisada, enquanto ele me olha com alguma coisa nova, uma emoção indistinta neles, espero estar errada, só pode ser o sonho me confundindo, não quero perder um amigo, não quando sei que não posso ir por esse caminho com ele, nem com ninguém. Balanço a cabeça quebrando o nosso olhar.

— Sim, foi isso que aconteceu. — Ele balança a cabeça como se pudesse afastar um pensamento desagradável.

— Ethan, o que aconteceu em seguida? — Seus ombros caem derrotados.

— Fui a sua casa, levar uma sopa, achei que pudesse estar resfriada por causa da chuva, sua mãe me pediu para vê-la, sabe como é sua mãe. Quando entrei no quarto e vi seu estado, a trouxe para cá, não podíamos esperar por uma ambulância ou coisa do tipo.

Seu olhar constrangido me diz que falta algo no seu relato. Mas, nossa, eu novamente dando preocupação aos meus pais, tenho vontade de me esmurrar, faço uma nota mental para tentar ser mais cuidadosa no futuro.

— E o que exatamente eu tinha ou tenho, pelo que você está dizendo, não parece um simples resfriado, se bem que as dores no corpo e a náusea, poderiam indicar um quadro de dengue. Mas, por que desmaiei? Mesmo sabendo como ela debilita o corpo, isso acontece no decorrer de dias depois do surgimento dos sintomas.

— Sim, você está com dengue, só que foi diagnosticada como hemorrágica, o que se agravou por você estar com anemia em um nível bem elevado, você deveria se cuidar melhor, considerando que é uma médica. Só que, deixarei o sermão para os seus pais, sei que eles têm algumas coisas para lhe falar, mocinha!

Percebo que Ethan está até um pouco mais leve.

— Voltando ao assunto principal, o prognóstico para você não era muito bom, sinta-se grata por estar viva e comece a dar um pouco mais de valor ao que você tem!

Acho que entrei em um universo paralelo, estou assustada com o que ele está dizendo, mas por quê? Estive tão perto de conseguir o que espero há

um longo tempo e aqui estou eu, angustiada com essa possibilidade.

— Ei, não fique assim, desculpe se te assustei, a intenção não era essa, talvez um pouco, mas não tanto!

Ele ainda tenta me confortar, não consigo levantar a cabeça e sei que é porque estive relativamente perto de morrer. A probabilidade de fazer quem gosta de mim sofrer, me deixa constrangida pela minha imprudência!

Não quero fazer ninguém passar pelo que passei, até mesmo Ethan que mal conheço, mas já teve sua cota de sofrimento por uma vida. Uma discreta lágrima desce pelo canto do meu olho e ele levanta a mão para secá-la com o polegar, enquanto acaricia meu rosto com os outros dedos e nesse momento sei que não foi sonho, o anjo era real e aqui está ele novamente, me acalmando.

Essa simples certeza faz meu coração disparar enchendo o quarto com o bip enlouquecido do monitor cardíaco.

— Está tudo bem, Lim, você está bem agora, graças à Deus, não precisa ficar assustada, posso ser seu amigo super-herói, sempre quiser um!
— Ele ri e me abraça, aceito sem protestar, preciso desse contato.

— Lim? — Pergunta junto ao seu peito, essa forma dele falar comigo é novidade, nunca me chamou assim, se bem que, ainda não tivemos muito tempo para falar desse tipo de coisas, fico feliz que ele não saiba do verdadeiro motivo porque meu coração disparou.

— Você se importa que eu a chame assim? — Percebo a insegurança na sua voz, como se tivesse sido pego fazendo traquinagem.

— Não, por mim, tudo bem, não tem problema, somos amigos! — Apesar de ser um apelido que só os mais próximos usem, não me importo mesmo, ele de alguma forma conquistou esse direito.

— Amigos. — Reflete um pouco, mas logo volta a falar animado. — Foi de tanto ouvir todos a chamando assim que acabei pegando o hábito.

— Não me importo, de verdade, mas agora, se não for muito incômodo, será que você poderia chamar minha mãe? Acho que preciso tranquilizá-la um pouco. — Ele me dá aquele seu sorriso tímido e prendo o ar por um

instante.

— Claro! Vou aproveitar para chamar o médico também, não saia daí!
— Depois da sua piada, o que posso fazer além de sorrir?

— Sim, senhor! — Quando faço o gesto típico dos militares, seu sorriso se amplia. — E, Ethan?

— Sim?

— Obrigada, por tudo! — Estou muito agradecida a ele.

— Estou sempre às ordens, *my lady*!

Ele sai, me deixando com um sorriso bobo no rosto e uma tremenda confusão na mente, é quase difícil acreditar que uma pessoa pode ser tão bonita por dentro e fora. Ele inacreditavelmente é, exatamente como alguém que conheci. Paro o pensamento antes que me perca na dor que ele irá me causar.

“Não vá por esse caminho, Helida! Eles são pessoas diferentes, nada de comparações!” Minha cabeça grita, ela só precisa avisar ao meu corpo e provavelmente ao meu coração rebelde!

— Lim? Nem acredito que você está de volta, filha, que susto! — Graças a Deus minha mãe aparece me tirando do caminho proibido. Ela entra no quarto e me abraça como uma mãe urso faz.

— É, mãezinha, não foi dessa vez, ainda! — Com minha brincadeira de mau gosto, me dá o seu olhar *não-brinque-comigo-mocinha*.

— Não fale bobagem, você não faz ideia de como foi difícil vê-la aí dormindo e dormindo! — E aqui estou, como se fosse um ciclo vicioso, mais uma vez fazendo minha família sofrer.

— Oh, mãe, me desculpe por fazê-la passar por isso novamente. — É o máximo que consigo dizer com o nó na minha garganta.

— Nenhuma dessas vezes estive aqui por sua vontade! Como se sente?

Ver minha mãe sofrer por minha causa traz a dor incômoda junto com as lembranças que tentei afastar, o período que passei nesse mesmo hospital, depois do acidente de carro que... estremeço com a lembrança.

— Terra para Helida, hei, mocinha, está me ouvindo?

De volta ao presente, sorrio para minha mãe tão amada.

— Diga-me querida, o que achou de acordar e encontrar o Ethan aqui com você, hum? — Reviro os olhos para ela, que tem me saído um cupido muito fajuto.

— Um choque, é claro, principalmente por não lembrar de como cheguei aqui, depois, me senti grata por ter conseguido mais um amigo. — Mentira! Fiquei muito feliz de vê-lo, isso sim, mas não preciso dizer, o que não sai pela boca, os ouvidos deixam de saber.

— É, você teve muita sorte que o sangue dele era compatível com o seu! — Ela diz como se tivesse contando que seus olhos são cinzas.

— Hein, como assim, mãe?

— Segundo o médico, uma das formas mais rápida para controlar a dengue hemorrágica, é uma transfusão de sangue. Você precisava de uma imediatamente, uma vez que sua taxa de plaquetas estava extremamente baixa, por causa do seu estado debilitado causado pela anemia. Eu não sou tipo A-, seu pai é, mas, como você sabe, não pode doar pois já teve hepatite, por sorte Ethan é um doador universal e prontamente se voluntariou, ele não te contou?

Estou fora do meu corpo, devo minha vida a Ethan Scott? Estou perdida de vez, o cara vive me fazendo gentilezas silenciosas.

— Ele não me disse nada.

— Ele é um sujeito decente, filha, não iria querer que se sentisse desconfortável ou em dívida com ele! — Agora sei que estou mais em dívida, isso me deixa um pouco desconfortável.

— Está certa, ele é, maravilhoso! — Ela me dá um sorriso cúmplice.

— Sabe, ele não queria sair daqui por nada, só saiu por poucas horas para descansar e logo voltava, outro dia cheguei aqui e o encontrei dormindo na cadeira, essa aqui ao lado e segurando sua mão.

Então não era sonho, ele foi o anjo que esteve aqui durante todo tempo! Será que realmente disse que está gostando de mim? Se sim, não sei

como me sinto a respeito disso, minha cabeça e meu coração não estão na mesma frequência agora, meu medo é que eles comecem a duelar para manter sua vontade.

— Então, foi ele quem me manteve viva, de certa forma?

— Sim, foi e acho que ele gosta de você, Lim. Não me refiro ao gostar de amigos, se tivesse visto como ele a segurava nos braços, e desceu as escadas às pressas, depois fez questão de vir no banco de trás a segurando, além de toda a sua aflição. Aquilo tudo eram sentimentos dele por você!

“*Nem te conto mãe, eu meio que já sei!*” Mudo de assunto, não quero ter essa conversa agora, nem tão cedo.

— Cadê o papai? — Ao lembrar do meu bom e amoroso pai, sinto um aperto no meu peito, imaginando como ele ficaria se algo mais sério me tivesse acontecido.

— Consegui que ele fosse para casa um pouco mais cedo, ele não tem dormido nada esses últimos dias, não sabíamos que você iria acordar, se quiser posso ligar para que ele venha.

— Não precisa, mãe, deixe-o descansar. Só estou com saudades e meu corpo, por mais que tenha dormido uma semana inteira, ainda está com sono, acho que vou dormir mais um pouco. — Estou me tornado uma inútil, dormi por uma semana e ainda assim estou morta de cansaço!

— Isso mesmo, descanse, vou ficar aqui com você. — Beija meu rosto e senta na cadeira ao lado com um livro nas mãos.

— Amo você, mãe! — Digo já bocejando.

— Também amo você, Lim, muito! — É o que escuto antes de cair em um sono tranquilo.

Capítulo Treze

Helida 🧡

Não vejo a hora de aproveitar cada cantinho da minha casa. Tudo que achamos sem graça e desnecessário no nosso dia a dia, passa a ter um valor superestimado quando nos vemos longe. É bem como me sinto agora.

Estar em casa depois de uma semana naquele lugar horrível, o HCA, Hospital Caio Albuquerque, assim nomeado em homenagem ao avô do Caio. — Sim ele herdou o nome do avô. — Não acho que conseguiria ficar ali por muito tempo.

Não é à toa que decidi, pelo bem da minha sanidade mental, parar com os plantões por lá, há quase seis anos, preferindo ir até a casa dos pacientes ou atendendo no consultório, mesmo que fora de hora. Que só foi possível graças a grande amizade do meu pai com o diretor do hospital, já que ele ainda, mesmo que esporadicamente, atende lá.

— Como se sente de volta ao lar, Lim? — Lar, doce lar! É bom finalmente sentir o aroma familiar do meu quarto.

— Maravilhosamente bem, Gia, você não faz ideia do que foi estar naquele lugar novamente. — Tremo só de pensar.

— Eu faço sim, esqueceu que estive lá e vi todas as suas tentativas frustradas, querendo fugir do hospital de qualquer jeito? — Balanço a cabeça ao lembrar da cara de susto de Ethan, ao me ver pronta para sair dali no meio da noite, um dia após ter acordado, não controlo e começo a rir.

— Se o Ethan, não aparece naquele dia eu teria conseguido escapar. Depois daquilo, fiquei constantemente sendo vigiada como uma criança de castigo, que absurdo!

Ela cai na risada, como esperado, a acompanho, tenho sentido essa vontade louca de sorrir por tudo.

— Que bom que vocês estavam lá comigo, ainda é muito difícil ficar ali, acho que nunca vai mudar a sensação de perda que aquele lugar traz.

Confesso, enquanto aquela tão familiar dor começa a esgueirar-se pelo meu peito, junto com as lembranças das piores três semanas da minha vida, quando o tempo poderia ter parado e o mundo inteiro desabar, que nada seria pior, já que, eu estava destruída.

— Ei, volta aqui, Lim, pare de pensar nisso! — Tomo um susto ao ser trazida de volta dos meus devaneios.

— Desculpa, me distrai um pouco. — Tento parecer despreocupada, mas, ela me conhece bem.

— Sim sei, não vá por esse caminho, Lim, sei quando você está sofrendo, porém, não vi esse rostinho triste e choroso, quase nenhuma vez durante a última semana, mesmo estando no HCA e sei que a falta da tristeza tem nome e sobrenome, Ethan Scott! Vamos lá, meu bem, admita, você gosta dele! — Reviro os olhos para ela, fazendo-me de desentendida.

— TODO MUNDO GOSTA DELE, GIA! — Dou de ombros, mas, no fundo, estou um pouco incomodada por todos, ou todas, realmente gostarem dele.

— Sei, não venha se fazer de boba, você sabe o que quis dizer! — Como falei, é impossível esconder algo dela por muito tempo, só não sei realmente o que sinto por ele, no entanto, quando penso em negar que ele me atrai é quase sufocante, então, decido por uma meia verdade.

— Tudo bem, você ganhou, gosto dele, mas não devo, nem posso, nunca!

— Como assim, não pode e não deve? Pode sim, deve sim e vai!

Ela está quase explodindo, com o rosto vermelho de irritação e eu me preparo para os estragos que a sua explosão trará.

— Já chega, Lim. Não vou deixar você ficar aí, parada, enquanto um cara maravilhoso como o Ethan passa por sua vida e vai embora sem você ao menos tentar. Não faça isso com você, também não seria justo com ele, porque qualquer imbecil vê como o cara está louco, perdido de amores por ti.

“Será possível mesmo que ele me ame?”

A resposta não me vem, lembro dos sonhos que tive enquanto ainda

estava inconsciente, de como me olhou com tanto carinho quando acordei, como ficou comigo quase todo tempo nessa semana, mesmo assim.

— Gia, você sabe porque não posso, não vou voltar atrás no juramento que fiz.

Lembro-me de quando estava diante do túmulo do meu marido recém falecido e ali fiz a promessa de nunca mais me envolver com alguém, que seria fiel a ele e ao nosso amor. Caio e eu vivemos apenas seis meses de felicidade depois que casamos, nem ao seu enterro pude comparecer, por estar ainda hospitalizada,

— Lim, você prometeu para quem? Bem, para o Caio que não foi, ele nunca deixaria você fazer uma promessa absurda dessas, meu amigo era generoso o bastante para querê-la feliz depois de tanto sofrimento! — Respira fundo antes de prosseguir. — Não era o que ele queria, definitivamente não era, ele me pediu para não deixar você sumir, me fez prometer que a ajudaria a voltar a ser feliz, fazer seu brilho ressurgir, ele sabia que sozinha, você não conseguiria recomeçar.

Acho que o mundo parou e voltou a rodar logo em seguida, porque nada faz mais sentido, tudo gira a minha volta, meus pés perdem o equilíbrio e me vejo indo de encontro ao chão, não caindo porque Gia me segura e me guia até a cama. Mas como assim? Por que ela nunca me disse nada?

— Gia, quando isso aconteceu? Você nunca me falou que tinha conversado com ele, pensei que apenas os seus pais o tinham visto naquele dia! — Nesse momento, creio eu que estou tendo uma experiência extracorpórea, minha mente se recusando a acreditar que ele estivesse lúcido a ponto de pensar com clareza e pedir por mim.

— Lim, você não suportava, por muito tempo, sequer ouvir falar sobre o que aconteceu, como eu poderia? Pensei que dando um tempo a você, seria mais fácil, te dei tempo até demais, você se fechou na sua bolha própria de sofrimento, não era sempre que nos deixava infiltrar para chegarmos até você.

Me olha entristecida, começo a me sentir mal por tê-la feito passar tanta coisa.

Além disso, não tinha porque eu tentar fazer você enxergar o que estava perdendo, não existia nada a se perder de verdade, mas agora tem, hoje existe um cara do outro lado daquela cerca viva, que irá praticamente se jogar aos seus pés e adorá-la se assim você quiser.

Olho para a varanda em frente à minha, imaginando o que ele poderia estar fazendo agora.

—Sabe que estou falando a verdade, Caio vivia e respirava por você, quando a viu desfalecida, não permitiu que o socorressem, porque era seu bem-estar que estava em risco. Estive negligenciando minha promessa por quase seis anos, não vou mais fazer isso, se bem que, você voltou a tentar viver mesmo sem minha ajuda.

Ela sorri constrangida, é típico dela ficar chateada por “falhar” em algo.

— Precisa prestar atenção em você mesma quando Ethan está por perto, é lindo o brilho no seu olhar, não vou deixar que você volte a parecer um zumbi. Antes você era só um corpo moribundo sem vida, falando só quando era questionada, sempre com respostas genéricas, já chega! Lim, não vou mais suportar ver minha melhor amiga, quase irmã, se apagar novamente, se aniquilando emocionalmente por uma promessa feita para alguém que nunca a aceitaria e você sabe disso!

Acho que esse foi o maior discurso que a Gia já fez na vida, fecho minha boca que parou aberta e as lágrimas rolam soltas pelo meu rosto. Ver a forma como os outros me enxergavam por tanto tempo é doloroso, sempre achei que estava conseguindo passar despercebida, que minha falta de vontade de viver era um segredo só meu.

— Lim, não chore, por favor, eu não queria fazê-la chorar, durante os últimos cinco anos, eu a vi apenas fazer isso, chorar e se fechar ainda mais.
— Tento articular alguma coisa, respiro fundo para tentar me acalmar.

— Gia, me desculpe, pensei que estava conseguindo fazer com que meu sofrimento se resumisse somente a mim, não pensei que estava atingindo aqueles que amo, me desculpe, eu não... — As lágrimas vêm ainda mais fortes.

— Como não sofreríamos, com você tão infeliz, a amamos, todos

ficamos bem quando quem amamos também está, porque somos uma família e família sofre e se alegra junto, então chega de sofrimento, certo? Vamos colocar uma roupa legal, isto é, se você tiver alguma, porque faz tanto tempo que não saímos às compras, que duvido muito que você tenha alguma coisa bacana.

Seu olhar ganha aquele brilho de malícia, sei que algo está sendo arquitetado na sua mente.

— Vamos aproveitar o resto do nosso domingo, daqui a pouco o Sr. bonito e gostoso chega e vamos tomar sorvete como nos velhos tempos. Talvez assim, você crie coragem e diga para ele o que sente, pois estou cheia dos olhares apaixonados de vocês, está na hora de tomar uma atitude, seja forte, mulher! Ou eu mesma faço vocês se declararem e sabe que faço mesmo!

Ela hoje está com a corda toda, só me resta abraçá-la e agradecer a Deus por ela existir.

— Você não existe, minha pestinha! — Começamos a rir do seu apelido de infância e vamos vasculhar meu armário atrás de algo apresentável, como ela diz.

— Eu sabia, está na hora de fazer compras, suas roupas estão um pouquinho fora de moda, mas achei isso aqui. — Levanta uma camisa leve de algodão amarela e um short jeans azul, que nem sei se ainda me serve. Segundo ela, valorizará minhas pernas e reviro os olhos para esse comentário final.

No fim tive que usar o que ela escolheu e não me deixou só nem sequer um minuto, nem quando estava no banho, dizendo ela, para garantir que não trocava alguma coisa.

— Filha, você já está pronta? Uau, você está linda meu amor! — Minha mãe é minha fã incondicional.

— Ethan já está aqui? — Pergunta Gia, toda empolgada, mesmo reclamando das minhas roupas fora de moda ela mesma escolheu para eu vestir, dizendo: “*dá pro gasto*”. Não dá para acreditar que estou prestes a sair com Gia e Ethan, isso vai ser muita coisa, ela com certeza vai me fazer falar o

que não tenho certeza se devo.

— Fala que já desço, mãe, obrigada!

— Tudo bem, só não demora muito, é falta de educação. — Gia sorri e brinca de Barbie 3D comigo, por sorte, não exagera na maquiagem, ela quando quer, sabe ser adorável.

— Ai meu Deus, ele está pagável, Lim! — Suspiro internamente.

Parece que tenho milhares de borboletas no estômago, respiro fundo e desço junto com a Gia. Como na outra noite, ele está parado junto a escada, com aquele sorriso radiante e encantador.

— Helida, você está, linda. — Ele me chamou de linda, tento fazer piada para não corar, ainda mais.

— Pálida é o mais apropriado! — Olha-me dos pés à cabeça, com o seu já bastante conhecido olhar de você-precisa-se-ver-melhor.

— Ainda assim, está linda! — Pronto corei, abaixo os olhos, constrangida. — Problema resolvido, já não está mais pálida, vamos?

Como vou sair agora? Por sorte, dessa vez, tenho a Gia para me socorrer ou me fazer passar por mais constrangimentos.

— Então vamos, Laura querida, devemos demorar! — Gia fala e sai me empurrando porta afora.

— Divirtam-se e juízo, isso serve para os três! — Como se alguma vez eu tivesse aprontado alguma coisa, nos meus quase vinte e cinco anos.

— Sim senhora! — Gia lança uma piscadela cúmplice para minha mãe, que sorri em resposta, ai-ai-ai. O que essas duas estão aprontando? Seja o que for, deve ser algo para minha felicidade, tenho certeza, mas mantereí um pé atrás, por precaução.

Capítulo Quatorze

Helida 🍷

Se sair com Ethan é divertido e me vi rindo à toa, não fazia ideia que colocando a Gia na equação, a coisa ficaria hilária, um verdadeiro teste para minha timidez. Ela fazendo diversas confissões, eu deveria estar tranquila se era ela estivesse confessando coisas dela, mas não, ela resolve confessar sobre mim.

Tudo parte do seu plano mirabolante, tentando fazer com que me abra com o Ethan. Gia só esqueceu que costumo manter o que se passa na minha cabeça apenas para mim, na maioria das vezes, então seguro a língua e a olho com ar de superioridade, toda vez que ela insinua algo, finjo que não é comigo a conversa.

Quando ela enfim desistiu, ficou mais fácil, se tornando um programa divertido à beça. Eles são uns palhaços e me vejo rindo constantemente, feito uma adolescente em meio aos amigos no fim de tarde, acho que nunca ri tanto na vida, em meio a várias rodadas de sorvete, que terei que expulsar do meu organismo assim que puder voltar a correr. Então, ficamos andando pelo calçadão da praia e quando a noite caiu, lá estávamos nós, mais uma vez parados ao lado da barraca de cachorro-quente.

— Devo admitir, é provável que nunca me canse dessa iguaria, é maravilhosa! Vocês não acham que é o melhor de todos? — Ethan diz depois do seu terceiro ou quarto. Olho para ele com a minha melhor cara de superioridade, levanto uma sobrancelha questionando.

— Caso não lembre, Dr. Scott, fui eu quem o apresentou a essa maravilha da culinária, então, certamente a considero uma das melhores que existe!

— E não esqueça que fui eu quem a trouxe aqui, Srta. Morales! — Gia sempre dá um jeito de ficar por cima em todas as situações, reviro os olhos para ela, que retribui mostrando a língua para mim, feito uma criança sapeca.

— Como eu poderia me esquecer de tal fato, Srta. Hales? Foi justamente naquela ocasião em que me desafiou e a venci! Rá-rá-rá. — Rio com a lembrança de quando tínhamos apenas doze anos, foi a primeira vez que saí com amigos, minha timidez não me permitia socializar muito.

— Nunca entendi como alguém tão magrela como você era, ou melhor é, pôde comer tanto cachorro-quente de uma vez, sem passar mal! — Meu sorriso alarga ainda mais com a cara de descrença que ela faz, lembro como passei mal aquele dia depois que cheguei em casa, foi uma noite e tanto, fato que nunca revelei a ela, caso contrário minha fama de campeã teria acabado antes mesmo de começar.

— Quer dizer que a Srta. gosta de um bom desafio? — Ethan me olha com um olhar intrigado, como se tivesse nascido um terceiro olho na minha testa.

Vejo seu entusiasmo e algo a mais, que não consigo identificar o que é, crescendo.

— Só quando criança, hoje mal consigo comer dois desses, mas na época, não tinha quem me vencesse! — Falo toda orgulhosa da minha pequena proeza.

— Isso é uma coisa lastimável, estava pretendendo desafiá-la qualquer dia desses.

Bem, se ele quer me desafiar em um futuro próximo, significa que pretende que continuemos a sair juntos, só não sei ainda se isso é bom ou ruim, não me decidi sobre para qual lado essa relação deve pender, mas quando tento imaginá-lo saindo com outra pessoa e se divertindo, me causa náuseas.

— Não! — Falo respondendo aos meus pensamentos, olho para cima e noto que falei em voz alta, tento rapidamente me recompor. — Não, aceito mais desafios!

Gia ri da minha forma de falar e suspiro aliviada. Acho que me safei dessa! Ethan, no entanto, olha para mim fazendo uma careta com beicinho, o que o deixa ainda mais adorável, fico feito uma imbecil ao encará-lo, até que Gia me traz de volta ao presente.

— Hã, gente, sei que está tudo ótimo, muito divertido e tal, porém, prometi visitar minha mãe essa noite e você a conhece, Lim! Se eu não comparecer ela vai pirar e ninguém quer ver minha mãe pirada, tenho certeza disso, poderiam me dar uma carona?

Olho para ela tentando ver se está planejando algo, aparentemente não. Conheço bem Adélia Hales, ela enlouquece por tudo, certa vez mandou a polícia procurar por Gia, sendo que ela estava na minha casa e não tinha ligado para avisar que faltaria ao jantar de sei lá o quê, que a mãe tinha inventado.

— Tudo bem, a gente já está mesmo terminando! — Ethan responde por mim.

Pouco minutos depois, terminamos e seguimos para o estacionamento, perto do calçadão, a casa da mãe da Gia fica um pouco afastada da cidade, na verdade está mais para chácara, do que casa, ida e vinda são quase uma hora de carro, mas fazer o quê, não a deixaria na mão, nunca.

A ida está sendo moleza, ela não para de fazer piada e dou muitas risadas, mais do que enquanto comíamos, como isso é possível? Não sei. Já a volta promete ser um pouco embaraçosa, principalmente com o que Gia sussurra ao meu ouvido, quando ao sair do carro.

— Conte para ele como se sente, não perca a oportunidade de ser feliz minha amiga, se não o fizer, amanhã mesmo conto eu! — Ela segue para a entrada da casa e entra, me deixando com a cabeça a mil por hora.

— A Gianna é uma figura! Desculpe, não queria assustá-la. — Ethan fala sorrindo, seu comentário depois de tanto tempo em silêncio me faz pular no banco. De alguma forma suas palavras chegam em mim com um duplo sentido, se ele não quer me assustar, ou avançar o sinal depois da amizade, estou entrando em curto circuito mental, tudo que ele falar para mim, será de duplo sentido, o que não é justo. O que farei?

— Tudo bem, eu que estava distraída.

Respiro fundo e decido seguir o conselho de Gia. Esperar por ela, não será menos difícil e pensando sobre a nossa conversa de hoje cedo, sei que Caio era generoso o bastante para querer a minha felicidade.

— Ethan, você se importaria se não fôssemos diretamente para casa? Gostaria de passar em um lugar antes! — Pergunto olhando para o lado de fora da janela.

— Claro! É só dizer onde! — Responde com um sorriso, ele está sempre disposto, isso é incrível, mais um ponto na lista de prós e contras do Sr. Perfeito.

— Quero ir à praia, não naquele lado que estávamos, perto das barracas, para o lado oposto, onde tem as rochas, faz algum tempo que não vou lá. — Põe tempo nisso, mais de cinco anos e meio.

— Ok! — Não me pergunta o porquê, o que é bom, sorrio agradecida por ele ser ótimo em tudo e não ser do tipo que nos enche de perguntas.



Andamos na areia em direção as rochas, eu um pouco a sua frente, depois de alguns passos na areia percebo o quanto senti falta desse lugar.

— Você poderia me esperar aqui, preciso só de alguns minutos sozinha, está bem? — Avisto o lugar entre duas rochas grandes que sempre me serviram de refúgio, preciso ficar só por alguns minutos.

— Claro! Tudo bem, vai lá, te espero aqui! — Ele me olha incerto, mas faz o que pedi e não se move, senta e fica admirando as ondas chegarem cada vez mais próximo a ele na areia.

Ando mais cem metros, até chegar onde quero, sento entre as rochas e começo a pensar em quando costumava vir aqui com uma companhia diferente e igual ao Ethan essa noite, Caio me dava o espaço que precisava quando tinha que tomar decisões difíceis, como na noite em que me pediu em casamento. Mas não posso fazer comparação entre eles, não se pretendo me envolver com Ethan, que nem sabe da confusão de sentimentos que me afligem nesse momento, ou sobre essa vontade inesperada que agora tenho de me deixar levar por essa atração que sinto por ele, em contraste com o receio e culpa de estar quebrando a promessa feita diante do túmulo do meu marido, quase seis anos atrás.

Minha mente dá mil voltas e não consegui ir a lugar algum, pensei que seria fácil, chegar aqui e falar para ele como me sinto, mas deixando claro que não precisa me corresponder nessa confusão de sentimentos que minha cabeça se tornou, que eu não sei se poderia amá-lo e dar a ele o que merece ter, que eu posso vir a ser apenas um estorvo para ele no futuro.

Estou aqui sentada há um bom tempo, sem chegar à conclusão nenhuma, estou completamente perdida nos meus pensamentos, penso sobre o que a Gia me falou mais cedo e sei que é verdade. O Caio era generoso o bastante para querer que eu refizesse minha vida, ele também não iria me querer triste, como eu também não poderia desejar isso a ele.

“Ah Caio, ainda amo você, amo muito, vou amar para sempre e acho que tenho medo de amar alguém novamente, para sofrer a perda de novo, mas Ethan parece ser tão, bom, ele é maravilhoso.

Sei bem o que você diria se estivesse aqui, sim eu o conheci o bastante para saber que diria sua frase favorita em uma situação como essa: a vida é feita de tudo um pouco, não podemos ser felizes ou infelizes para sempre, a balança não fica sempre pendendo para um lado só, ela vai virar para outro a qualquer momento!”

Sorrio ao lembrar das tantas vezes que ele me disse essas mesmas palavras e depois me beijava para demonstrar como sua teoria estava certa.

E é com a lembrança dessas palavras que resolvo ser corajosa e tentar ser feliz por nós dois. Sei que era isso que também iria querer que ele fizesse se fosse ao contrário, eu devo isso a ele, a Ethan e a mim também.

— Lim? Está tudo bem? — A voz de Ethan parece insegura, muito provável por ter vindo atrás de mim, mesmo que eu tenha pedido que não.

— Estou, hã, está tudo bem! — Minha voz sai um pouco tremida, devido as lágrimas que começaram a cair sem que percebesse.

Limpo meu rosto com as costas das mãos, um tanto desajeitada, odeio que me vejam chorar, isso deixa meu lado frágil exposto. Deveria ter imaginado que ele viria atrás de mim, já parece saber o momento certo para tudo, o Sr. Perfeito!

É chegada a hora, não posso mais negar o que sinto por ele, só de

pensar em dizer que não, que ele não passa de um simples amigo, minha pele dói.

— Desculpe, sei que pedi para ficar sozinha, mas, fiquei preocupado, você não voltava, e não acho uma boa ideia você andando na praia sozinha a noite! Pensei que você poderia estar sentindo alguma coisa. Hei, por que você está chorando? — Pelo jeito, não sou a única que está nervosa, sua voz vai ficando baixa e entrecortada.

Me olha com olhos arregalados, é até um pouco cômico vê-lo tão agoniado, nem parece ser o Ethan que conheci, tão confiante, tenho que rir apesar do meu nervosismo,

— Não é nada, sério, está tudo bem! — Tranquilizo-o com um sorriso fraco se espalhando pelo meu rosto.

— Então, por que está chorando?

— Porque. Algumas lembranças são mais dolorosas que outras. Aí você se dá conta que alguns fechamentos são necessários. É inevitável chorar sem que perceba, mas esqueça, logo vai melhorar. Sente aqui e me fale de você, Dr. Scott.

Dou uma tapinha ao meu lado na areia, ele senta na mesma posição que eu, com o queixo nos joelhos e os braços ao redor das pernas olhando para mim, enquanto eu olho o mar a frente.

— Eu? Não tem muito sobre mim que você já não saiba! — Ri com desdém, sempre que abordo assuntos sobre ele, desconversa, como se estivesse escondendo algo.

— Sim, você, diga-me o que está achando da cidade depois que o apresentei aos lugares que são “importantes”, aposto que já tem várias candidatas a futura Sra. Scott, esperando para conhecê-lo melhor, não é?

Pergunto sem jeito e se pudesse me ver, juraria que estou vermelha, mas dessa vez de raiva em pensar nele com outras.

— Quem, eu? Não, não tem ninguém que tenha chamado minha atenção.

Viro na sua direção e ele continua, só que agora olhando dentro dos

meus olhos.

— Melhor, tem sim uma nova pessoa na minha vida, uma pessoa muito especial, bonita, meiga...

— Espero que vocês possam ser muito felizes! — Digo ao interrompê-lo, levanto quebrando nosso contato visual, me dói saber que ele tem alguém em mente, penso que se ele gostasse de mim, já teria dito, não é mesmo?

— Eu gostaria muito de ser feliz com ela! — Fica em pé e me encara de frente. — Mas, ela não me quer, acho que não tenho sorte nessa coisa de amor, sabe?

Sorri sem graça e isso me confunde, então lembro, ele tem estado comigo nos últimos dias, talvez eu esteja atrapalhando a vida dele, quero me bater por ainda ser uma empata felicidade alheia.

— Deve ser porque você tem passado todo tempo livre comigo. — Dou-lhe as costas, não querendo que veja a tristeza nos meus olhos. — Nenhuma garota se sentiria bem com essa situação, não desista dela ainda, talvez se passarmos um tempo sem nos ver...

— Segura no meu braço e me faz olhá-lo, há exasperação no seu olhar, então joga as mãos para o alto, o que me surpreende. Não é muito do feitio dele perder a paciência, se bem que, nunca o vi perdê-la.

Ele se aproxima e fica parado na minha frente nivela nossos olhares, segura meu rosto nas mãos e sinto aquela corrente elétrica passar por mim, onde as pontas dos seus dedos me tocam e vibram por todo o meu corpo.

— Não é isso, Lim, será possível que você ainda não percebeu?

Chega mais perto, sua boca tão próxima da minha que posso sentir sua respiração nos meus lábios, que formigam ansiando por senti-los.

— É você, é de você que gosto, é você quem eu quero, é você a pessoa que não me quer!

Me solta e passa as mãos pelos cabelos, impaciente, antes de respirar e falar mais calmo.

— É de você que estou falando, Helida, não é possível que não tenha notado que me apaixonei!

Olho para ele de olhos arregalados, estou meio confusa, muitas coisas se passam na minha cabeça, ele sorrindo para mim, seu olhar concentrado em meu rosto quando achava que eu não estava vendo, a forma como me olha agora, aberto, limpo e sincero.

— Você, me quer? Quanto? — Que pergunta imbecil, ela sai pelos meus lábios, antes que possa pará-la.

— Muito! Mais que a minha próxima respiração ou minha necessidade de água e comida, mas eu bem sei que você não me quer. — Seu olhar desolado faz algo acender dentro de mim, uma necessidade de amenizar sua dor e mostrar que é sim, muito desejado por mim.

Nesse momento a intensidade do que sinto por esse homem meigo, gentil e altruísta, que tem sido capaz de reprimir o que sente para não me causar dor emocional, vem à tona e estou nos seus braços em milésimos de segundo, seus lábios nos meus, sentindo pela primeira vez o mais doce dos néctares.

“Doce virgem, que lábios?” Carnudos e macios na quantidade certa, seus dedos percorrem minhas costas, trazendo-me para ainda mais perto, minhas mãos ansiosas vão para os seus cabelos puxando-o para mim, minhas pernas bambeiam e caímos de joelhos juntos, em segundos já não estou mais nessa posição, sim sentada sobre ele, uma perna de cada lado do seu corpo, sentindo-o completamente, gemo em sua boca e sua língua invade a minha, explorando, possuindo, estamos cada vez mais perto um do outro e ali me rendo totalmente à paixão que sinto por ele, sim, é isso mesmo, estou apaixonada por ele.

Beijo-o com uma fome descontrolada, como se não tivéssemos mais tempo, ele entende minha ânsia e me beija com o mesmo desespero de volta. Estamos ambos sem fôlego quando nossos lábios se separam, foi um beijo longo e delicioso, sinto o efeito dele no meu corpo todo, até regiões que há muito estavam adormecidas, Ethan me olha com um olhar brilhante e um pouco receoso.

— Lim, me desculpe por isso, eu não queria, não exatamente o beijo, esse eu quero há muito tempo, eu não queria que pensasse...

— Não se desculpe, fui eu quem o atacou e se quer saber, também gosto muito de você, porém, preciso de um pouco mais de tempo, para estar com você por inteiro, sem medo ou receios, se puder ter um pouco de paciência comigo, vou fazer de tudo para fazê-lo feliz, eu prometo.

Faço minha promessa olhando nos seus olhos. Pois, não é certo que eu consiga ser o suficiente para ele, mas vou tentar, ele vale a tentativa.

— O tempo que você quiser, *baby*, vou esperar pacientemente, eu prometo!

Beija-me novamente e é como se nossos lábios fossem moldados um para o outro, uma junção perfeita.

Ficamos olhando as ondas quebrarem por mais um tempo, eu sentada entre suas pernas, enquanto ele me abraça por trás, de vez em quando sinto seus lábios tocando minha têmpora, cabelo, bochecha ou pescoço, enquanto conversamos, sobre coisas aleatórias como trabalho, família e até mesmo passeios futuros que podemos fazer e também nos beijamos mais e mais vezes.

— Vamos, já está tarde, meus pais devem estar preocupados, acabei de sair do hospital, sabe como é! — Peço, mesmo não querendo sair do interior do seu abraço.

— É verdade, tem que descansar um pouco mais, mas antes eu quero mais um beijo, ainda não acredito que tenho você aqui, comigo. — Me abraça apertado quando ficamos em pé.

— Quantos você quiser! — Sei bem o que ele quer dizer, é muito bom senti-lo nos meus braços também, me sentir amada, sentir que estou inteira, espero que essa sensação dure para sempre!

Depois de tanto tempo me sentindo vazia e quebrada, chega a ser estranho respirar naturalmente, sem haver falta de ar nos meus pulmões, simplesmente deixando fluir através do meu corpo, uma sensação nova, sem aquela dor que há tempos era minha companheira inseparável, mas ainda ficarei alerta para a qualquer sinal de que ela possa voltar, eu esteja pronta.

É com grande surpresa que depois de chegar em casa, me encontro cantarolando baixinho enquanto tomo um copo d'água na cozinha, ainda com

o gosto dos lábios do Ethan na minha boca depois do nosso beijo, ou beijos de boa noite antes que eu entrasse.

— Boa noite, filha! — Pulo de susto, estava distraída na minha bolha de felicidade, meu pai pega também um copo com água e vem me abraçar.

— Boa noite, pai! — Ele me aperta junto dele por alguns minutos, igual quando eu era criança, devolvo seu abraço, sentindo ainda um leve resquício do cheiro dos produtos hospitalares que fica impregnado na nossa pele, depois de um plantão de vinte e quatro horas.

— Como é bom vê-la sorrir, ficas cada vez mais linda quando está feliz, faça isso mais vezes, sim? Tenha um boa noite, minha princesa! — Me dá um beijo na testa e me solta.

— Obrigada, papai! Bons sonhos também!

— Com você feliz assim? Com certeza terei, filha!

Fico olhando meu pai subir as escadas, definitivamente alguma coisa mudou na atmosfera da minha casa, tudo graças ao Sr. Bonitão que mora ao lado, subo as escadas e quando deito percebo o quanto meus pais têm sofrido comigo. Vejo que é por eles também que tenho que me esforçar para ser feliz, quero que todos aqueles que amo, estejam bem e felizes.

Ethan 7

— Olá, Coisa Linda! —Saúdo minha mãe assim que atendo a chamada.

— Alguém está mais feliz essa noite? Sua garota saiu do hospital, e?

Esconder algo da minha mãe é uma tarefa quase impossível, desde que abri o jogo, forçadamente com ela, sobre Lim, tem estado em êxtase completo e como toda boa mãe, na torcida para que tudo dê certo.

— E, nada! Mãe, sabe que ser alcoviteira, não é o seu forte, faz um excelente trabalho como designer de interiores, atenha-se a essa profissão, sim?

A sua risada vem fácil, desde que soube de Lim, sua alegria tem sido constante, mesmo eu tendo dito que seria um amor impossível, ela não se deixou convencer e mais uma vez, tinha toda razão.

— Rapazinho, não me tome por boba, conheço o meu filho, sei quando as coisas lhe acontecem e com certeza algo aconteceu, não aconteceu?

É impossível não sorrir, minha mão livre vai aos meus lábios involuntariamente, ainda sentindo a maciez dos lábios da minha menina, lembrando da sensação de tê-la junto a mim, seu corpo me levando ao ponto de loucura, onde tive que reprimir meus instintos mais primitivos, que queriam dominá-la e marcá-la como minha, só minha.

— Você é impossível, Dona Alice, sim, eu a beijei, ou ela me beijou, e, vamos tentar uma relação, devagar, uma vez que estamos reaprendendo essa coisa de relacionamento, somos dois inexperientes no assunto.

— Oh, meu Deus! Henry, larga esse pote de sorvete e venha aqui, nosso filho está namorando! — É preciso afastar o telefone do ouvido, seu grito quase me ensurdece.

— Mãe, pare com isso, eu não estou namorando”

— Filho, está feliz com ela? — Meu pai sempre com a pergunta certa.

— Sim, papai, estou muito feliz, mas não estamos namorando, até porque namoro é coisa atemporal, acho que, vou tê-la na minha vida para sempre.

— Ele está apaixonado, Henry! — Ouço minha mãe dizer ao fundo.

— Pai, segura as rédeas da minha tão empolgada mãe, não haverá casamento tão cedo! — Tenho certeza que Dona Alice já estava fazendo planos.

— Segurarei, mas se for ter casamento, quero netos, preciso curtir minha velhice como manda o figurino.

Sorrio com a imagem que se infiltra na minha mente, um filho meu e de Lim, com aqueles olhos de cor incerta, que a deixa ainda mais bonita.

— Veremos pai, veremos, agora, preciso dormir, tenho 48 horas de plantão a enfrentar nos próximos dias.

— Fique bem, filho! — Sua voz assume a doçura guardada apenas para a família.

— Já estou bem, pai, obrigado por tudo!

— Ei! Não o agradeça, quem o convenceu a ir para Bom Sossego, fui eu! — Meu riso imita o do meu pai ao nos deparamos com o ciúme típico da minha mãe.

— Obrigado a você também, Coisa Linda, por mais coisas do que posso pensar, eu te amo!

— Também amo você, rapazinho! Boa noite!

Desligo e me deito satisfeito. Com a janela aberta, é possível ver o quarto da minha garota, não há luzes acessas, no entanto, posso sentir sua presença comigo enquanto adormeço.

Capítulo Quinze

Helida 🐾

É engraçado como a vida tem um jeito estranho de acontecer. Até pouco tempo atrás, meus dias passavam como se as horas fossem infinitas quando eu estava em casa e um borrão se estivesse no trabalho.

Hoje elas passam voando quando estou em casa e muito lentamente se estou no trabalhando, e a minha vida? Minha vida não poderia estar melhor, ela está seguindo em um padrão simples e perfeito, bem, perfeito pra mim.

Eu que já havia perdido a esperança de que algo bom pudesse me acontecer. Agora acordo todos os dias com um sorriso largo rosto e quando tomo café com meus pais posso ver que estão realmente felizes, como também estou, não como um dia fui, é um tipo novo de felicidade, mais como a calma depois de uma intensa tempestade, é ótimo ver seus olhos brilharem toda vez que sorrio, e tenho sorrido muito, pois tenho a perfeição em pessoa ao meu lado, que é meu incrível namorado.

Só de pensar em Ethan sinto mil borboletas soltas no estômago, meu lindo namorado —sei que já disse isso, mas ele é lindo mesmo— que todos os dias me leva ao trabalho, me convida para almoçar, além dos passeios, resumindo, ele está sempre comigo.

Posso dizer que minha vida, enfim, entrou num eixo quase perfeito, sem muito espaço para lembranças tristes, não que eu tenha esquecido o motivo do meu sofrimento, acho que isso nunca acontecerá, é só que, Ethan, ele tem uma áurea de felicidade tão clara e cheia de luz a sua volta, que não me permite voltar àquela tristeza ou ao mundo cinza que me cercava, é como se fosse o analgésico para a dor em meu peito.

Onde um dia estive escuro, hoje há um pouco de luz, na verdade, luz mais que suficiente para me dar a força que preciso para seguir em frente, sem hesitar.

Gianna como de costume, está comigo pro que der e vier, como me prometeu durante a cerimônia da nossa formatura no ensino médio há

tempos. Uma das certezas que tenho na vida, é a sua amizade, amo o fato dela não esconder como está contente com a minha felicidade, apesar de há quase três meses ficar me perturbando por um assunto um tanto pessoal, que não quero pensar muito, pois sempre que o faço, a insegurança toma conta de mim e me faz sentir uma péssima namorada, para alguém tão maravilhoso como Ethan.

— E aí, para onde vocês vão essa noite? Desde já digo que vou junto e como sua melhor amiga eu não aceito que me digam que não vão a nenhum lugar. — Gia pergunta logo que o último paciente sai do meu consultório.

Olho para ela que me mostra aquela cara de cachorrinho molhado no meio da chuva e é impossível não me render, como também é impossível não me divertir e aceitar o que ela quiser, uma vez que sempre foi uma criatura muito persuasiva. Inúmeras vezes eu já me vi perdida no meio de tanta falação.

— Gia, eu realmente não sei se vamos sair, isso não é nenhuma desculpa, eu juro, pode ser que o Ethan esteja cansado, afinal é sexta e essa semana foi longa, ele teve plantão três noites seguidas. — Ela me devolve aquele olhar de fala sério!

— Lim, sinceramente amiga, como se o Dr. Bonitão não aceitasse sempre qualquer programa que você proponha. A não ser, é claro, que vocês tenham planos diferentes, tipo fazer um programa a dois, quem sabe? — Revira os olhos e não posso negar que nisso ela tem razão, ele é perfeito!

As aspas em seu tom de voz me fazem perder o fio da meada e me perco em pensamentos, um tanto agradáveis.

Quando comecei a me relacionar com Ethan, sabia que ele me entenderia e respeitaria o meu tempo, porém, apesar de já estarmos juntos há quase três meses, ele nunca ultrapassou nenhum limite, mesmo que eu jamais o tenha deixado claro, como também não entrei na casa dele, ainda, receio de que ela traga de volta todo sofrimento que tenho evitado lembrar e isso me preocupa, sempre fico me perguntando se ele está realmente feliz como as coisas estão, ou se para ele o que importa é meu bem estar, mas o quero tão feliz quanto estou.

Gia estrala os dedos na frente do meu rosto várias vezes.

— Você ainda está nesse mundo? Alô, terra chamando Lim! — Não percebi que fiquei perdida nos meus pensamentos por tanto tempo.

— Desculpe! O que você estava falando mesmo?

— Disse que está mais do que na hora de você enfrentar mais um medo e deixar a coisa rolar, não é possível, que não sinta vontade de rasgar aquelas camisas de botões que ele usa e, você sabe o que fazer depois, não é?

Engraçado estar falando nisso, uma vez que a coisa não rola para ela, há muito tempo pelo que sei, mas não vou virar o jogo contra ela, não dessa vez, talvez em outra ocasião.

— Que bom saber que minha melhor amiga tem desejos sexuais pelo meu namorado! Mas você tem uma certa razão, não entendo o porquê ou como o Ethan me aguenta, acho que sou a pior namorada do mundo. — Fico séria, o que a faz rir sem parar. Suspiro derrotada.

— Oras, isso está mais do que claro pra mim, para você não? — Ela me olha e balanço a cabeça lentamente. — Que droga, Lim, ele te ama, ama muito, diga-se de passagem, por isso não vou tentar pegar aquele corpinho e fazer dele um bom pônei! Então, está na hora de você também ver que o ama da mesma forma e com isso, quero dizer, tirar quase seis anos de atraso, amiga!

Detesto quando ela está certa, essa é uma das ocasiões em que me olha com ar de: engula essa amiga! Estampado nos seus olhos.

— Gia, não é fácil, eu estou tentando arrumar coragem, eu juro, as vezes sinto vontade de perder o medo e o receio de que eu não serei boa nisso e deixar rolar como você diz, mas tenho tanto medo de não saber mais o que fazer, como fazer.

— Então não é por achar que estaria fazendo algo de errado? — Entendi o que quer dizer, não tenho mais dúvidas que viver e amar alguém é a melhor forma de honrar a memória de Caio, não apenas por ele, por mim também, Ethan tem me mostrando que mereço tentar ser feliz.

— O que? Não, você me fez enxergar como estava fazendo tudo

errado, ter alguém na minha vida, não significa esquecer o que vivi com Caio, pelo contrário, são emoções diferentes, mas e se ele se decepcionar comigo e me deixar? Não acho que eu conseguiria voltar para o estágio de antes dele na minha vida, ou se conseguiria ficar bem depois dele.

— Ei, calma, Lim, sei que o Ethan não... — Três batidas na porta fazem ela se calar e o meu coração entrar numa velocidade incontrolável de batimentos, depois parar por uma fração de segundos, quando escuto sua voz.

— Olá, senhoritas? Vocês já terminaram? — A pergunta é direcionada a nós duas, mas seus olhos estão focados apenas em mim.

Acho que nunca vou me acostumar com o jeito que ele me olha. Ele caminha até onde estou e segura minha mão direita fazendo pequenos círculos em cima dela, criando a nossa conexão mágica, onde tudo perde o foco e ficamos apenas nós dois em evidência.

— Já sim, estava agora mesmo perguntando a Lim se vamos sair hoje e para onde poderíamos ir.

Gia fala enquanto ainda procuro minha voz, a perdi no momento que ele me olhou e nossas mãos se tocaram.

— Estava pensando que poderíamos sair para dançar, assim não fico só vendo seus olhares apaixonados enquanto comem hot-dog, ou tomam sorvete, sabe, eu sinceramente me aposentarei desse cargo de vela, não consegui pegar nem mesmo um resfriado nos últimos dois meses e meio! — Ela parece irritada, mas no fundo sei que é sua forma de conseguir o que quer.

— Dançar? Pra mim parece bom, o você acha *baby*, eu, você e uma pista de dança? — Seus olhos piscam para mim com promessas um tanto libidinosas.

Penso nos nossos corpos se movendo no ritmo da música, suas mãos sobre o meu corpo e eu o sentindo excitar aos poucos, engulo seco para falar, no entanto, só consigo pensar na cena que ele acaba de evocar na minha mente.

— Dançar? Eu a rainha dos desengonçados? Claro, será lindo quando pisar no seu pé, lindinho, mas não esqueça que eu o avisei, então, terá que continuar me namorando e falando coisas bonitas, mesmo depois da minha

maior falta de habilidade no salão, certo? — Encontro minha voz finalmente, brinco com ele para que não perceba meu nervosismo com a possibilidade dele um dia me deixar, mas a perco assim que ele fala novamente.

— Tudo bem, por mim, isso não será problema, vou namorar a gata com dois pés esquerdos mais linda e inteligente que já conheci, se ficar comigo é tudo que você quiser para sua vida, linda, está ótimo, não poderia eu pedir aos céus, coisa melhor!

Como se para provar que Gia mais uma vez está certa, ele me deixa sem palavras, quando não encontro faço o que posso para demonstrar como me sinto, o beijo apaixonadamente, assim ele sentirá através dos meus lábios, todas as palavras que ainda não tive coragem de pôr para fora.



Às vezes é fácil me desligar do mundo, principalmente quando estou com os braços de Ethan me envolvendo de uma forma tão carinhosa, toda vez que seus lábios tocam minha pele, sinto como se fosse atingida por uma descarga elétrica, chego a ficar tonta com a intensidade das sensações que me consomem, tudo isso antes que seus lábios cheguem aos meus.

Como sempre ele começa a pequena tortura de beijos delicados que deixam um rastro de calor por minha testa e vai fazendo seu caminho, nariz, bochechas, queixo, para enfim acariciar os meus lábios, é nesse instante que saio de mim, meu autocontrole se perde com o sabor de sua boca, como se estivesse com uma fome incontável que apenas seus lábios pudessem aliviar.

Mas essa noite ele está diferente, quando começo a entrelaçar os braços ao redor de seu pescoço me rendendo ao beijo, esquecendo tudo, assim como Gia me aconselhou, esperando ansiosamente pelo momento em que ele me puxará para junto de si, fazendo nossos corpos ficarem juntos como um só, ao invés disso ele para, o que é muito estranho, geralmente sou eu quem se afasta, com medo de me perder em seus lábios viciantes.

— O que foi, por que você... eu fiz algo de errado? — Pergunto

totalmente sem fôlego, a insegurança começando a tomar conta de mim, ele me beija novamente só que de uma forma mais controlada.

— Nada, você percebeu que sempre que saímos acabamos aqui na praia? — Ok, senhor eu fujo de perguntas difíceis, já sei que está fugindo da minha pergunta, seus olhos se desviam dos meus, no pouco tempo que temos juntos, já descobri que ele não sabe mentir, então desvia o olhar sempre que o faz.

— Ethan pode falar, o que foi, eu vou entender seja o que for.

Tento explicar para mim mesma, porque estou uma pilha de nervos, já que sei a resposta, é chegado o momento em que ele vai dizer que cansou de ficar nesse namoro de adolescentes, que esperava mais maturidade da minha parte e meus chiliques o estão levando à loucura, afinal somos adultos, meu peito aperta com antecipação.

— Por favor, só me conte, sim? Senão, vou imaginar algo bem maior do que realmente é! — Digo com um falso sorriso nos lábios, como se ele cansando de mim, não fosse ruim o suficiente.

Saio do círculo dos seus braços e me ajoelho pegando seu rosto nas mãos, as mantenho ali para que ele não possa desviar seu olhar do meu e assim forçá-lo a dizer a verdade, ele está nervoso, posso sentir pela forma que ele engole seco antes de falar.

— Não é nada, juro! — Ele tenta me convencer novamente.

— Se não é nada, por que você não consegue me olhar diretamente nos olhos? Me diz, por favor? Porque se é realmente nada, não tem problema em me dizer, certo? — Peço tentando deixar a dor longe da minha expressão.

— Lim, é só que eu... — Ele toma um fôlego longo e continua. — Eu não quero que você se sinta obrigada a nada, eu sou feliz com você, do jeito que você e eu estamos vivendo, não mudaria nada em você, nunca! É perfeita assim.

— Espera um pouco, como você...? — Pergunto meio atordoada, sem saber quanto da minha conversa com a Gia ele ouviu.

— Sem querer, ouvi sua conversa com a Gia, me desculpe por isso,

mas me levou a pensar se eu, de alguma forma não a estou pressionando para que nossa relação siga por outros caminhos.

— Não!

Estou chocada com a conclusão equivocada dele.

— Pelo contrário, você é uma pessoa maravilhosa e as vezes eu tenho certeza absoluta de que não o mere... — Coloca um dedo sobre meus lábios, me calando.

— Lim, nunca mais diga isso, certo?

De repente seus braços estão em torno de mim, em um abraço apertado, mantendo-me junto ao seu peito.

— Como eu posso dizer isso sem parecer que estou esperando algo?

Murmura baixinho, imagino sua testa franzindo enquanto ele busca pelas palavras certas, afasto-me um pouco para que possa o olhá-lo novamente e fico encantada com sua beleza, que mesmo com a pouca luz, me faz perder o fôlego.

— Eu amo você, Lim, amo como nunca amei alguém, ou imaginei que seria capaz de amar algum dia!

Levo alguns segundos, ainda o olhando como uma imbecil, para assimilar suas palavras e um, mais longo ainda, para perceber que estou chorando.

— Desculpe se a assustei, não era minha intenção, não precisa dizer o mesmo para mim, eu só não conseguia mais segurar as palavras, que a todo momento querem sair pelos meus lábios!

Sorri timidamente, sei que preciso falar algo, mas não consigo encontrar minha voz, ele parece inseguro, agora com meu silêncio.

— Lim, diga alguma coisa, por favor.

— Ethan eu... — Balanço minha cabeça e respiro fundo. — Não há uma maneira correta de dizer como me sinto, porque, um simples eu te amo, se torna muito pouco para tudo que sinto por você!

Enfim consigo falar em meio aos meus soluços estúpidos.

— Você foi a melhor coisa que me aconteceu em anos, por tanto tempo estive perdida, então você apareceu e, estou tão feliz de saber que me ama, eu...

Ele me toma em seus braços e me beija intensamente, não com agressividade, porém, não tão suave, de uma forma completamente nova, me beija com a certeza do nosso amor, sua língua invade minha boca explorando cada canto. Tomando e dando tudo em um único beijo, entrelaço a minha língua na sua e começamos uma espécie de dança, onde lábios são os dançarinos perfeitamente coreografados.

Sinto meu corpo todo em alerta, nesse momento, percebo como meus medos são tolos, não tenho porque temer se existe amor puro e verdadeiro entre nós, decido que está na hora de me entregar à paixão e o desejo que tenho por ele, ao meu homem, sem me importar com mais nada, pois somos um do outro desde que nossos olhares se encontraram.

Estou com uma pessoa incrível ao meu lado e tudo que quero é sentir sua pele junto da minha, sem a barreira de roupas que não me permitem senti-lo totalmente, porém o *gentleman* que mora dentro dele, ao perceber onde vamos chegar, delicadamente desenrosca meus dedos do seu cabelo e me abraça apertado.

Meu agasalho leve já está no chão e sua camisa aberta até a metade dos botões me permitindo ter, pela primeira vez, acesso livre para explorar seu abdome perfeito. Ele está distribuindo beijos carinhosos do meu pescoço ao queixo.

— Ainda não devemos fazer isso, Lim!

Paraliso onde estou, olho para baixo, a menina tímida da época da escola tomando forma, me dizendo que não tenho muitos atrativos, fazendo-me sentir rejeitada, apesar de perceber toda sua excitação junto ao meu corpo. Nesse momento teria saído correndo dali de bom grado, se pudesse fazer minhas pernas cooperarem com minha mente.

— Lim, você está chorando, meu Deus, eu a fiz chorar, por que está chorando, meu amor? — Tem uma expressão assustada enquanto me pergunta, tenta encontrar meu olhar, que desvio, mas o deixo enxugar as

lágrimas idiotas que insistem em rolar pelo meu rosto.

— Eu, só... — Tento achar minha voz, controlando-a e acabo gaguejando. — Achei que, pensei que era o que você queria e, esqueça!

— É claro que eu quero! — Agora seus olhos estão arregalados por estar incrédulo com a minha conclusão, como se fosse obvio demais, só que não para mim.

— Você quer? — Pergunto baixinho.

— Como poderia eu, não a querer? Só que quando penso sobre isso, é outro lugar que me vem à mente, quero o mínimo de privacidade, aqui, nessa praia, se eu a tomasse a confirmando como minha, levaria muito tempo para eu me sentir saciado de você, além disso, correríamos o risco de sermos vistos por alguém. Não me agrada nem um pouco a ideia de outra pessoa vendo o que é meu, que está destinado apenas para os meus olhos!

— Bom, eu não pensei nesses detalhes, apenas no fato que, foi aqui que nos beijamos a primeira vez.

— Lim, sei que foi aqui que pude sentir seu sabor único pela primeira vez, esse lugar sempre será especial, mas existe um lugar ao meu ver, que é perfeito, pode-se dizer até ideal, com muito mais significado para mim!

— E onde seria esse lugar ideal? — Estou um pouco mais calma, porém, receio que ele me convide para ir a sua casa, mesmo agora sendo fácil perceber o quanto ele me ama, ver que ele sempre pensa em tudo, é maravilhoso, mas aquela casa, é um passo ainda maior.

— Bom, eu estive pensando que, vamos combinar o seguinte, amanhã! Amanhã faremos um piquenique e se até lá você ainda quiser, veremos como as coisas acontecem.

Ah! Ele quer voltar ao lugar onde o levei meses atrás, eu não tinha me dado conta que ele pudesse ter se apegado àquele lugar e como depois daquela tarde, tudo mudou.

— Pensei que a praia fosse o lugar mais marcante para nós, mas por mim, tudo bem. — Mais uma vez me enganei pelo jeito.

— Sim, para nosso relacionamento, é mesmo muito marcante, mas foi

naquele dia que começamos a nos entender melhor, você me deixou entrar um pouco na sua bolha, eu abri a porta para você e ali percebi que estava me apaixonando, então se foi lá que começou, nada mais justo.

— Me parece perfeito, eu te amo!

Ele se levanta de repente, erguendo-me no colo e corre comigo até a água, dou um grito de surpresa quando a água fria bate nas minhas costas e enlaço braços e pernas em sua volta, enquanto ele grita em alto e bom som um “EU TE AMO!” E me beija novamente, até que começo a tremer de frio, apesar do calor que me consome por dentro.

— Vamos, já está tarde e seus pais devem estar preocupados. — Sorrio com sua cara de pau, meus pais simplesmente o adoram.

— Até parece! Como se meus pais não tivessem total cumplicidade com você, Dr. Scott, em sua trama para conquistar a filha inocente deles. — Beijo seu queixo de boca aberta e o sinto estremecer com isso.

— É, devo admitir que sou o genro mais sortudo do mundo, mas você pode ficar resfriada e isso vai acabar com meus planos, além de que, recomendo que você durma bastante essa noite, *darling*, não sei se a deixarei descansar amanhã! — Quando fala isso bem perto do meu ouvido, sinto um arrepio subir por minha espinha, meu núcleo se comprime com um tipo novo de desejo e quase imploro que ele adiante seus planos.

Mas, como a boa menina que sou não o faço e logo estamos sob o aquecedor do seu carro, mais uma vez molhando todo o estofado, por sorte os bancos são de couro impermeável.

Apesar de relutante ele me leva para casa, como de costume me leva até a porta e me beija novamente, antes de atravessar o pequeno portão que liga nossos gramados.

Subo as escadas com uma nova ansiedade se estalando por dentro, por não saber muito bem que o que acontecerá amanhã e ansiando muito por isso, só sei que vamos dar um grande passo na nossa relação, só espero que para o lado certo e que eu não o decepcione depois de tudo.

Capítulo Dezesseis

Helida 🐉

A luz do sol invade meu quarto através das cortinas, fazendo-me despertar completamente. Não sei bem se consigo descrever como me sinto ao acordar, é como se alguém tivesse torcido e retorcido meu estômago, nervosismo está sendo a emoção dominante no meu sistema, sem falar da insegurança, toda a confiança de ontem sumiu com o raiar da aurora.

Levanto e vou para o banheiro, na esperança de que um banho possa ajudar, tento convencer a mim mesma diante do espelho de corpo inteiro que sou bonita e atraente, que ele me ama e se apaixonou por mim, desse jeito!

Depois de quinze minutos debaixo do jato de água e com os nervos um pouco mais calmos, desço para o café da manhã com meus pais, cerca de dois minutos depois me arrependo de não ter ido comer no quarto, minha mãe, desde que comecei a namorar Ethan, tem mantido um olhar atento sobre mim.

— Lim, você sabe que não deve brincar com a comida, não gosto e você sabe disso. Você está bem?! — Não sei há quanto tempo estou mexendo do prato sem realmente comer, pela cara que está fazendo, tenho certeza que faz um bom tempo. Olho para ela um pouco incerta de como meu rosto deve estar no momento.

— Estou bem sim, só estou sem apetite, para falar a verdade nem sei por que coloquei comida no prato, se me dão licença. — Vou até a pia da cozinha e jogo minha refeição intocada fora, detesto desperdício, mas hoje estou perdoada, meu estômago já está cheio, de borboletas.

Subo as escadas, entro no quarto e sento na cama tentando acalmar meus pensamentos, como já era esperado, não fico só por muito tempo, cerca de cinco minutos depois, minha mãe está batendo na porta, ela sempre espera até que eu possa respirar antes de vim até mim.

— Posso entrar? — Pergunta incerta, aceno com a cabeça e ela logo já está sentando ao meu lado na cama, sinceramente por que ela pergunta se na

verdade ela já entrou? Aíiiii, estou uma pilha de nervos, tenho que me controlar, se não minha ansiedade vai tomar conta e posso acabar machucando alguém com minha grosseria.

— Vocês vão sair hoje, você e o Ethan? — Olha-me cautelosa, como se eu fosse um bichinho acuado.

— Vamos fazer um piquenique no fim da tarde.

Minha resposta sai um pouco mais alto que um sussurro, meu estômago revira só de pensar no que vai acontecer após a parte gastronômica do piquenique.

— E concordei, eh, em, a senhora sabe... ter minha primeira noite com ele. — Termino a frase de forma rápida, sinto que meu rosto deve mostrar claramente meu constrangimento.

— Ahhh! Então é por isso que está tão nervosa? — Sorrio meio sem graça, apesar da minha mãe ser uma grande amiga, não me sinto à vontade para conversar esse tipo de assunto com ela, no entanto, estou precisando muito desabafar, ou serei capaz de inventar um resfriado só para não ir.

— Mãe, estou muito nervosa, tipo, muito nervosa mesmo! Acho que não estou pronta, ou estou e não me dei conta ainda, porém, não quero continuar bancando a difícil, ao mesmo tempo tenho medo de não saber o que fazer e decepcionar o Ethan, ele é tão doce e gentil, além de lindo. E se eu não gostar mais de... e se...? — Acho que consegui mostrar a enorme bagunça que está a minha cabeça.

— Filha, você é capaz de saber que o Ethan jamais iria ou vai pressioná-la, deveria saber disso melhor que ninguém, se não estiver pronta, basta falar para ele, sei que entenderá, porém, acho que você está com medo e só isso, é normal, faz muito tempo que você não se envolve com ninguém, até quando se tem a habilidade de se envolver facilmente, é normal ficar com receios de não ser como esperamos. — Ela tenta me acalmar e consegue, um pouco, mas consegue.

— Eu sei, ainda assim. — Aquela voz irritante que me diz não ser boa o suficiente para ele, me faz tremer.

— Ainda nada, vai descansar o tempo que tem antes que ele venha para

pegá-la, depois vai se arrumar, descer ainda mais linda, passear com seu namorado e se tiver que acontecer alguma coisa, bem, deixa rolar, não fique aí toda tensa antes de ao menos se dar a oportunidade de tentar, quero ver a minha menina que enfrentava o mundo, apesar da sua timidez de volta à ativa, você é linda, não precisa de medo, seja feliz e ponto, fazendo sexo com seu namorado ou não!

Ela me dá um beijo, um carinho no rosto e desce, deito e fico por mais duas horas olhando para a janela que mostra a varanda do quarto que um dia eu ocupei na casa ao lado, até que respiro fundo decidida a ser corajosa e vou até meu armário.

Olho tudo, mas o que vestir quando você vai dormir pela primeira vez com seu namorado lindo, gentil e mega gostoso? Meu Deus, que indecisão. Acabo colocando uma camiseta, jeans e tênis, sendo cuidadosa apenas no quesito lingerie, afinal, tenho que estar um pouco/muito apresentável essa noite.

Cerca de meia hora depois estou pronta, já descendo as escadas, bem devagar para ver se a coragem aumenta, testo a firmeza dos meus passos, nada bom, a cada passo fico cada vez mais nervosa, minhas pernas estão prestes a me levarem de volta para a segurança do meu quarto.

Ao chegar na sala logo vejo que ele já está lá, me esperando, e não consigo olhar para mais nada além dos seus olhos brilhando ao encontrar meu olhar, seus olhos trazem um misto de diversão e excitação nunca visto antes, pelo menos, não por mim, até hoje.

Nessa hora vejo como sou tola de sentir tanto medo, ele me ama, assim como eu o amo, sinto minha boca seca e o coração acelerar com a ânsia de sentir seu toque, saber como será com seus dedos trançando caminho pela minha pele exposta para ele.

— Você, tá muito linda! E agora? Não sei como vou aguentar a espera para tê-la nos meus braços! — Fala ao se aproximar, fazendo um calafrio subir pela minha espinha. Minhas pernas viram gelatina, preciso usar toda minha concentração para não cair, disfarço jogando os braços ao seu redor e sinto o seu cheiro maravilhoso.

— Obrigada, Dr. Scott, devo dizer que você também não está nada mal, há quem diga que está um colírio para os olhos!

Digo tentando soar sensual, mas quando consigo desviar os olhos dos seus e ver como ele está vestido, calça jeans e camiseta de algodão colada ao seu peitoral, totalmente pagável, como Gia costuma dizer, eu corro feito um tomate.

— Vamos, temos que nos apressar, senão, só chegaremos amanhã. — Tento disfarçar onde meus pensamentos têm me levado.

— Vamos! — Ele me dá seu novo olhar, um inteiramente safado que quase me faz entrar em combustão aqui mesmo, no meio da sala de visitas dos meus pais, com eles como testemunhas.

Pego na sua mão, deixando-o me guiar porta afora, já que minhas pernas não seriam capazes de fazer isso por si só. Antes de fecharmos a porta, ouvimos minha mãe gritar de algum lugar um: divirtam-se.

— Obrigada! — Falamos juntos, rimos ao entrarmos no carro e seguimos para nosso piquenique, que se tudo acontecer como previsto, será a primeira de muitas noites que passaremos juntos, assim eu espero.



A caminhada de cerca de uma hora e meia para chegar até aqui, no ponto mais alto do parque florestal de Bom Sossego, até que foi tranquila, essa pequena reserva faz jus ao nome da cidade, principalmente a área de cerca de um quilômetro quadrado, reservada para piqueniques e acampamentos, apesar da infraestrutura ser raramente usada. O riso alto de Ethan preencheu o silêncio em volta, foi fácil esquecer que estamos sozinhos, aqui no meio do nada, caminhado para dar um passo maior na nossa relação, ele tem a capacidade de fazer qualquer silêncio confortável.

— Ainda bem que chegamos, estou morrendo de fome. Você não está?

Sorrio para sua cara de alívio. Nego com a cabeça e ele me olha incrédulo.

— Não é de admirar você ser tão magra, come tão pouquinho, quer dizer, a não ser o dog do Mike. — Ele ri da minha cara emburrada.

— Bem, na verdade estou com um pouquinho de fome, nada que possa me matar, porém, estou bem ansiosa para ver o que você preparou, minha mãe vive elogiando sua comida.

— Aguarde e confie, *baby*! — Me lança seu olhar *sexy*, que faz meu coração disparar.

— Confiar em você, Dr. Scott? Até minha vida se for preciso! — Nesse momento sou atingida pela verdade das minhas palavras, sim confio nele, ele não seria capaz de me magoar, já cuidou mais de mim do que posso ser capaz de agradecer.

Levanto os olhos e vejo que ele parou de armar a tenda e me olha.

— O que foi? — Pergunto já imaginando se falei algo errado.

— Nada! — Continua seu trabalho enquanto vou tirando as coisas que ele trouxe na sua enorme mochila, e quero dizer ENORME mesmo, praticamente trouxe uma mudança, começo a rir enquanto penso em como ele é um exagerado e superprotetor, dentro há de tudo um pouco, mantas, alguns lençóis a mais, até mesmo um pequeno fogão do tipo que os mochileiros carregam consigo para grandes excursões, além de alguns potinhos que não me dou ao trabalho de olhar.

— Você trouxe bastante coisa, está pretendendo morar aqui por alguns dias e não me contou? — O riso chega fácil, acho que a ansiedade está me deixando meio insana.

— Você não esperava que eu viesse despreparado, não é? É nossa primeira noite e fora de casa. E se fizer frio? Ou, se for muito quente? Tenho cobertores para os dois cenários, não é melhor estar precavido?

— Sim, é bom ser precavido, mas eu não esperava por tudo isso. — Gesticulo para todas as coisas espalhadas e algumas ainda na mochila e rimos juntos.

Pouco depois, estamos quase acabamos nossas tarefas em um silêncio confortável e a cada vez que olho para ele, meu estômago se enche de farpas

de gelo, por sorte temos ainda o pôr do sol antes que a noite chegue.

Quando o sol se põe já estamos com tudo pronto, tenda armada, uma pequena fogueira acesa, taças com um vinho tinto maravilhoso em nossas mãos e um céu estrelado para deixar essa noite ainda com mais ar de magia a nossa volta.

Diferente do centro da cidade onde moramos, aqui no alto do morro o vento é muito gelado, percebo que não pensei tanto nas possibilidades quanto Ethan e que rir dele e sua paranoia, foi uma burrice sem tamanho. Agora estou pagando, tremo quando uma rajada de vento se infiltra através da minha camiseta, me abraço involuntariamente para tentar me aquecer e não fico só nesse abraço, não se tenho o melhor namorado das histórias dos namorados.

— Obrigada! — Digo quando seus braços me envolvem, viro-me e deito a cabeça em seu peito, aproveitando o seu calor me aquecendo.

— Vem, *darling*, vamos sentar perto do fogo e comer algo. — Meu estômago ronca, não há mais discussão quanto a isso.

— Claro! — Sento em um pequeno tronco, enquanto ele vai até sua grande mochila e pega uma manta, volta e a coloca sobre meus ombros

— Você quer um pouco mais de vinho? — Confirmo com um leve aceno de cabeça, afinal, preciso de coragem, um pouquinho de vinho a mais, fará grande diferença.

— E o que temos para acompanhar esse maravilhoso *Pinot Noir*? — Tento deixar o meu tom de voz brincalhão, a fim de esconder meu nervosismo, que voltou com força total.

— Uau, uma mulher que entende de vinhos! Isso é coisa rara. Respondendo sua pergunta, temos aquele pãozinho que você tanto gostou da última vez que estivemos aqui e sua mãe mandou alguma coisa que não sei bem o que é, mas tem um cheiro maravilhoso, deve ser muito promissor!

— Para mim está ótimo! Tudo que a minha mãe faz é muito promissor!

O promissor acabou em ser o meu fraco no departamento comida, minha mãe sabendo da minha paixão por frutos do mar, nos presenteou com um *fettuccine* ao molho branco com camarões, uma delícia, sei que esse foi a

forma como ela achou para me dizer que tudo ficará bem, que o que acontecer ou não acontecer ela está do meu lado.

Comemos em silêncio por um bom tempo, isso me deu o espaço para aquietar minha mente, com as possibilidades de como essa noite irá terminar.

Como ele disse, os pãezinhos são uma delícia, perdi a conta de quantos comi, cinco, talvez dez, não sei, nem eu mesma notei que estava com tanta fome, levanto a cabeça e o encontro me observando com seu olhar que já não é apenas doce, me perco fácil dentro desse azul cinzento profundo, que no momento chega a ser quase preto de tão escuro, nunca vi um olhar tão bonito e claro, fico vermelha na hora.

— Sabia que adoro quando você cora?

“E sabia que quando você fala assim me derreto toda e coro mais ainda?”

— Quando acontece, os verdes dos seus olhos ficam mais fortes e me fazem imaginar o que você estaria pensando.

Quase grito *“Em você e tudo que quero de você!”* Mais graças a Deus, minha voz se perdeu e não sei onde encontrá-la.

— Lim, quero que saiba que não precisa acontecer nada, se você não quiser.

— Ethan, sei disso, jamais me forçaria ou pressionaria a fazer algo que eu não quisesse, já falei, confio em você!

— Eu só quero que seja no seu tempo, — Sei que se deixar ele falar mais alguma coisa, minha coragem vai embora e não será fácil trazê-la de volta, porque seu nervosismo faz o meu ficar cada vez maior.

— Eu te amo, Ethan, acho que é isso que deve importar hoje, eu te amar e saber que sou correspondida!

— Como te amo, Helida!

Tudo é esquecido, num segundo estou sentada de frente a ele, e no outro estou em seu colo o beijando, com uma fome diferente daquela que acabo de saciar meu estômago.

Ele me toma em seus braços e me beija uma, duas, várias vezes, seus

lábios são suaves nos meus, no meu pescoço, na minha orelha, o que me provoca pequenos arrepios, não mais de frio, quando ele sussurra meu nome como se fosse uma oração, sinto como se tivesse sido atingida por uma corrente elétrica e afundo meus dedos em seu cabelo o trazendo para mais perto, se é que é possível, pela forma como nossos corpos estão próximos.

Seus lábios voltam aos meus e exploramos um a boca do outro com avidez, como se fôssemos dois famintos diante de um grande banquete. Uma de suas mãos sobe pelas minhas costas até o meu pescoço e sinto todo seu corpo entrar em alerta, sua excitação ficando mais evidente entre nós, minha libido chega ao nível máximo, um fogo abrasador tomando conta de mim.

Comigo em seus braços me leva até onde está nossa cama improvisada. Livrar-nos das nossas roupas se torna quase uma necessidade vital, solto seu cabelo e desço as mãos até seu peito para encontrar a bainha da sua camiseta, meio sem jeito, devido minhas mãos trêmulas, a puxo pela sua cabeça querendo sentir seus músculos fortes sob a ponta dos meus dedos.

Quando o liberto dela passo as mãos por seu peito suavemente, ele geme colado à minha boca, em questão de segundos estamos os dois ofegando, não paramos, eu o quero, quero sentir todo seu corpo junto ao meu, sentir que esse homem maravilhoso me pertence tanto quanto eu sou dele, acho que nunca me senti tão de uma outra pessoa e ao mesmo tempo, dona de mim.

Seguro suas mãos, guiando-as por onde anseio o seu toque, entregando-me a ele, sem medo ou reservas, enquanto elas percorrem meu tronco, seus dedos tremulam ao tocar meus seios, mesmo que por cima do tecido, jogo a cabeça para trás absorvendo tudo que seu toque me faz sentir, quando suas mãos começam a tirar minha camiseta, ele me olha, pedindo permissão e faço que sim, é o que quero, agora é crucial que tenhamos esse contato mais íntimo, a confirmação do nosso amor.

Suas mãos são delicadas sobre o meu corpo, cada carícia me diz o quanto ele me ama, seus toques suaves me fazem sentir amada e adorada por esse homem maravilhoso que escolheu a mim, logo a garota mais quebrada emocionalmente da cidade, para amar e pertencer, minha mente explode de tão enormes as sensações que seus lábios evocam, quando estão em contato

com a minha pele, descendo rumo ao sul do meu corpo, fazendo-me contorcer com as inúmeras reações novas que sinto, tudo isso sem que ele esteja ainda me tocando onde mais desejo.

Ele se desfaz do restante das nossas roupas e paira sobre mim, seu olhar predador e devotado me faz sentir linda e atraente, para ele, apenas para ele. E quando finalmente o tenho em mim, sinto uma alegria indescritível, meu peito parece que vai explodir de tanta felicidade.

Ethan não veio com tudo, reprimiu seu desejo e me tomou de forma cuidadosa, dando-me tempo para me adaptar a invasão. Movimento-me debaixo dele, querendo mais, muito mais. Com movimentos suaves, mas constantes, ele me faz ir à beira do precipício, aquela linha tênue onde está o ápice do prazer, sinto meu corpo convulsionar quando não consigo mais me segurar na borda, o universo explode em multe cores por todos os lados, de uma forma mais intensa, dez vezes mais forte do que quando tive sua boca fazendo a sua mágica sobre mim.

Abro os olhos e o vejo me olhando enquanto chega também ao seu limite, olhos tomados pelo preto intenso, lábios abrindo-se enquanto chama meu nome, corpo suado assim como o meu, que ainda está tremendo com os pequenos fogos de artifícios que não param de explodir por todo ele.

Ao seu redor vejo o céu estrelado, é tão lindo que sinto uma vontade enorme de parar o tempo, apenas para conseguir uma forma de guardar esse momento para sempre, mas sei que nem foto ou vídeo seria capaz de reproduzir as sensações e todo o amor que sinto em mim, olho o céu mais uma vez e tudo que penso nesse momento é algo que há muito ouvi e pode parecer piegas, mas representa como me sinto: *“Assim como, nem todos os números ou as estrelas foram catalogados, também meus sentimentos por ele não podem ser descritos!”*

Então só posso fechar os olhos e aproveitar cada doce detalhe desse sentimento de plenitude, nunca sentido por mim, estou inteira, finalmente encontrei minha outra metade.

Capítulo Dezessete

Helida 🐉

Dormimos ali mesmo sob as estrelas, passamos a noite toda sempre muito perto, tocando um ao outro, como se quiséssemos que essa noite não acabasse, cada toque era desconhecido, novo e aguardado.

Em momento algum seu abraço me deixou, amamos juntos, dois amantes ativos, os dois se submetendo ao prazer de estar nos braços do outro, uma, duas, várias vezes mais do que pensei que meu corpo poderia ansiar por alguém, sem a pressão da dominância, quando se ama de verdade o seu prazer passa a ser secundário, eu não tinha ideia de que essa sensação pudesse ser assim, simplesmente incrível.

Ao nascer do sol, é quase impossível voltar a realidade, não quando a noite passada ainda está me parecendo um sonho, lindamente quente, mas um sonho que nunca ousei sonhar, não depois que me foi tirada a esperança de um dia voltar a amar novamente. Rolo de lado para me espreguiçar, é quando percebo que estou só, sei que é besteira ficar ansiosa com isso, não poderíamos ficar grudados por tanto tempo assim, mas aquela sensação de insegurança começa a se esgueirar pelo meu peito.

— Ethan? — Chamo ao sentar e envolver meu corpo com a manta grossa que estava sobre mim.

Onde ele está? Sinto-me atordoada sem a sua presença, tudo isso apenas para constatar quão insegura sou, logo que ouviu minha voz, sai de dentro da barraca com duas canecas de café nas mãos.

— Bom dia, Bela Adormecida! Pensei que iria querer um café para acordar, você sabe! — Seu sorriso radiante espelha o meu.

Sei que ele está tentando me fazer rir, para deixar o clima leve, decido entrar no clima, a insegurança já está esquecida.

— Obrigada, Príncipe Encantado! Você pensou em tudo, não é? — Digo enquanto pego meu café, sou viciada nesse líquido.

— Errado! — Responde com um sorriso de tirar o fôlego. — Eu não penso em tudo, eu somente penso em você!

Pronto, aí está o sedutor e amante incrível da noite passada, fico vermelha com seu comentário, minha mente é tomada por lembranças de tudo que fizemos, meu corpo já despertando para mais, as emoções fortes, olho para ele e essa pessoa que escolhi, ou melhor, a vida escolheu para eu amar, está me dando aquele olhar de você-é-minha-e-sabe-disso, e só consigo sorrir feito uma idiota que acho que não sou, mas por ele serei com prazer.

— Posso saber o que perdi? — Pergunta ao me ver corar e sorrir.

— Você? Nada! Eu que perdi muito tempo tendo medo de viver o que vivemos a noite passada. Melhor, o que estou vivendo com você desde que entrou na minha vida.

— Então, isso significa que você, er, gostou da nossa primeira noite juntos? — Seu olhar me diz que ele estava tão inseguro quanto eu sobre a noite passada, decido brincar com ele um pouco.

— Não. — Mantenho minha expressão séria, seus olhos se arregalam e não consigo segurar mais o riso.

— Não tenho palavras para descrever como me sinto, Ethan, eu nunca tinha sentido isso, a forma como nos encaixamos foi..., uau! Espero que tenha sido parecido para você? — Pergunto de imediato, porém me arrependo, será que quero mesmo saber, se ele me disser que não, ficarei arrasada.

— Lim, o que eu posso dizer? Você não pode imaginar como foi maravilhoso para mim! — Pega minha caneca e repousa ao lado antes de tomar meu rosto nas mãos.

— Eu te amo, cada vez mais, você agora é minha vida, meu tudo, saber que teve a confiança para depois de tanto tempo se entregar a mim, sem receios ou medo, faz o ogro que tenho por dentro querer mantê-la colada no meu corpo, para sempre, para todos saberem que me pertence, que é minha, só minha! — Um sorriso largo começa a espalhar-se pelo meu rosto

— Eu te amo! — É a única coisa que consigo falar com o nó que sobe pela minha garganta, ameaçando me fazer chorar a qualquer momento e, sua boca procura a minha com uma fome desesperada, antes de ser envolvida por

seus braços fortes. Jogo os meus ao seu redor, respondendo as suas investidas com o mesmo entusiasmo, esquecendo de todo o resto e começamos a nos amar novamente, só que agora com o sol e não mais as estrelas de testemunhas.

Ethan 7

Já passa do meio dia quando estaciono o carro em frente à sua casa e percebo que tenho que ficar longe dela, mesmo que por pouco tempo. Pelo jeito não sou só eu quem se sente incomodado com o afastamento, Lim olha pela janela desaminada, paira no ar o medo de que todo o encanto dissipe feito fumaça, estar apaixonado é uma droga, sei que é bobagem, mas não há como evitar a sensação de perda.

— Não vai entrar? — Sua voz sai dois tons mais baixos que o normal.

— Não, *baby*, preciso guardar tudo e descansar um pouco! — Acaricio seu rosto, deliciando-me com o fato dela deitar a cabeça para ter mais contanto com a minha mão, sem a paralisia que acontecia antes.

— Tudo bem! — Diz nada convincente.

— E, se mais tarde eu pegá-la para um passeio, sorvete e pôr do sol na praia, o que me diz? — Tento animá-la, não querendo sair do clima novo que estamos.

Concorda com a cabeça, no entanto, não consegue esconder seu beicinho e acabo rindo, enquanto ela olha para o outro lado, emburrada.

Já aprendi que faz isso quando está quase explodindo, detesta quando o riso é por sua causa, como sei também que detesta depender de alguém, a noite passada foi um grande passo para mim, mas não consigo ter a dimensão do que significou para ela.

— Hei! Desculpa por rir, mas fica tão linda emburrada que não resisto!

Quero me redimir, pego no seu queixo e me inclino para beijar atrás da sua orelha.

— Adoro quando você está brava, fica tão acessível, que acabo me aproveitando, fique sabendo que também está sendo difícil para mim, ficar longe de você, pelo menor espaço de tempo que for.

— Então não fique! — Dá de ombros, sem mais nenhum resquício de raiva, seus lábios famintos pelo meu toque.

— Hmmm, que proposta tentadora, e seus pais? — Começa a rir, não sei se pelo eu falei ou se pelos arrepios que a faço sentir ao morder o lóbulo da sua orelha.

— Como se eles não comessem na sua mão, Dr. Scott, os tem no dedo mindinho! — Nem tanto assim, minha cara!

— Você tem razão, mas se eu entrar com você, não vamos descansar e depois da noite passada, nós precisamos. — Já não sei a quem estou tentando convencer, a ela ou meu amiguinho todo animado.

— Certo, te vejo mais tarde então. — Dou-lhe um beijo e a ajudo a sair do carro, ainda sentindo o gosto dos seus lábios, olho ela dar os primeiros passos rumo a casa e a realidade me bate, a tive comigo durante toda a noite, será difícil não ter sua cabeça junto ao meu peito quando adormecer e para isso ser uma coisa permanente, preciso ter paciência e cautela, não posso assustá-la.

— Lim? — Vira-se rindo e meu coração sofre uma pequena parada com a imagem a minha frente, ela parece que rejuvenesceu dez anos, que tem muito menos do que seus vinte e quatro, há uma nova luz nos seus olhos.

— Sim?

— Eu te Amo!

— Também te Amo! — E ouvir essas três palavras, faz todo medo do que o futuro nos reserva ir embora.

Helida 🦋

Entro antes que volte para os seus braços, de onde não sairia com facilidade, para dar de cara com uma Gia que tem um sorriso de mil megawatts e aquele olhar de curiosidade e excitação no rosto, sei que não poderei fugir.

— Me conta tudo agora mesmo, quero até os detalhes mais sórdidos!
— É a sua saudação, nada tímida.

Era de se esperar, claro que estariam me esperando para dar o bote

assim que eu pusesse os pés em casa, faço a melhor cara de não-te-interessa e subo as escadas seguida por Gia e minha mãe.

— Vamos lá, espertinha, não pense que vai fugir da gente, já estamos no seu quarto, e então? — Os olhos das duas estão brilhando tamanha a curiosidade.

— E? Então, nada! — Continuo com minha tática de fazê-las desistir, porém não vai durar muito.

— Filha, não seja ruim, juro que será nosso segredo! — Deus, não vou conseguir me safar mesmo.

— Tudo bem, mas não vou dizer os detalhes, somente o básico.

— Já é alguma coisa. Diz, aconteceu ou você se acovardou? — Gia pergunta sem cerimônia, minha falta de credibilidade com ela é ofensiva.

— Ele foi carinhoso com você, filha? Ele tem cara de quem é carinhoso. Ou será que me enganei e ele é tipo selvagem? — Olho para minha mãe que devolve o olhar com olhos arregalados.

— Será, Laura, que por trás daquele ar de bom moço, tem um lobo mau pronto para atacar? Vamos Lim, fale alguma coisa!

Acho que fazê-las esperar é mais divertido, acabo rindo da forma delas divagarem sobre o meu namorado, respiro fundo e deixo ir de uma vez, é realmente impossível tentar esconder algo delas.

— Sim, aconteceu, sim, ele foi muito carinhoso, gentil, atencioso, mas também, bem, digamos que ele é um misto de suavidade e uma fome desesperada, foi tudo muito perfeito!

Suspiro dando ênfase ao que acabo de falar e elas riem, já não me importo com isso, estou feliz demais para me irritar com qualquer coisa.

— Agora se me dão licença, eu realmente preciso de um banho e descansar um pouco, sim?

— Sem problemas, venha, Gia ainda tenho aquele molho para finalizar, você me ajuda?

— Com certeza! Mas, Lim, depois vou querer mais detalhes! — Minha mãe puxa uma Gianna muito sorridente para fora do meu quarto, sento na

cama e respiro aliviada por ter um pouco de paz e sossego.

Pouco depois que elas saem, vou para o banheiro, só quando a água cai sobre meu corpo, percebo que estava tensa com a conversa e as perguntas que me foram feitas.

Nunca soube lidar bem com inquisição, mas quando a água começa a cair sobre minha cabeça, vou relaxando aos poucos, então deixo a ducha fazer seu trabalho.

Foi um longo e relaxante banho, depois de me secar, visto uma roupa de dormir confortável, composta de uma camiseta e short de algodão. Deito na minha cama para descansar, sem fazer ideia de como estou cansada, é questão de segundos até que caia num sono profundo, onde imagens soltas dançam na minha frente, um sol nascendo, um toque suave, um beijo delicado, um olhar penetrante, mas todas se perdem logo depois.

A medida que vou caindo ainda mais na inconsciência, sonho que estou sob um dossel de flores, o vento que as faz balançar traz um cheiro muito familiar e agradável, elas estão por toda parte, inclusive nas minhas mãos, olho para minha imagem refletida em um grande espelho, estou vestida de noiva e ao meu redor, estão todas as pessoas que conheço e é claro, ele está lá, lindo de viver, um deus grego trazido dos céus do olimpo especialmente para mim. Ele sorri e me convida a me aproximar de onde ele se encontra com uma mão estendida.

Dou um passo na sua direção e toda a cena muda, já não tenho buquê de rosas brancas comigo, estou de joelhos chorando, Ethan está aos meus pés caído e sangrando, as flores nas minhas mãos deram lugar a uma arma, larga-a de imediato quando vejo o que fiz, grito alto pedindo ajuda, mas estão levando meu Ethan para longe de mim. O desespero ameaça me engolir, meus gritos estão me sufocando, não permitindo que respire.

É quando percebo que estava apenas sonhando, estou sentada na minha cama com os lençóis espalhados por toda parte, o que joguei fora não foi uma arma, sim a mão de Ethan que estava sobre a minha, começo a chorar, imaginar que posso perdê-lo mesmo que em sonho dói, mais do que é saudável, não sei o que o sonho pode significar, mas desconfio que a única

pessoa capaz de o afastar de mim, sou eu mesma.

— Hei, meu amor, o que aconteceu? Desculpe se te assustei, querida, não foi minha intenção. — Ele me abraça, percebo que ainda estou tremendo.

Jogo meus braços ao redor do seu pescoço e o abraço apertado, ele afaga meu cabelo enquanto molho toda sua camisa com as lágrimas que não param de rolar pelo meu rosto.

Ficamos abraçados enquanto os meus soluços se acalmam e logo param totalmente, ele me olha não como se eu fosse louca, o que era de se esperar depois desse surto, mas sim, com amor e preocupação.

— Lim, você está bem? O que aconteceu? — Seus olhos estão fixos no meu rosto a procura de alguma resposta.

Respiro fundo antes de conseguir falar alguma coisa, resolvo falar apenas por alto.

— Sonhei que te perdia, e, foi uma dor tão insuportável, que mesmo agora que percebi que não era real, ainda me dói muito, eu não posso perder você, Ethan, não posso sobreviver se não estiver na minha vida, não quando mal descobri o prazer que é se sentir viva de novo.

— Oh, meu amor, isso nunca vai acontecer, como poderia eu viver sem o meu coração, ele te pertence, está nas suas mãos, *baby*!

Se afasta o suficiente para me olhar nos olhos e pega meu rosto nas mãos, para que eu não desvie o olhar.

— Você me tem para sempre em sua prisão, o veredicto foi prisão perpetua, não tenha medo! Não vou a lugar algum, não sem você!

— Você é incrível! A melhor coisa que já me aconteceu em anos, mas que droga, é o melhor que me aconteceu a minha vida toda!

Ergo a cabeça e vou beijando seu pescoço, seus ombros, quero e preciso me certificar de que não há nenhum dano, que tudo não passou de um sonho ruim, ele percebe o que quero e traz sua boca a minha, eu o beijo com desespero e alívio, deixando minhas emoções fluírem livremente, sem perder nenhuma delas.

Quando por fim nos separamos para tomar fôlego, me dou conta de que

já está escuro lá fora, a falta de luz me diz que dormi mais do que previa e pelo jeito perdemos o nosso passeio de fim de tarde, puxa vida!

— O que foi, por que essa carinha triste?

— Perdemos o nosso passeio, não percebi que estava tão cansada!

Só aí me dou conta que ele deve estar aqui a me esperar por muito tempo.

— Ethan, por que você continua aqui? — Pergunto e ele se surpreende, noto que o magoei, apresso em me corrigir. — Quero dizer, parece que já é tão tarde.

— Sim, está quase amanhecendo! — Seu sorriso volta, respiro aliviada.

— Ahhh, realmente perdemos o passeio! — Ainda esperava estar errada, estava louca para comer um dog do Mike, estou viciada neles.

— Sim, perdemos, e respondendo sua pergunta, como combinado, vim até aqui buscá-la para o nosso passeio, porém, você estava dormindo tão gostoso, não quis acordá-la, fiquei um tempo com seus pais, na verdade jantei com eles e a Gia, que não parava de rir pra mim, foi meio constrangedor, você disse algo para ela? — Enterro a cabeça no seu peito, envergonhada por não conseguir guardar nada pra mim mesma,

— Talvez! — Respondo com uma voz fininha.

— Não importa, ela é sua amiga, eu ia dizendo? Ah! Depois do jantar percebi que você não ia acordar tão cedo, acho que a esgotei na noite passada! — Seu sorriso satisfeito me faz corar. — Perguntei aos seus pais se poderia ficar aqui com você? E bom, estou aqui, deitado ao seu lado, então você deve imaginar a resposta!

— Eu te disse, eles comem na sua mão! Obrigada, por ficar! — Digo, sabendo que se ele não estivesse aqui, eu estaria chorando até agora nos braços do meu pai.

— Eu não perderia a oportunidade de tê-la em meus braços, mesmo que dormindo e a noite passada fiquei com você tão perto que estou com medo de não conseguir dormir sem o calor do seu corpo junto ao meu.

Não posso negar que suas palavras me provocam um prazer que toma

meu corpo por inteira, o beijo com vontade, surpreendendo a ele e a mim, meus dedos estão enterrados nos seus cabelos puxando-o para mais perto, enquanto ele vai acariciando cada pedacinho do meu corpo e sem mais receios ou medo entre nós, apenas a certeza de pertencermos um ao outro nos amamos até que o sol começa a despontar no horizonte.

Capítulo Dezoito

Helida 🦋

Nunca pensei que um simples café da manhã poderia ser tão constrangedor, mesmo sabendo que os meus pais são maravilhosamente compreensíveis. Nada evita que fique vermelha ao descer as escadas de mãos dadas com Ethan, logo cedo, em uma manhã de segunda-feira.

Não consigo tirar da minha cabeça, o fato que meus pais sabem bem o que fazíamos até pouco mais de uma hora atrás, minha mãe dá um sorriso cúmplice enquanto meu pai faz cara de paisagem, como se fosse uma coisa corriqueira, nada demais, na verdade, não é nada demais mesmo, sou uma mulher adulta, que tem nervosismo de adolescente.

É um alívio quando terminamos a refeição e saímos, sinto como se estivesse estampado na minha testa o que fizemos e talvez esteja mesmo, pelo menos o sorriso bobo e o olhar demorado, que meu lindo namorado deixa percorrer pelo meu corpo, são mais do que a prova.

— Ethan? — Pergunto depois de alguns minutos em silêncio dentro do carro, o que não é normal.

— Sim? — Ele está incomumente silencioso e até um pouco distraído, enquanto seguimos para o trabalho. Tem sido assim todas as manhãs, ele fazendo questão de me levar e trazer para qualquer lugar, meu pobre carro está há muito esquecido na garagem dos meus pais.

— Nada não, esquece! — Tenho medo de perguntar o que tenho em mente e descobrir que estou atrapalhando sua vida profissional de alguma forma. Ele está sempre por perto quando preciso, o que é bom, porém, não gosto de pensar que estou assim tão dependente dele.

— Helida Morales, eu sei bem quando algo está te incomodando, então não venha com esse “*nada não*”, fale logo, faz bem para o coração! — Põe a mão no meu joelho e aperta levemente me incentivando a prosseguir.

— É só... sabe, as vezes me pergunto se você não estaria deixando suas coisas de lado para ficar comigo, você tinha uma vida antes de me conhecer,

e, eu não quero te atrapalhar, nem quero que pense que precisa estar sempre disponível, porque tenho essa coisa de não confiar facilmente que as coisas permanecerão bem, vivendo a espera de algo que faça você perceber que não sou tudo isso que vê! — Falo de uma vez antes que perca a coragem. Recebo um sorriso compreensível em troca da minha sinceridade.

— Não tem nada mais importante pra mim do que você e não tenho tantos ossos quebrados para consertar, então posso me dedicar a minha namorada, quando não estou de plantão no HCA. Fora isso, não posso pensar em nada melhor do que curtir meu tempo com você, baby! — Ele sorri e pisca para mim, a minha vontade é me atirar nele, o encher de beijos e esquecer que temos um dia longo de trabalho pela frente, porém, a responsabilidade vem primeiro.

— Bem, se você diz, não posso discutir. — Sorrio de volta, o medo começando a dar espaço a esperança de que tudo ficará bem.

Seguimos ao longo dos últimos três sinais de trânsito em um silêncio tranquilo, até pararmos em frente ao prédio de três andares onde ficam os nossos consultórios. Pela primeira vez eu estou agradecida por ele ter comprado a sala ao lado da minha, depois de passar um fim de semana inteiro juntos, será difícil me desligar dele por muito tempo.

— Nos vemos na saída? — Pergunto assim que chegamos na porta do meu consultório.

— Hoje não, tenho que resolver umas coisas depois do horário do almoço. Vejo você na sua casa, me ligue quando você chegar, está bem? — Isso é novidade.

Desde que começamos a namorar nunca mais tive que voltar para casa sozinha, Ethan, meio que me acostumou mal, todos os dias me trazendo ao trabalho e no final do dia, voltando comigo para casa, salvo quando está de plantão e mesmo assim, em algumas ocasiões, acordo com ele me enchendo de beijos antes de me trazer ao trabalho, para só depois ter seu descanso tão merecido. Tentei fazê-lo desistir dessa ideia no começo, mas aprendi que é uma tarefa inútil.

No fim, não fui eu mesma quem disse que o estava monopolizando? De

qualquer forma, nos veremos a noite, acho que posso sobreviver algumas horas sem ele, mesmo sabendo que serão longas, porque nem almoçaremos juntos. Suspiro e coloco um sorriso no rosto antes de voltar o olhar para ele, tendo a visão do seu lindo e travesso sorriso, que faz minha apatia derreter que nem gelo no deserto.

— O que foi? — Pergunto mais ríspida do que pretendia.

— Nada, só você que fica linda quando está assim com essa carinha insatisfeita! E bastante desfrutável se me permite dizer. — Ele se aproxima lentamente e começa a beijar abaixo da minha orelha e ao longo do meu pescoço.

Me atiro nele e não estou nem aí se estamos em frente ao meu local de trabalho, que provavelmente tem vários pacientes nos observando, a sensação dos seus lábios nos meus, vale a pena qualquer situação embaraçosa.

— Ethan, preciso entrar! — Falo assim que seus lábios se afastam um pouco.

— Tudo bem! Até mais tarde então! Darei um jeito de trazer seu carro e deixá-lo aqui, para que possa voltar o mais rápido possível!

Estamos os dois com a respiração acelerada, abro minha porta antes que o ataque novamente, passo pela sala de espera do meu consultório ainda com a pulsação tão rápida que tenho certeza que dá para se ouvir de longe, o que é constrangedor.

— Bom dia, a todos! — Falo rapidamente, enquanto praticamente corro para minha sala.

— Bom dia, Dra. Morales! — Uma Gianna toda sorridente me acompanha.

— Gia, como estamos?

— Como sempre, lotados até o último horário, mas essa cara de quem estava fazendo algo interessante é novidade!

— Que bom, e não estive fazendo nada demais, ou que você não quisesse fazer com o Alvin novamente! Começemos de uma vez, não tem nada melhor para distrair a mente do que o trabalho.

— Ui, parece que o Dr. Bonitão não terá mais uma noite quente de sexo, Ops! De amor planejado pra hoje, problemas no paraíso, será? E quanto a Álvaro e eu, há exatamente dois anos que não temos nada mais que uma amizade reservada.

— Não, ele tem algo para resolver! — Deus, minha voz sai como um lamento, detesto isso.

— Então tá explicado essa cara de quem comeu e não gostou, ou melhor quem comeu, gostou e queria mais!

— Não estou com cara nenhuma, quem quer mais é a senhorita, então deixe de se importar com a minha vida e tente resolver suas questões com Álvaro, que é outro bobo turrão. Ethan apenas tem alguma coisa para fazer, ele não pode simplesmente largar tudo sempre que eu o quiser ao meu lado, eu tenho que parar de ser tão dependente dele!

Termino de falar fazendo beicinho e ela ri, respiro fundo para não deixar que minha tendência a ficar mal-humorada tome conta de mim, não depois de um fim de semana tão maravilhoso como o que passamos.

— Vamos logo trabalhar, hoje pelo jeito será um dia daqueles.

Gia levanta as mãos em um gesto de rendição, não posso deixar de rir da sua forma de dizer que não irá mais discutir comigo, gesto esse, que agradeço por enquanto.



O dia de trabalho hoje não passou tão rápido, como Gianna disse. A sala de espera estava cheia e pacientes que, desde que parei de atender aos sábados, fizeram da minha semana muito mais corrida. No entanto, por mais trabalho que tive, por diversas vezes estive perdida em pensamentos e lembranças que não poderia verbalizar durante uma consulta e outra.

— Gia, você quer uma carona? — Pergunto assim que saio da minha sala.

— Você deve estar cansada, posso pegar um ônibus. — É verdade que

estou exausta, porém, não quero ir para casa, ainda.

— Não, vamos lá, pegue suas coisas!

Sei que não devia usar uma carona que dou à Gia como desculpa, estou inquieta e assim fiquei durante todo o dia, não sei se o Ethan já terminou suas coisas importantes, ele não me ligou uma vez sequer.

Resisti a vontade insana de ligar para ele na hora do almoço, com muito custo devo dizer, mas não suporto me sentir dependente, isso não é saudável, então aqui estou eu, sentada no meu carro, que como ele prometeu estava na minha vaga no estacionamento assim que saí, ouvindo Gia falar sobre algo, que não faço a menor ideia do que seja, e debatendo comigo mesma os prós e contra de ser dependente de alguém.

Depois que deixo a Gia em casa, decido parar na praia antes de voltar para casa, sempre invejei um pouco o fato da Gia morar tão perto do mar, porém, não gosto de muito movimento, então morar no bairro tranquilo e mais afastado da orla me caiu como uma luva.

Fico olhando as ondas quebrarem na areia por um bom tempo, podem ter se passado segundos, minutos ou até mesmo horas e eu não vi, nem tenho como saber, já que deixei o celular no carro, fico até que decido que já tarde o suficiente para estar sentada na areia da praia sozinha, além de que, também não terei que dar satisfação a ninguém quando chegar, mentira, tudo o que quero é saber o que ele está fazendo, mas me recuso a continuar como a adolescente boba que nunca teve um namorado e quer estar colada nele todo o maldito tempo.

Na minha cabeça, as perguntas estão a todo vapor, por que ele não me disse o que na verdade iria fazer? — *Se bem que, também não perguntei.* — Será que ele já está em casa? — *Amanhã descubro, posso muito bem-estar exagerando na insegurança.*

Poderia ter ligado para ele e tentado descobrir se já tinha chegado, só que ele não me ligou o dia todo, não serei eu a que corre atrás sempre, sendo que nunca corri, mas não quero fazer uma primeira vez, e colocar um mau hábito. Sei também que posso estar sendo um tanto imatura, mas depois de que passei, não consigo ter em mim aquela confiança de que tudo ficará bem

por muito tempo.

“Era de se esperar que depois de um fim de semana fantástico, ele tivesse mais interessado no que eu estaria fazendo, porém, não teve nenhuma mísera ligação!” Aquela vizinha chata insiste em me dizer que arrisquei demais, e caso o perca, não será possível me recuperar dessa vez. Meu maior medo é que agora que baixei a guarda e me entreguei, o encanto inicial tenha acabado por parte dele.

— Não, ele não vai saber a falta que me fez o dia todo, não posso parecer tão vulnerável! — Saio da praia com essa determinação, só não sei até que momento ela vai durar.

Ethan 7

O toque de discagem me irrita, mais do que o normal, não quero parecer irracional, nem nada, mas a falta de resposta de Lim as minhas ligações já levaram a melhor sobre o meu humor, não quero ficar sentado na sala da casa dos pais dela, esperando como um bobo, não fiz nada de mais, apenas quis agradá-la, no entanto, estou aprendendo que com Helida, surpresas não são uma boa opção.

— Ethan, aconteceu alguma coisa? — A voz de Gia, demonstra surpresa com a minha ligação.

— Não sei, aconteceu?

— Nem começa, odeio esse jogo de responder com perguntas, eu perguntei primeiro, aconteceu alguma coisa, a Lim, está bem?

— EU NÃO SEI! — Falta-me a paciência, respiro fundo para tentar manter minha mente lúcida.

— Não grite comigo! Não me diga, que vocês já brigaram? Isso seria o recorde, principalmente depois, você sabe! — Rio sem humor algum, ao lembrar que minha vida privada, não ficou tão privada.

— Desculpe! Respondendo sua pergunta, não, não brigamos e não fiz nada que a aborrecesse, por isso não entendo esse sumiço dela.

— Como assim, a Lim não está em casa?

— Não, pensei que ela estivesse com você! — Agora deu, vou sair e

procurá-la, pode estar ferida em algum lugar.

— Não está, ela me deixou em casa, cerca de três horas atrás. Que horas são agora? Pode ter sido até mais. Isso não é típico dela, Ethan, nem quando as coisas estavam ruins. A preocupação com a sanidade mental dos pais, a fez ser a pessoa mais responsável que conheci, alguma coisa aconteceu, tem certeza que não aconteceu nada, não fez nada que a chateasse?

— Não fiz, passei a tarde organizando uma surpresa e quando tentei falar com ela, o telefone chamou até cair na caixa de mensagem, agora nem chamando mais está.

— Ethan, acho que seu erro, —não erro propriamente— foi deixá-la de fora, entenda, depois de tanto tempo sem se relacionar com alguém, ela sente-se incomodada com a “*dependência*” que vem tendo de você. Sei que a cabeça dura que há nela, fará o possível para provar que não precisa tanto assim da sua presença, ela estava bem chateada com o fato de você não ter entrado em contato o dia todo, não que tenha dito algo, mas a conheço bem o suficiente para perceber.

Estou paralisado, o que posso eu falar para me defender? Sabia que nosso relacionamento seria complicado, ela deve achar que uma vez que consegui levá-la para cama, não serei mais o mesmo e fiz exatamente isso. Olho pela janela assim que escuto o barulho do motor do carro dela, sim já conheço o barulho, não sou possessivo nem nada, apenas aprendi a detectá-lo, quando esperava para vê-la de longe.

— Gia, acho que ela acaba de chegar, depois nos falamos!

— Certo, só tenha paciência, tudo isso é muito novo para ela.

— Eu terei! — Desligo e vou em direção a sua casa, mesmo estando irritado, tudo que quero é tê-la nos meus braços e me certificar que tudo está bem.

Capítulo Dezenove

Helida 🐦

Cerca de vinte minutos depois, estou chegando em frente à casa dos meus pais, entro pela porta da frente estranhando não encontrar ninguém, provavelmente estão dormindo. Pego o celular na bolsa para ver que horas já são, quando percebo que está descarregado, é a resposta de que já é realmente tarde.

Tento não fazer barulho e começo a subir as escadas, paro com o pé no primeiro degrau ao ouvir baterem na porta. “*Quem pode ser essa hora?*” Volto para abrir antes que as batidas acordem meus pais e verdade seja dita, a pessoa não está sendo nada delicada.

Abro a porta para dar de cara com um Ethan praticamente soltando fogo pelas narinas de tão irritado e gostosamente lindo pra caramba.

— Onde você estava? — Dou um passo atrás ligeiramente assustada com a forma ríspida com que ele fala e o meu já conhecido mau humor toma conta da situação.

— Na Terra! — Falo revirando os olhos.

— Helida, não venha com ironia para cima de mim, não agora, onde diabos você se meteu? — Ruge furioso.

— Ei, não venha gritar comigo, Sr. Scott, você sabe muito bem onde eu estava! — Grito de volta, se bem que ele só sabe mais ou menos onde estive.

— Não, eu NÃO SEI PORRA NENHUMA, o que sei é que VOCÊ, Srta. Morales, saiu do consultório por volta das sete e quarenta, agora são onze e vinte, o que são quase quatro horas de diferença da hora que você saiu, até esse momento. — Nossa, não sabia que já era tão tarde. Agora entendo sua irritação.

— Sim, sai esse horário, porém, você sabe que sempre levo a Gia em casa e...

— Também sei disso, liguei para ela, que me disse que você saiu de lá

por volta das oito da noite, então não venha com mais enrolação.

— VAI ME DEIXAR FALAR OU NÃO?

Grito exasperada, espero um pouco e quando ele fica em silêncio continuo com o meu tom de voz alto.

— Quando a deixei em casa, decidi parar na praia, um pouquinho só para pensar, tudo bem que não vi a hora passar, mas isso não é motivo para tanto!

— Pensar em que? — Ele me olha intrigado, era só o que faltava, eu ter que contar até meus pensamentos!

— Para que você quer saber? Você também não me... — Vejo meu pai descendo as escadas, ele no mínimo acordou com nossos gritos. — Vamos dar uma volta, volto logo pai!

Não espero para ouvir sua resposta e nem vejo para onde estou indo enquanto sou puxada por um Ethan ainda fumegante.

Quando estamos razoavelmente fora das vistas do meu pai, ele se vira e me abraça forte, já não sei mais porque estávamos brigando.

— Você faz ideia de como fiquei preocupado com você? Cheguei a pensar que você pudesse estar ferida em algum lugar, estava ficando louco.

— Seria fácil resolver, bastava ter me ligado! — Falo enquanto me agarro ainda mais forte a ele.

— Eu liguei, mil vezes seguidas, só que caia na caixa de mensagens, então comecei a imaginar várias coisas. — Ele me afasta o suficiente para me olhar nos olhos. — Em que você precisava pensar? — Há preocupação na sua expressão.

O que poderia dizer, que estava insegura, que tinha passado o dia todo imaginando coisas sobre ele e com ele? Não mesmo.

— É que, foi um dia longo, eu não queria vir para casa e ficar sozinha, já que não sabia que horas você terminaria '*suas coisas importantes*', só isso. — Bom, nem tudo é mentira, existe uma meia verdade.

— Ficar sozinha? — Seus olhos demonstram espanto e mágoa. — Você, realmente pensou que eu iria deixá-la sozinha depois de... Achou isso

mesmo? — Ele franze os lábios.

— Não me disse o que ia fazer, então imaginei que... Para onde você vai? — Ele me solta e caminha em direção a uma porta?

— Não sai daí! — Diz sem voltar a me olhar.

Estando sozinha começo a olhar mais atentamente onde estou, reconheço de imediato, meu corpo trava quando olho para o chão, é o gramado da casa dele, eu conheço esse lugar como ninguém, afinal esse já foi meu gramado.

Luzes se acendem, iluminando todo o lugar, há uma mesa posta para duas pessoas, ele deve ter passado o restante do dia preparando isso, para mim, quando deveria ter descansado, já que amanhã começa mais um turno de quarenta e oito horas.

— Me desculpe, Ethan, eu acho que dessa vez meio que pirei legal. — Quero um buraco para enfiar minha cabeça.

— Shh! Eu também me precipitei, deveria ter contado.

— Não, não deveria, isso estragaria a surpresa, eu que fiquei insegura pensando um monte de besteira. Eu realmente não o mereço, odeio me sentir assim insegura, mas não posso deixar de pensar que... É que tenho medo de perdê-lo, ainda acho que você irá olhar para o lado e ver algo mais interessante do que aguentar aos meus rompantes de insegurança e mau humor, e com isso, partirá. — Aí está o ponto dos meus problemas, ainda não consigo acreditar que tenho essa criatura linda para mim.

— Lim, eu já te disse uma vez, você não vai me perder, quando se sentir assim deve me falar, se queremos que nossa relação funcione, temos que ser honestos um com o outro, certo?

— Eu juro que não sou assim, essa louca, cheia de inseguranças e medos, geralmente sou quem toma as rédeas da situação, mas só de pensar nessa possibilidade, fico aflita e acabo enfiando os pés pelas mãos.

Me abraça forte novamente e com ele assim, tão perto, todos os meus medos parecem tão tolos.

— Não fique assim, pense que nada pode me afastar de você, nem

mesmo você, só a morte.

O sonho da noite passada se infiltra na minha mente, o expulso imediatamente, antes que possa estragar o momento.

— Então, vai me dizer o motivo disso tudo? — Gesticulo para a linda mesa e ele sorri.

— Pensei que, talvez, você quisesse fazer algo diferente. Como você não está preparada para fazer uma visita formal a minha residência, imaginei que poderíamos jantar aqui, assim aos poucos você vai se habituando com a possibilidade de vir algumas vezes dormir comigo. — Ele realmente é melhor do que eu mereço.

— Você é incrível, não sei se mereço tanta consideração da sua parte.

— Não, você não merece mesmo, nem um pouquinho de consideração, principalmente quando fica toda encabulada por alguma bobagem, fica atraente e desejável. Definitivamente, consideração não está na lista do que você deve ter nesse momento. — Ele me beija, como sempre, fazendo-me parar de raciocinar assim que seus lábios tocam os meus.

Tenho que controlar meu corpo, que já está em total sintonia com ele, para não esquecer que não estamos em um ambiente totalmente fechado. Porém, me diga, como posso pensar direito quando estou nos braços da pessoa mais linda do mundo, tanto por dentro, quanto por fora?

— Ethan, já esta tarde, temos que trabalhar amanhã. — Digo ainda segurando seus cabelos, seu rosto ainda bem próximo ao meu.

— Tem razão, no entanto, é tão difícil me afastar de você! — Pelo menos isso vai ser fácil resolver.

— Não precisa se afastar, dorme comigo? — Meu Deus, onde está a minha inibição? Quer saber? Dane-se ela.

— Dra. Morales você está me fazendo uma proposta um tanto indecente, acho que alguém substituiu minha namorada por essa mulher quente, linda e sexy, estou quase acreditando que isso é para valer.

— Pode acreditar, Dr. Scott, não sei se vou conseguir dormir sem você. Podemos só dormir, prometo que não vou te atacar no meio da noite! — Dou

um sorrisinho para ele.

— Se é assim, eu não vou! — Ele ri, mesmo quando tenta ficar sério.

— Espere aí, falei que não iria atacá-lo no meio da noite, porém, nada me impede de tirar uma casquinha de você agora mesmo.

Começo a puxá-lo para minha casa, ele me pega no colo e passo as pernas em volta dos seus quadris, prendendo-me a ele de toda forma possível, enquanto devoro seus lábios.

Aquela sensação de abandono e insegurança que me dominou o dia todo, já não faz mais parte das minhas emoções.

— Acho que acabamos de ter nossa primeira *D.R.*! — Sorrio junto ao seu pescoço, ao subirmos as escadas, por sorte meu pai voltou para o quarto.

— Sim, acho o mesmo, agora que ela passou, é chegada a hora da reconciliação, você sabe que fazer amor depois de uma *D.R.*, faz tudo ser ainda melhor?

— Assim espero, Dr. Scott, assim espero!

Capítulo Vinte

Helida 🍷

A vida tem uma forma estranha de fazer as coisas se arrumarem, por muito tempo estive dormente, nada a minha volta parecia ter cor, até Ethan entrar em cena, ele fez tudo mais vívido a minha volta, o que era feio ficou belo, mais do que eu poderia imaginar. Tudo se transforma com apenas um simples sorriso seu, e eu? Sou o que pode se chamar de uma boba apaixonada por ele.

A vida segue seu curso, quer você tenha o controle sobre isso ou não. No meu caso fico com a segunda opção. Com o passar dos dias, é possível perceber uma rotina que começa a se formar na minha vida, se bem que, rotina não é a palavra certa, uma vez que Ethan sempre dá um jeito de fazermos algo diferente.

Desde passeios no fim de noite apenas para admirar a lua, ou finais de semana fora da cidade curtindo o lado bom de viajar pelo interior do nosso estado, quando tem folga do hospital, como a vez que saímos para curtir apenas o fim de semana para comemorar meu vigésimo quinto aniversário e acabamos por ficar uma semana inteira em Floriano, uma cidade situada ao longo do Médio Parnaíba, rio que banha quase todo o estado do Piauí, nos apaixonamos pela arquitetura que mistura a simplicidade de uma cidade interiorana e a modernidade, sem que uma oprima a outra.

Essa foi uma das muitas aventuras que andamos fazendo ao longo dos últimos dois meses, porém, algo se tornou impossível de não se repetir a cada noite em que o tenho comigo, terminar dormindo em seus braços, fato que me deixa muito feliz.

E como se alguém decidisse acelerar o relógio, os dias começam a passar rapidamente, sem nos darmos conta, estamos no fim do ano. Esses últimos cinco meses que passei ao lado de Ethan, estão sem dúvida, na lista dos melhores que já tive na vida, é o primeiro natal que passaremos juntos e o primeiro depois de seis anos que vou comemorar realmente.

Felicidade é pouco para definir o que sinto, mesmo me sentindo um pouco estranha, principalmente nessas últimas duas semanas, tenho estado com muito sono, inclusive durante o trabalho, tem sido difícil manter os olhos abertos por muito tempo.

Também estou comendo horrores, se bem que, essa parte é super fácil de explicar, meu namorado é um verdadeiro chefe gourmet, sempre cozinhado coisas muito difíceis de resistir, acabo sempre comendo mais do que devo e o sono, bem, minhas noites têm sido um tanto quanto agitadas, como há duas noites atrás, onde fui seu presente de aniversário, uma noite incrível onde experimentamos de tudo, se é que me entendem. Claro que depois lhe dei o presente real, um conjunto de canetas personalizadas, feitas sob encomendas, da mesma que ganhei do meu pai ao me formar, junto com um porta retrato com uma foto nossa na praia.

Estou no meu quarto divagando sobre tudo quando me vem aquele conhecido estalo, tipo aquela luzinha que se acende nos cartoons quando eles têm uma ideia.

Só agora enquanto me arrumo para a ceia, que uma outra possibilidade a respeito dessa minha mudança comportamental me ocorre: o que foi o gatilho para isso? Um pequeno pacote, algo que há muito não uso, acabou por atrair minha atenção.

“Quanto tempo faz que não preciso usar absorventes mesmo?”

Faço as contas na minha cabeça umas dez vezes seguidas e não estou enganada, já se passaram quase três ciclos e nada de nada, nada mesmo, não estive muito atenta a isso porque nunca fui muito regular, além de que, nos prevenimos sempre... Ops! Esqueci da nossa primeira noite, estávamos tão nervosos e depois tão animados, que nem demos conta disso, até esse momento.

Aquela luz que falei, deve estar pairando acima da minha cabeça enquanto ligo os pontos.

— Claro! Como fui tão imbecil e não percebi, esse deve ser o motivo correto para que eu esteja tão esquisita ultimamente! — Falo em voz alta para mim mesma, tentando clarear tudo na minha mente.

Sento-me no chão um pouco tonta, minhas pernas parecem gelatina, é muita informação para minha cabeça, abraço meus joelhos e coloco a cabeça entre eles para tentar melhorar a tontura, porém, não é o suficiente, meu estômago embrulha e corro para o banheiro, despejando no vaso sanitário todos os petiscos que degustei durante a tarde, enquanto ajudava minha mãe com os pratos que serão servidos logo mais, pensar em toda aquela comida lá embaixo só me faz sentir mais enjoada.

Levanto e escovo meus dentes, tirando o gosto do vômito da boca, sento na borda da banheira e tento acalmar minha respiração, preciso saber o que fazer a partir daqui, não posso deixar o pânico me dominar.

Não consigo ficar quieta por muito tempo, vou até o espelho a fim de ver se algo mudou em mim, mas é claro que não, é cedo demais para mudanças visíveis, porém, há algo diferente sim, inclino a cabeça para o lado apertando os olhos, e lá está, meu rosto um pouquinho mais arredondado, meus seios estão maiores e terrivelmente doloridos e devo estar uns dois centímetros mais larga nos quadris, talvez?

“Oh meu Deus, um filho! Uma continuação do amor que existe entre mim e Ethan!”

Um serzinho minúsculo que apesar de não ter certeza ainda da sua existência já o amo, sinto que meu coração e meus pensamentos estão sendo invadidos por um amor novo, totalmente desconhecido por mim e já tão importante.

Termino de me vestir o mais rápido que consigo, já que não estou vendo nada com as lágrimas que estão caindo sem parar pelo meu rosto, desço as escadas correndo, saio pela porta da frente sem parar, preciso ir direto para a casa ao lado, preciso contar ao Ethan minha suspeita-quase-certeza, sei que ele vai amar a ideia tanto quanto eu, me abraçará forte como ele faz quando está feliz, vai dizer que ama a mim e ao nosso grãozinho, mesmo que nunca tenhamos falado sobre filhos, ou a vontade de ter algum, sou tomada pela certeza do seu amor por mim.

— SIM, ele me ama e vai amar você também, grãozinho! — Digo enquanto fecho a porta de casa, acho que ouvi meu pai perguntar da cozinha:

“*Aonde que é o incêndio*” Não paro para responder, ou me importo com isso, pedirei desculpas depois, tenho que dividir com meu amor toda a emoção que está dentro do meu peito ou vou sufocar, estou tão emocionada que não me importo que esteja chovendo e que provavelmente meu vestido novo, escolhido exclusivamente para hoje ficará arruinado.

Chego a sua casa e não sei se devo bater ou não, acabo encontrando a porta entreaberta, resolvo entrar assim mesmo, não ligando para a boa educação que me foi dada pelos meus pais, entro na sala de visitas e fico momentaneamente distraída com a decoração do lugar, está tudo diferente, parece até outra casa, só então, escuto as vozes que vêm da cozinha, possivelmente, elas me despertam e lembro do motivo pelo qual estou aqui, coloco um sorriso parecido com o do gato da Alice no país das maravilhas e vou em direção a elas.

Dou alguns passos antes de parar, sem que consiga dizer qualquer coisa, devo estar tendo alucinações ou com um sério problema na visão! Não consigo encaixar na mente, a cena diante de mim, não pode, não o meu Ethan, não pode ser ele ali beijando uma outra mulher. Seguro-me no beiral da porta para não cair, mas já é tarde, minhas pernas resolvem não cooperar, o chão acaba de sumir debaixo dos meus pés, fazendo com que eu vá de encontro ao chão,

— Ethan? — É tudo que consigo dizer, antes de tudo ficar escuro à minha volta.

Ethan 7

Não há bem que dure para sempre! Muito menos paz de espírito...

Era de se esperar que a calmaria aconchegante que tenho vivido ao lado da minha garota, logo chegaria ao fim, soube que o momento era esse, assim que abri a porta e me deparei o fantasma que tanto me assombrou no passado, Lucie, minha ex noiva.

— Você? O que faz aqui? — Não dá para disfarçar a surpresa em revê-la.

— Não vai me convidar a entrar? Sabe, você já foi mais educado, dear!

— Você não é bem-vinda, quem te deu o meu endereço? —Tenho total certeza que meus pais nada têm a ver com isso.

— Fala sério, Ethan! Bastou procurar pelo seu CRM, sabe que é fácil descobrir onde um colega está exercendo a profissão, gatinho. — Passa por mim, sem me dar a oportunidade de barrar-lhe a entrada.

— Não me chame assim, perdeu esse direito há muito tempo! — Não vou cair no jogo dela, não mesmo!

— Qual é, Ethan? Sei que ainda me ama, se não amasse, já estaria com outra! — Eu já estou, mas, não vou deixá-la ter conhecimento da minha garota, meu instinto protetor fala mais alto.

Ela anda pela sala de estar, olhando as obras de arte que a minha mãe carinhosamente comprou, para enfeitar minha nova casa, seu olhar fixa-se no balcão perto da porta, sei o que está vendo, a imagem de Lim, ela está olhando para o horizonte ao longe, comigo olhando-a encantado, foi meu presente de aniversário, dada por Lim, junto com as canetas que agora uso para assinar documentos importantes, uma fica comigo em casa, outra no consultório.

— Quem é ela?

— Não é da sua conta e sabe disso! Como está o seu noivo? —Rebato e a vejo se encolher com a pergunta.

— Terminamos, ele não é o cara certo para mim!

Anda mais um pouco, até que está na cozinha, quero colocá-la porta afora, mas não farei uma cena, sei que é isso que quer.

— Você é!

— Você está maluca? Sou o cara certo sim, mas para a garota que você viu na foto, é ela quem amo!

— Não acredito em você, está dizendo isso da boca para fora. Eu te magoei, sei disso, mas acredito que ainda me ame! — Diz um tanto descontrolada.

— Você realmente está fora de si! Eu não a amo. E a verdade é que ao terminar comigo, me fez um grande favor. O tempo que passei fora foi um

grande aprendizado. Em seguida, vir para essa cidadezinha tão distante de São Paulo, se mostrou a melhor das escolhas que já fiz. Vim somente com a intenção de não voltar a vê-la, mas foi aqui que tirei a sorte grande e encontrei meu verdadeiro amor!

Não nego que sinto uma certa satisfação em vê-la se encolher ante as minhas palavras, quando encosta-se no balcão e abaixa a cabeça, espero que não esteja passando mal, não sei se terei vontade de socorrê-la.

— Pode me servir um copo d'água? Acho que o calor dessa cidade não está em fazendo bem.

Minha boa educação fala mais alto, acabo por servi-la, meu grande erro.

— Ethan por favor, me dê mais uma chance, sei que posso fazê-lo feliz.

Suas mãos estão sobre as minhas, dou um passo atrás, movimento errado, minhas costas batem na parede e sou surpreendido por seus lábios nos meus. Aqueles que um dia tanto ansiei, hoje me causam repulsa.

— Ethan?

Acontece muito rápido, a voz de Lim se infiltra na minha consciência, empurro Lucie para longe, a tempo de segurar minha garota, antes que ela bata com a cabeça no chão, seus olhos estão fechados e sua pele está fria, meu coração gela com as possibilidades que um passo em falso, pode vir a me custar.

Helida 🐾

A escuridão começa a se desfazer, minha mente registrando os sons confusos a minha volta.

— Não há motivo para alarde, Ethan, você está fazendo uma tempestade na porra do copo d'água! — Escuto uma voz ao longe, ela está brigando com Ethan, não gosto da ideia de alguém brigando com ele.

Não sei quanto tempo estive desacordada, mas não queria voltar a realidade, porém, nem mesmo a inconsciência me impede de ouvir as vozes, gritos na verdade, e mãos, mais de um par delas me tocando, fazendo com que meu corpo retraia na hora.

— Sinta a pulsação dela está normalizando, ela vai ficar bem! — Fala uma voz feminina de forma brusca.

— Lim, meu amor, acorda, vamos linda, por favor? Eu te amo! Acorde e poderei explicar tudo! — Uma onda de alívio enche meu peito, abro meus olhos lentamente tentando me adaptar a claridade e identificar onde estou.

— Viu, falei que ela estava bem! — Viro a cabeça e encontro um par de pernas longas e olhos azuis que olham para mim, destilando ódio.

— Ethan, o que aconteceu, por um minuto pensei ter visto...? — Olho de novo para a morena ao meu lado e sim, não foi imaginação, levanto-me ainda tonta, não preciso falar mais nada, a acusação está gravada no meu olhar, não resta dúvidas, sei que ele vê, pela forma como seus ombros caem derrotados.

Ótimo! Assim não preciso dizer nada mais, até mesmo porque, se abrir a boca tudo que provavelmente farei é começar a chorar.

— Lim, não é o que você está pensando.

Não espero para ouvir suas explicações, saio correndo, preciso de um refúgio, um lugar onde possa processar o que acabo de ver, assim que chego à frente da minha casa, entro no meu carro e dirijo feito louca, sem me importar, nem pensar para onde estou indo, estava tudo bom demais para ser verdade, eu sempre soube que uma hora a felicidade que estava sentindo seria tirada de mim, era de se esperar, nada na minha vida durou muito tempo, por que agora seria diferente?

Em algum lugar ao fundo na minha mente, eu sei que não deveria estar dirigindo. Ao menos, não estando tão abalada emocionalmente, no entanto, andar a pé não seria rápido o suficiente, então acelero para fora da cidade, pegando a rodovia sem saber se estou indo pro sul ou pro norte, tanto faz, só quando entro na primeira curva a direita me dou conta que está chovendo, o senso responsável me bate, tenho possivelmente outra vida dentro de mim, não posso ser imprudente agora.

Tento diminuir a velocidade, no meu embaraço emocional, acabo por pisar no freio sem perceber e tudo acontece muito rápido, o carro perde o controle e começa a rodar na pista, minhas mãos já não o seguram enquanto

ele capota várias vezes, minha cabeça bate na lateral, uma, duas, três vezes, sou jogada de um lado ao outro, como uma boneca de pano, minha mente gira e gira, até que tudo escurece.

Uma voz me chama ao longe, minutos ou horas depois. Há dor, muita dor, olho para o lado desorientada, vejo luzes vermelhas e azuis piscando, ainda estou no carro, ele ainda está capotado, estou de cabeça para baixo, presa apenas pelo cinto de segurança, tudo dói, principalmente minha cabeça e logo abaixo dos meus quadris, automaticamente minhas mãos vão à minha barriga, com certa dificuldade, uma vez que parece que meu corpo não está cooperando e tudo o que mais quero agora é proteger meu bebê, meu pequeno grãozinho.

Há mais vozes ao meu redor, muitas vozes agora, além de barulho por todos os lados, quero falar para pedir ajuda, mas não consigo, nem posso enxergar direito, está tudo tão confuso e dolorido, muito dolorido.

Sinto mãos tocando na lateral do meu rosto, é preciso todo meu esforço para obrigar meus olhos a focalizarem em quem quer que seja. É Ethan, ele está aqui, falando algo que não compreendo, sei que nesses casos de acidentes tentam tranquilizar a vítima, não tenho muito tempo para ser tranquilizada, sinto que vou apagar a qualquer momento.

— Lim, fale comigo, você consegue se mexer, por favor, me responda!
— Sua voz está quebradiça, não preciso dele histérico agora, preciso que esteja atento para salvar o nosso filho.

Estou muito irritada com ele, no entanto, devo guardar esse sentimento para quanto eu estiver lúcida. Se eu acordar, eu preciso acordar e vou acordar, pelo meu bebê! Essa determinação em manter meu grãozinho a salvo traz minha voz à tona.

— Ethan, o bebê... — A pressão na minha cabeça está aumentando, ela parece a ponto de explodir de tanta dor e o esforço para falar é sufocante. — Não deixa o meu bebê morrer.

Tento dizer um por favor, ou ter um vislumbre do seu rosto, antes que me vá, mesmo com raiva, preciso ver os seus olhos, tentar enxergar o amor neles, a escuridão e a dor na minha cabeça levam a melhor, vencendo-me

nesse *round* e apago.

A escuridão que se esgueirava, está agora a um palmo de distância, tento voltar a superfície novamente, porém é inútil, não consigo e dessa vez não é certo que eu possa acordar.

Ethan 7

Há algo lúdico na dor, você se vê agarrado a ela, mesmo quando ameaça sufocá-lo, quando a dor é tudo que te faz manter a mente ativa, não tenta aliviá-la, a acolhe de bom grado.

De alguma forma consegui chegar até o hospital dirigindo, meu desespero para estar junto daquela que amo, fazendo o trabalho por mim. Álvaro estava aqui me esperando, foi ele quem ligou para os pais de Lim, foi ele quem os recebeu e contou todo o prognóstico, no entanto, há algo que eu, e apenas eu, posso fazer, os olhos de Laura e Jorge estão sobre mim, as perguntas estampadas neles, mas me estão dando o tempo necessário, não que eu mereça qualquer consideração por parte deles.

— O que aconteceu, onde está Lim?

Gia entra na sala de espera trazendo a sua agitação típica.

— O QUE FOI QUE VOCÊ FEZ, SEU BABACA? — Grita para mim, diferente dos pais da minha menina, ela não irá me poupar da culpa, por que deveria?

— Gia, foi um acidente. — Álvaro, tenta acalmá-la, mas sua atenção está em mim.

— Sim, eu sei, porém, apenas ele pode nos dizer os que aconteceu, ela não entrava na porcaria daquela casa, se voltou hoje a noite, é por que algo muito importante estava acontecendo, então não tente me acalmar, nem amenizar a culpa dele! — Seu dedo indicador está apontado para mim.

O natural seria me defender, dizer que não fiz por querer, porém, isso já não importa, não quando a minha garota está lutando pela vida na sala de cirurgia, não quando nada mais fará sentido se eu a perder.

— Eu sou o culpado, sou um miserável, pensei que Lucie fosse desprezível, mas sou tão ruim quanto ela.

— Não é! — Só pode ser brincadeira, ela não teve a coragem de vir

até aqui.

Levanto num rompante, minhas pernas voltaram a funcionar, em uma fração de segundos a estou imprensando na parede, minhas mãos indo de encontro a sua garganta, antes que isso aconteça, braços fortes me seguram, pelos dois lados, impedindo-me de acabar com a raça desse ser desprezível.

— Ethan, isso não irá amenizar seu desespero, filho, venha, sente-se aqui e nos conte o que aconteceu. — Jorge, mantém seu tom firme, sempre uma rocha.

— Se me permitem, eu gostaria de explicar. — Lucie se prontifica, em outra ocasião me sentiria grato, não hoje.

— Bom, faço-o agora, quero saber de tudo! — Guiado por Álvaro de um lado e Jorge do outro, sento-me e continuo minha rotina de esperar por notícias, o que tem saído da boca de Lucie, não me importa, verdade ou não, tanto faz, tudo que importa, é que minha Lim fique bem.

— Fora daqui! Já nos deixou a par da situação, agora pode ir! — A voz irritada de Gia me traz de volta da minha paralisia. Olho incerto para a melhor amiga da minha mulher, esperando ser o próximo da sua lista de expulsão, ela apenas balança a cabeça e me vira as costas.

— Ethan, me desculpe, não queria te causar nada disso, sinto muito. — Talvez um dia eu a perdoe, não agora.

— Já pode ir, Lucie, faça-me o favor de esquecer onde moro, nunca foi bem-vinda!

Não a vejo sair, tanto faz se tem onde ficar, ou se encontrará vaga em algum hotel de beira de estrada, nunca fui vingativo, mas não me importaria se ela morresse nesse exato momento.

— Ei, amigão, não quer ligar para os seus pais, posso fazer isso se quiser. Ter sua família por perto, às vezes, ajuda! — Meus pais? Olho para Álvaro sem compreender, se bem, que nada tem feito muito sentido. Dá de ombros incerto.

— Por favor, se não for incômodo, faça isso.

— Claro! Talvez, a cirurgia demore mais um pouco, eu recomendaria

que fossem comer algo, no entanto, nem eu mesmo conseguiria digerir nada.

— Ficaremos aqui, só saio desse hospital com a minha menina, não acredito que isso esteja acontecendo com ela novamente. — Laura recosta-se no peito do marido, debato mentalmente comigo mesmo, se devo contar sobre o bebê, que nem sei se existe.

— Laura, eu sinto tanto, não há palavras para como me sinto.

— Então nem tente! — Gia lança seu olhar magoado e cheio de raiva para mim, não posso fazer nada mais do que aceitar.

— Gia, não! — Laura a repreende. — Foi um acidente! Ele não tinha como controlar os acontecimentos, ninguém tinha. — Não sei o que suas palavras me trazem, o alívio da sua aceitação confunde-se ainda mais com a culpa.

— Ela está grávida. — Gemo baixinho, enterro a cabeça nas mãos e soluço feito criança.

— O quê? — Jorge senta-se ao meu lado e espera por minha resposta.

— Antes... antes de ficar inconsciente, ela me pediu para salvar o bebê, o nosso bebê. Se a perder, estarei perdendo também meu filho, não posso perdê-los, não mereço sequer estar aqui com vocês, mas eu a amo, meu amigo, e já amo o ser que fizemos juntos.

— Sei que ama! E se quer saber, ela não irá desistir, não quando há outra vida dependendo dela, conheço minha princesa, ela é guerreira, logo estará aqui conosco, e você, trate de comprar o anel, ela merece um pedido formal!

— Já o tenho! — Toco o bolso da calça que estou vestindo, sinto a firmeza da caixinha dentro dele, rezo para ter a oportunidade colocá-lo onde pertence.

Uma semana depois

— Algum sinal de melhora? — Minha mãe alisa meu cabelo, nem a vi entrar.

Meus pais chegaram na manhã seguinte ao acidente, desde então, há um revezamento de quem fica aqui comigo, assim como os pais de Lim,

todos querem estar aqui para quando ela acordar, pois sei que vai.

— Nada, os sinais vitais continuam estáveis, no entanto, nenhuma mudança.

— E o bebê? — Meu filho, não consegui ainda me acostumar com a sua existência, sua vida é considerada um milagre, diante de toda gravidade do acidente.

— Ele ficará bem, desde que Lim também esteja!

Toco a barriga plana da minha garota adormecida, quero que ele sinta que estou aqui.

— Acho que vai demorar um pouco, até que eu me acostume com a ideia de ser pai, não que eu não o queira, de forma alguma, já o amo tanto! Mas a notícia me pegou de surpresa.

— Claro, que ama! Rapazinho, você não é o primeiro pai a não sentir uma ligação imediata com seu filho, para nós, as mães, é mais fácil, nosso corpo sente as mudanças, os sintomas da gestação, já vocês, ficam apenas com a parte boa.

— Ela não está sentindo as mudanças no corpo, isso não é certo, mãe.

— Não, filho, não está! Mas se deixar apagar do mundo, como está fazendo, não é a solução. Ela precisará que você esteja bem quando acordar, precisará da sua força. Vá para casa, descanse um pouco, ficarei aqui com ela, prometo que ligo se algo mudar!

— Não, dormirei aqui, não posso sair de perto dela, ela está perdida mãe, preciso ficar para ajudá-la no caminho de volta. — A lembrança do sonho que por duas noites se repete, traz um calafrio a minha espinha.

— Filho, foi apenas um sonho, sabe que não foi real.

— Não importa, não sairei!

Duas semanas e meia...

— Você só pode estar maluco! — O Dr. Loiola quase grita.

— Não estou! Vou levá-la para casa.

— Jorge, você sabe que isso exigiria que todos esses aparatos do

hospital fossem replicados em domicílio. — Por sorte, tenho meu sogro do meu lado.

— Ricardo, sei que está fazendo o melhor que pode, mas estamos com tudo pronto para transferi-la, todo os equipamentos necessários, os pais de Ethan providenciaram tudo.

— E se acontecer uma emergência? Uma parada cardíaca?

— Chega! Não vai acontecer nada disso, em todo caso, estamos preparados para qualquer eventualidade e teremos dois médicos e uma enfermeira lá para ela, vinte e quatro horas por dia, mas repito, ela vai melhorar, ficará mais feliz estando em casa.

— E quanto ao acompanhamento da gestação, sabem que é de risco!

— Álvaro, estará lá todos os dias. Desista Loiola, vou levar minha mulher para casa! — Não há discussões quanto a isso.

— Bem, vocês são os responsáveis legais por ela, mas como o médico que a está acompanhando, farei visitas periódicas, diga a Laura que terá um convidado durante uma das refeições!

— Pode deixar, obrigado, por estar conosco!

— Sabe que amo minha afilhada, não dormiria a noite, sem que soubesse do seu estado!

Suspiro aliviado, acho que é o que ela está esperando, a normalidade da sua casa, das suas coisas, tenho certeza que logo estará de volta do seu sono.

Nove semanas e três dias...

*Foi assim que a conheci
Naquele dia junto ao mar*

...

Minha voz, não muito boa, canta junto com Renato Russo, tenho feito isso desde que a trouxemos para casa, li em uma revista que os bebês escutam as vozes daqueles a sua volta e as reconhecem quando nascem, quero meu filho sabendo quem sou, desde a barriga da mãe.

Um movimento sutil chama minha atenção, paro de cantar

maravilhado. Será possível que tenha sido o bebê? Faço silêncio enquanto espero que se repita, nada acontece, a música está chegando ao fim e ele não mexeu novamente, recomeço a cantar, a parte seguinte representa bem a minha aflição.

*Hoje à noite não tem luar
E eu estou sem ela*

...

E aqui está novamente, o leve tremor no ventre da minha menina adormecida, ele mexe quando escuta minha voz, é certo que, talvez, já a reconheça, não seria diferente, tenho cantado para ele, noite após noite.

— Eu sei que pode me ouvir, cuide bem da sua mamãe, ela precisa acordar, estou morrendo de saudades dela, preciso que diga isso para ela, sim? Eu amo vocês!

Desligo o console de som, deixo apenas o abajur ao lado da cama aceso, se ela acordar no meio da noite, não ficará desorientada, deito no meu colchão ao lado da sua cama, sem sono algum, olho o teto, lembrando as inúmeras noites que passamos juntos aqui, nesse quarto que agora está tão diferente, sua antiga cama, deu lugar a uma cama hospitalar, tamanho extra grande, exigência da minha mãe, ela refez todo o ambiente, deixando funcional, mas ainda assim aconchegante, disse que sua nora merecia muito mais.

Sinto falta do seu olhar tranquilizador, meus pais precisaram voltar, há muitas coisas que dependem da presença dos dois em São Paulo.

Com lembranças soltas passeando pela minha mente, acabo por adormecer, esperando que o meu sonho recorrente venha até mim, mas não é o que acontece, há algo diferente dessa vez.

A luz do fim de tarde está se extinguindo, olho para os lados e não vejo ninguém, a praia está deserta, não há motivos para que continue aqui, quando deveria estar ao lado da minha Bela Adormecida.

Viro-me em direção ao estacionamento, quando a vejo, está resplandecente, seu sorriso largo e convidativo, corro ao seu encontro e a tomo nos braços, beijo seus olhos, nariz, bochechas, antes que possa sentir seu sabor sem igual.

— *Ethan, me escute, ainda não estou pronta para voltar, mas há algo que preciso dividir com você!*

Sua mão desce até o seu ventre arredondado, acaricia-o gentilmente, seu olhar brilha ao voltá-lo para mim.

— *Eu sei sobre ele, meu amor! Está tudo bem com o nosso bebê, não deixei que nada acontecesse, como me pediu!*

— *Sei que sim, no entanto, não é isso, vim te dizer que teremos um menino, um lindo menino. Espero que tenha os seus olhos, amo essa cor tão intensa.*

Acaricia meu rosto, suas mãos não estão mais frias, há calor nelas.

— *Não fique com raiva, nem ache que o amo menos por isso, mas, quero chamá-lo de Caio.*

Paro no lugar, meu lado possessivo entrando em ação, quero gritar que, de forma alguma darei esse nome ao meu filho, não para que ela se lembre do seu falecido marido toda vez que olhar para ele.

— *Não! Escolha outro nome, Lim, qualquer um, menos esse! — Seu sorriso é gentil.*

— *Ethan, você conhece o significado desse nome? — Balanço a cabeça negando. — Bom, pesquise o que ele significa, é tudo que desejo que nosso menino seja.*

Sento-me de imediato, estou atordoado, não mais na praia, estou no quarto de Lim, ela ainda está dormindo, na mesma posição há dois meses, não há luz avermelhada do entardecer, sim a escuridão do lado de fora. Pego meu celular e digito na caixa de pesquisa, dois segundos depois, lá está a resposta.

“Feliz”, é isso que o nome Caio significa. Sim, desejo isso ao meu filho, farei a vontade da minha garota, seu nome será Caio. Eu mesmo farei tudo que estiver ao meu alcance para garantir a sua felicidade.

Capítulo Vinte e Dois

Helida 🌸

O tempo parou de fazer sentido pra mim, não sei dizer se ele está contra ou a meu favor, apenas tenho a leve noção de que já devo estar dormindo há algum tempo. Sei que estou sonhando por alguns detalhes, há muitas cores, em forma de flores, aves e borboletas. Não é possível que minha vida esteja tão colorida assim e isso é o que mais vejo a minha volta, tão nítidas que chego a me perder neste mundo multicolorido.

Outro detalhe que me faz ter a certeza de que estou dormindo, é que não fiquei só, até mesmo quando não havia nada a minha volta além da escuridão que ameaçava me tomar por inteiro, sem conseguir ouvir uma única voz ou sentir o toque de alguém por perto, ainda assim, era capaz de sentir uma presença constante comigo.

Embora não soubesse de quem, foi esta presença que me deu a força que precisei para manter a escuridão da não existência afastada. Por algumas vezes, foi quase impossível lutar, mas ela me fazia continuar, resistir, me mostrava que era preciso sobreviver.

Nem mesmo a lembrança daqueles que amo era forte o suficiente para me fazer resistir ao peso esmagador que me empurrava cada vez mais para a borda do precipício infinito.

É doloroso saber que seu fim está chegando, que a qualquer momento irá fraquejar e ele virá levando quem você é para sempre, chega a ser um pouco engraçado que agora eu esteja lutando contra aquilo que tanto desejei, por tanto tempo. Não sinto o alívio que deveria existir nesse momento, só aquela determinação de que devo continuar lutando, mesmo quando parece impossível.

— Lim, não se vá ainda, fique conosco! — Os rostos das pessoas que são importantes na minha vida, passam por mim, implorando para que eu não desista, mas não têm poder algum contra a escuridão, meus pais, Gia, Ethan. Apesar de sentir no meu interior, que ele é o culpado por eu estar aqui, ainda

assim ele é importante para mim, por mais que eu os ame, isso não é forte o bastante para me fazer lutar e resistir.

“Então é isso, estou morrendo, é esse meu fim.”

Tento pensar nisso com algum alívio, sei que é o fim não só por estar se tornando insuportável lutar contra a escuridão. Soube que a hora havia chegado, no momento em que vi o Caio. Meu falecido marido está aqui comigo, tão lindo, que nem parece que ele morreu há seis anos.

Depois de tanto tempo ele ainda me olha com carinho, porém, está com aquela cara que me diz que estou encrencada e vai me repreender, sorrio para ele ao me aproximar.

— Caio? Como é bom vê-lo, estou tão feliz que seu rosto seja a última coisa que verei antes de partir! — Estou hesitante e um tanto constrangida por não ter mantido minha promessa. Tenho medo que ele comece a dizer como fui desleal, então fico parada esperando que ele resolva falar.

— Lim, não serei o último, nem perto, vamos lá, já passa da hora de você voltar. — Eu o olho feito uma imbecil, sem conseguir entender.

— Mas eu não quero voltar, quero ir com você! — Peço, esperando que ele me diga *'sim venha'*. — Não sei se tenho motivos para voltar. — Saber disso me dói mais do que deveria.

— Como assim? Claro que você tem porque voltar! Não se lembra? — Seu olhar trava com o meu, me deixando a entender, mesmo sem as palavras, que estou errada.

Nesse momento imagens desconexas começam a passar por minha mente. Meus pais e Gia comigo durante toda minha vida; meus pequenos pacientes que sinto tanto prazer em atendê-los; o dia em que conheci Ethan; o primeiro beijo, a nossa primeira noite e algumas das outras; os momentos felizes, o modo como ele me olhava.

Fico constrangida de estar vendo tudo isso com o Caio ao meu lado.

Então, quando vêm as últimas imagens, sinto a força que precisava, vejo-me ali, em frente ao espelho acariciando minha barriga onde está meu grãozinho, com os olhos cheios de um tipo novo de amor, que nesse

momento já me parece tão familiar.

— Viu por que precisa voltar? Por ele, sabe disso, não é? E quando estiver com ele em seus braços, lembre-se que nada mais importa. Ame-o com todo o seu coração, que é imenso, como eu amei você desde que caiu naquela quadra, durante a aula de educação física.

Já me arrependi de pedir para ir com ele, como posso desejar ir quando meu filho precisa de mim, e Ethan? Volto minha atenção para Caio.

— Lembra como era desengonçada e toda tímida naqueles óculos enormes? Mas, ainda sim, linda! Eu era só um menino de doze anos, porém, soube ali que você era para a vida toda.

Parado na minha frente está uma imagem que não pode ser real, estou abraçada a um garotinho enquanto Ethan me abraça por trás, estamos os três sorrindo largamente.

— Ame-os sem medo, minha Bela, não se prenda a tantas fobias sem fundamentos, deixe que os outros possam ter acesso a esse seu coração tão cheio de amor para dar, seja feliz, que estarei feliz também. Isso é o verdadeiro amor, eu a amo e preciso que você esteja feliz para que eu possa seguir meu caminho.

Com essas palavras ele se vai, assim como chegou, sem fazer alarde. Não quero que se vá, quero pedir que volte, não gosto de estar sozinha, no entanto, sei que para ficar ao lado dele terei que desistir da vida, mas tem alguém que precisa de mim para viver, meu pequeno grãozinho.

Sorrio ao pensar nele e verdade seja dita, o pai dele também, ainda não estou pronta para abrir mão da minha vida ao seu lado, agora tem alguém por quem devo lutar, alguém que me faz capaz de manter a escuridão longe, por ele, meu filho.

A presença que senti durante todo esse tempo comigo, era ele, esse pequeno ser desconhecido que mais uma vez toma conta de todos os meus pensamentos, eu preciso viver, pelo bem dele, meu pequeno Caio. Sim, esse será seu nome, Caio que significa feliz, e prometo fazer de tudo para que ele seja, muito feliz, igual ao seu nome.

Lembrar que tenho algo pelo que lutar, faz tudo mudar. Agora a minha

vontade de continuar vivendo juntamente com uma ansiedade desesperada para acordar, são o que me fazem ficar firme, eu preciso acordar o quanto antes, faço uma oração silenciosa, peço a Deus, que por favor, não me deixe morrer, preciso sobreviver, há muitas coisas pelas quais preciso viver, momentos para serem desfrutados!

Por tanto tempo estive em poder do meu corpo e me fiz de morta, um zumbi ambulante, agora que quero muito recuperar o controle, não consigo sequer abrir os olhos. Tento me concentrar: “*Vamos, Helida não ouse desistir agora!*” Mas ainda não foi dessa vez.



Quando tudo que você mais quer é ficar sozinho, na verdade, não se tem noção do que isto realmente significa. Assim sou eu, depois de seis anos tentando me manter o mais longe possível das pessoas, tudo que mais desejo agora, é ter alguém ao meu lado, que segure minha mão e me tranquilize, dizendo que tudo ficará bem, que logo tudo vai passar, porém, ninguém apareceu por um bom tempo.

Caio definitivamente se foi e o que me resta no fim de tudo, é esperar pela ajuda que acredito que ainda virá, de algum lugar.



Depois de um bom tempo entre a existência e o nada que ameaçava a me arrebatara, sinto como se algo estivesse a apertar meu pulso, é a ligação com a vida que preciso. Essa sensação de estar com alguém ao meu lado, é passageira, chego até a pensar que talvez não seja real, pois logo sou levada para a não existência novamente.



“Volta, Lim, por favor, meu anjo? Eu amo você!”

Algum tempo depois sou capaz de ouvir também, e nesse momento sinto meus dedos sendo envolvidos pela mão desse alguém, com um esforço enorme tento movimentar meus dedos forçando para que se fechem ao entorno dessa mão, seja ela de quem for. Preciso mostrar que ainda estou aqui, mas não é o suficiente, a exaustão bate e sei que perco os sentidos.

Quando retorno à superfície, estando quase consciente, consigo sentir o aperto firme nas mãos, suspiro aliviada, não foi ilusão.

Concentro-me nele, com mais calma dessa vez, forço meus dedos a se moverem, quase choro de felicidade, quando eles timidamente obedecem ao meu comando, com um movimento, depois de tanto tempo sem que meu corpo reagisse.

Há umidade no meu rosto, sinto como se alguém o estivesse molhando, mudo o foco da minha atenção para esse detalhe, talvez, estejam me dando um dos conhecidos banhos de esponja, tão comuns nos hospitais.

Mas, espera um pouco, isso não é água, são lágrimas, sei porque estão saindo dos meus próprios olhos, são lágrimas de felicidade por finalmente sentir que estou aos poucos voltando ao controle do meu corpo.

Volto a apertar meus dedos em volta da mão que a segura. Mais lágrimas começam a rolar pelo meu rosto, só que agora por um motivo diferente, no momento que apertei a mão que segurava a minha, senti algo se mover no meu ventre, bastante sutil, seguida de um pequeno empurrão na lateral, uma sensação poderosa e emocionante toma conta do meu coração, eu queria muito poder falar, dizer para quem está aqui comigo o que aconteceu no meu interior, compartilhar esse momento tão lindo com alguém.

— Lim, meu amor, eu sei que você está me ouvindo, por favor, volte para nós, eu preciso de você, por favor, minha vida.

Não sei dizer se essa voz é real, a ouvi tantas vezes que já não sei se estou apenas imaginando, no entanto, a voz de Ethan agora está tão nítida.

— Melhor, nós precisamos de você, eu sei que você também pode senti-lo aí dentro, assim como eu, ao tocá-la.

Meu mundo dá uma volta de trezentos e sessenta graus, tudo de uma vez, espera um pouco, se ele pode sentir nosso bebê, isso significa que... “*Há quanto tempo estou aqui?*” — Na faculdade aprendi que o tempo para uma pessoa em coma passa de forma diferente, dias, meses ou até anos, podem parecer horas.

Se Ethan sente nosso bebê se mexer, é possível que, se eu não acordar logo, não serei capaz de estar mentalmente presente naquele que será o momento mais importante da minha vida.

Não! Isso não estará acontecendo, sem chance, eu não vou perder mais nenhum momento importante do meu filho. Recuso-me a perder até mesmo seu próximo movimento. Como ainda estou com os meus olhos fechados, quero poder colocar as mãos sobre o meu ventre e sentir o meu pequeno grãozinho mexer sob o meu toque.

Essa era a motivação que me faltava. A possibilidade de não estar consciente no nascimento do meu filho, vence a escuridão de vez, começo a sentir todo o meu corpo voltando ao meu controle, desde os dedos dos pés até o alto da cabeça.

Eu voltei, agora para valer, até mesmo minha boca está pronta para falar e fazer as perguntas que preciso. Tudo isso se passa na minha mente em uma fração de segundos, superado o efeito da emoção, finalmente abro os olhos para a claridade suave do quarto onde me encontro, fixo meu olhar na direção de onde vem a luz, não me importando que, ficando com eles aberto por muito tempo ela possa vir a ferir minha retina.

É a coisa mais linda de se ver depois de tanto tempo lutando com a escuridão.

Fico olhando para o nada, antes de tentar focar em algo específico, sinto novamente o aperto na minha mão, olho para ele e lá está aquele que amo, seu olhar doce e cheio de lágrimas me quebra, quero falar, perguntar tantas coisas, mas a exaustão se apodera de mim novamente, sinto minha mente começando a voltar para o estado da inconsciência, pisco tentando manter os olhos abertos, porém, sem sucesso.

Seu olhar demonstra um alívio sem precedentes, é nítido que estive

aqui pelo tempo que fiquei dormindo, meu amor jamais sairia de perto de mim.

— Tudo bem, meu amor, eu ainda estarei aqui quando você acordar, sua mente precisa descansar, tem sido um longo tempo em que ela tem trabalhado para trazê-la de volta, eu te amo Lim! — Sinto seu beijo suave na minha mão, que ficam molhadas das lágrimas que descem pelo seu rosto.

Como se controlado por suas palavras meus olhos se fecham para um descanso tranquilo, onde posso ver a mim mesma brincando e me divertindo em um fim de tarde, na companhia do garotinho mais lindo que meus olhos já viram.

Enquanto andamos pela areia da praia, ele sorri e agacha para que possa sentir a textura da areia, me deleito com isso, guardando a imagem desse sonho para que possa ter o descanso que meu corpo exige e quando eu acordar, poder viver tudo que a vida me reserva.

Capítulo Vinte e Três

Ethan 

Um minuto, para muitas pessoas nada significa, para mim, foi a realização das minhas preces, por quase um minuto, minha garota esteve de olhos abertos, olhando fixamente para mim, eu acho.

— Disse que ela pareceu ter ciência do que acontecia, é isso mesmo?
— Loiola pergunta, pela enésima vez, enquanto checa os sinais vitais de Lim.

Ontem quando a vi abrir os olhos por quase um minuto inteiro, imaginei que logo acordaria, mas vinte horas se passaram e nada. Já tínhamos conversado ontem quando reportei a ele o episódio, mas Dr. Loiola insistiu ser normal em pacientes em coma, que abram os olhos vez ou outra, podem dar a impressão de lucidez momentânea, mas eu sinto que está perto, sinto que a minha pequena vai voltar para mim.

— Sim, foi o que disse! — Suspiro um tanto derrotado. Eu não estou ficando louco, estou?

— Calma meu rapaz, quando ela estiver pronta despertará, não se aflija ainda mais. Dê tempo a ela, essa pequena é guerreira, seu filho também.

De onde estou sentado, o vejo fazer as últimas checagens antes de prescrever mais algumas vitaminas que devem ser aplicadas através do IV, antes que volte sua atenção para mim.

— Bom, por hoje é só isso, o quadro é estável, considerando a situação, isso pode ser considerado promissor. Agora preciso ir, foram longas horas no hospital. No entanto, qualquer mudança, deve me avisar, tudo bem?

Concordo com ele que além de um excelente profissional, faz parte do grupo de pessoas que, assim como eu, torce fervorosamente para que ela supere mais esse desafio, o de sobreviver. Não poderia esperar menos do seu padrinho de batismo. Não o vejo sair, apenas ouço a porta se fechar suavemente pois já estou perto da cama, segurando sua mão, apreciando sua face serena.

— Por favor, Lim, abra os olhos para mim novamente. Eu amo você!
— Peço em um fio de voz.

Encosto minha testa em sua mão, dando-lhe um beijo carinhoso, quando sinto seu movimento, ergo meu rosto e lá estão seus olhos de cor incerta, os mais lindos que já vi. Meu coração acelera, parece que sairá do meu peito, tamanha a emoção que sinto.

Meu lado racional, de alguma forma, entra em ação sem que eu tenha dado o comando, logo estou na porta do quarto, gritando por Loiola de volta, provavelmente todos os vizinhos agora sabem que minha mulher acordou, mas danem-se eles, ela acordou!

Volto para o seu lado a tempo de impedir que ela arranque a sonda respiratória, onde está o Dr. Loiola que não chega?

Helida 🍷

Quando a realidade volta a mim de uma vez, estou um pouco desorientada, acordei depois de sabe-se Deus quanto tempo, olho em volta, há tubos ligados ao meu corpo, muito mais do que eu gostaria. Ouço alguém gritar, por favor, digam a ele que não se grita em um hospital.

Sei que estou internada, caso contrário não estaria com tanta coisa ligada a mim. Levanto a mão para testar se realmente estou de volta, ou se estou dormindo, a primeira coisa que quero fazer é tirar a sonda que está no meu nariz, não preciso dela para respirar, Argh! Que coisa mais desagradável, tento arrancá-la quase que por impulso, mas sou impedida.

— Hei, não pode! — O ignoro e tiro mesmo assim, é a forma que tenho de ver se consigo falar, como poderia, com esse troço enfiado nariz adentro? Sem falar que tenho muitas, muitas perguntas a fazer.

— Ethan? — Quase grito um ‘Aleluia!’ por ver que posso falar, focalizo meus olhos e o encontro, seu rosto está abatido, ele emagreceu bastante, tem uma barba onde geralmente é sempre lisinho, mesmo assim ele sorri, meu sorriso preferido, que levanta apenas um lado da boca e deixa aparecer uma covinha solitária do lado esquerdo do seu rosto.

— O que aconteceu, onde estão os meus pais?

— Eles provavelmente devem estar comendo alguma coisa. Mas devem chegar aqui a qualquer momento!

A porta abre e vejo meu padrinho Ricardo entrar, atrás dele estão meus pais, todos com lágrimas nos olhos apesar dos sorrisos.

— Que maravilha vê-la acordada! — Meu padrinho toma a frente, os demais dão todo o espaço necessário para que ele me avalie e dê o seu diagnóstico.

— Lembra de alguma coisa? — Balanço a cabeça, minha mente parece estar oca.

— Não é incomum em casos como o seu! Aos poucos vai se lembrar, você acabou de acordar, só precisa de alguns minutos para respirar.

Não escuto muito mais do que ele fala, um turbilhão de imagens invade minha mente, minha cabeça dói, encolho-me com a forte dor que veio como uma bola demolidora, decido que vou aos poucos colocá-las em ordem quando algo mexe em meu ventre, congelo por uma fração de segundo, para então levar minha mão por reflexo e acariciar minha barriga. Essa é a sensação mais linda do mundo, sinto novamente o pequeno movimento, sei que é meu grãozinho querendo dizer que estamos bem.

— Ah! — Suspiro maravilhada, procuro Ethan com o olhar. As lágrimas já não são exclusividade minha, seu rosto também está molhado e algo se acalma dentro de mim, meu pequeno grãozinho, ou melhor, meu pequeno Caio está bem, ficaremos bem, ele terá muito amor e seremos felizes.

Só agora percebo que minha barriga está com uma forma arredondada no meio do meu corpo. Quantas semanas fiquei desacordada? A última lembrança que tenho é de meu corpo ainda normal, um pouco cheio de curvas que não tinha antes, mas minha barriga estava discreta, não já tão visível como agora.

Tento cooperar não me mexendo enquanto sou examinada, faço exatamente o que Dr. Ricardo Loiola, meu padrinho me pede.

— Reflexos ok, sinais vitais também, apenas uma leve alteração na pressão arterial. Mas é normal, agora é descansar e esperar que seu corpo se

fortaleza, no entanto, vou pedir uma bateria de exames, preciso saber como está essa cabecinha por dentro! — Beija carinhosamente minha testa e o vejo se dirigir aos meus pais, para em seguida, deixar o quarto, dessa vez, com um enorme sorriso no rosto.

— Filha, estou muito feliz que acordou! — Minha mãe diz ao se aproximar. — Mas creio que precise estar a sós com Ethan, estaremos lá embaixo. Bem-vinda de volta minha princesa!

Ela, assim como o meu pai, beijam-me a face antes de saírem do quarto, deixando-me com um Ethan um tanto receoso, mas que logo se recompõe e se aproxima de mim, segura minha mão, fazendo a sensação de “lar” se espalhar por todo o meu corpo.

Há tantas perguntas que quero fazer, mas devo ir com calma, se já estou com uma barriga bastante visível, significa que foram muitos dias, então começo pela pergunta mais simples.

— Quanto tempo fiquei desacordada? — Ele sabe que estou assustada, passa a mão no meu rosto, mas seu toque é diferente.

— Lim, está tudo bem, *baby*, você se feriu, muito, é um verdadeiro milagre que vocês tenham sobrevivido.

— Ethan, quanto tempo, mas que droga? — Perco a paciência, não quero palavras tranquilizadoras agora, quero respostas.

— Dois meses e meio, mais ou menos, mas não é isso o que importa e sim, que você está de volta, aqui para nós! — Ele toca minha barriga e o bebê mexe novamente. Ele não me parece surpreso, é como se fosse algo já esperado por ele.

A confusão de imagens de agora a pouco, começa a entrar em ordem e fazer sentido, eu estou aqui presa a uma cama há mais de dois meses e a culpa é dele.

Lembro-me de vê-lo beijando uma mulher, automaticamente tiro sua mão de mim, não posso simplesmente deixar isso passar, é muito injusto ele ter desfrutado da sensação de sentir meu bebê mexendo antes de mim, principalmente sendo o culpado de tudo que me aconteceu, fecho os olhos e ao abri-los não posso evitar a carranca.

— O que você ainda está fazendo aqui? — Respiro fundo para as lágrimas traiçoeiras não ruírem meu muro de proteção contra emoções.

— Não quero que volte a me tocar, você perdeu o direito há “dois meses e meio mais ou menos”, atrás. — Sarcasmo escorre através da minha voz.

— Lim, eu... — Não deixo ele terminar, levanto a mão a fim de detê-lo, sei que não me segurarei por muito tempo, sua voz doce, que transborda arrependimento, irá me fazer cair em seus braços novamente.

— Eu não o quero aqui! — Minha voz sai firme, mesmo que meu coração esteja em frangalhos, seu olhar cai entristecido, é demais para mim.

— Não me olhe assim, por sua culpa eu perdi dois meses e meio da minha vida, eu não senti meu bebê mexer a primeira vez! Você tem ideia do que fez, de como me senti? Meu mundo ruiu ali.

— Só me deixe explicar, por favor. Você entendeu tudo errado, por favor, Lim, me escute, eu mereço defesa! — Pede suplicante, mas explicar o quê? Ele acha que sou alguma espécie de imbecil, o que mais ele ainda tem para dizer? Que estou vendo ou inventando coisas agora?

— O que poderia usar como defesa, hum? Eu vi Ethan, ninguém me contou, você acha pouco? Sabe, eu estava tão feliz, quando me dei conta de que estava grávida, saí correndo, tudo o que pensava era em contar para você o mais rápido possível, passei por cima de qualquer trauma, voltei aquela casa e quando chego... — É demais para o meu emocional, as comportas se abrem e começo a soluçar.

— Lim, eu sei o que você viu, mas não fui eu que a beijei, olhe para mim, não chora, por favor, não suporto vê-la chorar, acredite em mim, eu jamais te machucaria assim intencionalmente.

— Quem era aquela mulher, Ethan? — Não me lembro de tê-la visto em lugar algum, ele continua a me olhar ainda mais culpado.

— Lucie. — Agora tudo se encaixa.

— Ah! Sua ex noiva, claro, ela voltou e a emoção rolou solta, é ela bem bonita, dá para entender porque você não conseguiu resistir. — Falo

despejando toda minha magoa em cima dele, que por sua vez, apenas aceita.

— Eu não a beijei, eu não queria beijá-la, como poderia, jamais quis outra pessoa desde que você tropeçou na minha frente aquele dia e se tornou o meu mundo, ela veio do nada, dizendo que tinha se enganado na sua escolha há quase três anos, que eu ainda era o cara certo para ela mesmo depois de tanto tempo. Mas, não sinto nada por ela há muito mais de dois anos, até mesmo antes de você entrar na minha vida, eu já não a amava, nem sei se um dia amei de verdade, você é tudo o que eu quero, você e o nosso filho.

Meu filho! Fecho os olhos com o pensamento da pequena vida que cresce em meu ventre. Ele é mais importante para mim nesse momento do que qualquer coisa, sei que não seria justo manter Ethan longe, afinal, ele que me deu alguém por quem continuar lutando, quando eu quase desisti.

Que droga, eu também vou morrer a cada maldito segundo sem ele por perto, porém, no momento estou tão confusa, ele será para mim, apenas o pai do meu filho, por enquanto. Como posso saber se ele não está somente sendo consumido pela culpa, e quando tudo se ajeitar, pensará melhor e escolher a outra?

— Ethan, não vou proibi-lo de vir aqui, por meu filho, mas essa será toda a aproximação que teremos. Estou tão confusa, é muito para assimilar, preciso de um tempo, ok? Não sei se acredito em você, ainda!

Preciso falar tudo rápido, as lágrimas estão ameaçando voltar.

— Estou muito, muito confusa. Dê-me esse tempo, é só o que te peço, preciso ficar só agora e por favor, chame minha mãe quando você sair. — Fecho os olhos para não ver a dor em seu olhar. A situação é muito pior do que imaginava.

— Tudo bem. Tempo? Posso dar o que você precisa, só não esquece que eu te amo, cada vez mais. — Ele ergue a mão para minha barriga, mas para, pedindo-me permissão, faço que sim.

Ele acaricia minha barriga suavemente, meu grãozinho treme e mexe, como se soubesse que é ele, ele sorri e fala baixinho.

— Depois o papai volta para te contar uma história, pequeno, eu

prometo! — Fecho os olhos para esconder as emoções que me perseguem.

Ethan se dirige até a porta, olho em volta tentando não ver ele sair, é quando percebo que estou em casa, não no hospital, apesar de todos os aparelhos em volta, estou no conforto familiar do meu quarto.

— Ethan, só mais uma coisa. — Ele vira com os olhos brilhando em expectativa. — Por que eu estou em casa e não no hospital? — Não que eu quisesse estar em um hospital.

— Sei lá! — Ele dá de ombros. — Pensei que você gostaria de estar em casa quando acordasse, porque eu sabia que você acordaria.

— Como? — Não posso deixar de perguntar.

— Você me pediu para não deixar nosso filho morrer, para isso acontecer, você tinha que viver também e eu a conheço, você jamais me deixaria sozinho nessa.

Ele fala e saí pela porta me deixando sozinha e com o coração totalmente quebrado, já sentindo uma saudade enorme de tê-lo ao meu lado, do seu toque, suas palavras doces, do meu Ethan.

Capítulo Vinte e Quatro

Helida 🌸

*Agora eu quero ir /
Pra me reconhecer de volta /
Pra me reaprender e me apreender de novo/
Quero não desmanchar com teu sorriso*

bobo...

Ana Vitória

Vê-lo sair do meu lado foi como ter uma parte do meu corpo tirado de forma abrupta, nesse caso o meu coração. A dor ameaça me sufocar, antes mesmo da porta fechar já estou chorando, não consigo ar suficiente para meus pulmões, tamanha é a dor que invade meu peito.

Sugo algumas lufadas de ar, minha razão me diz que preciso ser forte, devo suportar corajosamente, como sempre faço em qualquer situação na minha vida, apenas suporto o que me é dado. Já meu coração grita para que o chame de volta imediatamente, como sempre, a razão parece levar a melhor.

Não é como se nunca tivesse perdido alguém na vida, porém, nunca doeu tanto, mesmo tendo sido vencida pela morte na primeira vez, não foi uma dor tão destrutiva, talvez, porque com o Caio eu não teria que o ver todos os dias.

“Deus e se ele estiver falando a verdade e eu mais uma vez estiver sendo nada mais do que injusta com ele, novamente?”

Tenho muito em que pensar, agora não será só eu a encarar as consequências das minhas escolhas, tudo que fizer respingará em alguém muito importante, se bem que, nunca foi só eu, sempre houve meus pais e a Gia, mas agora é diferente, tem esse serzinho que vai precisar que eu pense muito antes de tomar qualquer decisão definitiva com relação ao seu pai.

Além disso, o meu coração também me fará pensar bastante, ele já o perdoou há muito, embora a minha cabeça ainda se recuse a aceitar. Realmente, não sei a quem ouvir.

Ouçõ alguém se aproximar da porta do quarto, rapidamente seco minhas lágrimas, mesmo sabendo que meus olhos inchados e nariz vermelho me entregarão fácil. Para minha sorte, mamãe já entra chorando e me tomando em um abraço forte, mas com cuidado para não desconectar nem o IV preso ao meu braço, nem os fios dos monitores, tento parecer bem para apaziguar sua ansiedade.

— Lim... nunca mais, nos dê um susto tão prolongado como esse. Você está me ouvindo? Como se sente, está bem, quer comer alguma coisa?

Sorrio, com as muitas facetas da minha mãe, ela não passa de uma manteiga derretida, para uma durona e do nada, apenas uma mãe que quer alimentar sua cria.

— Não faz ideia de é bom vê-la acordada, minha menina, como foi difícil para nós vê-la deitada, parada como uma estátua, sem saber se iria ou não acordar, foi horrível. — Ela suspira e me abraça ainda mais apertado. Eu sabia que toda aquela bravata era encenação, essa é minha mãe.

— Está tudo bem, mãe, vamos ficar bem agora! — Se bem que, essa não é a palavra certa, mas não vou perturbá-la com minhas dúvidas.

— Me conta o que eu perdi, onde está a Gia, não vejo a hora de sair daqui e voltar a pro consultório e... — Deixo os pensamentos de uma vida normal se instalarem, eles me fazem bem.

— Nem pensar, mocinha! Você não vai sair de perto de mim tão cedo.

Ela se afasta e senta ao meu lado na cama de hospital que foi colocada no meio do meu quarto, sua mão começa uma carícia suave na minha barriga e sorri pela primeira vez desde que entrou. — Sabe, foi uma surpresa incrível e um choque quando o Ethan nos disse que você estava grávida, pobre rapaz! — Sorri com a lembrança, mas seu sorriso não chega aos seus olhos.

— Ficou de todas as cores possíveis, quando nos deu a notícia na sala de espera, imagina só ter que dizer para seu pai toda a história que envolvia seu acidente e ainda ter que falar do bebê, não esperávamos, mas devido as circunstâncias foi uma verdadeira bênção, desculpa por pensar assim querida, porém, acabamos por nos conformar com qualquer que fosse o desfecho de tudo, sabíamos que ainda teríamos um pedaço seu conosco.

Ela preocupada com minha reação a sua declaração é lindo, só que na verdade fico feliz, e aliviada por saber que eles tenham pensado assim, mesmo quando seria muito difícil enfrentar o mundo de possibilidades mais trágicas.

— Não, mãe, não peça desculpas. Obrigada por, apesar da dor, pensar no meu filho com carinho. Sabe, agora entendo o seu amor por mim e isso, faz eu te amar muito mais, também estou muito feliz por ter acordado, se bem que, perder as dores do parto não seria de todo ruim. — Digo tentando fazer piada, ela me olha feio e sei que falei besteira, de novo.

— Não diga uma coisa dessas, durante dias pensei que nunca mais veria esse seu humor terrivelmente distorcido, foi só quando sua barriga começou a crescer que tivemos a esperança de você acordar. Você não desistiria fácil, eu percebi!

A porta volta a abrir e meu pai entra, nessa hora vejo uma cena bem bizarra, ele curva-se diante de mim, beijando-me todo o rosto e começa a chorar como um menininho perdido.

Meu pai, meu herói, aquele que me ensinou a andar de bicicleta, o amor pela minha profissão, a escolher o melhor carro, a trocar uma lâmpada, ser independente, meu porto seguro, fico olhando para ele sem saber o que fazer. Minha mãe, discretamente sai para nos dar um pouco de tempo pai e filha, ela sabe que precisamos nos reencontrar.

— Pai, senti sua falta também! — Já estou chorando de novo. — Vai ficar tudo bem pai. — Bato de leve nas suas costas.

— Minha pequena, me desculpe! — Olho para ele sem entender.

— Desculpar você, por que?

— Eu deveria ter impedido que você saísse daquele jeito, naquele dia quando passou por mim, senti um vento frio me atravessar o peito, deveria tê-la detido, porém, decidi ignorar, se não tivesse pensado que era besteira, nada disso teria acontecido.

— Ah papai, você não teve culpa de nada, eu que não deveria dirigir como uma louca, ainda mais com chuva.

Já deveria saber que de todos, ele seria quem sofreria mais, sempre fui sua garotinha, jamais deixou que me machucasse, sempre muito protetor.

— Meu docinho, sei que foi um acidente, o que não impede de me sentir culpado!

“Só que na verdade, tem sim um culpado, só não é o meu pai, ele não poderia imaginar o que eu veria assim que entrasse na casa de Ethan!” Meu lado nada compreensível destila seu veneno, a raiva volta a fazer parte das minhas emoções.

— Sim, tem sim um culpado e não é você, se o Ethan não tivesse me traído com a sua tão preciosa Lucie, eu não teria passado mais de dois meses desacordada, ele é o culpado! — Minha garganta queima ao dizer, porém, é a verdade.

— Filha, não fale assim dele, eu e sua mãe somos testemunhas do sofrimento do rapaz, tanto que estou surpreso que ele tenha saído do seu lado. Você não percebeu como ele emagreceu? Está com olheiras profundas, faz mais de dois meses que ele não se alimenta direito, sempre é uma briga para que isso aconteça.

Fico tentando lembrar da aparência dele, percebi as diferenças, a barba um pouco grande seu corpo visivelmente mais magro, ele também estava muito triste.

— Ethan não saiu um minuto de perto de vocês, nem no hospital ou aqui. Imagine, até as roupas dele estão aqui no seu armário, para que não precisasse sair, ele não conseguia ficar longe, não mesmo, o que me leva a crer que você o expulsou. — Seu olhar é abrasador e sei que não está feliz comigo, decido ignorar.

“Suas roupas no meu armário como se fôssemos casados?” Isso me surpreendeu, um pouco, realmente era de se esperar, talvez a culpa.

— Acredito em você papai, porém eu o vi.

— Sei o que você viu, ele nos contou. — Claro que contou! — Bom na verdade, a moça que você viu com ele, foi quem contou tudo, não faz ideia do trapo de gente que ele ficou por vários dias, sem comer ou dormir, dias e dias no hospital, pensamos que teríamos que interná-lo também.

— Papai, isso pode até ser verdade, mas quem garante que ele não estava lá só pelo bebê ou por culpa? — Pensar nele assim, tentar vê-lo com indiferença, dói bastante, faz meu coração se comprimir de dor.

— Não seja tão dura, Lim! Essa não é a minha menina, não deixe que a mágoa domine suas atitudes, mesmo os médicos dizendo que provavelmente você não acordaria, ele não desistiu um segundo sequer. Foi ele quem fez a RCP quando você teve uma parada cardiorrespiratória, antes dos paramédicos chegarem ao local do acidente. Imagine que ele dizia que você o visitava em sonhos, dizendo que estava bem, que logo estaria de volta, disse até que o bebê seria um menino e não acreditaria no nome que ele o chamou!

— Caio? — Digo meio hesitante, ouvir isso foi sei lá, qualquer coisa, fico toda arrepiada, me perguntando se é possível que tenhamos uma ligação tão forte que mesmo inconsciente eu conseguia me comunicar com ele.

Meu pai confirma com um aceno, ele sempre foi mais sensível a certas coisas que os demais, para ele não é uma grande surpresa. Já para mim, meu coração troveja no meu peito, é um elo muito forte o que temos aqui.

Apesar de saber que estamos tão fortemente ligados, não vou ceder tão fácil, mesmo que meu coração esteja dizendo que *'sim você vai ceder'*, vou esperar essa confusão na minha cabeça passar, para tomar uma decisão. Se ele me ama como diz e todos ao redor afirmam com tanta convicção, vai saber me dar o tempo que pedi.

— Pai, tudo bem, só estou confusa, preciso de um tempo para assimilar tudo, ver se consigo voltar a confiar nele, colocar meus pensamentos em ordem, só isso, ok? — Faço minha melhor cara suplicante.

— Claro, filha! Deve ser muito confuso mesmo, acordar e ver seu corpo diferente, não é?

— Você não faz ideia, só me façam um favor, até que eu tome uma decisão definitiva sobre tudo, mantenham o Ethan afastado de mim. Será mais fácil pensar sem ele por perto. — Aquela dor insuportável e dilacerante me toma por completo, sinto que não tenho ar suficiente nos meus pulmões.

— Mas ele é o pai do seu filho, será doloroso para ele. Não sei se ele conseguirá manter a distância, não seja cruel, Lim! — Seu olhar reprovador

me causa vergonha por estar sendo egoísta, mas, não vou ceder.

— Só enquanto eu estiver acordada, então, ele poderá me ver quando eu estiver dormindo e pelo cansaço que estou sentindo vai ter muito tempo.

— Penso rápido em uma conciliação, não quero meus pais me olhando torto.

— Como quiser, querida, só lembre que ele te ama, não deixe que a insegurança de sempre leve a melhor, ok? Não se encontra um Ethan a cada esquina, aquele rapaz é único, se o afastar demais, não lamente se vier a perdê-lo depois! — Sua expressão séria, me diz que não devo contra-atacar.

Faço que sim com a cabeça, não sei se consigo falar e não cair no choro, foi um pedido extremamente difícil, porém, não vou suportar saber que ele está tão perto, ao alcance de uma mão e não o tocar.

‘Vai ser só um tempo!’ É o que digo ao meu coração antes de cair no sono novamente, que se recusa a aceitar o que minha mente decidiu. Vou adormecendo, com meu pai cantando *Save Me* do *Queen* para mim, uma das suas bandas favoritas, enquanto penso em como essa música parece com o que estou enfrentando no momento.

Ethan 7

— Como ela está? — Pergunto assim que Jorge volta do quarto de Lim, a ansiedade por notícias está a ponto de me sufocar.

— Bom, acho que o pior já passou, filho! — Por algum motivo seu olhar desvia de mim.

— Jorge, aconteceu algo?

— Nada, está tudo bem agora, graças a Deus, mas ela não quer te ver. Desculpe, filho.

— Eu já imaginava que isso iria acontecer, só não sei como poderei ficar longe dela e do nosso filho. Estabeleci uma grande conexão com ele, chego a pensar que ele compreende o que lhe conto. — Um futuro não tão emocionante está a um passo de acontecer.

— Quanto a isso, ela concorda que você possa estar lá, enquanto ela dorme, o que devido a sua recuperação será algumas horas por dia. Espero que ela mude logo de ideia, no entanto, conheço minha filha, tem um coração

enorme, mas uma cabeça tão dura quanto.

— Não tem problema, terei o tempo que ela permitir, eu errei, não deveria ter permitido a entrada de Lucie aquele dia, se estou passando por isso, é por falta de cuidado, sempre soube que ela é ardilosa, ter cautela é o mínimo.

— Não se culpe tanto, nem deixe que a insegurança de Lim passe para você, os dois precisam aprender a enxergar a situação com mais clareza. E rapaz, agradeço aos céus por ela tê-lo encontrado, ela perceberá a benção que tem, tenha fé.

— Desde que a conheci, fé, é tudo que tenho aprendido a ter, por ela, minha fé se tornou inabalável. — Isso é verdade, até chegar aqui e conhecê-la, saber ao que sobreviveu, fez a fé até então adormecida em mim, se renovar. — Ela está..?

— Sim, está dormindo, vá lá aproveitar seu precioso tempo, tente descansar também. — Seu carinho para comigo é comovente, encontrei em Jorge muito mais que um amigo, um segundo pai.

— O farei quando o meu tempo acabar. Ricardo estará aqui a que horas? — Quero estar por perto depois que ele a examinar novamente.

— As oitos da noite, virá logo após o termino do seu plantão.

— Certo, boa noite, Jorge!

— Você também, filho! — Dou-lhe as costas e subo os degraus de dois em dois, suspiro ao ver que sua posição na cama mudou, não mais imóvel de costas, agora está deitada de lado, sua mão conectada ao IV repousa junto a barriga, sua respiração uniforme, aproximo-me com cautela, não querendo acordá-la antes que o meu tempo ao seu lado sequer tenha começado.

— Ethan... — Ela balbucia meu nome, paraliso pensando tê-la acordado de alguma forma, no entanto, ela remexe e continua a falar, sorrio ao ouvi-la, como fiz por tantas noites antes de tudo desmoronar. — Não vá, eu preciso de você.

— Não vou, meu amor, estarei aqui esperando. —Toco sua barriga e

beijo-lhe os lábios suavemente, nosso menino mexe me saudando, sento na cadeira ao lado da sua cama e fico a admirando pelo tempo que me é concedido.

Capítulo Vinte e Cinco

Helida 🐾

Pisco algumas vezes antes de despertar completamente, acho que dormi por umas boas doze horas seguidas, abro os olhos e vejo que o céu já está bastante claro do lado de fora e estou faminta. Tento sentar, mas os fios ligados a mim me impedem de ficar numa posição confortável.

Quando olho para o lado eu a vejo, sinto um nó prender na minha garganta, faz algum tempo que não via os olhos da Gia tão grandes por estar tentando conter o choro.

— Hei, dorminhoca, até que enfim resolveu abrir esses olhos, hein? Estou começando a pensar que você faz essas coisas de propósito. — É bem a cara dela fazer uma piada, sabendo que minha cota de choradeira está no limite.

— Gianna, minha amiga de toda vida, também estava com saudades de você, sua cabeça oca. Faz tempo que está aqui? — Faço uma pergunta genérica, aquela que realmente quero fazer é: você viu o Ethan, ele estava aqui?

Sorrio para ela, é ótimo tê-la por perto, preciso conversar com alguém, mesmo sabendo que provavelmente vai me repreender, no entanto, sempre esteve comigo, não vai ser agora que me abandonará.

— Cheguei por volta das oito de manhã, talvez antes, você sabe que não presto muita atenção nas horas. — Isso é bem verdade, não é à toa que no começo, sempre pegava ela em casa para não se atrasar no trabalho.

— E que horas são, agora?

— Quase meio dia, eu acho. — Como imaginei.

— Por que você não olha no seu telefone? — Digo já imaginando a resposta dela.

— Er. Eu meio que o perdi há alguns dias, não ria, estava no mercado e posso tê-lo deixado em uma das diversas prateleiras. Talvez, quem sabe? Não

achei quando voltei lá, três dias depois.

— Você só percebeu três dias depois que o perdeu? — Não controlo e caio na gargalhada, faz tempo que aviso para ela que precisa colocar um alarme em tudo que é importante para a sua sobrevivência.

— Falei para você não rir, lembra? — Faz cara de ofendida, mas sei que na verdade não está nem aí, sempre rimos sobre sua falta de atenção.

— Desculpe! Nossa, dormi por mais de doze horas, não me admira nada que esteja com tanta fome.

— Não, você está com fome por que andou fazendo o que não devia, ou devia, sei lá, cinco meses atrás. — Ela começa a rir e não posso deixar de segui-la na risada, esse é o efeito Gia.

É engraçado como o tempo que fiquei apagada me fez sentir saudades daqueles que amo, apesar de só perceber isso agora que acordei.

— Você tem que descansar, sabe que ainda não deve fazer muito esforço. — Fala no seu modo você-vai-fazer-a-coisa-direito-agora e sim, ela me ama também, pois só usa isso com quem ela realmente se importa.

— Dormi por mais de dois meses, acho que de descanso estou bem. — Não resisto a chance de implicar com ela.

— Sua mente pode até ter descansado, no entanto, seu corpo não o fez, primeiro teve que se recuperar para logo em seguida, ter que se adaptar a esse serzinho aí dentro, ele não descansou nada.

É verdade, meu corpo continuou a dar toda a assistência que meu grãozinho precisava para se desenvolver e como sinal do esforço, meu estômago ronca e começo a rir.

— Quer que eu vá ver se tem algo para você lá embaixo? Aposto que Eth... — Ela para e morde o lábio, não precisa dizer nada, já sei que Ethan está aqui, porém disfarço, não quero pensar nele ainda.

— Não precisa, sinta o cheiro que está se aproximando, dona Laura deve entrar aqui a qualquer momento!

É apenas o tempo de fechar a boca, para minha mãe entrar com uma bandeja nas mãos, o cheiro está tão bom que me inclino automaticamente na

sua direção.

— Não falei, o cheiro da comida da Dona Laura é inconfundível.

— Oi, minha pequena, se soubesse que você estava acordada teria trazido logo sua comida. — Como assim minha comida?

— Nada dessa história, mãe, vou comer essa que está nas suas mãos, estou faminta.

— Mas, filha, essa é para Gia, além disso, não sei se é adequada. — Faço o meu melhor olhar de cachorrinho, sabendo que ela não pode me negar nada, quando a olho assim.

— Por favor, mamãe, é mais do que adequada, com a fome que estou sentindo, qualquer coisa é apropriada.

— Laura, tudo bem, pode deixar que vou comer com, lá embaixo. — Gia hesita novamente, sei o que queria dizer, que ela vai fazer companhia para ele, mas afasto o pensamento.

— Vamos mãe, você sabe que tenho que comer por dois.

Minha mãe ri e vem me ajudar a sentar, antes mesmo de estar em uma posição confortável já começo a comer como uma esfomeada, não por acaso, a comida está realmente boa.

— Mãe, isso está muito bom! — Falo com a boca cheia, estou tão concentrada que nem vi a Gia sair.

— Eu sei, já provei também. — Ela sorri satisfeita.

— Estava com saudades da sua comida. — Isso é uma verdade absoluta.

— Mas não fui eu que fiz. — Ela me olha com um olhar culpado. — Foi o Ethan.

Por um segundo penso em parar de comer, mas está bom demais, ele sabe cozinhar muito bem, isso não posso negar, não vou me privar e ao meu filho de uma boa refeição, só por ter sido preparada por ele. Certa vez me disse que cozinhar o ajuda quando está ansioso ou preocupado, é possível que seja um desses casos agora.

Enquanto como, converso com a minha mãe sobre coisas aleatórias, ela me fala sobre uma nova amiga londrina que conheceu no hospital, que tem uma fundação que ajuda crianças, fico logo interessada nisso, precisamos de pessoas dispostas a ajudar os mais necessitados, principalmente as crianças.

Também me conta como estão as suas aulas de meio período na Universidade e como está feliz, que em três meses poderá se aposentar. Acredita que seu dever foi mais do que cumprido nos últimos trinta anos em que lecionou, isso eu concordo, eles terão uma grande baixa, enquanto eu, terei alguém para cuidar do meu pequeno quando voltar ao trabalho depois do seu nascimento.

Quando acabo, afago minha barriga, minha mãe me dá um sorriso de rasgar o rosto ao meio, que deve refletir o meu próprio. Fico com a mão na minha barriga por alguns minutos, mas ele não mexe, suspiro e sorrio pensando que possivelmente meu pequeno deveria estar tão faminto quanto eu, agora está dormindo, bem o que pretendo fazer em pouco tempo.



Faz uma semana que acordei, estou um pouco mais calma, tenho pensado bastante sobre tudo que aconteceu. Acredito no Ethan, porém, ainda não consegui recuperar totalmente a confiança nele, não voltamos a nos ver, ele manteve a promessa de não vir aqui, a não ser quando estou dormindo, o que estive a fazer muito nos últimos dias. Sinto uma saudade louca dele, minha mente e coração estão em uma guerra ferrenha, preciso que eles entrem em acordo para tomar uma posição.

Depois de devorar mais um prato de comida, faço o que tenho feito muito ultimamente, acaricio minha barriga na esperança de sentir meu bebê mexendo, porém, nada acontece, desde que acordei não o senti mexer novamente, olho para minha mãe preocupada, estive tão cansada, que isso me passou despercebido, ou talvez seja o fato de não ter me habituado a ter uma vida dentro de mim. Sempre supus que ele estaria mexendo enquanto eu estava dormindo e se não?

— Mãe, é normal o bebê ficar tão quieto? Há alguns dias que não o sinto mexer. — Pergunto de olhos arregalados.

— Não sei dizer filha, quer que eu ligue para o Álvaro para perguntar?
— Talvez seja o caso, no entanto, preciso saber se ele se mexe enquanto durmo.

— Sim, por favor, mas antes de tudo, chame o Ethan para mim, talvez ele mexa enquanto estou dormindo. Aliás ele tem vindo me ver durante o meu sono? — Sei a resposta, porém, nunca é demais ter a certeza.

— Lógico, pobre rapaz, Lim, passa a noite e boa parte do dia acordado. Sempre que digo que você está dormindo ele se enche de brilho novamente, logo depois suspira por ter que ficar tão pouco tempo. Você o está fazendo sofrer! Não seja tão cruel, isso não parece com algo que você possa querer, sei que também está sofrendo com a ausência dele.

Não fazia ideia que ele poderia estar sofrendo tanto e lá no fundo, fico feliz por saber que ele tem estado comigo. Dentro de mim uma voz sussurra *'Você é uma egoísta, filha de uma mãe'*, finjo que não ligo.

— Só peça que ele suba, por favor.

Ela sorri e sai, sei que é agora que vou ter a prova, saberei se o perdoei e estou pronta para recomeçar, ou se não existe mais “nós” na mesma equação. Só que, o motivo dele estar vindo me ver corrói minha mente, meu bebê não mexendo há alguns dias não pode ser normal. Rogo silenciosamente para que seja apenas quando estou acordada, não sei se poderei aguentar se algo não estiver bem com meu pequeno.

Capítulo Vinte e Seis

Helida 🐾

Pouco tempo depois de minha mãe sair, ele chega, seu olhar percorre todo o meu corpo de uma forma frenética, certificando-se de que estou bem. Meus pais têm razão quanto a seu estado, ele perdeu peso, está com uma aparência abatida, mas o brilho nos olhos ao me ver, continua o mesmo.

— Você queria me ver, está sentindo alguma coisa? — Não deixo de perceber a esperança emanando dele. — É algo com o bebê? — Seus olhos disparam para minha barriga e de volta para meu rosto.

— Er, bem, quando você está aqui, enquanto estou dormindo, o bebê mexe? — Seus olhos aumentam consideravelmente.

— Geralmente sim, por que? Ele não está se mexendo? — Seus olhos disparam para minha barriga novamente, caminha a fim de ficar mais próximo, sinto seu cheiro cítrico e único, um nó se estala na minha garganta.

— Não o sinto mexer desde que acordei, fiquei preocupada, mas se você diz que ele se mexe quando estou dormindo, acho que está tudo bem. — Só que não, nada está bem, com a falta que sinto dele ao meu lado.

— Posso? — Ele tem a delicadeza de pedir antes de me tocar. Faço que sim com a cabeça, me preparando mentalmente para o seu toque, ele coloca as duas mãos na minha barriga e acaricia delicadamente.

Fico extasiada quando ele chega mais perto e praticamente cola os lábios nela, meu corpo como era esperado vibra no mesmo instante, então me derreto assim que ele começa a cantarolar '*Distance*' da *Christina Perry* e *Jason Marz*. Ethan está tão lindo cantando de olhos fechados, mesmo tendo perdido peso, com a barba por fazer de alguns dias, é a pessoa mais linda que já vi. Começo a me perguntar por que achei a voz dele feia antes? Com certeza não estava ouvindo direito.

Fico ali parada ouvindo, parece que ele está cantando cada palavra para mim, dizendo-me como têm sido seus dias, enquanto o mantive a distância.

Sinto meus olhos se encherem de lágrimas, enquanto ele termina de cantar, sua própria voz embargada de emoção, me diz que sim, ele escolheu a música com cuidado, uma forma de me deixar saber como se sente.

— Ei rapazinho, já chega de tanta preguiça, hein? Vamos, você está assustando a sua mamãe e sabemos que ela não pode se submeter a fortes emoções, não é mesmo?

Como se o bebê soubesse quem está falando e entendesse o pai, começa a mexer. É incrível, eles devem se comunicar assim já há alguns dias. Sou uma boba e fico aqui chorando, contemplando todas as emoções que me atingem, não sei se por ele ter cantado tão lindamente ou se por saber que não há nada de errado com o nosso grãozinho.

— Isso, meu amor, não faz mais travessuras com a mamãe, ela ainda está se recuperando! Pronto, Lim, acabou. Pode ficar tranquila agora, *baby*. — Diz estendendo a mão e tenta secar minhas lágrimas, que insistem em cair.

Quando enfim paro de chorar, ele beija minha barriga e começa a se afastar, seguro sua mão, não sei bem o que quero agora, porém, tenho certeza que não é ficar longe dele.

— Não vá, ainda não, fique só mais um pouco... se você puder, é claro.
— Preciso dele. Essa distância não faz bem a nenhum de nós três.

— Por favor, Ethan, só por hoje, fica aqui? — Detesto o que estou fazendo com ele, sei que estou usando seus sentimentos, no entanto, não posso continuar a afastá-lo, não quando sei que isso está afetando meu bebê, ao menos é isso que tento dizer para mim mesma, que não que sou só eu que precisa dele na minha vida, desesperadamente.

— Claro, minha menina linda, posso ficar aqui pelo tempo que você quiser. — Ele volta e senta ao meu lado, apenas segurando minhas mãos nas suas, fico olhando aqueles olhos cinzentos por um bom tempo, mesmo revestidos pelas olheiras, são lindos. Depois de alguns minutos resolvo que devo quebrar o silêncio.

— Por que cantou justamente essa música? — Pergunto ainda intrigada com sua escolha, apesar de ter aprendido a apreciar todas as músicas dessa cantora. Essa em si, me parece com um sentido oculto, para ele cantar assim

para mim, nesse momento.

— Tenho cantado ela várias vezes, quando venho vê-la e como diz a letra, você não está escutando quando digo que te amo, assim não posso feri-la. — Ele cora, Deus, que homem lindo, principalmente quando fica envergonhado.

Sinto como se um trator de emoções tivesse passado por cima de mim, mas estou cansada, minhas pálpebras ficam pesadas e bocejo sem nem ao menos perceber.

— Você está cansada, Lim, deve descansar agora, está tudo bem. Ficarei aqui, não se preocupe.

Olho para ele e sorrio, sei que ele não vai sair, mas deve ser desconfortável ficar sentado por tanto tempo, analiso mais ou menos as proporções da cama e decido que cabemos os dois nela.

— Deite aqui comigo. — Afasto um pouco para dar espaço para ele, que me olha sem entender por alguns segundos, porém, dá de ombros, tira os sapatos e vem se aconchegar ao meu lado.

Ele me abraça com cuidado para não desligar nada, nem mexer na intravenosa no meu braço. Eu, no entanto, não sou tão cuidadosa assim, tê-lo aqui tão perto é muito tentador, perco qualquer raciocínio ao sentir seu cheiro delicioso enchendo minhas narinas, viro um pouco de lado e começo a beijá-lo, seu braço onde estou deitada, seu rosto, suas mãos que seguram meu rosto tentando tranquilizar meu ataque desesperado, inclino meus lábios em direção ao seus.

Ele solta um gemido bem próximo de um animal ferido e cola sua boca na minha, derramo todos meus medos, angustias, saudade, perda, enfim, todas emoções que estão me consumindo nesse beijo.

Uma parte de mim que ainda está magoada quer empurrá-lo para longe, só que a outra é maior e diz: *'Não se atreva a impedi-lo!'* O puxo para cada vez mais perto, sem me importar com o bip enlouquecedor do monitor cardíaco, se não fosse pelos fios sei que estaria também colada nele.

O beijo se transforma de selvagem para suave e quando conseguimos desgrudar as bocas estamos os dois ofegantes, coloco a mão no meu peito

tentando controlar minha respiração, demora um pouco para que consiga.

— Desculpe, Lim, eu não. Desculpe! — Ele enterra o rosto no meu pescoço e suspira, enquanto passa a mão na minha barriga, o que faz com que Grãozinho se mexa sem parar.

— Não tem por que se desculpar, fui eu quem comecei o beijo, você fez o que um bom cavalheiro faria, retribuiu. — E ele é mesmo um. Ele se reposiciona, de forma que possa olhar nos meus olhos.

— Você sabe que pode contar comigo para tudo, não sabe?

Sim, sei disso, como sei que a todo momento o amor que sinto por ele vai vencer qualquer magoa que exista, por maior que ela seja.

— Eu sei, Ethan, e te agradeço muito por ter paciência comigo, quero que saiba que eu ainda amo você, desesperadamente. Desejo que as coisas entre nós fiquem bem, só que ainda estou magoada, não consigo esquecer o que aconteceu, por mais que eu tente, não sou uma pessoa fácil de lidar, desculpe.

Preciso dizer o que está dentro de mim, por mais que doa.

— Não quero que se sinta obrigado a ficar esperando que eu decida, só preciso do seu apoio, pelo menos até o grãozinho nascer. — Ele sorri, acho que nunca disse a ninguém o apelido do meu pequeno Caio, mas é assim que o vejo, um grãozinho meu e de Ethan.

Fico ali o olhando enquanto ele está pensativo sobre o que falei, só de imaginar que ele pode desistir de mim, me dói profundamente.

— Você realmente está confusa, não?

Ele fala até um pouco ríspido.

— Não acredito que realmente ache que um dia vou ser capaz de me afastar de você ou do nosso filho. Nunca Lim, estarei aqui com vocês e para vocês, agora e sempre, você me querendo de volta ou não. Eu não conseguiria me afastar por qualquer espaço de tempo, por menor que seja, então NÃO, não vou a lugar algum.

Sorrio, em saber que apesar do meu eu egoísta, essa pessoa linda me ama.

— Vamos fazer assim, voltaremos ao início, seremos amigos novamente e veremos como ficamos, está bem? — Proponho já sabendo a resposta.

— Como quiser!

Pela primeira vez desde que entrou no quarto ele sorri de verdade, o meu sorriso favorito.

— Só espero que seus pais não se importem em ver seu ‘*amigo*’ aqui direto. — Ele sorri.

— Como se você não os tivesse comendo na sua mão! — A quem ele quer enganar?

Meus pais o tem como um filho, o que me é conveniente, com tudo que aconteceu, sei que seria ruim para ele não estar por perto sempre. Isso o enlouqueceria

— Acho que eles não vão achar nada de mais, já que esse ‘*amigo*’ em questão tem roupa e tudo mais no armário da filha deles, sem contar que ele vive por aqui e a engravidou, ah! Eles vão achar supernormal!

Sorrimos feito duas crianças bobas, não é só o amor que nos une, eu me sinto bem com ele, sinto-me disposta a viver de novo e é com essa alegria que deixo meus olhos se fecharem e vago para um sono tranquilo com seus braços protetores a minha volta.

Capítulo Vinte e Sete

Helida 🐾

A rotina que se desenvolveu nos últimos dias, de comer e dormir está mexendo com meu metabolismo, praticamente trocando o dia pela noite. Quando acordo, percebo que já é bem tarde, porém, meu sono foi tão tranquilo que não me importo, desde que acordei do coma, ainda não tinha sentido tanta paz ao adormecer, como aconteceu com Ethan ao meu lado. É como se mesmo enquanto estive dormindo, meu corpo tivesse consciência da presença dele comigo.

Procuro o interruptor ao lado da cama, assim que me estico, percebo que estou sozinha, o calor do seu abraço não está mais presente.

— Ethan? — O chamo, uma vez que ele pode estar no banheiro, mas não recebo resposta, fico irritada e preocupada. Em meu coração sofro com a possibilidade de ele ter decidido que não estaria disposto a esperar por uma decisão minha e irritada por não ter ainda aprendido a confiar no seu amor.

Quero sair desse quarto, procurar um pouco de ar, é como se as paredes estivessem se fechando sobre mim, agora sinto ainda mais o incomodo de não poder me levantar, estou com fome e com sede, o que não melhora em nada meu mau humor.

Não tem ninguém aqui comigo, como não faço ideia de que horas são, não quero correr o risco de acordar meus pais. Onde está o Ethan? Por que ele não esperou que eu acordasse? Essas perguntas estão remoendo na minha mente sem parar.

Nesse momento a porta abre, meu coração dispara, fico aliviada por estar escuro, assim não preciso esconder minha expressão de alívio, fingindo que estou dormindo. Ele entra na ponta dos pés, só é possível ver sua silhueta, graças a luz fraca vinda da rua através das portas francesas que dão para a varanda, coloca algo na mesinha ao lado da cama, respiro fundo e sinto um cheiro que faz meu estômago roncar.

— O que tem na bandeja?

Acho que ele realmente não esperava me encontrar acordada, pois pula assustado.

— Oh! Me desculpe! — Não consigo controlar o riso, ele acende a luz do lado direito da cama e senta ao meu lado.

— Tudo bem, está desculpada, me desculpe também por não estar aqui quando você acordou. — O alívio que sinto é enorme.

— Pensei que você finalmente tinha percebido que sou uma perda de tempo e tivesse ido embora. — Admito constrangida e irritada comigo por fazer cara de carente, ah, dane-se, estou grávida posso usar isso como desculpa.

— Prometi que ficaria aqui, não prometi? — Ele levanta uma sobrancelha, sua expressão não deixa transparecer, no entanto, sei que o magoei com essa desconfiança toda.

— Desculpe! Você nunca deixa de cumprir suas promessas. — Decido mudar de assunto. — Por que você saiu? — Tento manter a voz suave para não parecer uma acusação.

— Acordei uns quarenta minutos atrás, com muita fome e como você estava dormindo como uma pedra, desci para fazer um lanche. Não jantamos ontem, imaginei que você logo acordaria com fome também, resolvi fazer um sanduiche de peito de peru para você. Você quer? — Ele é uma dádiva divina de Deus na Terra, exclusivamente minha.

— Claro, estou faminta, você não faz ideia de como agradeço, estava cogitando a possibilidade de eu mesma descer para comer.

Ele põe a bandeja no meu colo, começo a comer imediatamente, está muito bom, lembro das coisas que meu pai me falou quando acordei, e eu cabeça dura que sou, não tinha parado para pensar no fato do Ethan falar que sonhava comigo. Bem, acho que essa é a hora para mais detalhes de quando estive apagada.

— Ethan, como andam as coisas, er, no consultório? — Começo com uma pergunta bem simples.

— Eu o fechei e aluguei a sala temporariamente. — Ah, Cristo! Estou atrapalhando a vida dele.

— Não, Ethan, não deveria ter feito isso, é seu trabalho!

— Lim, seria muito imprudência da minha parte, trabalhar totalmente desorientado como estava, não conseguiria fazer um bom diagnóstico e não suportaria me afastar de você, dele, então fui prático.

— Você está conseguindo, quero dizer, está pagando suas contas? Sem ofensas, mas você sempre foi tão responsável. — Faço um gesto com as mãos, estou sem palavras no momento.

— Bom, quanto a isso estou me saindo muito bem, com o aluguel do consultório pago as minhas despesas e como fico aqui o tempo todo, elas são bem poucas, além de que, tenho outros tipos de rendas. — Ele sorri, e sei que não teria dinheiro no mundo que o tirasse de perto de mim, o que me dá uma tremenda satisfação.

— Deve ter cansado de ficar esperando que eu acordasse, não sei se aguentaria toda essa espera. — Tento provocá-lo mesmo sabendo que não vou conseguir.

— Eu aguentei e você estava aqui comigo, nunca me deixou. — Ele me olha como se estivesse decidindo se me contará algo. Fixo meu olhar nele, como se dissesse: '*vá em frente, continue!*'. — Eu sonhava com você, quase todas as noites.

— Sério? — Faço de conta que não sabia desse detalhe, apesar de meu pai ter falado por alto.

— Sim!

— Então, como eram esses sonhos? — Faço minha melhor cara interessada, porque na verdade estou mesmo.

— Conto se você me contar o que se lembra de antes do acidente e do coma, sempre tive curiosidade de saber.

— É tudo um pouco confuso, então, você primeiro!

Ele está tímido, isso é novidade e fico olhando para ele encantada com sua beleza, era de se esperar que depois de algum tempo de convivência, eu

estaria imune a seus encantos, mas não, está cada vez pior.

— Primeiro você deve saber que foi um choque ouvir você dizer que estava grávida, a realização de um sonho antigo, enquanto estava ali presa dentro do carro, não que não tenha sido a melhor notícia e presente de natal que poderia me dar, mas a possibilidade de perder a ambos quase me dilacerou.

Ele toma fôlego e continua enquanto fico atenta a tudo que diz.

— Após alguns dias em que você estava em coma, sonhei com você, isso passou a fazer parte da minha rotina, quando conseguia dormir.

— E o que eu disse?

— Na primeira vez, nada. Você parecia estar desorientada, perdida, não sei dizer, apenas sei que foi assustador, acordei e você ainda estava lá, imóvel, tão frágil, pálida. O sonho se repetiu algumas vezes, estava ficando louco com você tão perdida, era como se precisasse de algo e estivesse buscando, porém, sem saber o que era. Pensei que talvez estivesse querendo vir para casa, perguntei a alguns médicos se era possível, ou arriscado demais, briguei feio com seu padrinho para conseguir a liberação, assumimos a responsabilidade sobre você, eles não poderiam se opor se optássemos por isso. Caso algo acontecesse com vocês, seria minha culpa novamente.

Meu Deus, só agora percebo que a culpa deve estar corroendo ele por dentro durante todo esse tempo.

— Seus pais concordaram, devo dizer que eles gostam de mim, bem mais do que mereço, enfim. Meus pais conseguiram tudo o que era preciso para transformar o seu quarto em um ambiente seguro para recebe-la e menos de uma semana depois, você estava em casa.

— E funcionou? Quero dizer, com os sonhos? — Estou genuinamente intrigada com tudo o que ele diz. Ele sorri e é tão lindo.

— Sim, logo na sua primeira noite aqui, o sonho mudou, nesse você me perguntou o que tinha acontecido, como estávamos todos e sempre acordava antes de responder. Ele se repetiu por duas semanas. Alguns dias depois, duas coisas aconteceram simultaneamente, o sonho mudou e senti nosso filho mexer pela primeira vez.

Ele está tão absorto nos seus pensamentos que nem tentou esconder a emoção enorme no seu olhar banhado de lágrimas.

— Foi uma sensação incrível, desse momento em diante, tive a certeza que você voltaria!

— E o que mudou nos sonhos? — Tenho que desfazer o nó na minha garganta para conseguir falar.

— Você falou sobre o bebê, disse que estava difícil demais continuar, falei que não poderia desistir e nem me abandonar. Disse que você tinha que acordar para que pudéssemos ser felizes juntos. Fiquei alguns dias sem sonhar. Quando sonhei de novo tinha mudado novamente, como lembranças, só que não eram minhas.

— Como assim, de quem mais poderia ser?

— Suas, foi como se conseguisse ver suas lembranças, imagino que seja porque algumas delas são como as minhas, como..., como se eu visse todos os nossos momentos juntos, mas através dos seus olhos, mais ou menos como você me enxergava, achei meio estranho, não entendi que eram suas até que apareceu uma que nunca vi.

— Que lembrança? — Pergunto com medo de ter sido alguma das de quando não queria nem ver ele e falava mal.

— De você bem ali em frente ao espelho, você acariciava sua barriga com um brilho tão lindo nos olhos, que me maravilhou mesmo dormindo.

Ele me olha com o seu olhar admirado.

— Depois daquela noite, meu sonho se modificou, dessa vez para melhor, você me disse que não estava pronta para voltar ainda, mas, que tinha novidades, nosso filho seria um menino e que ele se chamaria Caio. Confesso que fiquei com ciúmes, insisti que escolhesse outro nome, sua resposta foi me perguntar se eu conhecia o significado do nome.

— E você sabia?

— Não, mas você me deu a dica, '*Feliz*', e é o que espero que sejamos, muito. Acordei com suas palavras na minha mente e não sosseguei até que fiz o Álvaro trazer um aparelho de ultrassom até aqui. Ele me chamou de

maluco, porém, acabou com minha ansiedade, é claro que eu já sabia do resultado, o mais engraçado foi ver o espanto no rosto dos seus pais, da Gia e do Álvaro, quando falei qual nome do bebê e o porquê.

Eu imagino bem a cena. E saber que ele acatou minha escolha, não de bom grado, mas aceitou, faz meu amor por ele crescer ainda mais.

— Aliás, você tem que me contar o porquê de Gia e o Alvin não estarem juntos, aqueles dois praticamente se comem com os olhos.

— Não acredito que perdi isso. — Digo rindo só de pensar na cena.

— Então, dias depois, você acordou e me expulsou, e é isso, agora é sua vez.

Como posso sequer raciocinar depois de tudo o que ele contou. Saber que estamos tão ligados assim é maravilhoso e preocupante ao mesmo tempo, se por um lado sei que ele me ama, também é certo que se um dia o perder será minha ruína completa.

— Vou resumir, só lembro da dor na minha cabeça e muita escuridão. Por um bom tempo fiquei no limbo, apenas um passo de cair nela, pelo menos era essa a sensação que eu tinha. Acho que depois de um tempo Caio esteve lá comigo, ou posso ter sonhado com essa parte, nesse momento achei que fosse o fim, só que ele me disse que eu tinha que voltar por você, meus pais, a Gia, por nós e pelo nosso bebê. Foi o que me deu coragem para tentar vencer aquela escuridão. Algum tempo depois, não sei bem quanto, senti que alguém segurava minha mão, era você. Forcei meus dedos a se mexerem também e nesse momento, nosso grãozinho se mexeu dentro de mim. Abri os olhos e o resto você sabe.

Foi um resumo e tanto, não preciso que sofra ao saber das minhas tentativas frustradas em acordar. Se é que foram tentativas reais, já não sei se vivi tudo aquilo ou se tudo não foi um longo sonho.

— Sim, que bom que você acordou, porém, deveria estar descansando agora.

— Não estou cansada, já você, parece bem cansado.

— Passei boa parte dos últimos dias te olhando.

— Por quê?

— Você disse que eu só poderia vir quando estivesse dormindo, não queria perder nenhum segundo que tinha. — Sinto-me uma pessoa horrível por fazê-lo passar por isso.

— Então, acho que você precisa descansar também.

— Mais tarde, vou descer e guardar a bandeja.

— Você consegue fazer um simples sanduíche ficar maravilhoso, sabia disso?

— Obrigado, por isso e por me permitir ficar aqui também, eu amo você, Lim.

Ele sai rápido, antes que eu possa responder, *'amo você também!'* que está preso na minha garganta.

Ethan 7

Saio do quarto antes que meu autocontrole caia por terra, algo que preciso evitar que aconteça, principalmente agora que estamos caminhando para uma reconciliação, não quero que ela sinta que a estou pressionando por uma decisão, não mesmo.

Desço as escadas silenciosamente, não quero acordar os seus pais, todos temos nossa cota de noites mal dormidas para pôr em dia. Ao entrar na cozinha me deparo com Jorge, ele olha através da janela, tento não fazer barulho, mas acabo por derrubar o copo na pia, atraindo sua atenção.

— Boa noite, filho!

— Boa noite! Sem sono? — Indago sem muito entusiasmo.

— Mais ou menos, sente-se um pouco. — Olho para trás incerto, Lim está me esperando, não quero deixá-la sozinha, não agora que não preciso esperar que ela esteja dormindo.

— Sei que não quer ficar longe dela, mas precisamos conversar sobre um assunto delicado. — Sento-me agora desconfiado.

— O que seria, fiz algo que o tenha desrespeitado?

— Não, filho, longe disso! Ricardo me ligou no início da noite,

segundo ele... bom, o estado de Lim requer certos cuidados, a tomografia mostrou que sua cabeça está totalmente recuperada, isso é ótimo, mas, há o fato dela estar grávida e seu corpo teve que se recuperar e fornecer nutrientes necessário para o bebê, durante todo esse tempo.

— Jorge, você poderia ir direto ao ponto? — Ele não está confortável com algo.

— Bom, sei que vocês se amam e tudo o que o amor faz ao corpo e essas coisas, então.

— Não vou tocá-la!

Evito que o pobre homem tenha uma síncope de tamanha sua vergonha.

— Mesmo se não estivéssemos tendo essa trégua e ela estivesse disposta a isso, sua segurança e do meu filho vêm em primeiro lugar. Até que ela tenha passado por toda a gestação e tenhamos o ok de Álvaro, saberei manter meu desejo controlado, não se preocupe!

— Sinto-me aliviado por termos essa conversa longe dos ouvidos de Laura, sabe como minha adorável esposa é, teria arrancado minhas bolas antes que eu falasse algo.

— Sim, e adoro o fato dela, como você, terem me recebido tão bem.
— Minha voz embarga nesse momento.

— Você a faz feliz e Lim é o que temos de mais precioso. Gostamos de você, pelo que é, o fato de estarmos nos encaminhado para sermos parte da mesma família, só torna tudo ainda melhor!

Levanto e o abraço, ele retribui dando pequeno tapinhas nas minhas costas. Despeço-me e vou em direção às escadas, antes de subir o vejo ainda olhando e sorri apontando para o andar de cima, retribuo e subo o mais rápido possível.

Capítulo Vinte e Oito

Helida 🦋

Depois que ele saiu, fiquei pensando nos sonhos de Ethan enquanto estive em coma, o fato dele chamar o grãozinho de Caio, o que falei para ele em sonho me faz perguntar se é real, se existe mesmo um amor tão grande que suporte qualquer tipo de adversidade?

Eu só tenho certeza de uma coisa, existe um sentimento puro e verdadeiro entre nós, um laço eterno que nos unirá para sempre, o meu pequeno Caio mexe enquanto tenho esse pensamento, concordando comigo.

— É, meu amor, você é esse laço. — Acaricio minha barriga, absorvendo a enormidade de tudo.

Fico tão distraída com tudo que se passa nessa conversa silenciosa que tenho comigo mesma, que não percebo que ele já está de volta e me observando da porta.

— Como está se sentindo, precisa de alguma coisa?

— Sim, preciso que você, por favor, tire todas essas coisas de mim, não suporto mais, pareço estar mais doente do que realmente estou!

É esquisito e muito agorento esse barulho do monitor cardíaco e todas essas agulhas.

— Lim, acho que não devo. — Vou precisar usar meu poder de persuasão para isso, faço biquinho, baixo os olhos, colocando a boca um pouco de lado, junto minhas mãos antes de levantar o olhar triste para ele.

— Tudo bem, eu entendo, só queria... acho, deixa pra lá!

— Isso não é justo, sabe que não resisto quando você faz essa cara!

— Por favor? Eu preciso sair dessa cama, quero sair um pouco desse quarto, por favor! — Tento minha última jogada. — E se trocarmos uma saidinha rápida, por um beijo, na bochecha? — Olho para ele maliciosamente, o que o faz sorrir.

— Ok! Você ganhou, quanto ao beijo não precisa se não quiser.

Fico olhando para ele enquanto retira todas essas coisas e me pergunto se o ofendi de alguma forma. Como estou muito rígida pelo tempo que fiquei deitada, ele gentilmente me ajuda a levantar, envolvo seu pescoço e o abraço para manter o equilíbrio.

— Obrigada!

— Não há de que! Onde você quer ir? Desde já, digo que o jardim é o limite. — Há prazer em sua voz, talvez, por estarmos um tanto mais próximos essa noite.

— Você sabe que adoraria poder ir ver o mar, mas falando assim todo autoritário e gostoso ao mesmo tempo, o jardim me parece ótimo, antes que o senhor mude de ideia, Dr. Scott.

— Não abuse da sorte, Srta. Morales, posso muito bem me esquecer que ainda está se recuperando, ou que estamos dando um tempo e tomá-la aqui e agora! — Meu corpo aquece de imediato.

— Ah! Sem ameaças que não irá cumprir, meu bom doutor. Sabe que estou grávida, com os hormônios enlouquecidos e tenho que ter meus desejos todos realizados. — Dou uma piscadela e ganho de recompensa um par de olhos arregalados de descrença. Pronto, meu dia ou noite, sei lá, está ganho!

Apesar da escada ter apenas poucos degraus, levei quase dez minutos para descer, com um Ethan extremamente protetor, fazendo-me parar a cada passo que eu dava, todo tempo me segurando como se a qualquer momento eu fosse cair. Meio bobo da parte dele, mas fez meu peito se expandir de felicidade, ele é muito carinhoso.

O céu está tão bonito, que paro assim que saímos pela porta, para admirar um pouco. Logo sou conduzida ao balanço de madeira na varanda, sempre amei observar o céu a noite, principalmente quando está assim estrelado e com uma lua tão clara. Isso me faz lembrar da nossa primeira noite juntos, quando nosso filho foi gerado, provavelmente.

— É tão bom poder estar aqui fora, olhar o céu, sentir essa brisa suave.
— Segurar a mão dele. — Eu sempre gostei de ficar assim.

— Eu também, faz um bom tempo que não reparo o céu a noite.

— Hein, por quê? — Tudo bem, sei a resposta, mas nada o impedia dar uma olhadinha.

— Eu não queria me afastar de você, queria estar perto quando você acordasse. — E esteve, não me surpreendo pelo fato de ter sido o seu rosto o primeiro que vi quando acordei, me fazer feliz.

Parece que o tempo parou, é como se mais de dois meses tivessem sido apenas horas, se não fosse pela mudança física em meu corpo, eu não acreditaria.

— Ethan, você ainda não me contou o que aconteceu realmente aquela noite, em que ... — Não preciso dizer muito, ele sabe muito bem de que noite estou falando.

— Bom, eu tentei, mas.

— Eu sei, não deixei, fui uma imbecil, por isso que agora estou perguntando, quero saber, me conte.

Ele está meio hesitante, no entanto, sei que irá me contar, sabe que se não, começarei a pensar que estava certa nas minhas suposições, além do mais, ele não perde a oportunidade de ser gentil, fazendo o que lhe é pedido.

— Primeiro você deve saber que ela chegou aqui do nada, nunca, nem em um milhão de anos eu poderia imaginar que a veria novamente, principalmente ela vindo até mim. Eu estava terminando algumas coisas para levar para sua casa e pensando se você iria gostar do meu presente de natal.

— Qual presente? — Agora estou curiosa.

— Nada disso, vamos deixar essa conversa para outra ocasião. Continuando, como eu disse, ela chegou do nada falando que sabia que tinha errado muito comigo, que sua escolha foi precipitada, não deveria ter me trocado por ele, ao que parece foi a maior burrada da sua vida, querendo que a perdoasse.

Que descarada essa mulher, nossa, está me subindo um troço e sei que se ela tivesse aqui, eu a ensinaria uma lição.

— Fui bem honesto com ela, disse que era tarde demais para

arrependimento da parte dela, e que eu tinha alguém na minha vida, uma pessoa a quem amava e esse sentimento era verdadeiro e totalmente diferente do que um dia achei que sentia por ela. Expliquei que você é tudo o que sempre desejei, foi quando ela começou a gritar, dizendo que não era verdade, que eu estava dizendo aquilo por ainda estar magoado com ela.

Realmente lembro de ter ouvido uma discussão quando entrei, aquela..., tenho que me controlar, afinal, ela não está aqui.

— Tentei explicar que não era nada daquilo, que no fim das contas ela me fez um favor, afinal, passar um tempo cuidado dos necessitados e depois ter vindo morar aqui foi a melhor coisa que já fiz, pois conheci você e a verdadeira felicidade, um tipo de amor diferente, daqueles que nos traz a vida e não sofrimento.

Ouvi-lo descrever a diferença do que sente por mim e o que um dia sentiu por ela, faz uma luz acender dentro de mim. Por mais que eu tenha amado o Caio, que a sua perda tenha me marcado, pelo resto da vida, o meu amor por Ethan é mais forte, sei que fosse o caso de perde-lo, nada seria capaz de me erguer novamente, nem outro amor.

—Ela começou a chorar, me pediu um copo com água, quando cheguei perto dela, praticamente pulou em mim e me beijou. Em seguida, você apareceu, disse meu nome e desmaiou, morri umas mil vezes enquanto não vi que estava bem. Quando acordou, tentei explicar o que tinha acontecido, porém, você saiu correndo e entrou no carro, eu ainda tentei alcançá-la, mas cheguei tarde, se vocês tivessem morrido eu iria junto, nunca me perdoaria por isso.

— E o que aconteceu com ela, a Lucie? — Até o nome dela me deixa com vontade de esmurrar alguma coisa.

— Ela ainda foi até o hospital e eu falei que se ela não fosse e embora eu não me responsabilizaria pelo que aconteceria, ainda bem que ela me ouviu, porque a Gia queria fazer picadinho dela.

— Quem disse a ela onde você estava?

— Não faço ideia, se bem que não é tão difícil encontrar uma pessoa, principalmente tendo registro profissional como a gente.

— Talvez tenha sido seus pais. — O que me lembra. — Eles sabem de nós? — Pergunto colocando a mão no meu ventre.

— Sim, eles sabem, até vieram te visitar. Não foram eles, para dizer o mínimo, minha mãe faria qualquer coisa para mantê-la o mais longe possível de mim, quando disse que estava apaixonado por você ela ficou radiante.

— Você contou depois do acidente?

— Não, ela sabe desde que te conheci e sempre disse que já gostava de você, quando soube do bebê...

Ele riu de alguma coisa que não sei e não faz diferença, estou curtindo muito seu sorriso para me preocupar com isso.

— Ela está fazendo sapatinhos e tudo para ele, não sei como tem tempo, mas o primeiro chegou ontem. — Isso me emociona, saber que meu grãozinho já é tão amado.

— Sério, posso ver? É muito gentil da parte dela! — Estou tão feliz nesse momento que poderia até cantar.

— Ela está mais do que feliz em ser avó, prepare-se para a disputa entre eles. Vou pegar para que possa ver, espere aqui, sentadinha.

— Vou com você! — Ele me olha como se tivesse escutado algo como *'achamos ouro no quintal!'*

— Vai? Tem certeza disso?

— Sim, não tenho mais problema algum com essa casa.

— Quando isso aconteceu?

— Quando descobri que estava grávida, decidi que meu filho é o mais importante de tudo. Além disso a casa está tão diferente por dentro que não parece mais a mesma.

Ele continua me olhando e é claro, fico vermelha, passa os dedos suavemente na minha bochecha e sinto aquela eletricidade que seu toque sempre provoca.

— Estava com saudades disso.

— De que? — Engulo seco, meus lábios se abrem ao sentirem o seu

polegar os acariciando.

— De vê-la corar, você fica ainda mais bonita quando acontece, eu não sei o que faria sem você comigo.

— Sei que ainda não... — Ele não me deixa terminar, com dois dedos prende meus lábios.

— Não importa, estou feliz só de tê-la assim, perto de mim. Isso é o que você provoca em mim. — Ele pega minha mão e a coloca em seu peito, para que eu possa sentir seu coração bater rapidamente.

É uma sensação maravilhosa, o desejo por sentir seus lábios nos meus aumenta, quando dou por mim, o estou beijando louca e desesperadamente como se não tivéssemos muito mais tempo e esses fossem nossos últimos segundos de vida.

Tenho que me controlar e lembrar a mim mesma que ainda estou em recuperação e não devo abusar da sorte, o que é quase impossível, principalmente com seu corpo tão colado ao meu, melhor, eu que estou colada nele, e ele está tendo o maior cuidado de não me apertar muito, mas não é de cuidado que estou precisando agora, preciso dele, do meu homem, amigo, amante, pai do meu filho, resumindo, meu tudo.

— Ethan, não vou quebrar eu juro, preciso de você, mais do que do ar que respiro!

Digo quando consigo me afastar um pouco dos seus lábios, seguro seu lindo rosto, respiro, deixo meu coração falar por mim.

— Tenho sido uma tola esses dias, mantendo você distante, não é disso que preciso, é de você, meu coração é seu, minha vida só tem brilho se estiver contigo, eu amo você! — Ele me abraça forte, e ficamos assim por um bom tempo.

— Obrigada, Lim, isso que temos é minha força para viver, eu amo você demais.

— Então me beije, por que passei dois meses e meio sem seus lábios!

E ele faz, beija-me com carinho, gentilmente, me dizendo sem palavras como sou preciosa para ele. E ele também é para mim, quando estamos os

dois ofegantes, pega minha mão e me ajuda a ficar em pé.

— Vamos, ou você quer descansar e deixar para depois?

— Nada disso, quero ver agora o primeiro item do enxoval dele!

— Bem, não é o primeiro, eu já comprei algumas coisas para ele, pela internet. — Ele fala como se estivesse pedindo desculpas.

— Que maravilhoso, amor, quero ver tudo e depois podemos sair para escolher o que falta!

— Sim, minha vida, vamos fazer tudo isso, mas vamos com calma, temos tempo ainda. E primeiro vamos tomar café da manhã.

Só nesse momento que percebo que logo o sol irá nascer, é incrível como o tempo passa voando quando estou com ele e o melhor de tudo isso, é estar me sentindo completa novamente.

Capítulo Vinte e Nove

Helida 🦋

*És um senhor tão bonito como a cara do seu filho, tempo, tempo,
tempo, tempo...*

Essa poderia ser a melodia que embala os meus dias, não sei onde o tempo foi parar, mas pensando bem, não tive tanto tempo assim para me habituar com as mudanças que aconteceram na minha vida. Acordar dois meses e meio após o acidente com uma barriga já bem visível, não foi tão fácil, adaptar-me a realidade de que em pouco mais de quatro meses oficialmente me tornaria mãe, também não foi tão simples.

Olho para o espelho de corpo inteiro que tenho no meu quarto e viro de um lado ao outro, acaricio minha barriga de quase oito meses. Mesmo com toda a dificuldade inicial em conciliar que meu grãozinho já estava bem crescido, os últimos três meses têm sido os melhores possíveis.

Quase não pude fazer nada, com a superproteção de Ethan e da minha mãe, além da completa abstinência de sexo, um absurdo, porém, o senhor megalomaniaco por proteção, não abriu mão ou espaço para qualquer avanço da minha parte.

A pessoa deve ser canonizada por seu autocontrole, toda noite quando me deito com seus braços a minha volta, constato que não sou a única que sofre de desejo reprimido, isso no fundo me dá uma satisfação secreta. Quem mandou querer virar celibatário durante a minha gestação?

— Lim? — Minha mãe entra e para ao me ver, seus olhos ultimamente estão sempre lacrimejados.

— Oi, mãe?

— Ethan está a sua espera, falta pouco mais de uma hora para a consulta, acho que deveria se apressar.

Seus olhos viajam pelo cômodo e se fixam no berço que já está montado ao lado da minha cama.

— Não quero me intrometer, mas acho que deveria pensar melhor, sei lá, Ethan preparou um quarto e tudo para o Caio. Está tão lindo, deveria voltar lá e ver com seus próprios olhos, só falta... — Seu olhar recai sobre o berço branco de madeira novamente.

Não voltei a casa de Ethan depois da manhã da nossa reconciliação, não senti muita vontade de fazê-lo, porém, estive presente na escolha de toda decoração do quarto do meu pequeno.

— Acho que não tem muito o que pensar, mãe. Recuso-me a morar com ele nessas condições.

Suspiro deixando toda minha desilusão vir à tona.

— Sabe, pensei que depois que fizéssemos as pazes ele me pediria em casamento ou algo assim, não que isso seja tão importante para mim, ou talvez seja um pouco não, é sim, muito importante, poxa, ele pediu aquela bruxa de olhos verdes e grandes pernas torneadas em casamento, acho que..., sei lá o que realmente acho, mas as vezes me vem o pensamento que ele poderia estar comigo por obrigação.

— Oh! Minha menina, não sabia que estava passando por isso, por que não conversou comigo, ou Gia, no seu estado não faz bem guardar esse tipo de sentimentos. — Seu olhar de pena é o que me dói, está aí o motivo de ter mantido isso só para mim, por todo esse tempo.

— Esqueça, mãe, são apenas os hormônios mexendo ainda mais com o meu humor já tão inconstante. — Tento sorrir para tranquilizá-la, ela devolve, mas não tão abertamente.

— Tudo bem, agora vamos, e, acho que deveria expor isso ao Ethan, talvez ele esteja apenas esperando um sinal da sua parte.

Aceno uma concordância apenas para que não insista no assunto, funciona, logo estamos descendo as escadas, minha mãe controlando cada um dos meus passos, até que chego na sala, com braços fortes me envolvendo.

— Você está linda!

Ethan beija logo abaixo da minha orelha, causando um leve tremor na minha espinha.

— Álvaro ligou, disse que está apenas nos aguardando, ao que parece uma das suas pacientes desmarcou ou algo do tipo.

— Certo, não o deixemos esperando tanto! — Lanço um sorriso radiante, todo os meus receios esquecidos, logo que vi seus olhos brilharem ao me ver.

— Estava pensando que poderíamos jantar em algum lugar depois da consulta, faz algum tempo que não fazemos algo assim. — Olho para Ethan enquanto entro no carro.

— Por mim, tudo bem, mas tudo que quero é um sorvete em frente ao mar! — Não sei se aguentaria o olhar inquisitivo das pessoas mal-amadas desse lugar.

— Tudo bem, madame, se o seu desejo é sorvete, tomaremos sorvete!

Ele dá partida e saímos em direção ao centro da cidade. O silêncio é tranquilo entre nós, do sistema de som vem a voz melodiosa de Elis Regina cantando Fascinação, que enche o ambiente. Deixo-me envolver pela canção, decidindo internamente se devo ou não seguir o conselho da minha mãe.

— Lim, Chegamos!

Volto do meu devaneio, no qual nada ficou decidido na minha cabeça, olho em volta e vejo a fachada da clínica de Álvaro, caramba fiquei fora um bom tempo.

— Ei, você dormiu? Logo estará terminado e voltaremos para casa, esses dias têm estado cada vez mais cansada.

— Não sem o meu sorvete antes! — Sorrio enquanto desço do carro.

— Sim, depois do seu sorvete!

Pega minha mão e entramos na clínica, Silvana a recepcionista sorridente, guia-me para o reservado onde visto uma bata hospitalar. Quando entro na sala de exames, Álvaro vem ao meu encontro, recepcionando-me com seu característico sorriso acolhedor.

— E aí, como vai, Magrela? Se bem que, não está mais tão magrela. — O fuzilo com os olhos, assim como acontecia no colégio.

— Olá, Alvoredado! — Sorrimos pelos nossos apelidos de infância.

— Certo, sem apelidos, ok? — Ethan ainda não se acostumou com nossas brincadeiras, mas sorri.

— Tudo bem, sentem-se, quero fazer algumas perguntas antes de fazermos os exames de rotina. Como tem passado desde a última consulta? — Ele entra no modo profissional.

— Estou bem, apenas ansiosa, mas bem.

— Nada disso, nos últimos cinco dias ela vem se queixando de dores de cabeça. Tentei convencê-la a te chamar, mas você conhece sua amiga, fez pouco caso, como sempre! — Olho para o traidor, que me ignora completamente.

— Lim, não pode fazer pouco caso, tem que estar ciente que devido a tudo que passou, qualquer anormalidade em sua saúde é motivo de preocupação. Vamos descobrir se essa dor de cabeça é devido ao típico caso de problemas visuais, muito comum durante a gestação ou, se por qualquer outro motivo.

Envergonhada pela bronca, assinto com a cabeça e vou até a maca que está preparada com um papel em cima. Deito e espero pacientemente que Álvaro venha para as checagens.

Um gel frio é espalhado sobre o meu ventre e então o som de um coração palpitante é tudo em que consigo me concentrar durante os próximos dez minutos.

— Pronto, Lim. Pode se vestir, quando voltar conversaremos. — Vou para o reservado, faço a troca de roupas de forma tranquila, imaginando que como planejado, Álvaro há de marcar a data do parto.

Desde que acordei do coma, soube que teria que antecipar a data, penso que deve ser para os próximos quinze dias, já que falta apenas uma semana para o oitavo mês, ele deve querer que meu grãozinho receba o máximo de nutrientes possível.

Ethan 7

— Ethan, sente-se um instante! — O olhar de Álvaro vai em todas as direções, menos na minha, algo não está bem, mesmo ele tendo afirmado que

tudo está bem com o bebê. Meu peito aperta diante da possibilidade de estar acontecendo algo com minha garota.

— Álvaro, sabe que deve me contar tudo, não é mesmo? — Levanto uma sobrancelha questionando.

— Eu sei, além de médico, sou amigo, dos dois! Por isso, devo ser o mais honesto possível. — Ele senta, nada feliz com o que tem a dizer. — Teremos que adiantar a data do parto.

— Sabíamos dessa possibilidade desde o começo.

— Para daqui oito dias, no máximo! — Meu mundo perde o foco por alguns instantes.

— Por... por que tão cedo? — Gaguejo em busca de respostas.

— Essas dores de cabeça e o fato da pressão arterial dela estar em um nível elevado. Veja bem, o caso de Lim, tem sérios agravantes, os meses em coma, a pancada na cabeça, seria imprudente esperar. Ela não deve sentir emoções fortes, nada que desencadeie um aumento de pressão, se vocês têm algo para resolver, façam agora. Pedirei alguns outros exames, em caráter de urgência, o resultado não demorará mais que três dias, então amigo, teremos mais um homem na cidade e poderemos respirar aliviados pela mãe dele estar conosco.

— Você acha que ela pode ter complicações, se esperarmos mais?

— Sim, tanto para ela como para o bebê. Pela minha experiência, diria que se trata de um caso de pré-eclâmpsia, mas só terei a certeza quando estiver com o resultado dos exames. Temo que se for o caso e esperarmos mais, o bebê venha a ter sérios problemas, como a diminuição do líquido amniótico. Não quero correr riscos com eles, Caio está bem desenvolvido, temos uma boa neonatal, ele ficará bem, isso eu garanto.

— Tudo bem, acho que devemos informá-la, não de tudo. — Minha mente está a mil, não posso correr o risco de perdê-la, não agora que nos reconciliamos, não posso!

— Ethan, essa é uma escolha sua, mas particularmente não sou fã de esconder, as vezes pode ser pior. — Nesse momento, Lim volta para a sala.

Álvaro fica em silêncio e sorri para ela, algo que não sei se conseguirei tão cedo!

Helida 🦋

Quando retorno à sala, encontro um Ethan de fisionomia estranha, ele está tão sério, como se tivesse acabado de receber alguma notícia ruim, uma sensação nada boa se infiltra por dentro de mim, um nó estalado se forma na minha garganta.

— Então, o que se passa, por que essa cara, querido?

— Lim, preciso que se sente para conversarmos um pouco.

Álvaro aponta a cadeira vazia ao lado de Ethan, sento-me e seguro sua mão, que está gelada. Olho para ele, mas está olhando para Álvaro um tanto apavorado.

— Como já havíamos conversado, precisamos marcar a data do parto, com antecedência. Estive pensando se não poderia ser para daqui a uma semana.

— Por que tão cedo? Pensei que isso seria para daqui uns quinze dias.
— Agora começo a compreender a expressão séria de Ethan.

— Não temos porque esperar, o bebe está saudável, bem desenvolvido, mesmo prematuro ele ficará bem, providenciarei para que tudo dê certo, faremos isso pela sua segurança e a dele.

Fico olhando de um para o outro, toda essa tensão não deve ser apenas isso, eles me estão escondendo algo e não gosto nada disso.

— Lim, preciso que faça esses exames, espero os resultados em três dias. Já deixarei reservado um quarto para você na ala da maternidade do HCA, assim na próxima segunda-feira será internada. Na terça no primeiro horário, traremos seu filho ao mundo. — Álvaro tenta soar o mais tranquilo possível, mas a tensão emanada por Ethan, chega até mim, como se fosse uma corrente elétrica.

— Tudo bem! — Digo assim que engulo o nó da garganta, porém, ainda me sinto sufocar.

— Podem ir e até a próxima sexta-feira, organize o que tiver que

organizar nesses dias, ficará de repouso por um bom tempo!

Despeço-me de Álvaro e saio sem esperar por Ethan, logo o sinto atrás de mim, saímos para a noite agradável, mas ainda não consigo ar suficiente para os meus pulmões.

— Ethan, o que você tem, ficou estranho de uma hora para outra? — Pergunto assim que ele liga o carro e começa a manobrar pela rua.

— Nada de mais, vamos lá tomar seu sorvete! — Ele sorri, mas não chega até seus olhos, decido não o pressionar, as vezes preciso de um tempo também, para decidir falar algo.

A tensão dentro do carro é palpável, olho para as luzes da cidade, minha vontade por um sorvete já está esquecida. Ainda preciso de um pouco de ar. Quando ele para junto ao calçadão que abrange toda a orla, desço e sigo em direção à praia, não paro nem quando o escuto me chamar. Levanto uma mão pedindo cinco minutos, agora quem não pode falar nada sou eu.

Sigo caminhando pela areia, as ondas molham meus pés a cada poucos instantes, não vou muito longe, minhas pernas fraquejam e sento, sem me importar com a umidade da areia. Um grito estrangulado irrompe pelo meu peito, em seguida se transforma em soluços e já não estou mais sozinha, Ethan está ao meu lado me abraçando.

— Shhh, está tudo bem, acalme-se, tudo ficará bem, *baby*! — Suas palavras tranquilizadoras em nada melhoram minha histeria.

— Ethan e se nada ficar bem, eu... — Agarro-me a ele, como se fosse a minha tábua de salvação em meio ao enorme oceano das incertezas.

— Ei, não! Tudo ficará bem, por que acharia o contrário? Não fique nervosa, Álvaro falou que sua pressão... — Ele para de falar no meio da frase e já sei, esse deve ser o motivo da sua expressão séria.

— O que Álvaro disse? Ethan, por favor, se preza pela minha sanidade, não me esconda nada, preciso saber. — Peço em meio aos soluços.

— Tudo bem.

Ele passa as mãos pelos cabelos repetidas vezes, antes de falar.

— Suas dores de cabeça são devido à elevação na sua pressão arterial.

Quanto mais nervosa ou ansiosa você estiver, mais complicadas podem ser as consequências. Não deve, por nada, passar por emoções fortes ou conflitantes nos próximos oito dias. — Ele para de falar e olha para além de mim.

— O que mais que ele falou, Ethan? Conte-me de uma vez! — Agora não é o momento de me poupar de nenhum detalhe.

— Ele desconfia que seja um caso de pré-eclâmpsia! — Seu olhar fixa-se no meu, há um terror imenso nele.

— Ah, meu Deus! Tenho posto a vida do nosso filho em risco, e agora? Jesus! Ethan, o que acontecerá se eu... e nosso menino ser visto no futuro por esse povo fofoqueiro como seu filho bastardo. Oh meu Deus! — Agora a realidade dos meus receios fica ainda mais aterrorizadora.

— Pare de dizer isso, nosso filho não será bastardo, Lim. Ele é nosso, você irá criá-lo junto comigo, seremos uma família!

— Explique-me, Ethan, acordei há mais de três meses. Certo que agi como uma cadela raivosa com você no início, mas depois tudo ficou bem. — Respiro fundo. — Não sei, eu esperava que nos casássemos antes dele nascer. Quando descobri que estava grávida, o imaginei caindo de joelhos e beijando o meu ventre, em seguida dizendo que éramos o seu mundo, então me pediria em casamento. Vi tudo isso enquanto ia às pressas para sua casa, nunca pensei que tudo tomaria o rumo que tomou.

Sinto as lágrimas rolando pelo meu rosto, não consigo olhar para ele, não quero ver a compaixão em seus lindos olhos cinzentos. É tudo que não preciso nesse momento.

No entanto, ele parece ter outro tipo de pensamento, levanta-se e me puxa para perto, até que estamos cara a cara, beijando-me suavemente os lábios, então, com um movimento fluído, ajoelha-se diante de mim, beija minha barriga, para então me olhar com seus olhos brilhando de emoção.

— Oh, meu amor, perdoe-me, acho que deveria ter prestado um pouco mais de atenção em você. Estive tão focado em recuperar sua confiança depois de tudo, que não parei para pensar que devia seguir o plano original. Eu tinha tudo planejado para o último natal.

Ele põe a mão no bolso de trás do seu jeans, de lá tira um saquinho de

veludo preto, o observo tirar algo de dentro, assim que o faz, a luz da lua faz a pedra que o anel de platina ostenta, brilhar. Perco o fôlego, em sua mão está um belíssimo anel, mas não é peça única, ao seu lado há também a aliança de casamento. Sei que são do tipo que são feitos sob encomenda.

— Ethan...

— Tenho andado com ele há muito tempo, esperando o momento certo para lhe propor, mas ele nunca chegava, ou eu não o vi quando chegou.

Olha-me diretamente nos olhos, mesmo estando ajoelhado, sinto seu olhar me penetrar por completo.

— Sei como é difícil confiar nosso coração a alguém, principalmente quando já se conhece a dor da perda ou desilusão, no entanto, aqui estou eu, disposto a oferecer-lhe tudo que tenho. Não poderia dar-lhe o meu coração, pois ele já é seu, não posso dar-te a minha alma e o meu corpo por completo, eles também são submissos da tua vontade, então hoje ofereço-te o meu nome.

Há uma emoção genuína em seu olhar, gestos e palavras, meu coração que já não tinha mais espaço para nada de alguma forma se expande ao som da sua voz emocionada, preenchendo-se de cada vez mais amor.

— Quero que o mundo saiba que és minha e quão afortunado sou. Não fiz nada para merecer tamanha dádiva, porém, alguém lá em cima deve me querer bem, já que me trouxe você, a razão do meu viver, o ar que respiro. Ainda me presenteou com um novo ser para amar, que será o complemento perfeito do nosso amor, diga sim para uma vida de amor juntos, não lhe garanto que só haverá flores, porém, prometo enfrentar contigo qualquer tempestade que por ventura possa surgir, fique comigo hoje, amanhã e sempre, case comigo? — Seus olhos brilham enquanto esperam a resposta.

— Sim... — Solução. Com meu corpo tremendo ante a emoção, vejo como tenho sido egoísta e imatura, sempre mantendo um pé atrás com ele.

Ainda ajoelhado, Ethan beija o dedo que meu anel está destinado a estar, levanta e pega mais alguma coisa no seu bolso, a correntinha brilha quando ele a passa pelo aro de platina do anel. Meu lindo futuro marido não deixa passar um detalhe sequer, já que, meu dedo anelar está uns dois

números maiores, providenciou um jeito para que eu seja capaz tê-lo comigo, até que ele possa estar onde pertence.

— Logo ele estará em seu dedo, quanto a esse aqui, só no dia do casamento! — Diz assim que fecha a corrente ao redor do meu pescoço.

— Ethan, perdoe-me, fui tão imatura e injusta contigo, não te mereço. Porém, sou egoísta o suficiente para ainda o prender a mim, de todas as formas possíveis, eu te amo tanto!

— Shh, nada disso, é a hora mais esperada depois do sim, *baby*, estou aguardando por isso há muito tempo. — Ele pega meu rosto entre as mãos para que possa ver seus olhos enquanto fala.

— E o que seria?

— O Beijo! — Seus lábios descem sobre o meus e sou agraciada com o mais doce dos beijos.

É sua maneira de me dizer que sou especial e única. Agarro-me a ele de uma forma que os nossos corpos se unem onde ainda é possível, um beijo de tirar o fôlego toma o lugar da suavidade e tudo a minha volta ganha um novo brilho, esse é o efeito que ele tem sobre mim, faz-me ver além do possível, seu amor transforma tudo. Sou a pessoa mais sortuda do universo por tê-lo comigo e logo será para sempre, oficialmente.

Capítulo Trinta

Helida 🦋

Eu, Helida Morales, ex Albuquerque, futuramente Scott, sempre fui conhecida por ser daquele tipo de pessoa que sofre horrores quando tem que esperar, principalmente se envolver o futuro de outras pessoas. A espera e a incerteza me matam, mas sempre fui capaz de me adaptar facilmente às consequências, sejam elas quais forem.

Essa é umas das vezes que não posso me dar ao luxo de me curvar em posição fetal e sofrer até que a espera acabe. Até porque, estou enormemente redonda! Preciso aceitar e me resignar com o que estiver por vir, agradecendo o muito que já me foi dado. Pois meu destino está além da minha capacidade de decisão, que seja feita a vontade de Deus, só ele pode decidir o que acontecerá no próximo ato de minha vida.

É difícil pensar, falar e até mesmo sentir, que o tempo provavelmente está contado, que talvez eu não tenha a oportunidade de viver a mais uma nova experiência, de sentir a grandeza de ser mãe, talvez eu tenha fechado a porta para a felicidade por vezes demais e agora tenho que aceitar as consequências.

Sei que Ethan não me deixará desistir, porém, estou tão feliz, que se essa for a hora do fim, não ficarei me lamentando e sim agradecendo aos céus pelo que me foi concedido, mesmo que em alguns momentos ache que foi bem mais do que merecia.

Quando perdi o Caio, achei que Deus estivesse me punindo, porém, vejo que é o contrário, ele estava me preparando, fazendo-me experimentar uma dor que em seguida, me faria mais forte, e assim aconteceu. Estou passando por um novo tipo de dor, mas diferente da outra vez, não estou só para segurar a barra, tenho comigo alguém maravilhoso e saber que se algo der errado será ele quem sofrerá dói ainda mais.

Tenho que ser forte, pelo Ethan, meus pais, Gia e por meu filho que já não é mais um grãozinho apenas, é o meu pequeno milagre. Lutarei até o

último instante, devo isso a eles, todavia, se não conseguir, vou certa de que dei o meu melhor.

“Fui capaz de me manter viva até que meu menino estivesse bem.”
Fico repetindo isso para mim como um mantra, a fim de tentar manter o medo longe. Mas admito que me dói pensar na vida daqueles que amo sem a minha presença nela, pensar na dor que isso causará a cada um deles. Não, definitivamente não desistirei, é esse pensamento que devo manter comigo.

— Lim, você já está pronta? — Ethan põe a cabeça para dentro do quarto novamente.

— Já me perguntou isso umas quatro ou cinco vezes, se perguntar novamente não vou mais.

Estou em uma das minhas crises de mau humor, nem eu mesma estou me aguentando. Não sei como ele consegue e quando vejo o seu sorriso desmoronar um pouco me arrependo.

— Desculpa, não quis ser grosseira!

— Tudo bem, sei que tem estado sob muita pressão. — Não é desculpa para meu comportamento, sou assim desde sempre.

— Você também tem estado sob a mesma pressão e não fica com grosserias comigo, nem com ninguém. — Vou até ele, o abraço e com seus braços ao meu redor começo a relaxar.

— Mas você está grávida, o que já é um agravante e sem contar que sempre foi meio mal-humorada! — Ele faz uma careta e sorri. — Nunca vou esquecer quando nos trombamos a primeira vez que a vi e nem a forma como você foi grossa comigo. — Não me contenho e acabo por rir também.

— É um mistério como você ainda pode me querer depois daquilo.

— Sabe que até hoje me pergunto o porquê de tanta grosseria? Sempre fui um amor de pessoa e só estava tentando ajudar.

— Ora, é bem simples, me apaixonei por você de cara. Fazia mais de cinco anos que não me sentia envolvida por ninguém e de repente, lá estava você, um deus grego que fazia todas as mulheres suspirarem e eu não queria isso. Ser apenas mais uma na sua infinita lista de admiradoras.

— E não foi mais uma, simplesmente foi a única que chamou a minha atenção. Eu me perdi assim que olhei dentro dos seus olhos.

Ele se inclina, ainda olhando nos meus olhos e me beija de leve.

— Acho que nunca vou, nem quero achar o caminho de volta. — Seguirei ao sétimo céu feliz.

— Vamos, senão minha mãe virá aqui a qualquer momento saber o porquê da demora. — Pego sua mão e o arrasto para fora do quarto.

— Onde quer jantar? Hoje é você quem manda! — Essa é boa. Como se eu não soubesse que ele já tem tudo organizado e me perguntando apenas para depois eu não ter como alegar que se não saiu perfeito, foi porque não me consultou.

— Para o seu governo, sou eu quem sempre manda. E você será o meu eterno servo. — Ele ri como sempre e começa a tortura de me fazer descer a escada bem devagar.

Hoje é a grande noite, comemoraremos nosso noivado, apesar do anel estar em uma corrente no meu pescoço, mas basta olhar para sua mão direita e ver a sua aliança, que está claro que ele é meu e tudo se torna perfeito.

— Lim, você está linda, filha! — Meu pai não para de me elogiar, apesar de eu dizer a ele que por ser sua filha, não faz mais que sua obrigação.

— Obrigada, pai, acho que é bom nos apressarmos. Por sorte, não teremos que pegar a Gia, que vai de carona com a irmã. Álvaro já deve estar nos esperando! — Sorrio para Ethan, que entende bem meu olhar endiabrado.

Devo admitir que chamar o Álvaro e a Gia para serem nossos padrinhos de casamento, foi a melhor forma que achei de tentar reaproximá-los. Eles já namoraram e tenho certeza que ainda se gostam muito, pois nunca voltaram a se envolver oficialmente com mais ninguém. Torço para que o meu plano dê certo, ou será uma verdadeira dor de cabeça.

— Ethan, seus pais chegarão a tempo? — Essa noite também será a minha melhor oportunidade para conhecer meus futuros sogros, meus pais já os conhecem e se deram muito bem, obrigada.

— Na verdade eles já chegaram, devem estar no restaurante nos

esperando.

— E você só me diz isso agora? — Que trapaceiro! — Eu teria me arrumado melhor!

— Não precisa, está linda. Você é linda! Vamos logo ou chegaremos bastante atrasados.

Parece que estou entorpecida enquanto entro no carro, ele não tentou me tirar desse estado, ou se tentou, não percebi. Ao chegarmos no restaurante ele dá a volta no carro e abre minha porta com aquele olhar de diversão. Talvez eu distraída seja engraçada, melhor do que sou normalmente.

— Hei, não fique assim, estou aqui, não basta? — O seu olhar fica intenso enquanto espera a minha resposta.

— Basta, mas, e se eles não gostarem de mim? — Porque uma coisa sou eu, de boca fechada e dormindo, acordada não tenho certeza se sou assim tão agradável.

— Eles sabem que a amo e não esqueça que já a conhecem. A novidade será apenas para você, e é maravilhosa, então não tem porque se preocupar. — Ele pega minha mão e me leva para o grande momento da noite: apresentar-me aos seus pais, agora como sua noiva.

Ethan 7

Seguro a mão de Lim, que está mais do que gelada, enquanto andamos em direção a mesa, onde estão os meus pais, Álvaro e Gia. Jorge e Laura devem chegar a qualquer momento, sem dúvidas querem dar um pouco de tempo para minha linda noiva conhecer os sogros sem se esconder atrás deles.

— Respire, Lim, eles já a adoram! — Seu olhar inseguro me quebra um pouco, preocupa-me estar causando emoções mais fortes do que ela possa suportar.

Como se estivesse comandada pela minha voz, ela respira profundamente e aqui está a luz dos meus dias, seu sorriso se abre tornando-a ainda mais linda!

— Ethan! — Dona Alice, como sempre, não consegue ficar sentada e

esperar, vem ao nosso encontro na metade do caminho.

— Coisa Linda! — Abraço minha mãe com meu braço livre.

— Meu Deus, Rapazinho, ela é ainda mais bonita do que me lembrava. E olha essa barriga, está linda, minha querida! — Do seu jeito espontâneo abraça Lim, como se fossem grandes amigas e acabaram de se reencontrar.

— Mãe, essa é a minha Lim. Lim, essa é a sua futura sogra! — Faço a apresentação como se deve, assim que consigo a atenção da minha mãe. Lim está bastante sorridente.

— Muito prazer, Sra. Scott!

— Nada de senhora, querida! Apenas Alice. Seremos grandes amigas, estou muito feliz em finalmente conhecê-la adequadamente. Estou muito grata por tudo que tem me dado. — Ela toca meu rosto com a mão que não está segurando a de Lim. — Ver a felicidade nos olhos do meu filho, é o maior presente que eu poderia querer, além do meu netinho que está prestes a nascer!

— Eu que devo agradecê-la e à sua amiga, pela indicação de Bom Sossego para novo lar do seu filho! — Minha mãe ri e logo estamos na mesa. Minha noiva agora entretida pelas mil e uma pergunta que minha doce mãe faz.

Minha mãe faz questão de apresentá-la ao meu pai e logo em seguida a monopoliza, o que não é de todo ruim, elas estão se conhecendo e graças aos céus se dando muito bem, obrigado!

Helida 🍷

Como acontece na maioria das vezes, meus medos são tolos, os meus futuros sogros são uns amores, me trataram muito bem e parecem realmente estar bem felizes com a chegada do neto.

Só de pensar nesse assunto, sinto um gelo percorrer todo meu corpo. O parto está programado para daqui a dois dias apenas, não posso deixar transparecer meu medo, não na frente de todos. Esperarei até que esteja sozinha para pôr para fora a ansiedade e temor que se apodera por diversas

vezes do meu corpo. Meu momento de pôr tudo para fora será quando Ethan for acomodar seus pais.

— Qual o problema, ficou muito quieta, está sentindo alguma coisa? — Ethan me olha preocupado. As vezes queria ser menos transparente.

— Só um pouco cansada e emocionada em conhecer seus pais, eles são melhores do que pensei. — Isso é uma verdade, então ele não percebe que estou quieta por outro motivo!

— Eu disse que vocês iam se dar bem, minha mãe viu como estou feliz com você, então está muito animada com isso. Além do mais, sempre quis ser avó, o que mais poderíamos fazer para esse momento ser perfeito?

Se eu falasse levaria uma bronca, ele está tão feliz que não ousa trazer à tona meus medos. Seria péssimo que mais alguém tivesse que suportar, por dois dias, meus pesadelos.

— Lim? Terra para Lim! — Estou perdida em pensamentos nada agradáveis.

— Oi, desculpa, me distraí, o que você estava falando mesmo?

— Estava dizendo que é ótimo meus pais ficarem para o nascimento do bebê, não é mesmo? — Ele estreita os olhos na minha direção.

— Claro, acho maravilhoso!

Assim, se algo me acontecer, ele terá com quem se amparar, parece que o destino está deixando tudo preparado.

— Mudando de assunto, você percebeu? — Não preciso terminar a frase.

— Entre a Gia e o Álvaro? Quem não percebeu? — Isso o faz rir, assim como eu.

— É verdade, não sei porque eles não param de bobeira e se acertam logo?

— Talvez agora eles se resolvam, foi uma ótima ideia chama-los para nossos padrinhos!

— Eu sei e como sempre, tenho as melhores ideias. — Digo toda

convencida.

— Disso não vou discordar, sou o cara mais sortudo do mundo.

Já estamos na frente da minha casa, ele acaricia minha barriga e me beija.

— Falta pouco, só mais dois dias, meu amor, e nossa família ficará maior. Às vezes fico me perguntando com quem ele irá se parecer. — Ele está bem sonhador nesse momento.

— Espero que com você, pelo menos o sorriso, sempre me encanto com ele, arrisco até mesmo dizer, que foi ele que me conquistou primeiro, antes da sua comida! — Ele sorri e fico feito boba o admirando. Ethan tem o sorriso mais lindo do mundo, principalmente quando deixa à mostra suas covinhas.

— Não, acho que foram meus serviços sexuais que a seduziram! — Diz fazendo aquela cara safada que tanto amo.

— Rá-rá-rá! Se eu fosse esperar por você, nunca teria rolado nada e esse serzinho aqui não estaria para nascer. — O provoco.

— Como é bom vê-la sorrir, tenho sentido falta do seu sorriso, futura Sra. Scott! — Suspiro, meu nome ficará ótimo quando acrescentar o seu sobrenome. Ele segura o meu rosto entre suas mãos e me beija.

— Ethan, acho que devo entrar e você tem que acomodar seus pais. — Digo quando me afasto dos seus lábios.

— Hmmmm, tem razão, vejo você daqui a pouco, está bem?

— Só não demore muito, meu mucamo. Sua ama pode precisar de uma massagem nos pés e uns bons amasso também! — Faço minha cara de anjo, pisco os olhos repetidamente para ele e ganho a noite com seus olhos arregalados e seu suspiro desejoso.

— Pode deixar, minha ama!

Ele sai do carro, abre a porta para mim, leva-me até a entrada de casa, cruzo a porta e subo a escada com todo cuidado possível, com uma sensação diferente daquela de quando estávamos voltando. Talvez fique tudo bem e eu só esteja me preocupando demais, como a Gia diz, ficarei com rugas antes do

tempo.

Desde que acordei do coma minha perspectiva de vida mudou, aliás, já havia mudado antes mesmo dele, mas agora é diferente, a cada segundo eu sinto como se estivesse sendo tragada cada vez mais por uma areia movediça e eu não tenho onde segurar para escapar do seu puxão.

Quando apaguei naquela noite fatídica, estava arrasada, com uma dor horrível, a dor da possibilidade da perda, agora lembro dela e parece que ela nunca existiu, como se fosse a lembrança de um sonho ruim, mas não foi só isso, ela esteve aqui no meu peito e quase não me deixou por um bom tempo.

— Demorei muito? Você está chorando? — Não percebi o tempo passar, Ethan está de volta. Ele se aproxima rapidamente de mim preocupado, passo as costas das mãos nos olhos para secar as lágrimas que insistem em cair.

— Não é nada, eu só... Ethan, estou com medo, com muito medo, não quero... — Não dá para continuar, um nó vai subindo pela minha garganta e não suporto mais, é difícil tentar guardar tudo isso só pra mim.

— Minha vida, não fique assim, do que você tem medo? — Quero gritar '*de tudo!*'

— Ah, Ethan! Só me diga que vai dar tudo certo, que não há perigo algum, que vamos ficar bem.

— Meu amor, vai ficar tudo bem, eu juro. Estar nervosa é normal.

— Será mesmo? Eu tenho pensado tanto nisso e as vezes é como se eu não tivesse mais muito tempo com vocês.

— Não pense mais nisso, nada vai acontecer com você, não pode acontecer, eu não suportaria te perder. Lim, minha vida e a sua estão conectadas num fio só, se um se for, vão os dois.

— Não, Ethan, ele precisaria de você, você tem que me prometer que vai ser forte se... — Ele sabe disso, então me beija, uma torrente de emoções me domina, quero muito acreditar que tudo ficará bem, na verdade preciso acreditar nisso.

No meio do beijo, sinto algo estranho, como se estivesse no meio de

um terremoto, que faz todo meu corpo tremer, há um som esquisito no meu ouvido, e eu não vejo mais nada.

— LIMMM... — Um grito alto e doloroso, é tudo que consigo ouvir depois que a escuridão volta a fazer parte da minha vida.

Então a ficha cai, o terremoto não existe, vem do meu corpo que está convulsionando, o barulho que até a pouco estava dentro da minha cabeça, vinha de mim, parece que meu cérebro explodirá de tanta dor.

A sensação é que estou em um lago de águas escuras onde não consigo identificar onde é a margem. Para onde ir nessa escuridão?

Sem ter muito o que fazer, eu espero, tenho a certeza que a ajuda chegará em algum momento, ela chegará, ela tem que chegar, não é minha hora, ainda não! E assim fico à deriva no meio da escuridão sem saber se ou quando, o momento de voltar à superfície chegará.

Capítulo Trinta e Um

Ethan 7

Não pode ser real, não agora, não vá ainda...

— NÃOOOOOOO! — Minha mente travou, não consigo pensar direito, meu foco está no corpo da mulher que eu amo convulsionando nos meus braços.

— Ethan, o que está acontecendo? — Alguém bate na porta, tirando-me do estado de choque, tomo o corpo da minha mulher nos meus braços e vou em direção a porta, que abre abruptamente, revelando Jorge e Laura, paralisados ao ver o corpo agora inerte da filha nos meus braços.

— Álvaro, liguem para o Álvaro, Jorge preciso de você, agora!

Sem que precise dizer mais uma palavra, estamos os três em movimento, Laura adentra no quarto em busca provavelmente das bolsas que Lim arrumou hoje pela manhã. Desço as escadas com cuidado, assim que estou no banco de trás do carro de Jorge, a sensação de *Déjà Vu* me toma, estou no mesmo carro, com a mesma garota desacordada nos meus braços, a diferença é que se a perder dessa vez, estarei perdendo tudo, a promessa de um futuro feliz, minha família e meu grande amor.

— A pressão, precisa verificar a pressão dela, pegue! — Jorge grita enquanto entrega sua maleta para mim.

Minhas mãos estão trêmulas, respiro fundo duas, três vezes até que consigo estabilizá-las e abro a bendita maleta, pego o aparelho para verificar a pressão, por sorte é digital, não conseguiria me concentrar o suficiente para ver os números.

Olho os números subirem rapidamente, toco o seu pulso e sinto meu corpo gelar completamente, como se nossos batimentos cardíacos estivessem conectados, os meus baixando junto com os dela.

— Depressa Jorge, seus batimentos estão caindo.

Como um morcego que foge do fogo, ele pisa com tudo no acelerador, fecho os olhos e rezo para que cheguemos a tempo de salvar a vida da minha amada, caso contrário estarei condenado a um mundo de escuridão até o fim dos meus dias.

Álvaro 

Olho para a garota que há muito dei meu coração, ela não mudou muito desde que terminamos. Seus olhos verdes ainda brilham quando está empolgada, seus lábios ainda tremem quando ri. Seu perfume doce de baunilha ainda me traz a sensação de lar, mas dessa vez, não a estou levando para casa depois de um encontro romântico.

Longe disso, foi com muito custo que ela aceitou a minha carona depois que todos saíram do *Simple*, restaurante da minha prima Debora. Desconfio que deixá-la para trás foi uma estratégia dos nossos amigos para nos fazer ter uma reaproximação, que muito me agradou.

— Está uma noite linda, não? — Tento puxar assunto, desajeitadamente, assim que estaciono em frente ao seu apartamento.

— Álvaro, sério que depois de quase três anos sem nos falarmos, você puxa papo comigo sobre como está a noite? — Revira os olhos, vejo que não perdeu as velhas manias.

— Desculpe, acho que ainda fico nervoso na sua frente! — Confesso sem jeito.

— Não precisa se desculpar, apenas não seja bobo, bom, seja, isso o torna encantador! — Ela sorri, como há muito eu não via.

— Você continua linda, Gia, e eu...

— Chega de tanta falação, Alvin! — Assim como no nosso primeiro beijo, ela que toma a iniciativa, quando sinto seus lábios macios tocarem os meus, todo o tempo longe é esquecido, minha insegurança some e a puxo para mim, sentando-a no meu colo, agora quem está no controle sou eu, como sempre foi. Beijo-a com fome, desespero e reverência, ela é o ar que meus pulmões precisam e não sabiam disso.

Suas mãos estão nos meus cabelos me puxando para ainda mais perto

dela. Meu corpo se acende de imediato, quero tomá-la novamente, para ter a certeza que as lembranças são reais, que nossos corpos se encaixam numa sincronia perfeita quando estão unidos, quero ouvir seu suspiro de êxtase quando a tenho na beira do precipício, seu corpo convulsionar sob o meu.

— Acho que alguém sentiu minha falta! — Ela ri ainda com seus lábios junto aos meus. Remexo o quadril para que perceba como senti sua falta, o seu gemido baixo é o meu prêmio.

— Não fui só eu quem sentiu, não é mesmo?

Antes que ela responda, meu telefone toca, meu primeiro instinto é ignorar, não quero estragar o nosso momento, esperei por tempo demais para tê-la.

— É melhor você atender, pode ser importante! — Pego o aparelho sem vontade alguma, até que vejo o número, antes de atender a coloco de volta no banco, preciso de toda a minha concentração agora.

— Tia Laura, aconteceu alguma coisa? — Gia congela ao meu lado, seus olhos arregalando-se com os possíveis motivos para uma ligação da mãe de sua melhor amiga.

— Álvaro, graças a Deus, você precisa ir para o hospital, a Lim... Minha filha está morrendo. — Sua voz falha no fim, entro imediatamente no modo profissional.

— Tia, fique calma, preciso que me responda algumas coisas. — Espero até ouvi-la respirar fundo. — Ela já está sendo encaminhada para o hospital?

— Sim, Ethan e Jorge já a estão levando, vou com os pais dele daqui a pouco.

— Certo, como ela estava antes de sair?

— Seu corpo todo tremia, os olhos abertos, mas fora de órbita.

— Droga! — Praguejo já ligando o carro, antes de dar a ré, ligo *bluetooth*, para que possa continuar conversando com ela.

Preciso saber de mais alguns detalhes, faço as perguntas, necessárias, ela responde as que sabe, outras apenas resmunga, piso fundo no acelerador,

sinto uma mão tocar meu ombro, olho para o lado assustado, por alguns segundos esqueci que estava acompanhado, Gia me olha suplicante, um “*Por Favor!*” sai dos seus lábios, sei que se refere ao estado de Lim, aceno com a cabeça, não sabendo se poderei atender ao seu pedido.

Capítulo Trinta e Dois

Helida 🌸

Enquanto vago estando entre a consciência e escuridão, consigo ter alguns vislumbres, vozes desesperadas a me chamar, mas não fazem o efeito desejado, eu procuro por alguma forma de responder, quero gritar que estou aqui precisando de ajuda, só que não consigo encontrar minha voz.

— Lim, meu amor, consegue me ouvir? Fica comigo, por favor, por favor, não me deixe. — O seu soluço é doloroso para meus ouvidos, quero responder: “*É claro que vou ficar*”, mas não tenho como.

Depois do que parece ser um bom tempo no escuro, enfim consigo enxergar uma luz, ela é bem forte, só não consigo distinguir se é real e nesse momento escuto um som novo, que faz meu peito se expandir de felicidade, um choro de bebê e penso: “*Eu consegui!*”, meu filho, meu grãozinho, meu pequeno milagre enfim está fora de perigo, quero vê-lo, preciso senti-lo pelo menos um pouco.

— Caio... — Com muito esforço forço as palavras a saírem da minha boca. — Deixe-me vê-lo, Ethan, por favor!

Não sei onde ele está, a luz não me permite enxergar direito, forço meus olhos assim como forcei minha voz pouco antes.

— Aqui, *baby*, nosso menino! — Não vejo muita coisa, mas o suficiente para sentir meu coração inflar tamanho amor que me inunda, ao ver seu rostinho redondo e tão perfeito, sinto o calor do seu corpinho junto ao meu peito, lágrimas rolam pelos meus olhos, não consigo acreditar que fui capaz de gerar algo tão lindo, no entanto, levando em conta a beleza do pai, é sim de se esperar.

— Você é lindo, bem-vindo ao mundo meu amor. — É o máximo que consigo dizer, não sei quando ou se o tiraram de mim, a luz que já não me deixava enxergar nada, tornou-se um clarão completo e não sinto mais meu corpo.

Ethan 7

— Desfibrilador em 150 joules, doutor!

Escuto a enfermeira dizer para o que parece ser o cardiologista de plantão, no entanto, é como se estivesse submerso em água, o som não faz muito sentido para mim, olho para todos os lados tentando compreender o que está acontecendo, minha mente desligou por completo.

— Ethan, precisamos da sua ajuda! — Foi preciso ela me chamar duas vezes para eu entender que alguém estava falando comigo. Ela acaba de mencionar algo sobre desfibrilador, mas não a reconheço, não sei o que estou fazendo nessa sala de cirurgia.

— Ele está em estado de choque, Dr. Paleares! — Conheço esse sobrenome de algum lugar.

— E parece que essa noite só piora! Teremos que realizar o procedimento de coleta aqui mesmo, pelo que vejo. — Alguém resmunga ao meu lado, mas não perco muito tempo dando atenção.

Preciso sair dessa sala, algo me diz que não devo olhar para a mesa de cirurgia, no entanto, num impulso viro e olho para o corpo da bela jovem que tentam ressuscitar, seus olhos verdes me olham na minha direção, como se estivessem me pedindo ajuda e a realidade volta de uma só vez, não há mais névoa embaçando minha visão, é minha mulher ali, ela está morrendo, pela segunda vez na mesma noite. Nãooooo! Corro até a maca, olho além do tecido que foi colocado na sua frente e encontro Álvaro trabalhando furiosamente no corpo inerte da minha amada.

— Ethan, precisamos do seu sangue, ela teve uma hemorragia, estamos tentando estancar, mas ela precisará de uma transfusão. — O som do monitor cardíaco, faz Rafael entrar em ação novamente. — Natália, aumente para 200 J, afaste-se Ethan, agora!

Dou um passo atrás involuntariamente, talvez meu lado racional tenha entrado em ação sem que eu desse o comando. Uma cadeira é colocada atrás de mim, sento e a enfermeira que há pouco falava comigo não perde tempo, começa o procedimento de higienização para a coleta do sangue, quero segurar a mão da minha garota com a mão que está livre, porém não é

possível, apenas assisto, de olhos arregalados, Rafael pressionar as palas de desfibrilação sobre o seu peito, seu tronco sobe junto com o choque e volta a cair sobre a maca.

— 230... — Ele demanda enquanto faz a massagem cardíaca, volta a pegar as palas e fazer o mesmo procedimento, assisto impossibilitado de tomar qualquer ação, sou mais útil aqui sentado enquanto o meu sangue vai enchendo a bolsa.

— Lim, vamos lá, baby! Volte, por mim, pelo Caio! — Grito desesperado, seus olhos reviram e vejo suas órbitas até que o monitor mostra que seus batimentos estão voltando, não consigo conter as lágrimas que começam a cair pelo meu rosto, vejo a equipe medica respirar aliviada, o desfibrilador é afastado e enfim posso tocá-la.

Trago sua mão até os meus lábios e beijo cada um dos seus dedos, para depois colocá-la junto ao meu rosto e chorar feito uma criança perdida e assustada que acaba de reencontrar seus pais.

— Conseguimos! — Álvaro anuncia triunfante, olha na minha direção e sorri.

— Você foi muito forte, amor, agora descanse para que possamos viver nossa vida feliz e sossegada, prometo cuidar do nosso menino enquanto isso.
— Beijo sua mão, para então olhar para o outro lado da sala, onde estão cuidando do meu filho, sorrio ao ouvir seu choro nervoso enquanto a enfermeira o mede.

— Ele é tão mal-humorado quanto você, baby!

Todos em volta começam a rir, a aura de felicidade é quase palpável, posso ver como os presentes nessa sala têm um carinho especial por minha mulher, o que muito me alegra, ela esteve em ótimas mãos, agora poderá descansar, pois estarei ao seu lado quando acordar!

Helida 🍷

É incrível como o nosso fim em nada parece com o que vemos nos filmes, não há túnel escuro com luz ao fim, nem o tão falado caleidoscópio de imagens da nossa vida, apenas o silêncio tranquilo, uma serenidade que rapidamente me faz sentir em paz.

“Então é assim quando morremos, essa paz interior e esse sossego, sem aqueles clichês que dizem? Não há imagens da minha vida ou das pessoas que amo. Uma forma tranquila e até generosa de partir, por que já estive perto da morte antes e nada se compara a isso, foram tortuosas, com dor e muito sofrimento.”

Definitivamente esse é o meu fim, sei disso, porque nesse exato momento estou no meio de uma campina com flores por todos os lados, um pequeno lago situasse bem no meio com uma água tão clara, que dá vontade de bebê-la para me certificar da sua pureza.

Existe uma dor, só que não vem de mim, muito longe alguém grita desesperado para que eu volte, só que, voltar para onde? Não vejo nenhum caminho que possa seguir, a voz insiste, ficando cada vez mais alta e fico desesperada quando reconheço a quem pertence e é insuportável não poder respondê-la.

Começo a caminhar sem rumo, sem parar, para lugar nenhum, devo ter andado cerca de meio quilômetro quando sinto que estou caindo em queda livre, não há nada em que me segurar. E estou de volta ao escuro, não gosto nada dessa troca, quero a luz novamente, nunca fui muito fã do escuro e se isso significar que estou morta?

O que será do Ethan sem mim? Ele parecia tão angustiado, meu pai, minha mãe, eles vão sofrer muito com isso. Então lembro de alguém que irá talvez sentir minha falta mais que os outros, meu filho, meu grãozinho, que só vi uma única vez e foi em meio ao caos, nem ao menos o vi de verdade, só lembro que ele é lindo e tem um rostinho redondo.

"Não posso estar morta! Não posso estar morta! Não posso estar morta!"

Não paro de repetir para mim mesma, não acredito nisso, não posso, o Ethan precisa de mim, não posso me dar ao luxo de partir, não quando isso irá fazer sofrer todos aqueles que amo, tenho um vislumbre de um futuro não tão distante, Ethan tem os braços em volta de um bebezinho enquanto chora junto a um túmulo, na lápide está um trecho da música epitáfio dos Titãs que que tanto gosto.

*Devia ter complicado menos
Trabalhado menos
Ter visto o sol se pôr...*

Logo abaixo lê-se:

*Helida Laiene Morales,
Ótima Mãe, Filha, Amiga
e Companheira Maravilhosa.
Descanse em Paz...
*04/07/1990
+ 10/06/2014*

A cena muda, Ethan está lindo em um smoking preto, ao seu lado há uma loira que nunca vi antes, vestida de noiva, ele a beija, não da forma como costuma me beijar, em seguida eles dão as mãos a um lindo garotinho de cabelos acobreados e olhos azul cinzentos, reconheço meu menino, ele deve estar com uns três ou quatro anos de idade.

“Então é esse o futuro, meu noivo se recuperará da perda, não tão depressa e alguns anos depois arrumará uma substituta para assumir meu lugar na sua vida e na do meu filho?”

Ahhh... mas não vai mesmo! Sou dominada por uma fúria absurda, não deixarei que outra pessoa assuma meu lugar, o filho é meu e o cara bonito também, não vou desistir deles, nunca, eles são meus!

E então estou de volta ao meu corpo, sei disso por que minha mente não invocaria uma música tão familiar e reconfortante quanto *Aonde quer que eu vá* dos *Paralamas do sucesso*, escuto *Herbert* cantar com sua voz melódica, dizendo que sempre levará sua amada no olhar e sinto que essa música poderia muito bem está falando de Ethan e eu.

Abro meus olhos devagar, com medo de que a música possa ser só um truque da minha mente e acabe me deparando novamente com a escuridão ou a campina. Está claro, mas não tão claro quanto a campina estava, pisco algumas vezes até encontrar o sorriso que é capaz de me fazer virar gelatina de tão lindo e familiar e penso: *“se ele está aqui, significa que estou viva,*

não morri!” Faço uma oração silenciosa de agradecimento e a enormidade dos últimos acontecimentos me atinge.

— Ethan! — Começo a chorar.

— Shhhh! Não chora... Está tudo bem agora! — Como se ele também não estivesse com os olhos rasos d'água.

— Eu não, ..., mas tinha certeza de... — Quero dizer que tinha certeza que estava morta, porém, ele me beija, a sensação dos seus lábios nos meus é a prova de que estou viva, o calor que me toma diz isso com todas as letras.

Como é bom ter seus lábios nos meus e ter a certeza que está tudo bem e que logo sairei daqui e ficarei com ele e com nosso filho, o que me lembra.

— Onde está o Caio? Onde ele está, passei quantos dias desacordada?

Levo instantaneamente minhas mãos a barriga, estranho não o ter aqui dentro. Sinto-me vazia e angustiada, ele percebe meu sofrimento, como não sei, mas percebe e tira minhas mãos da minha barriga para as beijar.

— Fique tranquila, ele está bem, é saudável e lindo, só tem que ficar na incubadora, sabe, por ter nascido um pouquinho antes do tempo, e dessa vez você só dormiu por um dia, e só porque estava sedada.

— Menos mal, toda vez que eu apago levo semanas para acordar, mas eu quero saber sobre o Caio, como ele é? Com quem parece, comigo ou com você?

É difícil conciliar tudo que aconteceu, parece que ainda estou dormindo e a qualquer momento acordarei, principalmente por que estava muito mal iluminado aquele dia, não consigo lembrar dele, só apenas um leve vislumbre do seu rostinho.

— Não dá para saber ainda, sua mãe acha parecido comigo e a minha diz que é a mistura perfeita de nós dois, ele tem olhos grandes e redondos e quando chora aparece covinhas e tem bochechas rosadas como as suas.

— Qual a cor dos olhos dele, e o cabelo, quando poderei vê-lo? — Quero sair daqui e pegá-lo no colo e niná-lo, mas estou ligada a um monte de fios e agulhas, argh! É uma droga estar assim.

— Tenha paciência, em um ou dois dias eu acho, você poderá levantar,

não seja ansiosa, quanto ao resto, não dá para saber ainda, mas torço para que ele tenha os olhos da cor dos seus.

Ele começa a me olhar daquele jeito que me desconcerta, é claro que fico vermelha como sempre.

— Fiquei com muita saudade disso, sabe que adoro essa cor que suas bochechas ficam quanto está envergonhada. Tive muito medo de ficar sem você, por alguns segundos eu a perdi, foi horrível. — Sinto um tremor involuntário.

— Também senti medo, muito medo na verdade, desconfio que foi você quem conseguiu me trazer de volta.

— Como assim? — Ele parece confuso.

— Fiquei perdida por um tempo, depois ouvi sua voz me chamando, comecei a procurar de onde vinha, depois...

— Paro um pouco constrangida por estar preste a confessar meu ciúme bobo.

— Eu vi ou imaginei como seria um futuro onde eu não existia na sua vida, e outra mulher tomava meu lugar como sua esposa e mãe do Caio, fiquei tão irritada que acordei, e novamente estava aqui nesse lugar que detesto, agora me diz o que perdi?

— Consegue lembrar de algo antes de desmaiar? — Ele tenta manter o tom sério, porém, sei que ainda está se divertindo com a minha confissão de ciúme.

— Nós estávamos nos beijando no meu quarto, depois ficou tudo muito embaçado, até que ouvi o choro dele e o senti sobre mim e depois mais nada. — Olho para ele levantando uma sobrancelha como se dissesse: sua vez.

— Bem, quando estávamos nos beijando, você começou a convulsionar e ficou inconsciente, seu corpo tremia, gritei e seus pais vieram em meu socorro, pedi que sua mãe ligasse para o Álvaro.

Imagino a cena na minha cabeça e como deve ter sido difícil para minha mãe.

— Ainda bem que ele ainda não tinha chegado em casa, ele veio direto

para o hospital. Seu pai e eu a trouxemos para cá, eu não sei como, mas, em menos de dez minutos estávamos aqui. Levaram você para sala de cirurgia e fiquei ao seu lado torcendo que me ouvisse e o bebê nasceu, você ficou consciente novamente e pensei que o pior havia passado, mas que nada, o pior ainda estava por vir, o Álvaro não conseguia estancar a hemorragia interna e fui perdendo você.

— Ele treme com a lembrança. Assim como eu.

— Você foi uma guerreira, teve duas paradas cardíacas em menos de cinco minutos, quando a vi ali parada sem reagir, chamei por você, na verdade comecei a gritar e implorar que você voltasse para mim e aqui está você comigo. — Ele me dá seu sorriso de covinhas e sorriso de volta.

— Eu amo você, Ethan Scott!

— Sabe que eu amo mais, agora você precisa descansar, para estar ok logo e podermos ir para casa.

— Tudo bem, só me dê mais um beijo, e fica lá com nosso menino um pouquinho, fala para ele que o amo muito e assim que me deixarem, irei conhecê-lo.

Sei que ele está certo então nem discuto, ele me beija e mexe em um tubo intravenoso e sinto meu corpo automaticamente ficar mais leve, antes dele chegar na porta já apaguei.

Capítulo Trinta e Três

Helida 🌸

Porque quando se sonha, tudo é possível...

Depois que adormeci, dormi um sono sem sonhos, apenas a sensação que vem com a calmaria depois de uma grande tempestade. Estou muito, muito feliz, não vejo a hora de sair dessa cama e finalmente conhecer meu filho, quero muito pegá-lo no colo e niná-lo, senti-lo junto a mim.

Dormi por quase doze horas a noite passada, o que me espanta um pouco, principalmente por estar bastante ansiosa, assim, ao abrir os olhos, constato que meu dia começa muito bem, principalmente com quem está a me fazer companhia, olhar para o amplo sorriso de Ethan faz tudo ficar ainda melhor.

— Bom dia, minha linda! — Ele me beija de leve, apenas um suave roçar de lábios. — Como está se sentindo?

— Ansiosa, e, faminta na verdade.

Meu estômago ronca e ele ri, fico admirando como a boba apaixonada que sou, no entanto, não posso deixá-lo me distrair, tenho coisas importantes para saber.

— Como ele está? Não vejo a hora de vê-lo! — Faço um beicinho que o faz rir ainda mais.

— Tenha só um pouco de paciência, amor, vai ver que quando menos esperar, estaremos em casa, os três juntinhos.

— Sei disso, é a única coisa que me impede de sair dessa cama para ver meu grãozinho! — Suspiro, e o que posso fazer, arriscar minha recuperação e ficar mais tempo presa a uma cama de hospital? Sem chance.

— Vou chamar o Álvaro, pode ser que ele já libere algo para você comer! — Sim espero!

A porta do quarto abre e Álvaro entra acompanhado de uma Gianna

que é toda sorrisos, fazia tempo que não a via com um brilho tão intenso nos olhos e um sorriso que quase dividi o rosto em dois.

— Perguntar o quê para mim? Aliás, é ótimo vê-la acordada, magrela, como está se sentindo?

Há muitos anos ele não me chamava de magrela, mas desde que passei a me consultar com ele por canto da gravidez, ele não para de me chamar de magrela, parece que se diverte por me aporrinhar toda vez que nos vemos. Estreito os olhos para ele.

— Bem, Alvaredo, ou seria melhor Alvin-pateta! — Respondo com um sorriso ao lembrar como implicávamos um com o outro na escola.

— Mas, respondendo a sua pergunta, com fome, louca para ver meu filho, essas coisas, você sabe.

— A mesma Lim de sempre! — Gia diz rindo, que traidora, todos começam a rir e logo fico emburrada por ser o motivo da piada, porém, logo passa, assim que recebo um abraço da traidora, que apesar do sorriso tem os olhos rasos d'água.

— Nunca mais, viu? Chega de tentar atrair nossa atenção nos dando esses sustos! — Sorrio, sei que ela está tentando fazer piada para não chorar. — E parabéns pelo seu filho, aliás os dois estão de parabéns, ele é lindo!

— Você o viu? Como ele é? O Ethan não me deu tantos detalhes, sabe como os homens são! — Lanço meu olhar de frustração para ele.

— Lim, não é verdade, só não sei dizer com tantos detalhes, mas falei que ele é lindo. — Sinto um pouco de pena dele.

— Amiga, vou dizer o que o Dr. bonitão está escondendo.

Arregalo meus os olhos, está me escondendo, como assim?

— Seu filho é a cópia perfeita dele, o mesmo cabelo, os mesmos olhos, as covinhas nas bochechas, desculpa, mas ele herdou pouca coisa sua, se bem que ele é muito mal-humorado, principalmente quando está com fome. — Sinto um grande alívio, ela descreveu meu menino tão bem e se ele é a cópia do pai não me incomoda nem um pouco.

— Que bom, só acho tão injusto, que todos já o conheçam e eu não.

— Helida, tenha só um pouco de paciência... — Não deixo o Álvaro terminar.

— Eu sei Alvin, eu sei!

— Se sabe, não discutirá mais, certo? Agora que tal comer algo? — Faço que sim com a cabeça e recebo um sorriso de alívio dele.

— Sim por favor, já disse, estou faminta. — Ele vai até o interfone e pede que tragam o café da manhã, que com certeza será abaixo das minhas expectativas, enquanto isso Ethan pega minha mão, é bom sentir o toque dele, toda vez que o faz, sinto uma torrente de emoções me atravessar que logo me faz corar, é constrangedor, ele me olha e seus olhos me dizem que estamos em sintonia, parece estar também lembrando todas as vezes que estivemos juntos, os toques, os beijos. Forço meus olhos a se afastarem depois de um tempo.

Peço a Gia que chame meus pais, quero muito vê-los. Assim que a comida chega o Álvaro sai, não antes de fazer todas as checagens de rotina, começo a comer com Ethan me olhando como se fosse uma criança, aí ele começa a me alimentar na boca, apesar dos meus protestos, só me restando revirar os olhos, o que o faz sorrir.

— Seus pais ainda estão aqui? — Pergunto assim que consigo, toda vez que tento fazer uma pergunta ele balança a cabeça e coloca mais comida na minha boca.

— Sim, eles agora estão na minha casa, tirar minha mãe do hospital está quase impossível, ela só não é mais difícil do que a sua, nossos pais estão tendo que insistir muito até elas cedam e saiam para descansar um pouco e mesmo assim elas revezam quem fica.

— Sério? É engraçado, você não acha?

— Um pouco, porém, elas não podem chegar perto dele ainda!

— Por que não? — Não vejo nada demais. — Mas você sim, não é? — Não quero pensar no meu menino sem ter tido nenhum contato com o pai.

— Sim, eu posso, só ainda não o peguei no colo depois do dia do seu nascimento, ele é muito pequeno e não pode sair ainda da incubadora.

— Será que vou poder pegá-lo no colo? — Não é justo que depois de tanta espera eu não posso pegá-lo.

— Acho que sim, você também poderá amamentá-lo. — Não tinha parado para pensar nisso, é verdade, eu vou amamentar meu menino, não há ligação maior entre mãe e filho do que essa.

— Tem razão, eu nem tinha pensado nisso, espera, o que ele tem comido? — Não quero pensar do meu filho se alimentando de outro tipo de alimento, se tenho leite aos horrores, que chega a vazar dos meus seios.

— Bem, enquanto você dormia a sua mãe e a Gia vieram com uma enfermeira e coletaram seu leite com uma bombinha de sucção e fizeram um pequeno estoque para ele.

— Eu nunca ouvi falar de algo assim... De quem foi essa ideia? — Nem sabia se era possível retirar leite enquanto se estar sedada.

— Da Gia, é claro, quem mais pensaria nisso?

— Claro que foi ela, essas ideias mirabolantes e geniais só podem sair daquela cabecinha maluca.

— Ela achou que você não gostaria que ele tomasse leite de uma desconhecida, o Álvaro argumentou que o banco de leite tinha estoque suficiente, mas ela não desistiu, essas são as palavras dela, *“Imagina ela com tanto leite e o Caio pegando de um bebê que não tem, de jeito nenhum!”* — Rio da forma como ele a imita.

— Ela estava certíssima, se eu tenho porque pegar de outra pessoa, mas me diz, ele se alimenta direitinho?

— Ah sim, ele é igual a você quando está com fome, fica todo muito bravo e come muito bem, ele é perfeito, para dizer o mínimo, nunca pensei que um dia iria ter tanto, obrigado Lim!

É emocionante vê-lo falar do nosso filho com tanto amor, eu que não esperava ser capaz de amar tanto a ideia de ser mãe, que na verdade já tinha até mesmo desistido há muito tempo, teria começado a chorar se minha mãe não entrasse antes que as comportas se abrissem, meu pai vem logo atrás.

— Mãe, pai, que saudade!

— Minha menina, como é bom vê-la acordada. Você foi, melhor, você é uma guerreira, estou muito orgulhoso de você! — Meu pai está com lágrimas nos olhos.

— Assim não vale pai, vou começar a chorar! — Ele vem e me abraça forte.

— Como estava com saudade de você, princesinha, você sabe, que mesmo agora que já é mãe, ainda é minha menininha. — Meu pai é o melhor.

— Sei disso, pai, e vocês sabem que os amo muito, não sabem?

— Claro, filha! Como não poderíamos saber? — Minha mãe pega minha mão e me olha nos olhos. — Como está se sentindo, minha menina?

— Bem, mãe, de verdade, muito feliz apesar de não ter visto meu filho ainda.

Reclamo, pois, sei que minha mãe percebe a injustiça que é, todos já o terem visto menos eu, isso desmorona um pouco minha animação e eu tenho que me esforçar bastante para manter meu mau humor sobre controle, o que é bem difícil, uma vez que tendo a ficar de mau humor com muita pouca coisa. Porém vou concentrar meu foco em curtir meus pais, os deixando me mimarem o tanto que o quiserem.

Depois de quase três horas ao meu lado, foi com grande esforço que convenci minha mãe a ir para casa e descansar um pouco, tive que apelar para o seu lado superprotetor e dizer a ela que estava muito cansada e precisava dormir, assim como ela, além de mais uma série daqueles mil argumentos e quase que desisto.

— Bem que você falou, não sabia que minha mãe seria tão difícil de convencer. — Se bem, que minha mãe sempre foi uma rocha em tempo de estresse. — Ethan? Está me ouvindo?

— Hã? Oi? — Ele está distraído, desde que meus pais saíram, o que não é típico. — Desculpe, me distrai um pouco.

— Isso eu percebi! O que está se passando aí dentro dessa cabecinha linda, que é tão interessante?

— Nada de mais, só que eu queria te perguntar uma coisa, mas não quero que se estresse ou se chateie comigo!

— Agora fiquei preocupada, o que é?

Ele me olha de um jeito que parte meu coração ao meio de tão lindo, seu olhar me atravessa a pele e infiltra todo o meu ser, não resisto muito tempo sem tocá-lo, é quase uma necessidade vital para mim, estendo as mãos e ele logo as segura, o puxo para perto e o beijo com tudo, estava louca de vontade de fazer isso desde que acordei. Como poderia ficar sem tocá-lo? Eu já me sentia mais leve depois do banho em que a equipe de enfermagem tinha me auxiliado, feliz por estar viva, eufórica por saber que o meu amor estava ao meu lado, só me faltava esse beijo.

Minhas mãos se infiltram em seus cabelos o mantendo o mais perto possível, meu corpo mesmo ainda debilitado reage a ele, seu cheiro único me traz sempre ao limite da sanidade.

É ele quem acaba por parar o beijo, já que eu não conseguiria, estamos os dois com a respiração ofegante e o barulho do bip enchendo o quarto.

— Devagar, mocinha, senão meu controle não será tão grande assim. E você, bem, nós não podemos abusar sabe disso. — Até parece que ele não é o rei do autocontrole.

Dou um suspiro, detesto quando ele tem razão, porém, já faz tanto tempo que o vejo tentando manter o controle, enquanto seu olhar travesso quer levar a melhor, como agora mesmo, dá para ver em seus olhos o conflito que está passando dentro dele, desejo versus autocontrole.

— Sei disso. Em pensar que ainda temos um bom tempo sem, você sabe. — Fico olhando para o meu noivo e me perguntando, por que mesmo não temos transado? Ah! Claro o Sr. Preocupação junto com o Alvin Pateta proibiu.

— É. Vai ser difícil resistir, prometo ser forte. — Ele faz o gesto dos escoteiros quando juram, unindo dois dedos.

— Tenho certeza disso, você sempre esteve esperando por mim, não é mesmo? — Apesar que nesse caso espero conseguir fazer seu autocontrole ruir.

— Sempre! E esperaria depois disso também. — Meu Deus, devo ter sido muito boa na minha vida passada para merecer um homem tão maravilhoso!

— Agora me diga o que o está incomodando? — Ele hesita e já o advirto. — Se não falar, vou pensar que será mais do que é na verdade.

— Nada de mais, podemos conversar depois, deve estar cansada, como sua mãe, tem que descansar também! — Sei que não quer me falar, então apela para o seu lado fofo, mas não dessa vez.

— Não, não dormirei se estiver curiosa! — Isso é verdade.

— Tão curiosa... Estive pensando que agora que estamos noivos, você poderia se mudar para a nossa casa! — Bingo! Sabia que esse assunto viria a qualquer momento.

— Ethan, eu vou morar com você, já moramos juntos na casa dos meus pais, porém, eu preferiria passar o meu tempo de recuperação ainda com eles, penso que será muito mais significativo voltar a sua...

Nesse momento recebo seu olhar reprovador que me faz reformular o que estou dizendo.

— Ou melhor, nossa casa, já como sua esposa. Mas, se for muito importante para você, saio daqui diretamente para lá!

Seus olhos me analisam um momento, no certo tentando ver alguma incerteza na minha expressão, depois sorri.

— Não, ficaremos na casa dos seus pais, acho que não seria tão bom no autocontrole estando somente nós três em casa! Agora durma, enquanto isso vou ver nosso menino! — Ele se inclina e novamente me dá outro beijo, dessa vez mais comportado.

Realmente estou um pouco cansada, parece que quanto mais durmo, mais cansada fico, amanhã tenho que estar perfeitamente em forma para o grande momento, depois de tanta espera vou finalmente conhecê-lo, meu pequeno que já preencheu boa parte dos meus pensamentos e do meu coração.

Fecho os olhos e deixo que a inconsciência me abrace enquanto vago

para um sono quase tranquilo, já que não me resta nada mais além de esperar que essa noite passe o mais rápido possível.

Ethan 7

Saio do quarto e sigo pelo corredor até a ala neonatal do HCA, não vejo a hora de estar com minha família em casa, assim não sentirei essa culpa ao me afastar de uma das duas razões do meu viver, sei que tanto Lim, quanto Caio, estarão dormindo por um bom tempo, mas é impossível não sentir a angústia voltar, por não estar com os dois ao mesmo tempo. Isso me leva de volta ao momento do nascimento do meu menino, respiro fundo e balanço a cabeça para tirar as imagens daquele dia da minha mente.

Entro na antessala para que possa colocar a roupa hospitalar, minha experiência com ela faz com que em menos de dois minutos esteja pronto para ver o meu filho. Filho! não consegui materializar que ele já está em nossas vidas, tão pequenino e frágil.

Ao entrar na unidade neonatal, olho para as diversas incubadoras, até que meu olhar para nele, está deitado de lado, sua posição favorita pelo que pude perceber, ainda não comentei sobre isso com Lim, quero que ela descubra as particularidades dele por si só.

— Oi, garotão, está pronto para sair desse hospital, hum?

Toco sua mãozinha pequena e seus olhos abrem, fico maravilhado com o quanto ele parece comigo, mesmo que tenha desejado um dia que fosse a cópia da mãe, a emoção em saber que meu filho herdou vários traços meus, que foram repassados ao longo dos anos na família Scott, supera qualquer possível decepção.

Aliso sua bochecha rosada com o dedo indicador, meu peito se expande por completo em ver que ao meu toque ele se inclina levemente para recebê-lo.

— Vou ficar um pouquinho com você, quem sabe podemos conversar como fazíamos enquanto estava na barriga da mamãe, o que me diz?

Como todo pai coruja, não preciso de resposta, até por que ela não virá, sento na poltrona ao lado do seu leito e começo a contar a mesma

história de sempre, como um pobre e perdido plebeu conseguiu se encontrar ao topar de frente com a mais bela e mal-humorada princesa, e como a partir desse encontro o mundo dele mudou completamente, ganhando um novo significado.

Sei que ele ainda não entenderá, mas creio que se contar a história por toda a sua infância, terá um belo conto de fadas para repassar aos seus filhos um dia. Talvez, seja mais uma das várias coisas que os Scott dividirão entre as próximas gerações.

Capítulo Trinta e Quatro

Helida 🦋

Dizer que foi quase impossível dormir, é subestimar como realmente foi a minha noite, a ansiedade tornou um verdadeiro desafio fechar meus olhos, sei que se não estivesse tão perto de ir para casa não teria aguentado ficar aqui por mais um segundo que fosse, a consciência de que estou tão perto e ao mesmo tempo distante do meu filho, não me permitiu relaxar o suficiente para apaziguar a mente.

Quando por volta da meia noite o sono me vence, me vi em lugar um tanto familiar.

Estou na praia, andando pela areia, há alguém sentado no meu habitual esconderijo, aquele que fica entre as duas grandes rochas, meu primeiro pensamento é que deve ser o Ethan, porém, quando me aproximo vejo que estou enganada, a pessoa em questão tem pele clara e cabelos castanhos, não aquela mistura de cor de mel quase acobreada como a de Ethan tem, logo sei de quem se trata.

— Caio? — O chamo um pouco insegura, o que ele faz aqui no meu sonho?

— Oi, Lim! — Sua expressão tranquila e seu olhar sereno me enchem de uma paz interior.

— Como? Quero dizer, o que você está fazendo aqui? — Espero que meu tom surpreso não seja confundido com outra coisa.

— Queria ver você, ter certeza que está bem, o de sempre! — Ele usa a desculpa que sempre usava para me ligar quando éramos adolescentes, sorrio com a lembrança, é como se o tempo não tivesse passado e fôssemos apenas dois adolescentes olhando o mar.

— Sim, estou bem, deseja mais alguma coisa? — Respondo entrando na brincadeira, em seguida fico séria. — Nervosa na verdade.

— Eu sei, você sempre foi muito ansiosa, mas não precisa ficar assim e sabe disso.

— Mas como você bem disse, não lido bem com ansiedade.

— Também lembro que sempre que ficava assim, corria para esse lugar, bem aqui no meio das rochas. — Aproximo-me e sento ao seu lado, nossos ombros encostados, como antes.

— E você sempre vinha e ficava aqui comigo até que decidia ir para casa, com você me acompanhando é obvio, sempre me perguntei como você me aguentava?

— Eu amo você, isso é motivo suficiente, era um preço bem pequeno na verdade a se pagar pelo seu amor e não era tão desagradável, uma vez que, quando ficava assim vulnerável eu me sentia um super-herói por ser quem te fazia se sentir melhor.

— Acho que foi disso que mais senti falta quando, bem, você sabe, foi muito difícil não ter com quem contar nessas horas, pensei que nunca mais fosse conseguir me abrir com alguém, não só emocionalmente, eu sentia mais falta ainda do meu melhor amigo.

Ele ri e esse som me traz um grande alívio, percebo que ele não guarda mágoa por eu ter encontrado outra pessoa.

— Sabe, ver você sorrindo novamente é uma sensação inexplicável para mim, pensei que se sentisse ressentido comigo, pelo Ethan.

— Como eu poderia ficar triste com você? Antes de partir, pedi para Gianna cuidar de você, sabia que seria difícil, sempre teve só a mim, a Gia e o Alvin como amigos.

É verdade, talvez tenha sido por isso que a presença constante do Ethan me irritou tanto no início, me senti inclinada a estar perto dele e me assustei com isso, nunca confiei muito nas pessoas.

— Eu sei que você ainda se sente culpada por ter se envolvido com outra pessoa, mas, querida, como eu posso te explicar isso? — Ele para um pouco. — Veja bem, onde estou, você não pode estar e como iria eu querer que continuasse sozinha? Não, eu nunca poderia querer isso, meu amor por

você não é egoísta, pelo contrário, vê-la feliz é o que mais quero.

Nem percebi quando começou, mas estou chorando, ele segura minha mão e me olhando por um bom tempo.

— Agora preciso ir, você sabe, vou estar sempre ao seu lado, não se aflija tanto com as decisões ou as consequências das suas escolhas, no final tudo dará certo, viva sua vida da melhor forma possível e assim estará me fazendo imensamente feliz, é a melhor forma de me honrar.

— Tem certeza? Quero dizer, tem mesmo que ir? Gostaria de conversar um pouco mais. — Não quero que ele vá ainda, me sinto tão em paz.

— Eu sei, porém, tem que acordar, uma coisa muito importante necessita da sua presença para acontecer, só não esqueça, seja feliz menina linda. — E ele se vai, com o seu sorriso encantador de menino levado que sempre amei.

Abro os olhos e estou novamente no quarto de hospital.

— Lim, vamos, está na hora de acordar! — Devo ter acordado com o som da voz de Ethan me chamando, ele está com um sorriso enorme no rosto. — Bom dia, meu anjo, como passou a noite?

— Demorei a dormir, mas quando o fiz, dormi bem, e você?

— Eu fiquei boa parte da noite acordado também, foi difícil ficar longe de vocês, não conseguia parar de pensar que estavam sentindo minha falta, e a cama fica demasiadamente grande sem você nela. — Meu menino grande, ele tem o sorriso mais lindo do mundo inteiro.

— Se estava com tanta saudade, por não me acordou quando chegou? — O provoco.

— Estava dormindo tão gostoso que não tive coragem de acordá-la, com o que estava sonhado? — É incrível como ele me conhece bem. — Você parecia tão calma e serena, de um jeito que nunca vi!

Olho para ele e me pergunto se devo contar do sonho, não o quero chateado ou com ciúmes, como sempre, decido pela verdade, olho bem nos

seus olhos enquanto falo.

— Com o Caio! — Ele me olha um pouco confuso.

— Nosso filho... — Balanço a cabeça e ele compreende e fica com um olhar distante, seu rosto não me engana. — Er... Acho que não devo me surpreender com isso, tudo bem!

Acho que estou tendo uma experiência extracorpórea, Ethan está com ciúmes! Ele sempre foi tão controlado e seguro que me surpreende toda essa insegurança, isso é típico de mim, não dele.

— Ethan, o que foi? Está com ciúmes, é isso?

— Sim, estou! Veja bem, não estou orgulhoso por me sentir assim, longe disso. Mas também, não sou de ferro, as vezes acho que nunca vou conseguir alcançar essa posição nos seus sentimentos, seria fácil competir com alguém que tivesse te abandonado, ou que você tivesse se desiludido, mas não com uma pessoa que todos o pintam como maravilhoso, senão perfeito!

Ele para e respira fundo, posso ver que não foi só em mim que doía ficar presa às lembranças do passado, nele também, consigo ver como tenho uma pessoa muito especial e fui egoísta nesse ponto, nunca sequer deixou transparecer seu desconforto.

— Lim, eu sei que não sou o Caio, mas eu te amo e pensar que meu amor não pode não ser o suficiente.

— Venha aqui, Ethan!

Estou seriamente irritada por ele não se ver com clareza, quando ele se aproxima o seguro pela frente da camisa o que me permite sentir seu coração acelerado enquanto falo ainda o olhando nos olhos.

— Não ouse menosprezar o seu valor. Você não é ele, jamais cogitei fazer comparação entre vocês, não poderia, afinal ele está morto, assim como a Helida Albuquerque que foi casada e apaixonada por ele, morreu junto naquele dia fatídico, depois disso fiquei perdida por muito tempo, até que você apareceu, trazendo suas próprias feridas, foi assim que pude voltar a vida, hoje sou uma nova pessoa, uma Helida que é Morales não mais

Albuquerque, até por que os pais dele me obrigaram a desvincular seu nome do meu, e eu agora, não vejo a hora de passar a ser Helida Scott. Hoje essa mulher que eu sou só pertence unicamente a você. Você é o homem da minha vida desde o dia que te conheci.

Seus olhos estão cheios d'água, acaricio sua bochecha com as costas da minha mão livre, estou quase o beijando quando a porta abre, Álvaro entra com meus pais, os meus sogros vêm logo atrás, o que me faz corar por termos sido pegos num momento tão íntimo.

— Desculpe se atrapalhamos alguma coisa. — Minha mãe está com um sorriso enorme.

— Tudo bem, Laura, não tem problema. — Ethan volta a posição anterior, mas continua segurando minha mão.

— Lim, tem alguém aqui que quer te ver, posso mandar entrar? — Álvaro pergunta e sorri.

— Sim, claro! — Quem poderia ser?

— Pode entrar! — Ele diz, então Gia entra com um embrulho nos braços.

Só que o embrulho está se mexendo, é um bebê, é meu filho, nesse momento meu coração para de bater, para em seguida acelerar bruscamente, não sei se rio ou choro, na dúvida faço os dois ao mesmo tempo, estendo meus braços automaticamente.

Assim que ela o coloca no meu colo, ele me olha e pisca os olhinhos como se estivesse com sono, depois os abrem completamente, o que não é típico de bebês recém-nascidos, quase posso me ver dentro dos seus olhos incrivelmente cinzas, os mesmo de Ethan. Encaro meu noivo maravilhada e volto o olhar para o meu filho, tudo se encaixa.

Esse é meu filho, por quem eu tanto lutei para viver, aquele que quando tudo parecia perdido, foi a força que precisei para não desistir, ele está agora aqui nos meus braços, tão lindo, tão parecido com o Ethan e alguns traços meus, tão frágil que quero colocá-lo de volta dentro de mim para protegê-lo.

Quero dizer tantas coisas, mas não encontro as palavras certas, é como

se minha mente estivesse oca e lotada ao mesmo tempo, então fico só o olhando e deixo que esse momento se prolongue ao máximo, se pudesse parava o tempo e o guardava, assim faria para não correr o risco de ele sumir da minha mente.

— Você é perfeito, grãozinho! — Aleluia! Achei minha voz. — Eu te amo muito, muito, muito, meu pequenininho, Ethan ele é a sua cópia, só que ainda mais bonito! — Falo admirada com meus meninos bonitos, ele sorri e começa a acariciar a cabecinha do nosso Caio.

— Você acha? Mas o formato dos olhos, apesar do azul acinzentado e a boca são seus. Sabe que acho seus olhos e sua boca lindos? Bem, não vem ao caso comentar na frente de todos.

Todos riem, o que me faz corar, o som das risadas agita um pouco meu menino que resmunga, o que causa mais risos e todos estão ao redor dele, olhando como se ele fosse a coisa mais interessante do mundo, o que no nosso caso é verdade, todos o olham com uma espécie de fascínio, não me surpreende. Caio é o nosso primeiro filho, primeiro neto, primeiro afilhado, dá para ver nos olhares de todos o quanto meu filho é amado.

— Filha, ele é mesmo um belo menino, você me fez um avô muito feliz! — Meu pai sufoca o soluço e vejo toda emoção em seus olhos. — Desculpe, sou um velho chorão.

— Que nada, papai, você sabe que é o melhor!

— É, mas o melhor avô serei eu, vou logo dizendo. — Henry Scott, o pai de Ethan sorri.

Filho e neto são parecidos com ele, que é alto, cabelos escuro, já que o tom de mel acobreado Ethan herdou da mãe, seu cabelo faz sua pele parecer ainda mais clara, porém, o mais impressionante são os olhos, aquele olhar enigmático dos dois e a cor, o mesmo tom de azul cinzento, que dá impressão de se estar olhando o mar ao entardecer ou depois de uma tempestade, lindos. Que grande sorte tenho.

— Bem, Henry aí você vai ter que resolver com o meu pai, como Alice terá que resolver com a mamãe.

— Ah, entre a gente não terá competição, não se preocupe, Laura e eu

nos tornamos grandes amigas.

— Você quer dizer que Jorge e eu não somos amigos? Fique sabendo que...

— Pai, você não vai começar uma competição agora, vai?

Ainda bem que o Ethan interferiu, pois só tenho a minha atenção voltada para essa criaturinha no meu colo.

— Claro que não, filho, estamos apenas brincando.

A porta volta a abrir e uma enfermeira entra com uma mamadeira nas mãos, todos abrem espaço para ela passar.

— É hora desse rapazinho comer, se não daqui a pouco ele dará um show de zangado, fica bem irritado com fome. — Não o quero com uma mamadeira se estou aqui, faço minha melhor cara de *'por favor'* e me volto para o Álvaro.

— Álvaro, você acha que posso amamentá-lo? — Quero muito isso, não vejo a hora, ele olha para Gia que também o olha suplicante e sorri, ele não resistiria a essa cara que ela faz, como sei que ela está do meu lado, sinto um alívio.

— Se você quer, por que não? Agora pessoal, é melhor darmos um pouco de privacidade a eles.

— Claro! — Dizem todos juntos e riem disso.

Quando eles saem, sinto que estou um pouco nervosa. Sei que sou uma pediatra, oriento as mães dos meus pequenos pacientes todos os dias, porém, agora que está acontecendo comigo a emoção não me deixa raciocinar. Acho que a emoção de ser mãe é a mesma para todas nós, sejamos pediatras experientes ou não.

— Deixe-o comigo, querida, assim você terá como se posicionar melhor. — Ela o embala enquanto Ethan me ajuda com os travesseiros, logo depois ele começa a se retirar, o puxo de volta.

— Fique, por favor?

— Tem certeza?

— Sim, quero meus dois meninos aqui comigo, para sempre!

Ele ri e senta na cadeira ao lado da cama e fica observando encantado a enfermeira me ajudar a posicionar meu bebê no meu seio direito, que por sinal já goteja o leite.

Quando sua boquinha começa a sugar, sinto uma sensação um pouco dolorida, já que não sabia bem o que esperar, porém, a que vem em seguida é maravilhosa, uma emoção sem tamanho me invade, e uma pequena explosão acontece bem dentro do meu coração.

As lágrimas ameaçam me tirar a visão desse momento, mas não permito, é a primeira vez que o universo e a gravidade fazem sentidos para mim. Tudo que pode me prender aqui ou acabar com qualquer força que eu tenho, está embalado pelos meus braços, sinto-me como um cego que por décadas esteve na escuridão e tão de repente o mundo explodisse em cores e luzes ao seu redor.

Fico uns bons trinta minutos amamentando e ali entendo o que falam sobre a conversa silenciosa de mãe e filho, durante todo o tempo o meu pequeno me olha como se dissesse que sabe quem sou, assim como eu o conheço. Quando sinto que está satisfeito, o deixo na mesma posição por alguns segundos, levanto o olhar para Ethan e quando volto a dar atenção ao meu bebezinho, percebo que já está dormindo tão gostoso, que é quase impossível desviar o olhar.

— Ele parece com você quando dorme. — Ethan acaricia sua cabecinha.

— Não posso afirmar isso, nunca me vi dormindo.

— Mas eu já, um dia ainda vou filmar para que veja, não sei qual dos dois, baba mais. — Fecho a cara para ele o que o faz rir. — Você fica linda brava, sabia?

— Sabia não e eu não babo, seu bobão!

— Desculpe, é que não resisto quando você fica com raiva. — Ele toca meus lábios com os seus e por um momento quase esqueço do bebê no meu colo e o puxo para mim, mas Caio se mexe e volto à razão.

— Será que você poderia segurá-lo um pouco? Meu braço está adormecendo! — Na verdade poderia aguentar muito mais tempo, mas vejo como ele está louco para ter o filho no colo e não quis atrapalhar o meu momento.

— Pensei que nunca ia perguntar, ainda não o peguei, estava mesmo ansiando por isso. — Ele o pega com tanto cuidado que começo a rir, acho que pensa que ele vai quebrar, ainda bem que, como pediatra tenho alguma prática, senão coitadinho do meu menino.

— Amor, ele não é de vidro, então não precisa ter medo, se o apertar demais ele te avisa, reclamando! — Ele relaxa um pouco e senta com nosso filho no colo cantarolando baixinho. — Ver vocês assim, me enche de alegria. — Na verdade nunca imaginei ser capaz de suportar ou merecer tamanha felicidade. — Mas, estou com fome! — Meu estômago ronca confirmando.

— É de se esperar, depois do tanto que esse bezerrinho mamou.

— Ele não é lindo? Mas com um pai tão bonito era de se esperar, tenho certeza que vai ser o pegador da escola, ele tem todas as coisas que amo em você, olhos, cabelos, covinhas.

— Nada disso, vou ensiná-lo a procurar a garota certa e enquanto isso ele vai se divertindo com as erradas.

— Seu machista. — O acuso mesmo sabendo que não é nada disso.

— E que fique registrado o que ele herdou de você o faz ainda mais bonito e nosso, amo cada pedaço seu.

Antes que eu diga alguma coisa, a enfermeira entra com uma bandeja nas mãos, com meu café da manhã, Deus a abençoe por isso.

— Está com fome, querida? Dr. Álvaro foi bem categórico quanto a você se alimentar.

— Estou faminta! — Respondo animada.

Ela me entrega a bandeja e vai em direção ao Ethan, é isso, está na hora de levá-lo embora, fico um pouco cabisbaixa com nossa breve separação.

— Não fique assim, Lim, daqui a pouco ele estará de volta para comer,

mais precisamente em três horas.

— Eu sei. Quando será que vamos para casa? — Quero poder estar com meu filho direto ao meu lado.

— Logo, logo eu acho, você está bem assim como o Caio, não vejo motivo para te segurarem muito tempo aqui.

— O Dr. Scott tem razão, agora coma e descansa, daqui a pouco ele volta faminto.

Começo a comer e a vejo sair pela porta com meu menino, dez segundos depois já estou com saudade, mas decido seguir a dica de todos e relaxar, afinal três horas passam rápido.

Capítulo Trinta e Cinco

Helida 🦋

— Nossa, nem acredito que estamos indo para casa, ainda mais com nosso menino! — Quase pulo de empolgação ao entrar no carro.

Depois de tantos dias, bem uma semana para ser exata, para mim uma eternidade, naquele lugar desagradável, finalmente fomos liberados, estou no banco de trás do carro de Ethan, já que o meu foi pelos ares e acho que tão cedo ele não me deixará dirigir novamente.

Estou na companhia do meu noivo, futuro marido dirigindo, enquanto meu filho dorme feito um anjo. É estranho achar um adjetivo adequado para o Ethan, já que não somos casados ainda, porém, vivemos sob o mesmo teto há alguns meses, mas depois de tanta confusão na nossa vida poderemos, enfim, começar com os preparativos do casamento.

— O que você acha? Lim, você está aí? — Ele me olha pelo espelho retrovisor e desperto dos meus devaneios.

— Ah! Desculpe, estava distraída, o que disse mesmo?

— Que nossas mães acharam uma boa ideia ficarmos na casa dos seus pais, assim teremos a ajuda de Laura com o pequeno, já que semana que vem volto para o consultório e em quinze dias para os plantões no hospital. — Bem que eu queria voltar também, mas terei que esperar pelo menos uns seis meses.

— Elas têm razão, afinal ainda não somos casados, não quero dar mais motivos para o falatório do povo, não que isso seja incômodo para mim, mas meus pais merecem um sossego das fofocas. Além do mais, só quero ir para sua casa quando pudermos estreá-la adequadamente. — Ele ri, e sei que pelo olhar que me lança que está em sintonia com meus pensamentos, seu olhar é predatório e faminto, acho que o escuto suspirar, assim como faço.

— Sabe que serão longas noites ao seu lado, sem poder te tocar, então não me tente muito, posso perder a cabeça a qualquer momento. — Fico

dividida entre ser boazinha ou dificultar a vida dele. — Pedi ao seu pai para colocar meu colchão de volta no quarto, assim dormindo no chão ao lado da cama, evito a tentação. — Como ele sempre toma todas as precauções possíveis, resolvo provocá-lo.

— Não seja bobo, eu não o atacarei no meio da noite. — Talvez ao amanhecer! — Consigo olhá-lo sem me derreter como sorvete na casquinha.

— Bem, isso pode até ser verdade, mas fique sabendo que só de imaginar que estariam dormindo ao meu lado, muitas mulheres já enlouqueceram de paixão. — Seu olhar encontra o meu no espelho retrovisor, levanto uma sobrancelha o perguntando que muitas mulheres foram essas? Ele ri e sei que ele só entrou na minha brincadeira, mais nada.

— Não se preocupe, sou vacinada contra esse tipo de loucura! — Rio com ele, que com certeza esperava meu alter ego mal-humorada, olhando para mim com cara de bobo apaixonado, que deve ser idêntica à minha.

Quando chegamos em casa tem uma verdadeira festa nos esperando o que não me surpreende, conhecendo minha mãe e Gia era de se esperar por isso. Todos que conheço estão aqui, e até mesmo quem nunca reparei. É a cara de Dona Laura convidar a cidade inteira para uma festa.



Apesar da surpresa, foi bom rever as pessoas que algum tempo não vejo, já que há um ano meu mundo gira em torno do Ethan e o resto passou a ser secundário para mim.

Sobrevivo a toda a atenção que foi destinada a mim, depois disso finalmente posso descansar e apreciar todos os presentes que meu menino ganhou, dá até vontade de vesti-lo com todas as roupinhas.

— Mãe, não sei como e nem quando ele vai usar tanta coisa. — Bocejo e minha mãe ri, Ethan imita meu gesto, ele está tão esgotado quanto eu. — Acho que vou subir e descansar, daqui a duas horas o Caio acorda para mamar, você vem, amor?

— Vou sim. — Ele já está de pé ao meu lado. — Vem, deixe-me ajudá-la, na verdade nem deveria subir escadas ainda.

— Não seja bobo! — Sei que ele é super protetor. — Boa noite, aliás, mãe, cadê o papai?

— Onde mais ele estaria? Lá em cima paparicando o neto.

— Uma pena ter que tirá-lo de lá, é até maldade. — Mas meu pai já está descendo a escada, o que é um alívio, estou cansada, porém, não teria coragem de pedir que ele saísse.

— Imaginei que vocês já estariam subindo, fui dar boa noite para o Jorginho. — Meu pai não para de chamar o Caio de Jorge, não sei o que fazer, se colocar o seu nome no meu filho o pai de Ethan poderá ficar chateado. — Desculpe eu sempre esqueço.

— Não se preocupe, Jorge. — Tenta tranquilizá-lo. — Amor, quis te fazer uma surpresa e já registrei nosso filho. Caio Jorge Scott, Caio como sempre soubemos que seria, Jorge em homenagem a seu pai, um dos responsáveis por estarmos juntos hoje. Espero que não se importe por eu ter me antecipado e decido sem você. — Lanço um olhar de gratidão para ele, como poderia ficar chateada, ele acaba de me deixar ainda mais feliz.

— Nem um pouco, é seu filho, nosso filho, que agora tem um nome escolhido por ambos os pais. Acho maravilhoso termos uma história para contar para ele!

Pego sua mão e deixo que ele me leve escada acima.

O quarto é o mesmo, porém, está completamente diferente, tem pelúcia por todo lado, fora o berço, trocador e muito mais, eles tiveram o cuidado de não deixar nada muito longe ou perto demais, ver tudo que prepararam para mim e meu menino, que dorme tranquilo no seu berço, faz o nó na minha garganta apertar e sem querer já estou chorando, sinto os braços de Ethan a minha volta, o que é bem reconfortante.

— *Baby*, você precisa de banho e descanso, vem vou te ajudar!

— Você vem também? Para banho quero dizer!

Ele me vira em direção ao banheiro e para antes da porta.

— Não! E não insista, sabe que detesto negar qualquer coisa a você.

— Desculpe, foi um convite inocente, quase, mas tudo bem.

Faço meu habitual beicinho e ele me retribui com um beijo leve, no começo, logo em seguida se transforma e assume uma ferocidade que me deixa sem fôlego, ele tem que terminar, já que como estou colada nele deixo claro que não tenho autocontrole suficiente para soltá-lo.

— Vou comer alguma coisa enquanto você toma banho. — Diz e sai do quarto, sei bem o porquê, mais alguns segundos juntos e adeus quarentena.

Entro no banheiro ainda com a respiração pesada, só quando estou debaixo no chuveiro que percebo que estou um pouco tensa, assim que a água começa a cair pelo meu corpo logo relaxo, um bom banho, tudo o que precisava e nem sabia.

Ethan 

A ideia era comer alguma coisa enquanto Lim toma banho, mas ao descer as escadas, o barulho que vem através da babá eletrônica, que está na minha mão, me faz voltar quase correndo para o quarto.

Abro a porta e ouço o chuveiro, foi uma boa ideia levar o aparelho comigo, assim minha garota tem tempo de relaxar no seu banho. Aproximo-me do berço e sorrio para meu filho, que já demonstra impaciência e ameaça começar um choro daqueles a qualquer momento, antes que aconteça o pego no colo, sento na cama e faço a única coisa que me vem à mente, eu canto.

*I've found a Reason for me
To change who I used to be
A Reason to start over new
And the Reason is you...*

Sei que algumas pessoas acham que cantar para um bebê recém-nascido é perda de tempo, ainda por cima em inglês. Mas decidi cantar *The Reason* do *Hoobastank*, e funciona, antes de que chegue na segunda metade da canção ele está calmo, aproveito a tranquilidade momentânea para trocá-lo, assim quando a mãe sair do banho poderá alimentá-lo.

Por sorte os bebês recém-nascidos não ingerem alimentos sólidos, caso contrário eu estaria em sérios apuros, ele acaba de soltar muita coisa para um intestino tão pequenino e cantar enquanto o troco, seria uma missão quase impossível.

Terminada a troca, volto a me sentar na cama, olho em seus olhinhos que estão atentos, vejo tudo que aconteceu até aqui passar pela minha mente, o começo da minha relação com sua mãe, os momentos difíceis, as quase perdas, como senti medo e estava impotente nas duas vezes, sem nada a fazer além de rezar, voltando a ter fé, coisa que a muito tinha perdido e como diz a canção, ele é a melhor razão para tudo o que vivemos até aqui tenha valido a pena, até mesmo as dores que sentimos, ele é nossa melhor razão.

Helida

Quando saio do box me seco, visto um pijama, vou para o quarto e paro na porta, Ethan está sentado na cama com o Caio no colo enquanto canta baixinho, não dá para identificar a letra da canção, mas é tão lindo vê-los juntinhos que fico olhando por mais alguns minutos.

— Você está com fome? — Ethan pergunta assim que a música acaba. — Foi por isso que acordou, não foi? — É engraçado, até parece que ele entende pois fica quietinho enquanto ouve o pai falar. — A mamãe já vem, ela só precisa de um banho!

— A mamãe já voltou, não precisa se preocupar! — Pegó a deixa e vou em direção aos meus amores.

— Lim, não a vi aí. — Ele sorri amplamente. — Ele acordou a pouco, acho que está com fome, já o troquei, agora é com você, essa parte não dá para fazer!

— Hum, que marido mais eficiente eu arranjei!

Sento-me na cama apoiada nos travesseiros e Ethan o coloca no meu colo. A sensação de amamentar é incrível, toda vez que o tenho assim aninhado nos meus braços fico maravilhada com esse nosso laço, ele é tão lindo, *‘Meu Deus, muito obrigada!’* eu penso.

Como de costume, ao terminar de mamar ele logo adormece, é um verdadeiro bichinho preguiça nesse sentido, o que de certa forma é ótimo,

assim posso descansar. Como pediatra sei que esse seu sono constante é normal, do contrário estaria surtando, como muitas mães já fizeram com o primeiro filho.

Depois de colocá-lo no berço deito ao lado de Ethan, que me abraça e beija o topo da minha cabeça.

— Estava com saudade de ficar assim, abraçado com você, mas vou ficar apenas até você dormir.

— Eu também, por favor, não saia do meu lado, prometo me comportar!

Inclino minha cabeça e toco meus lábios nos seus, não é na verdade um beijo, mais como um sussurro que dizemos quando as palavras não são suficientes, meu coração acelera, tenho que lembrar a mim mesma que ainda não podemos, se quero que ele fique aqui comigo na cama, devo cumprir minha promessa, então resolvo mudar meus pensamentos de direção, o que o faz rir.

— Ethan, seu pai não ficará chateado pelo fato do bebê ter o nome do meu pai e o dele não? — Isso tem me preocupado um pouco desde que subi.

— Não se preocupe com isso, Lim, ele sabia dessa possibilidade, já que no hospital seu pai não parava de chamá-lo de Jorge, ele vai se acostumar, além do mais esse era o nome do meu avô, pai do meu pai, ele não será contra, eu garanto a você!

— Bem se você está dizendo!

Ele sorri daquela maneira que faz meu coração doer só de olhar, mostrando suas covinhas no rosto.

— Acho que é melhor dormirmos um pouco enquanto o Caio também o faz, do contrário já viu, ele vai acordar e ainda estaremos muito cansados, para cuidarmos dele, e sim, dormirei abraçadinho com a minha futura esposa. Boa noite, minha vida! — Eu adoro quando ele me chama de vida, porque é isso mesmo, um deus ao outro um motivo para viver.

— Boa noite, meu Amor!

E assim adormeço em seus braços, o que me faz dormir muito bem é

claro, pelas próximas três ou quatro horas seguintes, pelo ao menos.

Capítulo Trinta e Seis

Helida ☞

Acordo com o sol entrando pela janela, respiro fundo enquanto sento na cama, olho para o lado e só então percebo que estou sozinha, meu olhar vaga por todo o quarto a procura do colchão de Ethan, não há sinal dele ou do Caio. Desde que chegamos em casa há quase duas semanas, não acordei um dia sequer sem o beijo de bom dia do meu noivo ou o perfume suave do meu bebê.

“Onde aqueles dois podem estar, tomando banho de sol, talvez?”

Uma sensação desconfortável se apodera de mim, sei que é imaturo da minha parte ficar nervosa com isso, mas, crucifique-me a mãe de primeira viagem que nunca surtou com pouca coisa!

Quando dou por mim, já estou descendo a escada, sem pensar na bronca que levarei por não ter a supervisão de alguém, como uma criança desobediente. Só para constatar quão boba eu sou, nunca mais irei rir das minhas clientes que me ligam com o primeiro espirro do filho.

Assim que chego na sala me deparo com a cena mais comum possível, Ethan, meus pais e os meus sogros sentados à mesa tomando café da manhã, a única novidade é o carrinho de bebê com meu filho bem ao lado do pai que apesar da conversa animada, não desvia os olhos do nosso menino.

Quero me esbofetear quando todos me olham e desejam um bom dia, fico vermelha, além do possível é claro, os olhos de Ethan percorrem todo meu corpo antes de chegarem ao meu rosto, há um desejo puro e carnal neles que faz o ar me fugir completamente.

Abaixo a cabeça constrangida, só então percebo que estou vestindo apenas a roupa de dormir, short e camiseta de algodão, que além de confortáveis, não complicam muito minha vida na hora da amamentação, mas que não cobrem muita coisa, bem no meio da sala de jantar, quero subir correndo para o quarto, porém, isso seria ainda mais constrangedor, coloco

um quase sorriso no rosto e vou me sentar ao lado de Ethan que imediatamente pega minha mão e acaricia a palma com movimentos ritmados.

— Por que saiu do quarto? Podia ter me chamado, levaria seu café, você não precisaria descer. — Seu olhar viaja pelo meu corpo, mesmo sentada.

Ele está me repreendendo, porque desci? Uau, tudo por causa de uma mísera roupa, é um alívio para o meu ego fragilizado pós gravidez.

— Bommmm... — Sorrio docemente para ele e me faço de a verdadeira menina ingênua. — Eu acordei e vocês não estavam lá. Não queria ficar sozinha, então desci. — Fico envergonhada de admitir minha paranoia.

— Tudo bem, querida, também fiquei assim quando Ethan nasceu, qualquer coisa era motivo de aflição. Acho que toda mãe de primeira viagem é assim. — Minha sogra é ótima.

— Alice tem razão, filha, eu por exemplo, passava a noite acordada vendo você dormir!

Ainda bem que tenho essas duas ao meu lado, elas me entendem, já não sinto que sou tão tola assim, apenas uma mãe.

— Desculpe se a assustei!

Ethan fala baixinho, não querendo atrapalhar a conversa que voltou ao normal entre os demais.

— Quando acordei, vi que ele também estava acordado, você precisava descansar, após ter acordado três vezes durante a noite, desci com ele para te dar um pouco mais de paz. Viemos tomar café, após o banho de sol do pequeno.

Ele sorri todo orgulhoso de estar sendo um bom pai, sinto-me muito grata e dou-lhe um beijo no rosto.

— Agora coma, daqui a pouco ele vai querer seu café também.

Como estou com fome! Começo a comer imediatamente, não sei se é por que ando cada vez mais faminta, mas acho tudo gostoso, uma coisa é certa, mesmo casada com Ethan, continuarei a tomar o café da manhã na casa

dos meus pais, é um hábito que pretendo manter o máximo de tempo possível.

Depois do café subo para me trocar, não posso ficar com roupa de dormir o dia todo, tomo um banho demorado, quando termino fico me olhando no espelho após me vestir, é estranho que há pouco menos de três semanas, estivesse redonda como uma bola e agora meu corpo já está quase do seu tamanho normal, bem, nem tanto, apesar que gosto dos meus novos quadris largos e os seios maiores.

Estou tão distraída que não percebi que Ethan entrou no quarto com o Caio, que dorme tranquilo no colo do pai. Ele é maravilhoso, dorme bem a noite, só acorda na hora de mamar e logo volta ao seu sono, Ethan o coloca no berço e vem me abraçar por trás, derreto-me imediatamente em seus braços.

— Você é tão linda!

Ele sussurra enquanto mordisca minha orelha, o que faz um leve tremor subir pela coluna.

— Eu sou louco, desesperadamente apaixonado por você!

Continua beijando meu pescoço, meu queijo, viro-me para que finalmente beije minha boca, e quando o faz, o mundo para de fazer sentido, nada mais tem importância além da sensação dos seus lábios nos meus, suas mãos acariciando meu corpo de uma forma provocante, que me dá arrepios deliciosos.

— Ethan espere... — Tento falar, porém é inútil. — Você sabe... — Perco minha voz assim que noto que ele me olha com o mesmo olhar quando desci mais cedo, o puxo para mim, minha boca faminta procurando a sua.

Ele me ergue nos seus braços e me deita na cama, pairando sobre o meu corpo desesperado para ter suas mãos em mim novamente, apoia o peso do corpo nos cotovelos, solta um pouco do seu peso e assim consigo sentir todo seu corpo, seu calor que ameaça me queimar viva, esqueço qualquer pensamento coerente.

Arqueio meu corpo para que toque o dele ainda mais, estamos entrelaçados, enterro minhas unhas nas suas costas e ele geme na minha boca,

apressadamente tiro sua camisa para que possa ter livre acesso ao seu belo tronco, beijo seu pescoço, seu peito e quero prolongar cada vez mais nossos beijos, não tinha ideia que estava com tanta saudade do seu corpo junto ao meu.

Porém, antes que as coisas possam ir mais além, ele enterra a cabeça no meu pescoço, suspira e rola de lado me puxando para que fique com a cabeça apoiada no seu peito.

— Lim, você precisa ser mais controlada do que eu, você sabe! — Essa é boa ele entra aqui todo lindo e desejoso e eu que tenho que ser cuidadosa.

— Pra você é fácil falar, porém, quando me olha desse jeito, já sabe que perderei todo meu controle e, diga-se de passagem, é minúsculo, então a culpa é sua!

— Não, dessa vez a culpa é totalmente sua, por ter aparecido na sala com aquela roupa, você não sabe como foi difícil me controlar para não te agarrar ali mesmo na frente de todos.

Começo a rir, o que sempre faço se estou constrangida.

— Amo vê-la sorrir!

— Seu bobo e por falar em sorrir, nossos pais se deram muito bem! — Graças à Deus! — Imagino que nossas mães estejam planejando o casamento.

— Está certíssima, o que é bom para nós, não vamos nos preocupar com nada, só teremos que entrar na empolgação delas.

— Para mim, isso está perfeito, o Caio não me dará tanto tempo livre, sei que elas e a Gia vão fazer um bom trabalho. — Inclino-me para que possa ver seus olhos. — Não vejo a hora de me tornar a Sra. Ethan Scott.

— E como acha que estou? — Bem, se estiver parecido comigo bem ansioso. — Quero muito te chamar de Sra. Scott, minha Sra. Scott!

— Meu caro isso é questão de menos de três meses. — Ele geme baixinho.

— Serão os quase três meses mais longos da história dos três meses. — Ele para e sei que algo o incomoda. — Quase os mais longos, os piores foram

aqueles quando você estava em coma, não gosto de lembrar muito.

— Hei, acabou, não fique assim, estou aqui agora, não estou? Melhor, estamos, eu sua noiva que te ama e seu filho que também já demonstra amá-lo bastante.

Como deixa o Caio resmungar, Ethan levanta e vai pegá-lo, ele já deve estar com fome, sento-me e o pego.

— Oi, meu amor, vamos comer? — Ele dá um leve sorriso e meu dia está ganho, olho para cima e meu outro amor também está rindo mostrando suas covinhas, sei que sou uma mulher de muita sorte por ter esses dois na minha vida, silenciosamente faço um juramento de fazer por merecer toda a felicidade que me foi concedida.

Ethan 7

— Hei, bom dia, cara, como vai? — Álvaro vem me cumprimentar ao fim do plantão, bom, fim para mim, ele estará só começando.

— Bom dia, Álvaro! Vai ficar 12 ou 24 dessa vez?

— 12, tenho um compromisso essa noite! — Ele ri e cora, o que não é muito dele, então entendo o que se trata.

— Boa sorte, tanto no plantão, quanto com a Gia, ela está ajudando nos preparativos do casamento, então aquela cabecinha criativa que ela tem está fervilhando! — Rio ao lembrar de tantos detalhes que Lim me repassou ao longo do último mês.

— Sim, minha garota é bem criativa. Mas me diz, como está a ansiedade, teremos despedida de solteiro? — Não tinha pensado nisso.

— Não vejo a hora de ser oficialmente o marido dela e quanto a despedida, não me vejo indo a uma festa assim, ainda mais com toda a correria que têm sido os meus dias, plantões, Caio, consultório, Caio, Lim. É capaz de acabar dormindo no meio da festa.

— Oh, com certeza, é meu herói, Gia me contou, que até fraldas você troca, vai ser difícil te superar no futuro! — Ele ri e acabo por acompanhá-lo.

— Quando chegar a hora, você se dará bem, agora, deixe-me ir, não vejo a hora de ver minha esposa e filho, ficar 24 horas longe deles me deixa

meio paranoico ainda. — É uma das minhas grandes dificuldades ultimamente, mas estou fazendo o que amo, não teria como mudar isso.

— Imagino, vai lá, bom descanso!

— Obrigado, bom trabalho!

Me despeço e sigo para o estacionamento, assim que entro no carro meu celular toca, atendo enquanto giro a chave, não perdendo tempo.

— Pois não?

— É o Dr. Ethan Scott? — Uma voz feminina pergunta.

— Sim, quem deseja? — Olho atento a saída do estacionamento, não posso me distrair, tenho que chegar em casa em segurança.

— Sou a secretária do Dr. Carlos Albuquerque, ele deseja marcar um horário com o Sr. Se não tiver problema. — O antigo sogro da minha noiva, o que ele poderia querer?

— Depende, se for para uma consulta, estritamente profissional, sim claro, pode marcar com minha secretária ou vir ao HCA, caso contrário, não tenho nada para tratar com esse senhor, então repasse a seguinte mensagem a ele: Helida e eu, estão muito bem, obrigado. Não deixarei que nada atrapalhe nossa felicidade, o seu chefe e a esposa não foram nada mais que cruéis e injustos com a minha noiva, não permitirei que venham incomodá-la, nunca!

Desligo assim que termino de falar, não sou do tipo mal-educado, mas não deixarei que nada possa atrapalhar a felicidade que estamos vivendo, minha menina já passou muita coisa, farei o possível e o impossível para protegê-la de qualquer tipo de sofrimento.



Vinte minutos depois estou entrando pela porta da frente da casa dos meus sogros, que na verdade, é um pouco minha também. Eles me acolheram como um filho!

Subo as escadas quase correndo, meu coração acelerado, a saudade dos meus amores fazendo meu peito apertar. Toda a ansiedade acaba assim que

abro a porta e lá estão os eles, ambos deitados na cama e dormindo.

A minha linda noiva tem uma mão protetora sobre o nosso filho, mesmo a lateral da cama estando revestida de travesseiros, como também a grade que providenciamos para a cama, mesmo assim ela não se sente segura, precisa senti-lo, para ficar bem.

Entro sem fazer barulho, guardo minha maleta na cômoda e vou para o banheiro, preciso de um banho antes de me deitar com eles. Faço tudo de forma mecânica, me lavar, enxaguar e em seguida secar, pôr um short de algodão e ir para o quarto, antes de chegar na cama vejo um par de olhos verdes-mel me encarando.

Seu sorriso se espalhando e seu braço me convidando a deitar ao seu lado, não perco tempo, logo estou debaixo das cobertas com ela, olhando para o nosso menino que dorme tranquilamente.

— Bom dia, amor! — Sua voz rouca do sono faz meu corpo despertar, mesmo com todo o cansaço.

— Bom dia, minha vida! Faz tempo que ele está dormindo? — Beijo seus lábios de leve, sem dar muita vazão para o azar, temos um bebê na cama conosco.

— Que nada, menos de meia hora, você o colocou em mau costume, agora acorda as cinco e quer música depois do mamar, sem contar que sente sua falta, tenho percebido que quando você não está, ele tem um sono mais inquieto, assim como eu! — Ela faz beicinho e falta pouco para não o morder. — Está com fome? Se quiser podemos descer e comer algo.

— Não, estou bem aqui, com meus amores, tomei café no hospital, agora só quero ficar assim, deitado agarradinho com a mais bela das mulheres e olhando o mais lindo dos bebês, não há nada que eu não faça para ter essa paz sempre que volte para casa.

— Você terá, querido, pelo menos até que eu volte a atender, mas isso levará uns bons meses pela frente ainda!

— Que bom, *baby*, só consigo sair, porque sei que os terei aqui me esperando.

— Sempre! —Beijo-a mais uma vez, para então encostar a cabeça no travesseiro e adormecer sentindo o seu doce perfume.

Capítulo Tinta e Sete

Helida 🐾

É engraçado como de uma hora para outra o tempo para de ser o fator crucial na nossa vida, as vezes até mesmo deixa de fazer tanto sentido, se não fossem pelas mudanças constantes no Caio como tamanho e peso, eu não notaria a sua passagem, porém, elas me obrigam a perceber.

Como em um estralar de dedos o tempo voou e o meu casamento está para acontecer daqui alguns dias, quinze para ser exata, dizer que estou uma pilha de nervos, é um grande eufemismo, mesmo com minha mãe, Alice e Gia à frente de tudo.

Como era previsto cuidar do Caio tem cobrado todo meu dia e alguma parte da noite também, uma tarefa que cumpro com o maior prazer, não canso de olhá-lo, abraçá-lo e mimá-lo, é incrível como consigo identificar pequenas mudanças nele, como suas mãos estão um pouco mais finas, seu rosto não tão redondo, seu cabelo cada vez mais cor de mel do que cobre, ou seja pequenos detalhes que só uma mãe coruja é capaz de perceber, já que são quase imperceptíveis aos outros.

Logo que acordei tive a noção de que hoje seria um dia daqueles, tenho prova final do vestido, degustação do cardápio e a tão esperada consulta com o Álvaro para minha última revisão da cesariana.

Tecnicamente não estou proibida de fazer certas coisas com o meu noivo, que é um belo exemplar do sexo masculino, mas Ethan não quis sequer uns bons amassos, sem a aprovação do médico. Ele é muito cuidadoso e sabe que assim me terá comendo na sua mão, porém esse é um jogo para dois e aprendi a jogá-lo bem, a hora do xeque mate está quase chegando.

Mas agora, tudo o que quero é o Ethan comigo nesse momento, sua presença alegre tornaria mais fácil aturar toda essa coisa de provar cada uma das sugestões do cardápio e as discussões entre as três, Gia o vetor é claro, mesmo eu sendo contra a regra de o noivo não poder ver o vestido, e além do mais ele voltou ao trabalho duas semanas depois do nascimento do Caio, o

que me deixa com saudade dele o dia inteiro.

Ao menos pude trazer o Caio comigo, meu filho é paparicado por onde passo, chego a arriscar que é também o mais comentado na cidade, ele está com três meses e cada dia fica mais parecido com o pai, o que me encanta.

Seu dia sempre começa animado com seus avós por perto, acho muito engraçado as disputas entre meu pai e o Henry, de quem consegue fazê-lo rir, comer ou dormir primeiro.

Ele já começou a fazer as gracinhas que atrai a atenção de todos a sua volta, claramente puxou ao pai nesse sentido, uma vez que eu não suporto ser o centro das atenções, enquanto os dois se sentem bastante confortáveis com isso. E aqui estou, prestes a enfrentar isso por um dia inteiro.

Ethan foi irredutível quanto ao casamento ser tanto no civil como no religioso, pedi, implorei, tentei persuadi-lo, mas nada, ele usou seu charme me dizendo que é um sonho antigo e acabei cedendo, não suporto ver sua carinha de cachorrinho abandonado na chuva, o que definitivamente surpreendeu meus pais. Nem o Caio conseguiu que casássemos na igreja, com ele foi uma cerimônia simples no cartório com somente meus pais, Gia e o Álvaro como testemunhas, nem os pais dele apareceram, porque não aprovavam.

— Lim, você está bem? — Gia pergunta.

Pela sua expressão, acho que pela milésima vez, balanço a cabeça confirmando, nem se quisesse conseguiria pôr em palavras tudo que está se passando na minha mente. Talvez seja só a famosa tensão que todas as noivas sentem antes do casamento, ou então eu só sou louca e me preocupo demais.

— Gia, vocês sabem que não é preciso ser a ' *festa de casamento* ', não sabem? — Ela está no banco de trás comigo e o Caio, com aquele olhar de tarde-demaís-para-reclamar.

— Sim, precisa sim! Afinal de contas não é todo dia que você casa! Só a cada sete anos mais ou menos. — Ela me olha fazendo piada e eu tremo de ansiedade por dentro.

— Gia! Como você pode falar isso, eu nunca casei, não na igreja, e

mesmo assim meu primeiro casamento foi bem ...

— Chato e sem graça! — Ela termina minha frase, eu iria dizer simples. — Por esse motivo, esse deve ser cheio de pompas e bastante animado, sabe que adoro uma boa festa! — É isso eu sei.

— Bem, então deveria guardar toda essa empolgação para o seu, uma vez que você e o Alvin.

— Não começa, Lim, a gente mal reatou o namoro, então não inventa história.

— Por que não? Vocês são apaixonados um pelo outro desde que eram crianças, não sei por que não casaram ainda?

Isso a faz ficar quieta, ela é ótima para tentar resolver a vida dos outros, porém, quando se trata da sua, é totalmente diferente, ainda mais com minha mãe e Alice dividindo o carro conosco.

— Chegamos! — Alice anuncia, ela é adorável, louca pelo filho e agora o neto, como eu sou mãe de um e noiva do outro ela também está muito próxima à mim, o que é maravilhoso, não tive esse tipo de contato com os pais do Caio, sempre tive a sensação que eles apenas me suportavam, a relação só piorou depois que ele morreu, nunca tentaram manter contato, apenas uma vez, para dizer que não era mais bem vinda a usar o sobrenome do filho e com certeza me culpam pelo acidente que o vitimou, então saber que estou sendo bem recebida na minha nova família, traz-me um alívio enorme.

Entramos na loja de vestidos de noivas, eu ladeada por minha mãe e Gia, Alice vem logo atrás com o Caio no colo, ele adora suas avós, o que é ótimo, já que em menos de seis meses voltarei a atender no consultório e sei que ele será bem cuidado pela minha mãe, além de que ele não nos acompanhará na nossa lua de mel. Com os pais de Ethan voltando para São Paulo pouco depois do casamento, o ideal é que já esteja habituado com os meus pais.

Estou tão distraída com meus pensamentos que não percebo quando o vestido desliza pelo meu corpo, ou os grampos são colocados no meu cabelo, apenas quando olho no espelho que me cai a ficha.

O vestido tem um belo caimento, alças finas com cristais, o busto tem um decote em formato de coração bem discreto, já que meus seios ainda estão bastante volumosos pela amamentação, apesar do meu corpo ter voltado a suas medidas antigas e estreitas, o corte é delicado, justo na cintura e mais aberto a partir dela, com extrema delicadeza, por ser um tecido suave parece até que ele tem vida própria quando me movo.

A renda incorporada no corpete o deixa com estilo romântico, em contraste com o caimento da saia que não se alonga, o suficiente para cobrir meus pés apenas por alguns centímetros, me deixando bonita e confortável, coisa que achei que não fosse acontecer.

Minha mãe está ao meu lado com os olhos arregalados e percebo que ela está se esforçando para conter o choro.

— Lim, você está linda, filha!

— Mãe, você é suspeita para falar! — Agora tenho que conter o choro.

— Mas eu não sou!

Alice fala atrás de mim e seus olhos se encontram com os meus no espelho.

— Pelo contrário, deveria ser eu quem fala mal, mas é impossível dizer algo maldoso vendo-a assim! — Sei que está sendo sincera. — Veja até o Caio está te olhando admirado!

Na verdade, ele está fazendo suas caretinhas que já me são familiares, não sei dizer se gostou ou não, o pego no colo e dou um giro com ele, o que o faz rir e eu vou junto com ele.

— Meu meninão! — Faço cocegas na sua barriga e ele ri uma pequena gargalhada e todas rimos com ele.

— Muito bem, Lim, agora tire o vestido e vá se trocar, temos muito o que fazer ainda. — Não posso discutir com a Gia, desde o carro que ela está introspectiva, o que não é comum.

Sáímos da loja direto para o Buffet, hora da degustação, é difícil decidir, é tudo muito gostoso, então fazemos votação, devo dizer que é muito divertido ver as três expressando suas opiniões sobre tudo. Depois de algum

tempo fica decidido que serviremos frutos do mar, já que foi o mais votado, os docinhos serão o de sempre, minha mãe faz questão que o bolo seja enorme. Acho um exagero, mas fazer o que?

Elas me deixam no consultório do Álvaro e vão para casa, Caio está cansado querendo banho e berço, tadinho passou o dia de um lado para outro e nem reclamou de nada, meu pequeno homenzinho.

— Alvin? — Paro na porta e ponho a cabeça para dentro.

— Lim, como tem passado?

— Bem, e você? — Respiro e atiro de uma vez. — Serei direta, acho que tá passando da hora de você pedir a Gia em casamento! — Ele fica parado feito o pateta que é, por isso o seu apelido.

— Hummmm... Pensei que diria outra coisa! — Ele está vermelho como um pimentão.

— Desculpe se fui muito intrometida, mas você não acha que estão protelando muito, não?

— Que nada! Digo, você não foi nada mais que amiga e, se quer saber, tenho pensado nisso, só que tenho medo apressar as coisas e ela dizer não.

— Você está brincando? Ela é louca por você, há anos, claro que não o rejeitaria! — Bom, eu acho, mas não vou deixá-lo com mais dúvidas.

— Está certo, conversaremos sobre isso depois, agora vá se trocar para que possa examiná-la. — Diz, ainda sem graça.

— Ok! — Saio feliz em saber que o assunto ainda não está encerrado.

Depois de me examinar Álvaro me pede para trocar de roupa novamente para esperar o veredito, ele é teatral, sei que demora de propósito para dar dramaticidade em qualquer tipo de assunto.

— E então, quantos dias eu tenho? — Pergunto rindo.

— Incontáveis, não sei precisar, está tudo ótimo, a cirurgia bem cicatrizada, então está definitivamente de alta médica. Apenas lembre-se de tomar a injeção anticoncepcional antes de sair. Natália fará a aplicação e são sete dias até fazerem sexo sem preservativo, Ethan ficará feliz em saber.

— Não ficará não, com tão poucos dias para o casamento, resolvi esperar! — Sorriu endiabrada. Vou fazê-lo pagar por esse tempo que me manteve de castigo.

— Devo admitir, Ethan é meu super-herói moderno!

— Quem falou isso mesmo? Espera foi o cara que passou três anos sem ninguém depois que terminou com sua primeira e única namorada? Além do mais, por mim teríamos esperado apenas os quarenta dias tradicionais, mas seu amigo é paranoico, então se esperou três meses, o que são míseros quinze dias? — Faço cara de falsa chocada.

— Eh! Engraçadinha, vai saindo que tenho outros pacientes, e por favor não fale do que conversamos com a Gia.

— Claro, Alvinho! — O chamo pelo apelido que só a Gia usa. — Ela ainda te chama assim? — Ele atira uma bola de lenços que tinha nas mãos em mim, rindo.

— Saia daqui de uma vez, magricela! — Com isso mostro a língua para ele, como fazia quando éramos crianças.

Saio do consultório rindo comigo mesma, por isso não percebi quem estava à minha espera, além de que, essa definitivamente, não era uma visita muito esperada por mim. Carlos e Cecile Albuquerque, os pais do Caio estão parados bem na minha frente, faz tanto tempo que não os vejo, congelo ali mesmo.

— Helida! — Seu pai, o todo poderoso Dr. Carlos Albuquerque, era gentil comigo, até que casei com seu filho, o que o levou a desistir de uma proposta quase irrecusável de trabalhar num grande hospital em São Paulo e tudo aconteceu pouco depois, então a gentileza dele meio que sumiu.

— Dr. Albuquerque, quanto tempo? — Ele estende a mão e o cumprimento. — Cecile, como tem passado? — Tento ser o mais gentil possível.

— Bem e você? Como tem passado?

Ela olha diretamente para minha mão direita, onde está o anel de noivado que Ethan me deu.

— Será que poderíamos conversar um pouco, prometo não tomar muito do seu tempo, sabemos que tem que voltar logo por causa do seu noivo e filho. — Olho para ela em busca de qualquer pista sobre o que ela quer falar comigo, mas não acho nada, nenhuma pistazinha sequer.

Respiro fundo, olho para todos os lados, esperando uma intervenção divina, como nada aparece para me socorrer encaro logo de uma vez.

— Tu... Tudo bem! — Droga detesto quando começo a gaguejar, o que só acontece quando estou nervosa. — Vamos até o Cole Café.

Sigo na frente em direção ao local que fica poucos metros do consultório do Álvaro, sempre vou lá com a Gia.

— Lá poderemos conversar tranquilamente.

Ao chegarmos peço o meu favorito, um expresso duplo com creme e um croissant, por algum motivo quando fico nervosa, me dá uma fome sem tamanho, eles só pedem café.

— Tem certeza que não querem nada? Eu vivo com fome. — Também fico falando pelos cotovelos.

— Isso é natural, já que está amamentando, eu imagino. — Diz a Sra. Albuquerque, eu realmente não sei o que eles podem querer comigo.

— Sim, estou! — Os pedidos chegam e resolvo e direto ao ponto. — Agora vão me dizer o que desejam? — Tenho que me esforçar para não deixar meu mau humor levar a melhor sobre mim. — Como eu disse tenho pouco tempo!

— Nós ficamos sabendo do seu casamento e do bebê.

O Sr. Albuquerque fala, enquanto sua esposa continua me olhando, ela tem uma suavidade que há muito não vejo.

— Como vendemos a casa de vocês e o consultório, achamos que é direito seu ficar com dinheiro.

— Não, eu não quero nada, nunca quis, na verdade devo agradecer a vocês, pois foi por isso que conheci o Ethan e com ele veio o meu filho.

— Sim, também sabemos disso.

Devo admitir, para duas pessoas que me isolaram completamente de suas vidas há mais de seis anos, eles estão muito bem informados, sobre mim, infelizmente.

— Na verdade, Lim, posso te chamar assim? Lembro que foi o Caio que te deu este apelido, quando ainda eram apenas duas crianças risonhas! — Cecile diz de forma sonhadora.

— Sim, pode! — *“Por respeito a seu filho!”* Bem essa parte guardo para mim.

— Bom, quando ficamos sabendo que você teve um menino e o chamou de Caio...

Fico nervosa, será que eles querem dizer que não tenho o direito de dar ao meu filho o nome do falecido filho deles, assim como não permitiram que continuasse a usar o meu mesmo sobrenome que eles.

— Acho que foi a maior prova que você amou meu filho que poderíamos ter, assim terá, de certa forma, um Caio com você para sempre. Só agora percebemos como fomos injustos contigo, logo você, que sempre foi gentil conosco e depois da morte dele passou tanto tempo para se relacionar com outra pessoa, mesmo tendo ficado viúva tão jovem. Peço que nos perdoe, Lim.

Isso não é o que eu esperava ouvir, nem em um milhão de anos, fico sem palavras e acabo demorando um pouco para responder.

— Bom. Er. Eu não tenho nada do que perdoá-los, eu perdi o marido, mas vocês perderam um filho, o único que tinham e fui culpada, estava dirigindo um pouco desatenta e...

— Não querida, você não teve culpa, não mesmo, estava chovendo e foi o outro carro que bateu em vocês, não se culpe mais!

Não esperava ouvir isso do Sr. Albuquerque, ele pega minha mão e congelo.

— Achamos maravilhoso você ter feito essa homenagem a ele, o que queremos é que aceite, por favor, o dinheiro da venda dos imóveis, uma vez que não temos mais ninguém e possuímos mais dinheiro que o suficiente para

vivermos.

Se bem me lembro, eles realmente têm uma boa situação financeira, tanto que, mesmo meu pai sendo médico também, sempre me senti desconfortável na casa estonteante que eles possuem aqui em Bom Sossego. Sempre acreditei que eles possuem muitos imóveis espalhados por aí.

— Er, eu acho que não... — Não é porque eles não precisam que eu deva ou vá aceitar.

— Por favor, Lim, faça assim, considere-o como sendo o nosso presente para o pequeno Caio, mesmo sem conhecê-lo já é muito querido por nós, você pode investir para o futuro dele, só aceite, nos fará um bem inenarrável.

Não quero aceitar, permaneço relutante, nunca quis nada além do amor do filho deles, porém depois de muita conversa acabo cedendo e aceito o 'presente' deles para o Caio. Foi bom conversar com ambos, afinal, são os únicos que sentiram uma dor como a minha.

— Algum dia poderemos conhecê-lo, quero dizer, o seu filho? — Acho que não estou pensando direito pois concordo.

— Oh! Claro, se tiverem com tempo, podem vir comigo até em casa, sei que meus pais adorariam revê-los. — Isso é verdade.

— Claro, faz anos que não vejo meu amigo Jorge, você poderá rever a Laura, Cecie. — Ele chama a esposa assim de uma forma muito carinhosa, o que me faz pensar que esse hábito de apelidar o Caio havia herdado dele.

— Será maravilhoso! — Ela diz toda empolgada.

— Então vamos! — Olho o relógio e vejo que passamos mais de duas horas aqui, pego o celular na bolsa, porém vejo que está descarregado, mas se algo tivesse acontecido teriam tentado me encontrar.

Saímos do café e vamos para minha casa no carro deles já que fui deixada sem carro essa tarde e pela primeira vez em anos sinto que um grande peso começa a ser retirado das minhas costas.

Ethan 7

Entro no carro e me dirijo ao consultório de Álvaro, torcendo para que

possa pegar minha mulher ao fim da sua consulta, quem sabe até levá-la para algum lugar, fazemos nossa própria despedida de solteiro aos poucos, toda noite nos despedindo um pouco até o casamento que acontecerá dentro dos próximos quinze dias.

Agora que resolvi a primeira crise com Caio, Laura me ligando para saber se já estava com Lim, me deu a dica do que pode acontecer quando estivermos em lua de mel, por sorte tenho uma mulher precavida no que diz respeito ao bem-estar do nosso filho.

— Álvaro? — Chamo assim que o vejo sair da clínica, má notícia para mim, cheguei atrasado, não importa, posso dá um jeito de ficar a sós com ela mais tarde.

— Ethan, o que faz aqui, pensei que estaria...? — Ele para a pergunta no meio e ri, aí tem e com certeza minha linda noiva está envolvida.

— Vim buscar a Lim, Gia me ligou mais cedo dizendo que tinham deixado ela aqui e voltaram para casa, como ela está sem carro resolvi aparecer, mas cheguei tarde pelo que percebo.

— Sim, há quase duas horas que ela saiu daqui, já deve estar em casa.

— Então a consulta foi rápida? — Sondo.

— Se está tentando saber se eu liberei sua noiva para fazer certas coisas, sim fiquem à vontade, peço apenas que tomem cuidado a partir de agora, um cesariana exige certos cuidados, um deles é que a paciente tente evitar uma nova gestação pelos próximos dois anos, isso garante maior segurança e no caso de Lim, foi uma gravidez bem complicada, esperar é uma boa dica!

— Pensei que ela faria a aplicação aqui, antes de sair?

— Ela fez, mas digo ao longo prazo, tente lembrá-la, porque ela as vezes esquece as coisas.

— Pode deixar, nos vemos amanhã? — Teremos plantão juntos, como todas as quintas-feiras.

— Claro, até amanhã!

Volto para o carro e dirijo até em casa, meu corpo ansiando por estar

com minha mulher novamente, faz muito tempo, muito mais do que pensei que aguentaria, não que um dia tenha sido viciado em sexo, longe disso, mas me viciiei em Lim, no seu cheiro, seu corpo, a forma como ela suspira quando está chegando no limite do clímax, como me olha com olhos brilhantes e sussurra meu nome perdida nas sensações.

Balanço a cabeça rapidamente, para afastar as imagens que minha mente evoca, não posso entrar na casa dos meus sogros com uma excitação evidente assim, precisarei ter um pouco mais de calma e controle.

Desço do carro e entro em casa, olho em volta e vejo Laura subir com Caio adormecido no colo, sorrio e aceno para ela, então Gia está parada na minha frente com uma expressão inquisitiva, meu primeiro pensamento é que não consegui baixar a barraca que se formou na minha calça, olho para baixo e nada, está normal.

— O que foi, estou sujo ou...?

— Onde está Lim? Ela deveria vir com você. — Ela deve estar de brincadeira.

— Ela saiu faz um bom tempo do consultório, já deveria estar em casa.

— Bom, aqui ela não está! — Ela tenta soar leve, mas a sua fisionomia não deixa negar que está preocupada, assim como eu acabo de ficar, passo de excitado para desesperado em questão de segundos.

Capítulo Trinta e Oito

Helida 🐾

Ao chegarmos em frente à casa dos meus pais, percebo que há uma certa movimentação dentro de casa, meu coração dispara, imediatamente penso que algo aconteceu com meu filho, saio do carro e entro em casa quase correndo quando me deparo com um Ethan que está claramente agitado, gesticulando para Gia.

— Como assim, aqui ela não está? Falei com o Álvaro há pouco, ele disse que faz tempo que ela saiu, será que...

— Não aconteceu nada! — Falo entrando na sala. — Estou bem aqui!

— Lim! — Seu rosto preocupado imediatamente suaviza a expressão ao me ver, Gia sorri e se retira sorrateiramente. — Onde você esteve, *baby*, fiquei tão preocupado.

Ele me abraça e beija, me levantando um pouco para não ter que se curvar, só então lembro dos Albuquerque lá fora, olho para ver se entraram, mas não.

— Ethan, ponha-me no chão!

Peço com carinho e logo o faz, vejo minha mãe descendo as escadas e anuncio.

— Mãe, espero que não se importe, mas trouxe visitas para o jantar. — Como deixa, eles entram e todos na sala os fitam, meu pai é o primeiro a se pronunciar.

— Carlos e Cecile Albuquerque? É uma surpresa tê-los aqui depois de tanto tempo! — Meus pais como sempre se mostram muito cordiais e os cumprimentam.

— Desculpe-nos por chegar assim sem avisar, é que queríamos falar com a Helida. — Ethan me olha e balanço a cabeça, levanto a sobrancelha como se dissesse “nem te conto” e ele assente. — Ela nos convidou e aqui estamos!

— Não se preocupe, Carlos, vocês são bem-vindos, vamos, entrem! — Eles seguem para a sala de jantar e fico sozinha com o meu noivo, que me olha com o olhar vamos-lá-desembucha.

— Como você deve ter percebido pelo nome, eles são os pais do Caio. — Espero que faça alguma pergunta, ele, no entanto, apenas me abraça novamente, sabe tudo o que passei.

— Está tudo bem? Você parece que viu algo muito inusitado. — Oh se vi e ouvi, ele me conhece melhor que ninguém, então não tem porque negar.

— Se vi, melhor ouvi, mas depois te conto, onde está o Caio, acho que ele estar com fome.

— Está lá em cima, dormindo como uma pedra, ainda bem que você deixou leite na geladeira caso contrário sua mãe teria enlouquecido.

— Ahhhhhh, ela saberia o que fazer! — Não consigo imaginar minha mãe tendo dificuldade em cuidar do Caio, eles se adoram.

— Sim, ela sabe, e fez! Ligou-me apavorada, não conseguia achá-la em lugar algum, seu celular estava desligado, então lembrei que você tinha comentado que deixaria, para o caso de a consulta demorar, o leite na geladeira. Expliquei para ela, que logo resolveu o problema. — Meu super-herói.

— Você foi até o Álvaro para me pegar, adivinhei? — Ele sorri e sei a resposta. — Vou subir, você vem também?

— Não, vou em casa falar com meus pais, você sabe que eles reformaram praticamente a casa toda, não é? está nos últimos detalhes, nossa casa será a mais segura possível para se criar um bebê. Vou lá ver se precisam de alguma coisa.

— Tudo bem, te espero para jantar?

— Claro!

Ele me dá um beijo no rosto e sai, subo as escadas quase correndo, quando chego no quarto vou direto ao berço ver meu menino, lá está meu pequeno milagre, em um sono sereno, sem saber que só por existir conseguiu que um grande peso fosse tirado das costas e consciência da sua mãe, acarício

sua face e vou tomar um banho antes que ele acorde. Ao sair do banho encontro uma cena um tanto inesperada.

— Cecile? — Pois é, ela está bem no meu quarto com o Caio no colo, o olha com tanto carinho que minha garganta aperta com as lágrimas que não deixo que saiam.

— Desculpe-me, é que não resisti, sua mãe e seu noivo disseram que eu podia subir. — Ela parece constrangida.

— Não tem problema, ele é lindo, não?

— Oh sim, perfeito, acho que nunca vi um bebê tão lindo e tem esse olhar, é encantador, parabéns! — Posso sentir a sinceridade em suas palavras.

— Obrigada, então você conheceu o Ethan, o que achou dele? — Não que a opinião dela importe muito, mas é bom ouvir.

— Já conhecia os pais dele, e ele é um sujeito decente pelo que percebi, fico feliz por você, querida!

— Eu que estou feliz, por enfim tê-los aqui Cecile, de verdade, vocês não fazem ideia de como isso é importante para mim, para o Ethan também, ele sempre ficava um pouco receoso de tocar no assunto, porém, sei que isso o preocupava, um pedaço do meu passado que não tinha sido resolvido, tinha medo que pudesse atrapalhar nosso futuro.

— Agora que resolveu, espero sinceramente que vocês sejam felizes, sei que o meu Caio iria querer isso para você, acho que enfim ele foi em paz, agora que tudo está bem entre nós. — O meu pequeno resmunga, sei que deve estar com fome, o pego e ele sorri para mim, como sempre acontece.

— Ele está com fome? — Ela pergunta encantada com suas covinhas lindas.

— É, é um verdadeiro bezerrinho, come muito bem, depois fica fazendo essas gracinhas.

— Percebi! — Ela está sorrindo também.

Enquanto o amamento ficamos conversando sobre como temos passado os últimos seis anos e me vejo falando como um relógio que você dá corda para ele funcionar.

Conto como era difícil o simples ato de sair da cama toda manhã e encarar o dia depois do acidente, como conheci o Ethan e da implicância que tinha com ele, como ele sempre esteve comigo quando precisei, falei do acidente e o sonho com o Caio e como isso me ajudou a voltar do coma.

Também revelei o medo que senti antes do nascimento do bebê e da dor que isso causava, em contrapartida, ela também me falou da dor dela quando o Caio morreu, como foi importante ter o marido ao seu lado dando força, de como foi difícil tomar a decisão de vender a casa que ele preparou para nós com tanto carinho, foi uma conversa muito agradável.

Termino de amamentar e trocar o Caio, descemos para o jantar onde todos nos esperam e me sinto bem mais leve, essa conversa serviu para tirar de vez qualquer peso que ainda pairava em mim.



Pouco depois do jantar, nos despedimos dos Albuquerque que prometem voltar para o casamento, logo que saem subo para colocar meu anjinho para dormir e descansar um pouco. Claro que Ethan vem comigo, as vezes parece que ele tem um fio o conectando ao filho, o que o faz ainda mais adorável.

Como acontece sempre na hora de dormir, Caio fica fazendo gracinhas para evitar o sono, rola, sorri e faz esse barulho característico de bebês nessa idade, Ethan fica rindo e brincando até que o cansaço o vence e enfim ele dorme.

Coloco-o no berço, troco minha roupa por um pijama confortável e vou para cama, deito-me ao lado de Ethan que continua usando apenas sua calça jeans, sua camisa há muito foi jogada na poltrona ao lado da cama.

— Não vai colocar o pijama? — Pergunto brincando com o botão da sua calça, ele sorri da minha pergunta e me abraça.

— Vou, mas antes quero saber o que o Álvaro disse!

— Não falei ainda? Esqueci! — Faço cara de inocente.

— Sei! Então, como foi?

— Tenho certeza que você já sabe! — Ele me olha sorrindo. — Mas tudo bem, posso repetir, ele disse que estou ótima, como dizem pronta para outra.

— Não diga isso nem brincando, acho que já passei por minha cota de emoções fortes para uma vida toda só no último ano, está proibida de voltar a ter sequer uma gripe.

— Seu bobo, ele disse que estou liberada para curtir à vontade.

Ele sorri de forma travessa e passa a mão na minha cintura, vai descendo para minha perna, até que chega a minha panturrilha a puxando de repente, deixando-me em cima dele, encaixada no seu quadril e sem fôlego, não é o tipo de carinho que temos feito nos últimos meses, ele pega minha cabeça em suas mãos e me puxa para ele, colando sua boca na minha.

Perco a noção de tudo, só o que importa é o gosto da sua boca na minha, o toque das suas mãos na minha pele, ele rola de modo que fico por baixo, porém sustenta o peso do seu corpo com os cotovelos, em seguida me puxa novamente e estou sentada com ele de frente para mim, suas mãos levantam a bainha da minha blusa e automaticamente levanto os braços, ela vai fazer companhia a sua camisa, olho em seus olhos e vejo um desejo feroz e predatório neles, tenho que reunir toda minha força de vontade para segurar suas mãos quando ele segura no cós do meu short para tirá-lo, como regra geral é ele quem sempre para os nossos beijos, não eu.

— O que foi, você não quer? Pensei que não via a hora? — Pergunta surpreso.

— E não vejo mesmo, só que está tão perto do casamento, quero esperar, só mais um pouquinho.

— Tem certeza? — Não, nenhuma na verdade.

— Sim, tenho, não me olhe assim, senão, não resisto. — Ele está me olhando tão assustadoramente sexy que deito de bruços para não ficar vendo seu desejo carnal.

— Tudo bem, o que você quiser! — O desgraçado está rindo de mim e puxa minha perna me virando para me dar mais um beijo.

Vai até o armário tira a calça, a box e começa a tarefa de colocar o pijama, muito devagar, me provocando, fico aqui feito boba o observando encantada e agradecida por faltar tão pouco tempo para o casamento, caso contrário não aguentaria mais um segundo.

Capítulo Trinta e Nove

Helida 🐾

Assim como o tempo que passa rápido e inconstante, meu amor por ti só aumenta...

Olho para o cartão que veio acompanhado o lindo buque de lírios amarelos e sinto o já habitual friozinho na barriga, como era de se esperar os quinze dias que faltavam para o meu casamento passaram voando. Vi-me tonta no meio a tantas coisas, tantos são os detalhes.

E aqui está, o meu grande dia chegou, só de pensar o que terei pela frente, faz com que me encolha entre as cobertas, na tentativa de me acalmar.

Só que hoje não está funcionando e não dá para ficar assim por muito tempo, minha mãe e Gia estarão aqui a qualquer momento, sinto falta do Ethan ao meu lado para me dizer: *“Relaxe, só respire e logo tudo acabou!”*

Porém, como é tradição não podemos dormir na mesma cama na véspera do casamento, nem na mesma casa, ontem à noite Álvaro, meu pai, Henry e alguns outros caras saíram para a famosa despedida de solteiro dele, só aceitei porque meu pai foi junto e sei que não deixaria nenhumazinha chegar perto do meu noivo, não que não confie nele, não confio é nas mulheres quando olham para ele.

— Vamos, Lim, nada de preguiça hoje! Temos muito o que fazer mocinha, vamos! — Não falei que elas chegariam logo.

— Gianna, por favor me dê só mais dez minutos, não quero sair da cama, mãe por favor, fala pra ela. — Faço meu beicinho tradicional, minha mãe ri. — Obrigada mãe! — Digo sarcasticamente.

— Nada disso, filha, Gia tem razão, além do mais, os homens já foram todos expulsos de casa.

Olho ao redor, só então percebo que estou a sós com elas no quarto.

— Cadê o Caio? Está na hora dele comer. — Sinto-me meio tola por só agora perceber que ele não está aqui, que boa mãe meu filho foi arrumar!

— Também saiu, não se preocupe ele já comeu, Alice vai cuidar dele, querida. — Comeu?

— O que? — Pergunto verdadeiramente surpresa. — O que ele comeu?

— Achei que estava na hora dele começar a experimentar outras coisas, então dei banana amassada e adivinha, ele adorou! — Meu menino já está comendo.

— Sério? Eu não vi, que pena. — Se bem que eu já vinha pensando nisso, mas estive tão ocupada nos últimos dias. — Obrigado, mãe!

— Quanto a não ter visto, Ethan filmou, logo você verá.

— Só ele mesmo, é adorável meu noivo, não é?

— Sim, sim, sim! — Fala Gia com impaciência, ela tende a ficar mandona com eventos assim. — Ele é tudo de bom, mas agora vamos começar. — Ela me olha e faço que sim. — Primeiro vá tomar banho, e troque de roupa, as meninas do salão devem chegar logo.

— Tá legal, mas será que consigo algo para comer, estou faminta.

— Claro, filha, enquanto você se ajeita, pegarei seu café.

— Obrigada mãe!

Levanto e vou para o banheiro, torcendo para que a água diminua a tensão do meu corpo e me faça relaxar, nem que seja um pouco.

E tudo passa como um borrão, antes que me dê conta estou pronta para o grande acontecimento, me olho pela centésima vez no espelho para ter certeza de que tudo é real, em pouco mais de uma hora eu serei a Sra. Ethan Scott, Gia está linda no seu vestido de cor marfim, que ao mesmo tempo servirá de madrinha e dama de honra, assim como minha mãe.

Vê-la toda linda me faz perceber o que fez meu pai se apaixonar por ela mais trinta anos atrás. Não vi o Caio ainda, passar o dia todo sem meu menino me deixa ainda mais ansiosa.

— Lim, se não parar quieta vai estragar todo nosso trabalho de fazê-la a noiva mais linda que essa cidade já viu. — Gia deve ter dito isso uma cem vezes.

— Para você é fácil falar, não é você que sempre teve verdadeiro pavor de casamentos!

— Filha, não tem por que se preocupar, vai ser perfeito! — Queria ter a confiança delas.

— Mãe, por que me preocuparia, não é como se eu conseguisse dar dez passos sem tropeçar nos meus próprios pés, imagina usando esses sapatos, precisavam ser tão altos?

É obvio que não, mas como deixei essa parte nas mãos da Gia, ela fez tudo como queria, agora quem pode tropeçar e quebrar o pescoço antes de dizer '*eu aceito*' sou eu, e não posso mais fazer nada.

— Helida, não comece a mesma ladainha de sempre, este vestido está perfeito, a maquiagem e cabelo perfeitos e o salto é para que não fique tão menor que seu noivo no altar. Agora chega de reclamar, seu pai já está lá embaixo a sua espera, sei que é normal a noiva se atrasar, mas acho horríveis e deselegantes esses atrasos, nisso não seremos tradicionais, vamos!

— Rá-rá-rá, só você para me fazer rir, quando mal consigo pensar direito, vamos sim, mais pronta que isso não vou ficar. — Nem em um milhão de anos eu ficaria calma o suficiente.

Não é fácil descer as escadas sem cair de tanto que minhas pernas tremem. Deixo para levantar os olhos somente quando chego ao último degrau, ergo o meu olhar e vejo meu pai, no que ele chama de roupa de pingim, ao pé da escada visivelmente emocionado.

— Minha princesinha! Você é sem sombras de dúvidas a noiva mais linda que já vi! — Ele vira para minha mãe. — Desculpe querida, mas é verdade. — Ela o abraça e sorri, sei que também concorda com ele, são meus pais, o que mais poderiam dizer?

— Obrigada a vocês dois, por tudo, mãe, vamos senão nos atrasaremos e não sei se aguento essa tensão por muito mais tempo.

— Isso mesmo, não façamos o pobre Ethan esperar mais, ele deve estar a ponto de ter um ataque cardíaco.

Respiro fundo ao entrar no carro, acho que nem consigo ver se estamos

mesmo no caminho certo, só o que penso é que Ethan estará lá, à minha espera. Repito isso para mim mesma durante todo o trajeto, quando chegamos isso é tudo o que preciso para não paralisar quando as portas da igreja são abertas e uma música suave, começa a ser tocada, Gia pega a deixa e faz sua entrada, meu coração dispara esperando o meu grande momento.

Ethan

— Se você der mais uma volta dessas, o chão da igreja terá danos permanentes, acalme-se, filho, ela deve estar para chegar, atrasos são normais para as noivas!

Sei que meu pai deve ter razão, no entanto, convencer minhas pernas a ficarem quietas não tem dado certo, olho o relógio mais uma vez, apenas para constatar que não passaram sequer cinco minutos desde a última vez que conferi o horário.

— Posso garantir que no seu casamento estava tão nervoso quanto eu!
— Implico com ele, toda forma de distração é bem-vinda.

— Sim, estava, mas tudo valeu a pena, quando ela adentrou a igreja e olhou nos meus olhos, tudo que pude pensar foi quão sortudo sou, por ela ter me escolhido entre milhões de outros caras no mundo.

Tento imaginar meus pais anos atrás, dois jovens apaixonados, pouco depois do término da faculdade, decidindo que viver uma vida juntos, é o que queriam, meu pai nervoso, mas ainda assim ali, firme e determinado, olho para o banco da frente onde minha mãe está sentada com meu filho no colo, ele sorri e agita suas mãozinhas para mim, aceno de volta e me concentro no seu rostinho pequeno, respirando fundo. Caio é elo maior que me une a Lim, aquele que nem a morte teria forças para desfazer, nosso bem maior, nosso milagre.

Não aguentando muito mais a ansiedade, vou até ele, o pego no colo e inalo seu cheiro suave, funciona, como nada mais funcionou, talvez por ser a prova física do amor que sinto pela garota que está para entrar pela grande porta e tornar-se minha esposa para todo o sempre.

Uma movimentação na entrada chama minha atenção, logo vejo Gia se preparando fazer o trajeto até o altar, beijo o rosto do meu filho e o entrego

a minha mãe, bem a tempo de me posicionar no altar mais uma vez e ver todos ficarem de pé para contemplarem o esplendor que é minha futura esposa, prestes a entrar na igreja.

Meus olhos já não se desviam mais dela, mesmo enquanto olha para o lado como se estivesse analisando a decoração, depois conversa com seu pai. Não sou capaz de desviar a atenção da mais bela de todas as mulheres e imploro silenciosamente que ela erga o rosto para que eu possa ver o seu lindo olhar.

Quando a marcha nupcial começa a tocar, ela entra na igreja, guiada pelo pai, então ergue a cabeça e seu olhar trava com o meu, nesse momento todo o resto torna-se secundário, ela é o centro de todo o universo para mim.

Helida 🧡

Olho em volta maravilhada com o talento da minha melhor amiga em organizar um casamento, mas não vejo se tem muitas flores ou se a igreja está lotada, não sei se consigo sequer levantar o olhar e prestar atenção a todos olhando para mim, é uma das muitas vezes que passaria despercebida sem reclamar.

— Pai? — Minha voz sai esganiçada, não é bom sinal.

— Sim, meu bem!

— Por favor, me puxe caso eu trave e não saia do lugar! — O que é bem provável.

— A levarei nos braços se precisar! — A marcha nupcial toma o lugar da música anterior, sei que é nossa deixa, entramos e tudo que posso pensar é:

1— Nossa, quanta gente! Conheço mesmo todas essas pessoas?

2— Meu Deus, estão todos olhando para mim, preciso me esconder o mais rápido possível.

Não quero tirar o olhar do chão, no entanto, sei que é o certo. E não me arrependo quando o faço, ele está lá como previsto, lindo de viver, sorrindo como se estivéssemos só os dois de volta a nosso lugar favorito, o alto do Morro Romeu e Julieta onde acampamos, quando nossos olhares se

encontram todo medo, insegurança e ansiedade deixam meu corpo, agora meus passos já não são rápidos o suficiente, tudo que quero é estar ao seu lado e segurar sua mão.

Quando meu pai, no gesto tão antigo me entrega a ele, sinto que estou finalmente em casa, no meu porto seguro. É quando percebo que estou chorando assim como ele também está e a não ser, por nosso filho no colo de Alice, não vejo mais ninguém, somente ele, perco-me no brilho dos seus olhos cinzentos.

Na hora dos votos eu mal consigo recitar direito, é preciso reunir toda minha coragem para declarar a todos o meu amor.

— *Muitos dizem que amar é algo complicado e difícil, para outros chega a ser uma tarefa impossível, eu fui um desses descrentes. Mas, desde que o conheci, vejo o amor de outra forma, ele não é complicado, somos nós que o complicamos, ele nos enche de vida e vontade de viver, com você aprendi que não preciso de grandes esforços para ser feliz, ao seu lado isso torna-se simples como o ato de respirar, desse dia em diante serei sua esposa, amiga, companheira, confidente e tudo o que você precisar, não te dou meu coração pois já o tem, levarei seu nome e guardarei nosso amor para sempre ou enquanto eu viver!*

Quando termino respiro fundo, pronto, agora todos sabem o quanto o amo, fico o admirando encantada enquanto recita os seus votos.

— *Se me dissessem que me mudar para uma cidade pequena, seria tão produtivo, eu teria chamado esse alguém de maluco, se eu pudesse adivinhar que acordar todo dia e olhar o mais claro dos céus enquanto escuto você suspirar em seu sono e isso traria a paz que preciso, eu teria vindo antes para cá. Estive buscando por muito tempo uma parte de mim que nem sabia que faltava, somente quando olhei nos seus olhos me senti inteiro de verdade. Você é a melhor parte de mim, minha força, minha paz, meu refúgio, te encontrar foi uma benção, te perder seria minha destruição, juro que te amo mais hoje do que amei ontem, e prometo que te amarei ainda mais amanhã e assim consecutivamente, meu coração é seu, minha vida é sua, eu sou seu e serei para sempre ou enquanto eu viver.*

Decidimos por não dizer os votos tradicionais, assim fazemos nos mesmo nossa promessa de amor eterno um para o outro.

Já estamos em nossa bolha particular de felicidade, onde não cabe mais ninguém, além do nosso filho, estou perdida no seu olhar intenso que me diz, mais do que mil palavras seriam capazes, o quanto me ama.

Quando o padre faz a pergunta crucial, digo em alto e bom som "*EU ACEITO!*" Nem um pouco sufocado, quando chega sua vez, ele diz com júbilo de alegria que sim, me aceita como a sua esposa, para tudo que a vida nos tem reservados.

Não esperamos pelo famoso *Já pode beijar a noiva*, assim que trocamos as alianças, estamos um nos braços um do outro, enquanto os convidados aplaudem, agradeço silenciosamente a Gia ter escolhido esse sapato, assim não preciso ficar nas pontas dos pés, nem ele precisa se curvar tanto, só noto realmente os convidados quando o beijo acaba e ele nos vira para sermos, mais uma vez, aplaudidos pela nossa família e amigos.

Os primeiros a nos abraçar são nossos pais, assim que Alice me abraça pego meu menino no colo, ele está lindo de roupa social, uma calça social cinza, camisa branca, gravata e colete combinando com a calça que é quase da cor dos seus olhos, a roupa feita sob medida igual do pai.

Não sei se aguento mais felicidade do que a que estou sentindo agora, parece que toda a felicidade de todas as pessoas do mundo, foi reservada nesse dia para nós, em nossa pequena— grande bolha.

Sempre que olho para meu adorável marido, vou me acostumar fácil a chamá-lo de meu, sinto crescer dentro de mim a emoção por saber que alguém tão lindo, carinhoso e gentil será para sempre meu, essa mesma emoção está estampada no seu rosto.

Em momento algum depois que dissemos sim, suas mãos me soltam, estão sempre em mim, como se ele precisasse me tocar para ter a certeza de que o que estamos vivendo é real.

Capítulo Quarenta

Helida 🐾

Durante a festa, novamente somos abraçados pelos nossos convidados, como manda a tradição colocamos bolo na boca um do outro, dançamos a primeira dança ao som de *Carinhoso* de *Pixinguinha*, em seguida com nossos familiares, com o Ethan sempre me reivindicando de volta a cada vez que acabava uma dança.

Joguei meu buquê com uma precisão tremenda, diretamente nas mãos da Gia, que vai ao encontro de um sorridente Álvaro. Logo que ele pega minha liga que é tirada da minha perna pelos dentes de Ethan, o que me levou a quase ter uma síncope e ao limite de corar, mas como diz a Gia, é tradição, tem que se respeitar!

No meio da festa me retiro um pouco para amamentar o meu pequeno, estive muito pouco com ele de tanto que estava sendo paparicado, passando de braço em braço e o danado estava gostando.

Assim que termino de trocar meu pequeno galã, meu marido entra, não consigo conter o sorriso que surge toda vez que penso nessas duas palavras juntas como adjetivo para Ethan, ele sorri de forma travessa, cheio de promessas libidinosas que causam um verdadeiro incêndio dentro de mim.

— Oi! — Ele diz baixinho, pois o Caio está cochilando no meu colo.

— Ele está cansado, tadinho. — Eu rio para ele. — Passou o dia que como um homenzinho só agora que mamou.

— Minha mãe adorou passar o dia com ele e como ele vai passar o fim de semana com eles, então, já estará acostumado, como está com os seus pais, quando os meus pais forem ele não sentirá tanto a mudança.

— Eu sei, ainda assim me sinto culpada em sair e deixá-lo. — Esse foi um ponto de muita reflexão entre nós, se deveríamos ou não o lavar na nossa viagem, porém, como sempre a Gia veio para clarear a situação, nos dizendo que estava fora de cogitação, ele seria muito bem cuidado pelos avós e sua

madrinha, além do mais, era justo termos esse tempo só nosso depois de tudo que passamos nos últimos meses.

— *Baby*, não quero apressá-la, mas está na hora, temos que nos apressar ou vamos nos atrasar!

— Tem razão, me ajuda a colocá-lo no berço? — Quero que ele sinta que seus pais o amam, mesmo ficando fora por uma semana.

— Claro! Pela primeira vez ele vai dormir no quarto dele.

É verdade, me esqueci desse detalhe, quando voltarmos de viagem vamos direto para minha nova, antiga, casa. O quarto do Caio, ficou lindo, o Henry é realmente um arquiteto e tanto e junto com Alice que é *designer* de ambientes, deixaram o quarto prático e seguro, faço um pequeno tour pela casa, já que está tudo diferente, até que chego ao nosso quarto e sinto algo parecido com o pânico de estréia ao ver a linda cama com dossel bem no meio, com uma muda de roupa deixada lá pela Gia.

“*Não vá entrar em pânico agora!*” Repito para mim mesma mentalmente. Rapidamente mudo de roupa, agradecida pelo zíper do vestido ser na lateral, assim não preciso de ajuda, desço as escadas e ele já está à minha espera com nossas malas.

— Pronta para ir, Sra. Scott?

— Sim, Sr. Scott! — Ele estende a mão, a pego o mais rápido possível, é como se dependesse do toque de suas mãos em mim para conseguir respirar.

— Você quer sair de fininho, ou vamos nos despedir de todos? — Pergunto.

— Não, acho que se ficar aqui por mais tempo posso desistir e vamos passar a nossa lua de mel no nosso quarto mesmo, minha mãe já deve subir para ficar com ele. — Como deixa Alice e minha mãe entram sorrindo. — Mãe, Laura, estamos de saída!

— É bom mesmo, senão, vão perder o voo de vocês! — Minha mãe fala com lágrimas nos olhos.

— Foi muita generosidade dos Albuquerque mandar o helicóptero para

levá-los até o aeroporto de Teresina. — Esse foi outro presente dos meus ex sogros, que não tivemos como recusar, uma vez que conseguir dizer não a eles é quase impossível. — Vão, se apressem, não se preocupem com nada, nosso menino será bem cuidado.

— Ah! Disso eu não tenho dúvidas, Alice, acho que ele nem vai sentir minha falta! — Espero que eu esteja errada quanto a isso.

Olho para Ethan e ele revira os olhos e balança a cabeça em direção a porta, sorrio e saímos de fininho rindo como dois adolescentes fugindo para uma festa no meio da noite, sempre estou sorrindo quando estou com ele.



— Nunca vou conseguir entender o senso de cronometragem de Gia!
— Digo admirada, ela planejou tudo muito bem, depois de sairmos exatamente as quinze para as oito. Chegamos em Teresina com tempo, o que me faz pensar um pouco, bem, muito, nas possibilidades de para onde vamos, Ethan está guardando nosso destino como se fosse o segredo do Saint Graal.

— Ela é um relógio ambulante, ainda bem, do contrário não teríamos chegado com tempo!

— Você não vai mesmo me dizer para onde estamos indo? — Faço meu melhor beicinho.

— Não. Nem faça esse beicinho lindo, não vou dizer e ficar fazendo essa carinha só faz com que fique ainda mais linda! — Ele pega minha mão e me puxa para um beijo de tirar o fôlego.

Na hora de fazermos o *check-in* e chama a atendente de lado e conversa baixinho mostrando nossas passagens em seguida aponta para mim e sorrir, *não* irá dizer mesmo. Nos dirigimos para sala de embarque, vou dizer, estou exausta, espero que possa descansar um pouco no avião, senão minha noite de núpcias estará cancelada.

— Belo Horizonte! Eu conheço, fui para... — Calo-me quando ele nega com a cabeça, deve ser só uma escala.

— Venha, vai poder descansar!

Já passa da meia noite quando o avião começa a taxiar, me aconchego em Ethan assim que o comandante avisa que já podemos soltar o sinto.

Acordo com o pouso suave do avião no Aeroporto de Confins para nossa conexão. Felizmente não temos que esperar pelo próximo voo, já estou bem sentada na aeronave com destino a Porto Alegre, sempre quis conhecer o Sul do país, nunca tive ambição de viajar para outros países, salvo fazer um ano de trabalho voluntário na África, porém nunca levei muito a sério esse plano. Já o Brasil me encanta, tenho vontade de conhecer até aqueles lugares que não estão no mapa, é minha Terra.

Dormi pelas últimas duas horas e meia, chegamos no Aeroporto Salgado Filho, ainda com um céu escuro. Sei que no Sul o dia demora um pouco mais a amanhecer, mesmo assim para mim é estranho, em casa o sol nasce antes das cinco, estou um caco, só quero chegar no hotel e dormir.

Quando penso que Ethan acabou com os joguinhos, ao invés de irmos ao balcão de aluguel de carros, vamos direto para o estacionamento de mensalistas, tira uma chave que eu não sabia que tinha no bolso e aperta o botão do alarme, que faz piscar as luzes de um lindo Mercedes, eu fico sem saber o que dizer, será mesmo?

— De quem é esse carro, Ethan? — Nunca me passou pela cabeça que ele possa ter muito mais dinheiro do que eu, é certo que ele viveu confortavelmente quando ficou sem trabalhar, quando o questionei, fez pouco caso.

— Do meu pai, o senhor que cuida da casa dele aqui no Sul o deixou aqui ontem! — Aqui no Sul? É, acho que não sei nada sobre minha nova família.

— Não vamos para um hotel?

— Não, *baby*, teremos mais duas horas de viagem!

— Sério? Posso ao menos saber onde acaba essa viagem? — Acho que estou começando a me cansar disso.

— Termina com você nua em meus braços, na cama. — Olho feio para

ele, o cansaço está afetando meu humor, que já não costuma ser muito festivo.

— Ei, tudo bem, vamos para Gramado! — Enfim, ele revela, enquanto saímos do estacionamento. — Meus pais têm uma casa lá, sempre que podem estão aqui pelo sul, mas com a gente morando no Nordeste e agora o Caio, acho que virão aqui raras vezes.

Meus sogros tem uma casa de férias em Gramado? Realmente não fazia ideia. Mas, sorte a nossa, ouvi dizer que lá é perfeito para se curtir um romance.

— Você vai gostar muito, faz alguns anos que não venho aqui, mas sei que a cidade só tem crescido com o turismo. Um dia também quero levá-la a Petrópolis, dessa vez com o Caio junto.

— Então tá, Petrópolis, nossa próxima viagem! Bocejo cansada.

— Está cansada? — Balanço a cabeça confirmando. — É uma pena, pensei que eu curtiria a mulher mais linda que meus olhos já viram quando chegássemos lá. — Sua cara de falsa decepção é a melhor de todas, o fogo que há em seu olhar faz meu corpo acender e esqueço de todo o cansaço.

— Não se preocupe quanto a isso, ela estará pronta para ser curtida, não tenha dúvidas! — Em troca ganho seu sorriso especial para mim. — Quer dizer que sou a mulher mais linda que já viu?

— Lógico! Por que acha que casei com você? Tive que me certificar de que mais ninguém iria desfrutar do prazer de chamá-la de minha!

— Seu bobo! — Fico olhando a paisagem deslumbrante do Sul do país, que com nascer do sol começa a aparecer, é tudo muito encantador, amo cada pequeno detalhe e fantasio quando traremos nosso filho aqui.

Acho que acabei cochilando um pouco, a próxima coisa que vejo é uma casa de conto de fadas, ela está centralizada bem no meio de gramado impressionante e cheio de rosas, amo logo de cara, é afastada de tudo, daqui não dá para se ver a próxima casa, com estilo colonial que só vi quando fui a um congresso de medicina na Alemanha há quatro anos. Ethan abre minha porta e me ajuda a sair do carro, espero que ele pegue nossas malas mesmo estando um pouco frio.

— Venha aqui, Sra. Scott, tenho que entrar com você no colo. — Largando tudo na entrada, me pega no colo, abre a porta e entramos, vejo de relance que tem uma lareira na sala e é bem espaçosa, porém, não quero pensar e nem consigo com ele me segurando tão perto dele. Subimos uma escada e passamos por algumas portas até chegar no quarto onde ficaremos. Ethan me põe no chão, porém, não me solta.

— Vou pegar as malas, já volto! — Olhando para trás a cada dois passos, ele desce em busca das malas que foram largadas de qualquer jeito na entrada, não é preciso muito esforço para adivinhar o que se passa por sua cabeça, o que deixa meu estômago com milhares de borboletas. Nem percebo que fiquei parada na porta sem me mexer até que ele volta, tirando-me da paralisia momentânea me levando para dentro do quarto.

— Está cansada? — Na verdade, estou, mas não vou estragar nossa noite, melhor, nossa manhã de núpcias, estou é cansada de esperar por esse momento.

— Não! — Olho maravilhada, as cortinas pesadas e escuras fazem parecer que ainda é noite dentro do quarto, a iluminação vem de minúsculas luzes espalhadas em volta da enorme cama de madeira escura que está no meio do quarto e decorada com pétalas de rosas vermelhas que contrasta com o branco do lençol, parece que estou fora da Terra.

O quarto tem um ar de magia, como se de uma hora para outra tivéssemos entrado num universo paralelo ao nosso redor, por toda parte um cheiro agradável de lavanda fresca enche o ambiente, minha respiração se suaviza entrando no clima de contos de fadas

Sei que é hoje, aqui nesse lugar mágico com meu príncipe encantado que começará o nosso felizes para sempre.

Ethan está tão quieto ao meu lado, que por um momento penso que estou sozinha, dou um passo involuntário para trás e encosto no seu corpo, logo sinto seus braços me envolvendo.

— Você gostou? — Noto um toque de insegurança na sua voz, como não gostaria?

— Ethan, está perfeito! — Viro-me para que possa olhar nos seus

olhos, sempre o que o faço encontro meu porto seguro. Antes mesmo de pensar o puxo para mim com tudo, o beijo com paixão, enterrando as mãos nas suas costas, quero sentir seus músculos sob meus dedos, o quero com uma urgência desenfreada, porém ele toma o controle da situação fazendo com que eu vire de costas novamente.

— Quero fazer tudo direitinho. — Ele sussurra e morde o lóbulo da minha orelha me fazendo derreter contra seu corpo. — Primeiro, Sra. Scott, vou livrá-la desse seu belo, mas desnecessário vestido.

Tremo quando ele suavemente afasta meu cabelo e começa a abrir o zíper do meu vestido bem devagar, parando propositalmente, depositando beijos ao longo da minha coluna.

— Você é linda, minha mulher, eu amo você! — Com o vestido aberto ele o faz deslizar pelos meus braços, e estou livre dele, Ethan me pega no colo para me levar leva até a cama me colocando sentada com cuidado.

Fico maravilhada como ele consegue ser tão delicado, atraente e sexy ao mesmo tempo, o puxo pelos passadores do cinto e bem devagar desabotoo sua camisa de baixo para cima, um botão de cada vez, sinto sua respiração acelerando a cada vez que toco a ponta dos meus dedos em sua pele, logo não suporto mais, o desejo abrasador me consome por dentro, me coloco em pé, beijo seu ombro, pescoço, queixo. Vou beijando e mordiscando até chegar em sua boca.

Oh! Como é bom sentir o gosto da sua boca, o sabor do meu marido, amigo, parceiro, meu homem.

Ele parece estar se deleitando tanto quanto eu, suas mãos sobem e desce pelo meu corpo enquanto nossos beijos se aceleram e tenho urgência, quero mais, até que o ar que me falta entre tantos beijos.

— Eu amo você, Ethan! — Consigo dizer quando sua boca deixa a minha, e vai descendo pelo meu corpo em direção as partes mais sensíveis.

— Eu também te amo, Lim, mais que tudo na vida! — Fala olhando nos meus olhos e acredito. — Seu amor é a minha força para segui em frente a cada dia, nunca mais vou deixá-la sair dos meus braços!

Sou tomada pela grandeza de um amor tão puro, simples, porém

enorme, ponho minha mão no seu rosto e trago sua boca a minha novamente.

A necessidade que sentimos um pelo o outro explode de uma vez por todas fazendo com que nos livremos das peças de roupa restantes, nossos corpos se conectando instantaneamente e assim nos amamos sem medo, receio ou preocupação, amamos com a certeza que podemos nos entregar por inteiro um ao outro, como prometemos, somos um do outro, duas partes de um todo.

Essa é como se fosse a nossa primeira vez, mesmo que já tenhamos feito amor, dessa vez é diferente, os toques, os sussurros e os beijos, alguns selvagens, com urgência dizendo que o tempo que temos junto não é suficiente; beijos suaves, para mostrar nossa adoração ao outro; selinhos com *"eu te amo, você é meu(minha) ou eu sou sua(seu)"* sussurrados, nos amamos por segundos, minutos e horas intermináveis, o tempo parou de fazer sentido, seus movimentos e investidas sendo correspondidos de perto por mim, nos corpos em perfeitas sincronia.

A esta altura já não tenho mais controle de mim mesma, estou entregue por inteira a ele, sinto também sua entrega a mim, mergulhamos junto num estado de êxtase, de onde não queremos sair para encarar o mundo real tão cedo, ou jamais, há apenas eu, ele e os movimentos ritmados dos nossos corpos se fundindo e nos levando ao limite, fazendo o nosso universo se fragmentar em milhões de pedaços, estamos em um mundo novo, só nosso.

Capítulo Quarenta e Um

Ethan 7

*É isso aí...
A vida tão simples é boa...
Há quem acredite em milagres...
Não me canso de olhar, não vou parar...
de e olhar!*

Ana Carolina e Seu Jorge

Olho para o meu milagre dormindo sobre o meu peito, seu ressonar suave, me traz uma sensação de paz, que nada no mundo é capaz de trazer, percebo quão longe chegamos, e como crescemos ao longo do caminho.

Minha mente relembra as imagens de mais cedo, como nos amamos, sua pele se arrepiando ao meu toque, seu sabor inigualável, seus suspiros que enchiam meus ouvidos, e me faz ainda mais sedento de desejo por ela, até pensei que não conseguiria parar, nem saciar a fome que sentia por tê-la assim, tão minha.

Então lembro do nosso começo, como tivemos que aprender a confiar, entender e dar o espaço que o outro necessitava para fazer nossa relação dá certo. Lembro-me das diversas vezes que senti vontade de beijá-la, dizer que a amava e me retrair, por medo de assustá-la, e quando aconteceu...

Bom Deus, eu não consegui mais parar, ela é simplesmente viciante. Uma verdadeira caixinha de surpresas, o tipo de garota que não sabemos bem o que esperar, mas que te deixa fascinado quando decide que é merecedor de desvendar os seus segredos, e me descobri refém dos seus olhares, sorrisos secretos, toques delicados, até mesmo o seu mau humor quase crônico, me tornei um bobo apaixonado, imagine só.

Um cara com quase vinte e nove anos, cair de amores como um adolescente imaturo, com ela revivi todas as emoções que há muito estavam adormecidas: paixão, desejo, possessividade, ciúmes, preocupação, perda, reconquista, vontade de viver, tudo! Lim me deu muito mais do que ela pôde

ver ou perceber, ela me deu uma nova vida, me mostrou um novo tipo de amor, por ela eu voltei a ter fé, voltei a amar.

E agora com ela deitada ao meu lado, sentindo o calor do seu corpo junto ao meu, penso que tudo que vivi, até mesmo as dores que senti valeram a pena, foi o meu caminho das pedras até o meu paraíso particular, que é estar com ela nos meus braços.

Suas pálpebras tremem, depois de horas de sono, não a culpo, a viagem e todo o sexo que tivemos realmente nos deixou exaustos, seus olhos abrem junto com o sorriso mais radiante que já vi, olho para a aliança no seu dedo e sinto meu homem das cavernas gritar eufórico de orgulho, pois todos agora saberão que ela é minha e não a deixarei escapar, nunca!

Helida 🍷

Quando se está no paraíso tudo que não queremos é abrir os olhos e descobrir que estamos vivendo apenas um sonho bom. Não quero acordar, não quero estourar a bolha, porém, é inevitável, para provar isso, meu estômago ronca, o que me faz rir.

— O que perdi? — Pergunta o meu lindo marido ao meu ouvido, rolo de lado para que possa ver seu amado rosto e como sempre acontece, suspiro só de pensar que essa pessoa tão linda, por um milagre divino é meu.

— Hummmm, o que mais séria? Meu estômago sempre faminto! — Sento-me, o quarto está escuro, mas não posso confiar nisso, pode ser qualquer hora do dia, as cortinas o mantem assim. — Que horas são?

— Quase seis da tarde! — Ele me dá um beijo na testa.

— Já? — Meu Deus, um dia inteiro na cama. — Dormimos o dia inteiro?

— Estávamos bem cansados, você sabe, o voo, o carro e tudo que foi feito depois. É de se esperar que passemos o restante do dia dormindo e que agora estejamos famintos. — Ele está com aquele olhar que me faz corar ao máximo. — O que foi?

— Nada! Por que a pergunta?

— Você está vermelha igual a um pimentão, já faz algum tempo que

aprendi a reconhecer certas coisas em você, vida minha, então me diga o que está se passando por essa cabecinha linda que você tem.

— Tudo bem! — Meu pai amado, o homem me conhece mesmo. — É só que, quando você me olha assim é... oool! — Suspiro para dar ênfase ao que digo.

— Você também, Lim, quando me olha assim e suspira, sinto-me o homem mais especial e sortudo do mundo.

— Por que é verdade, é o mais especial e a sortuda aqui sou eu! — Digo sorrindo, e ganho seu olhar de você-não-quer-competir-quer?

— Então somos os dois sortudos! Vem, vamos tomar um banho, podemos sair para jantar. — Sim! Jantar, mas antes algo mais importante.

— Antes de sairmos, quero ligar para casa e saber como o Caio está, já estou morrendo de saudades do meu menino, tomara que ele não esteja dando muito trabalho à minha mãe! — Pensar no meu filho traz um aperto ao meu peito, mesmo sabendo que ele está sendo muito bem cuidado, mas nunca fiquei longe dele, é compreensível.

— Eu sei que está tudo bem, não faça essa carinha, vem. — Ele pega minha mão me ajudando a levantar, apesar da fome e da vontade de ligar para casa, não quero sair da cama, quero prolongar nosso universo particular ao máximo.

Depois de um bom banho sento na cama para me certificar que tudo está bem em casa, ouvir os grunhidos do meu menininho pelo telefone fez meu coração apertar de saudade.

— Mãe, ele está comendo direitinho? Estou com tanta saudade, fala para ele que no próximo domingo à noite estaremos de volta, se bem que ele não entende, mesmo assim diga que o amo muito!

Falo enquanto ela me escuta pacientemente, Ethan sai do banheiro e perco a linha de raciocínio com ele usando nada mais que com uma toalha enrolada na cintura, deixando à mostra todo seu peitoral forte e acendendo em mim uma chama que é impossível ignorar.

— Mãe, tenho que ir, dá muitos beijos nele por nós, amo vocês!

— Como está tudo? — Ele pergunta enquanto vem até mim. — Passou sua ansiedade?

— Um pouco, ela disse que tudo está bem.

Não dá mais para falar, ele me beija e todo o resto fica esquecido, suas mãos começam a circular pelos meus braços, meus ombros e descem até a faixa do roupão, sei que deveríamos sair para comer, porém, tem uma fome muito mais urgente dentro de mim, puxo sua toalha e me maravilho com cada centímetro do seu corpo nu, minhas mãos sobem e descem por ele, cravo as unhas nas suas costas e ele geme junto a minha boca, não preciso de mais nada para ser feliz além do meu marido, meu homem, passo a língua por seu lábio inferior o provando e provocando.

Ele me toma de forma esplêndida, preenchendo-me por inteira, quando nossos corpos se conectam completamente, lembro-me vagamente do trecho bíblico que o padre recitou na cerimônia do nosso casamento. *“Eu sou do meu amado e o meu amado meu!”* Nada melhor para representar o que estou sentindo nesse momento de felicidade plena, nunca me senti assim, tão completa.



A palavra felicidade é pouco para descrever como tenho me sentido a cada momento que tenho passado junto a Ethan, desde que finalmente o aceitei em minha vida a felicidade tem batido a minha porta e mesmo tendo relutado em aceitá-la, ela nunca desistiu de mim, é em momentos como o que estamos vivendo agora que me pergunto por que insistia tanto em não me deixar viver tudo isso?

Cá estou eu, com o melhor marido, parceiro e amigo que poderia escolher para minha vida, jantando em um pequeno, porém, aconchegante restaurante, o clima está perfeito, dezenove graus para ser precisa, o que nos permitiu ficar com um pouco menos de roupa do que esperava, apenas o suficiente para nos manter aquecidos, devo confessar que estava receosa quanto ao tempo, apesar de estarmos no início da primavera, sei que essa

região é propícia ao frio, coisa que não sou lá muito fã. A comida, bem, não é segredo que sou fã da boa culinária italiana e a do sul do país é sem dúvida maravilhosa, parecemos adolescentes bobos, rindo a todo momento.

Após o jantar andamos um pouco, Ethan conhece toda a cidade, sempre vinha aqui com seus pais, pelo menos uma vez ao ano quando criança, o que é ótimo, pois tenho meu próprio guia turístico, por ser noite não vamos muito longe, passeamos pelo centro e com a garoa que começa, ficamos pela *Rua coberta*, mas espero poder conhecer muito mais durante o dia.

— Lembra quando foi você quem me levou para conhecer a cidade? — Ele ri ao lembrar, parece que se passaram mil vidas desde aquele dia.

— Sim, como poderia esquecer, meu pai praticamente me obrigou a ir! — Acho que devo um, obrigada pai!

— Lembre-me de agradecê-lo por mais isso, amanhã compraremos algo especial, pois sem a ajuda do meu sogro eu não a teria aqui comigo! — Recosto em seu corpo e ficamos admirando a vitrine de um antiquário, faço uma nota mental de passar aqui e comprar algo para minha mãe, ela adora antiguidades.

— Ele já é seu cúmplice, se você ficar o babando muito, daqui a pouco perco meu pai para você!

Faço meu beicinho tradicional, ele rir em seguida me beija o rosto, viro-me o e o beijo com vontade, pronto, nossa conversa e o roteiro para lua de mel ficam para depois, tudo que quero é voltar para casa e poder curtir mais e mais meu marido.

— Você quer andar mais ou já podemos voltar? — Pergunta adivinhado meus pensamentos.

Faço cara de pensativa, porém, olhar nos seus olhos ardentes de desejos e promessas de uma noite tão perfeita como foi nossa manhã, acaba com toda minha capacidade de tentar fazer brincadeira.

— Casa, por favor! — Seu sorriso em resposta é enorme, do tipo mil megawatts, segura minha mão e seguimos até onde o carro está estacionado, que graças à Deus está bem perto, não sei se aguentaria por muito mais tempo esse desejo abrasador que sinto por ele.

Em vinte minutos estamos em frente à casa, assim que abre a porta do meu lado me puxa para seus braços, rio por dentro em saber que o desejo descontrolado não é só meu, também não está imune a ele.

Deixo-me ser conduzida casa adentro por ele, sem jamais nos desgrudarmos, nossas mãos sempre tocando explorando, não vamos muito longe.

A sala com a lareira é o máximo que conseguimos ir na nossa urgência em estarmos novamente em conexão corpo a corpo, e mais uma vez nos amamos, com o fogo suave que sai da lareira não chegando nem perto de competir com o fogaréu que nos consome, e cada beijo, cada toque ou carícia que trocamos ao invés de abrandar só o faz crescer ao ponto de tomar conta do meu corpo. Não me importo com nada, quero ser consumida completamente por ele, pois sei que não estou só, nem nunca mais estarei.

Capítulo Quarenta e Dois

Ethan 7

Quando se está vivenciando seu paraíso particular, o tempo se torna seu pior inimigo, como que para te desafiar ele corre mais rápido do que você gostaria, o deixando com a sensação que horas foram segundos e reza para que ele pare, como estou fazendo agora, depois de uma semana maravilhosa, estamos nos despedindo da cidade de Gramado em um programa mais sossegado, nos últimos dias, visitamos praticamente todos os pontos turísticos daqui, começamos por um almoço na *Vinícola Ravanello*, onde pude apreciar minha linda esposa, encantada com todo o processo que leva da colheita da uva ao vinho que tomamos durante a refeição. Aliás, não consigo parar de repetir, minha esposa.

Entre visitas aos museus, antiquários, centros onde a cultura gaúcha é a principal atração, escolhemos o *Lago Negro* para nossa despedida, breve eu espero.

O ar europeu e a beleza ímpar com pedalinhos em forma de cisne, que me fazem lembrar das vezes que quando criança visitava o *Brasil* com meus pais e visitava a *Lagoa Rodrigo de Freitas* no *Rio*, tinha verdadeira paixão por esses pedalinhos, a ponto do meu avô paterno comprar alguns e colocar no lago da sua chácara em *Petrópolis*, para que não precisássemos mais descer a serra tantas vezes.

Agora olhando toda a beleza desse lugar acho que nada melhor do que renovar os nossos laços do amor.

Seguimos de mãos dadas pelos arredores do lago, não foi dessa vez que convenci Lim a pedalar comigo pela água. Sua desculpa de que está frio e se caíssemos no lago estaríamos em sérios apuros foi convincente.

Nenhum dos dois gostaria de pegar um resfriado em pleno final de lua de mel. Então, combinamos de voltar aqui no verão e fazermos o passeio adequadamente.

Avisto a pequena ponte de madeira e ponho em prática o que pensei.

— *Attraversiamo?* — Pergunto olhando-a nos olhos, que brilham ao ver que prestei atenção ao seu relato sobre um filme que assistiu na nossa última noite como solteiros, acompanhada da minha mãe, Laura, Cecile e Gia.

— Sì, per sempre, amore! — A levo ao início da ponte e deixo o sentimento falar por mim.

— Sim, amada minha, estaremos sempre prontos para atravessar, seja o que for, pois temos um ao outro e nada mais importa, não espero que sejam apenas dias perfeitos daqui para frente, seria chato e tedioso, pois foi nas dificuldades que nosso amor venceu. Foi quando a escuridão ameaçou nos tomar que a luz do que sentimos um pelo outro se intensificou, atravessasse comigo, *baby*, essa pequena ponte, que poderia muito bem ser uma metáfora para tudo que tivemos que enfrentar ao longo dos últimos meses, nossos medos, inseguranças e a nós mesmo, seja minha guia durante todo o caminho que temos pela frente.

Seus olhos estão lacrimejados, ela é tão linda, tem um sorriso encantado.

— Minha linda e preciosa joia rara, a mais corajosa das guerreiras, aquela capaz de dar a vida por quem ama, mas de coração frágil, que ao quebrar o concerto é quase impossível, não chore, nem que seja lágrimas de felicidade, sorria minha vida, quero trazer cada vez mais sorrisos ao seu lindo rosto, dance comigo?

— Aqui? Não há música, Ethan! — Sorri em meio as lágrimas que caem dos seus olhos.

— Quem disse que não? — Pego o meu celular enquanto a levo para ao meio da ponte, procuro entre as diversas músicas uma que se encaixe com esse momento e aqui está ela *Thank You For Loving Me* do *Bon Jovi*, coloco o aparelho sobre o beiral e a puxo para junto de mim.

There's no one here but you and me...

Ela sorri largo, fazendo meu coração se contrair, mas com uma dor

gostosa de se sentir e assim dançamos como dois adolescentes apaixonados, deixando a verdade que a letra nos traz embalar nosso momento, sem nos importarmos se estamos sendo vistos por pessoas que nunca vimos na vida. Não importa, amanhã estaremos longe daqui, vivendo nossa vida de casados finalmente, como há muito queremos e merecemos viver.

A música se aproxima do fim, minha linda menina ainda sorri para mim, seus olhos brilhando deixando o verde ainda mais visível, não me contendo e a beijo, deixado que ela sinta através desse beijo todas as palavras que não consigo expressar, toda a minha gratidão pelo que ela me deu ou que ainda está para me dar, por existir, por ser minha e me amar, da mesma forma que eu a amo.

*When I couldn't breathe
Thank you for loving me...
Oh, for loving me...*



Helida ☞

Sei que ficar dizendo que estou nas nuvens de tão feliz, acaba sendo muito clichê, porém, ainda seria pouco, estou que não caibo em mim de tanta felicidade, não é por menos, tenho o marido mais incrivelmente lindo, amoroso, gentil, dedicado do mundo, um filho lindo que me espera em casa e estou preste a acordar do sonho mais lindo que ousei sonhar, que foi nossa lua de mel.

— Você está muito quieta, na verdade esteve assim a viagem toda! — Viro-me para apreciar a perfeição em pessoa ao meu lado no carro.

— Hmmm! Só estou tentando prolongar essa sensação maravilhosa de felicidade plena que estou sentindo. — Ele me olha daquele jeito que me tira todo o ar dos pulmões, continuo a fitá-lo sorrindo feito boba.

— O que? — Ele abre ainda mais seu sorriso de anjo, só que um anjo bem perigoso.

— Nada! Só admirando você, meu marido. Por que? Não posso? —
Levanto uma sobrancelha o desafiando.

— Pode sim, ou melhor, deve e só a mim, estamos entendidos?

— Não conhecia esse seu lado ciumento, mas gosto quando é possessivo!

— Nunca fui ciumento antes, só você desperta meu melhor e pior lado!
— Ele estica a mão e aperta o meu joelho.

— Seu bobo! Não tem por que ciúmes, passei quase seis anos sem ninguém, você despertou o amor em mim e me pegou logo em seguida. —
Declaro nada mais que a verdade e ele sorri.

A viagem dura só mais alguns minutos, o suficiente para fazer meu peito apertar de saudade do meu menino, a essa hora ele provavelmente já está dormindo, então só o verei amanhã, suspiro com essa conclusão, olho o céu pela janela do carro e vejo como está estrelado, parece que até o céu está disposto a manter o encanto.

Essa será a primeira vez que vamos dormir na minha nova, mas antiga, casa, minha mãe ajeitou tudo para que não precisássemos nos preocupar com nada além de aproveitarmos nossos primeiros dias de casados. Inclusive ela vai cuidar do Caio por mais essa noite, o que é bom e ruim ao mesmo tempo, se por um lado estou morrendo de saudades do meu filho, por outro estou um caco depois de tantas horas de viagem.

— Ei, Sra. Scott, chegamos! — Sinto seus dedos acariciando minha bochecha. Não acredito que acabei dormindo. — Quer que te leve no colo?

— Humm? — Estou um pouco lenta. — Não, eu consigo sair sozinha, Sr. Scott!

Ele dá a volta no carro, vem abrir minha porta, como um verdadeiro cavalheiro que é, com aquele sorriso travesso que me faz perder a linha de raciocínio.

— Mas eu vou levá-la mesmo assim, *baby*, como sabe, é tradição! —
Ele me ergue em seus braços e me gira, o seguro forte, mas não por medo de cair, enquanto dou gritinhos como uma criança.

— Ethan, vamos acordar todo mundo, ponha-me no chão! — Tento parecer seria, mas falho miseravelmente.

— Certo, vamos entrar! —Ele rir.

Entramos em casa, comigo ainda no seu colo, ele me beija na soleira da porta como nos filmes.

— Bem-vinda ao lar, Sra. Scott!

— Bem-vindo também, meu caro Sr. Scott.

Nos beijamos novamente, enfim, ele me coloca no chão, fazendo meu corpo deslizar pelo seu, o safado sabe o que fazer e isso basta para deixar meu sangue pulsando mais rápido, a ponto dos meus batimentos ficarem audíveis.

— Eu amo você, Lim, sempre vou te amar. — Ele toma fôlego. — Meu deus, amo você demais!

Sei que o certo seria responder, ao invés disso levo minhas mãos a sua cabeça trazendo sua boca a minha novamente, não é preciso mais palavras, nossos corpos se entendem por si só, eles conversam sem precisar dizer muito.

Suas mãos sobem e descem pelo meu corpo, como sempre me perco nos seus toques, não vamos além da sala, ficamos ali mesmo. Se é confortável ou não? Não estou nem aí, a única coisa que importa é nós dois e nosso amor, que só aumenta a cada vez que nos amamos, o cansaço ou saudade deixamos de lado por mais algumas horas para ficarmos desfrutando de mais alguns momentos de plenitude na nossa bolha de felicidade.

Capítulo Quarenta e Três

Helida 🐾

Acordo desorientada e confusa, então percebo o porquê. Estou sozinha no quarto, Ethan provavelmente me trouxe em algum momento da noite passada, sorrio com as lembranças, porém, é preciso voltar a realidade.

Levanto-me para tomar banho ainda sobre os efeitos da felicidade que tenho experimentado desde que conheci o Ethan, nunca pensei que pudesse ser possível uma pessoa fazer a vida de outra dar uma reviravolta tão grande, achava que quando alguém falava que estava no estado de êxtase completo, era coisa de quem apaixona— se fácil ou seja, uma ilusão e aqui estou eu, vivendo esse mesmo êxtase, se é ilusão de uma boba apaixonada sinceramente não sei, só não quero que acabe nunca.

Já de roupa limpa e cabelo escovado desço para o café e claro procurar meu marido, é quando me dou conta que ele deve estar com o Caio, apresso o passo e quase me estabelo no chão, tamanha minha pressa em ver meu menino.

Paro no último degrau, não é preciso ir mais além, ele está ali no colo do pai dando seus conhecidos gritinhos de alegria.

— Bom dia, mamãe! — Ethan levanta uma de suas mãozinhas gorduchas e acena.

— Meu amor! — Corro até ele, o pego no colo e giro como sei que gosta e em troca seu sorriso se amplia ainda mais, beijo sua testa, suas bochechas e olhos, como para me certificar que ele está inteiro. — Você cresceu! Como é possível, passei só uma semana fora, não acredito como cresceu!

— É normal, filha. — Minha mãe vem até mim e me dá um beijo. — Bem-vinda, querida!

— Mãe, pai, não sabia que estavam aqui, bom dia!

— Oh! Minha querida, você fez falta, sabia? Ainda bem que o Jorginho

estava aqui para nos manter ocupados.

— Espero que ele não tenha dado muito trabalho! — Começo a beijar sua barriguinha. — Você se comportou, não foi? Claro que sim já é um rapazinho, como tal não faria nada desse tipo, não é? — Ele ri da cocegas que faço, e o som da sua risada é a melodia mais linda que já ouvi.

— Sim, minha menina, ele é mais comportado que você! — Meu pai olha para o neto com tanta doçura que vejo que ele realmente encantou meus pais e todos que chegam perto dele.

— Venha, querida, vamos tomar café! — Meu estômago ronca, o que me faz rir, vou para a cozinha onde um belo café da manhã está a nossa espera.

— Me dá ele aqui, filha, assim você pode comer!

— Obrigada, mãe! — O entrego um pouco relutante, mas não posso ser imprudente, por diversas vezes atendi crianças com queimaduras decorrentes de descuidos dos pais. — Ele já comeu?

— Ah já, ele comeu cedo, não é pequeno?

Começo a comer enquanto meus pais contam como foram esses dias, falo mais ou menos sobre nossa lua de mel, com Ethan preenchendo todos espaços, rindo e olhando para mim feito bobo, meu bobo, que vou ter, espero, para sempre ao meu lado.

Olho para a minha família em torno da mesa e sinto algo que não achei possível um dia sentir, esperança de uma grande continuidade. Lembro-me que há quase dois anos, tinha a certeza que a minha família estaria fadada a ter seu fim, não via uma possível reviravolta do destino para tudo, não achava possível um futuro onde eu estaria casada, mãe e feliz.

Agora eu vejo como a chegada de Ethan não mudou apenas a minha vida, ele foi o fator principal para muitas mudanças, amores foram refeitos, assim como relacionamentos, amizades foram solidificadas, sorrisos verdadeiros voltaram e acima de tudo ele me trouxe uma luz tão brilhante que nenhuma escuridão, por mais densa que seja, será capaz de apagar, ele me trouxe de volta o amor, me deu um motivo para crer que milagres acontecem, meu menino é meu maior milagre.

Ethan me trouxe o amor, e Caio me fez voltar a ter fé!

Epilogo

Helida 🐾

Algum tempo depois...

Quando aprendemos a ser felizes, o tempo para de fazer tanto sentido, o passar dos dias só tem alguma importância, quando estamos longe daqueles que amamos, porque quando se estar perto, todos os momentos se tornam importantes e hoje é um dia mais que especial, meu menino, meu pequeno milagre está completa três anos. Esse tempo todo preenchendo nossas vidas de felicidade.

Parece até mentira, que depois de tanto sofrimento que enfrentei, posso dizer que não sinto mais aquele buraco cercando o meu peito e ameaçando tirar as forças. Caio, é sem dúvida a melhor recompensa que eu poderia receber, sou novamente uma pessoa inteira, mais que isso, nunca estive mais completa como sou agora, não tem espaço em mim para dúvidas ou medos.

— Lim, você está aí? — Gia estrala os dedos na frente dos meus olhos para me trazer de volta ao presente. — Ei, vamos, lindinha, temos um quintal cheio de pirralhos amigos do seu filho esperando por salgados, refrigerantes e doces.

— Desculpe, estava longe, não temos refrigerantes e sabe disso, agora vamos atender a turminha!

É, realmente o nosso gramado está cheio de crianças, são todos meus pacientes e agora amiguinhos do Caio da creche, onde ele passa a manhã durante a semana. Foi difícil convencer a minha mãe sobre a creche, porém é importante que ele tenha contato com outras crianças, para se desenvolver socialmente.

Meu homenzinho está lindo na sua roupinha de safári, rindo com seus avôs, ele adora os dois e a competição que fazem para chamar sua atenção.

Álvaro não tira os olhos da esposa, pois é, até que enfim esses dois se casaram. Optaram por uma cerimônia simples, só com a presença dos amigos e familiares mais próximos. Meu belo marido, está ao lado dele, ainda

atraindo os olhares da mulherada e como sempre ao me ver, abre o seu sorriso especial só para mim.

— Gia, percebeu que onde o Ethan passa a mulherada o come com os olhos? — Ela revira os olhos para demonstrar o quanto acha isso entediante.

— Já, tem como não perceber? O que vai fazer sobre isso? —Ora, o que?

— Nada! Sei que deveria estar me mordendo de ciúmes, no entanto, isso não me incomoda tanto assim, ele já é meu, elas que olhem à vontade, porém, quem tem o prazer de tê-lo ao lado no fim da noite e começo da manhã sou eu!

— Hum, Sra. Autoconfiança, gostei! — Ela bate na minha mão e me dá um a piscadela. — Mas eu não sou tão despreocupada assim, se olharam para o Ethan também olharam para o Álvaro, já que ele está do lado do seu deus grego, vou lá acabar com a festa delas!

Ela não tem jeito, coloca os doces na mesa e vai ao encontro do pobre do marido, que a recebe nos braços com um sorriso de bobo apaixonado ao mesmo tempo que diz alguma coisa ao Ethan e gesticula na minha direção, ele só balança a cabeça e vem sorrindo até mim.

— Não sei como o Alvin aguenta a Gia? — Diz enquanto envolve me pela cintura e beija meu pescoço.

— O que foi que ela te disse? — Pergunto em dúvida se quero mesmo ouvir.

— Que todas as mulheres estão babando por mim, dá para acreditar nisso?

— Dá sim, porque é verdade! — Ele balança a cabeça com incredulidade. — Oh, meu pobre marido, tão inocente que não percebe que é o sonho de consumo de muitas mulheres! — Debocho da sua falsa inocência.

— Quem está sendo boba agora, hein? — Ele me beija novamente, porém, o afasto logo, antes que se torne um beijo mais carnal, afinal, estamos numa festa de crianças.

— Vamos, está na hora do bolo, antes que o Caio se lambuze ainda

mais!

Como se ouvisse nossa conversa, meu pai vem com meu pequeno milagre, que solta sua mão e corre diretamente para os meus braços. Ainda lembro da emoção de vê-lo dar os primeiros passos, estávamos os três no quintal curtindo o sol quando ele segurou na lateral da espreguiçadeira que seu pai estava sentado, levantou e andou, tomei um susto já que ele só tinha onze meses, porém ele é muito inteligente, era de se esperar.

— Mamãe, cantar parabéns, estou com muiiiita vontade de comer bolo!
— Ele também fala muito bem para uma criança de três anos, sempre muito articulado na sua dicção, enfim, meu orgulho.

— Sim, garotão, vamos lá, o papai também quer muiiiito comer seu bolo! — Ethan estende os braços, ele vai rapidinho para o colo do pai, a semelhança deles ainda me surpreende, fico olhando feito boba os dois juntos.

Cantamos “*parabéns para você*”, ele ri e faz suas graças de menino levado para as câmeras, é um palhacinho, ainda bem que puxou o humor do Ethan, porque eu não sou lá muito bem-humorada, apesar de nos últimos anos viver sorrindo.



A festa foi um sucesso, mas o melhor é que acabou, como cansa fazer essas coisas, no entanto, é igualmente prazeroso.

Subo as escadas e vejo Ethan deitado na cama com nosso filho estendido sobre o seu peito, está lendo para ele, como fazemos as noites, apenas revezamos, assim ele não estranhará se um dia um de nós não puder fazê-lo.

Mesmo com Caio já adormecido, pela melodia e o ritmo da sua voz, ele continua recitando o poema, só Ethan mesmo, balanço a cabeça e o fico ouvindo recitar *Soneto do Amor Maior* do Vinicius de Moraes, seu poeta nacional preferido.

*Louco amor meu, que quando toca, fere
E quando fere vibra, mas prefere
Ferir a fenecer — e vive a esmo*

Ao me ver o admirando, deposita um beijo na testa do pequeno, o coloca na cama o mais devagar possível, com todo cuidado para ele não acordar e vem até mim na ponta dos pés. Não aguento a cena, e começo a rir, ele faz cara feia, o que me deixa ainda mais risonha, estou um poço de emoções a flor da pele.

— Sabe que ele não entende nada ainda, não é? — Aponto o dedo para nosso menino dormindo.

— Ainda não, só que um dia vai entender e usará isso com as garotas, ouvi dizer que elas adoram caras que recitam *Vinicius*, além do mais, faz com que ele durma como um anjo sempre que leio para ele.

— É por que você tem a voz mais linda do mundo, meu amor! — Sorrio largo para o meu belo homem.

Pego sua mão e descemos até a sala para darmos uns amasso no sofá, como fazemos todas as noites que não está de plantão, porém, essa noite será um pouco diferente, tenho algo muito importante para dizer.

Espero até estarmos sentados de frente um para o outro para começar a falar, senão ele pode cair.

— Ethan, eu tenho que te contar uma coisa. — Ao perceber meu tom sério ele me olha inseguro.

— O que foi, *baby*? Está sentindo alguma coisa? — Oh se estou!

— Não, bem sim, quer dizer, já há alguns dias tenho sentido algo, na verdade! — Seguro seu rosto tão amado nas minhas mãos e olho nos seus olhos. — Sabe que eu te amo muito, não sabe? — Seu olhar se demora no meu enquanto ele responde.

— Claro, Lim. Amo-a também, mais que a minha própria vida, por favor me diga o que está acontecendo, seja o que for enfrentaremos juntos, eu prometo!

Ele fica tão lindo ansioso, que prolongo ainda mais minha resposta, ao

invés disso, tiro uma das mãos do seu rosto e acaricio minha barriga suavemente, seu olhar segue o meu movimento, ele congela por alguns instantes, em seguida me olha com aquele olhar maravilhado que faz meus olhos encherem de lágrimas, diante do seu amor por mim e nosso novo grãozinho ou grãozinha.

— Espera aí... você... eu... teremos outro filho, é isso mesmo? — Ele gagueja e penso que essa seria provavelmente a sua reação se eu tivesse conseguido contar para ele da primeira vez.

— Sim! — Respondo já com as lágrimas traiçoeiras rolando pelo meu rosto.

— Helida Laiene Scott, você tem ideia de como sou e estou perdida e absolutamente apaixonado por você?

Faço que não com a cabeça e ele rir.

— Mentira, claro que sabe, e agora vai me dar outro filho, eu simplesmente... — Ele começa a beijar meus olhos, minhas bochechas, fica de joelhos e beija minha barriga, perco o fôlego tomada pela emoção.

— Eu amo você, Ethan, amo muito!

— Amo você muito mais, sou com certeza o homem mais feliz do mundo por tê-la, nunca pensei muito em como queria que fosse minha vida, Lim, principalmente depois da desilusão que passei, mas quando te conheci minha noção do mundo e de futuro mudou, você está sempre a me dar muito mais do que um dia esperei receber.

Tomo sua boca em um beijo profundo, reivindicando-o como meu, e ele faz o mesmo, nossa possessividade de um para com o outro não é de uma forma sufocante, a guardamos para momentos como esse, onde palavras não são o suficiente para dizer o que estamos desejando ou sentindo. É nessa hora em que nos entregamos por inteiro um ao outro e nos tornamos um.

Não temos mais receosos ou medos, conhecemos bem o corpo um do outro, mas não deixa de haver novas descobertas, somos os mesmo e novos amantes, talvez isso seja o que nos fazer desejar estarmos nessa sincronia perfeita que acontece quando nossos corpos se fundem, proporcionando um prazer mútuo, onde não há competição ou egoísmo, apenas duas pessoas que

se amam buscando a satisfação do seu amor.

Depois de mais uma rodada de sexo com muito amor, sou carregada pelo meu marido até o nosso quarto, ele me leva até o banheiro e me acomoda na banheira, para em seguida sentar a minhas costas e começar nosso ritual do banho de todas as noites. Fecho os olhos e o deixo cuidar de mim, sei como se sente bem com isso e eu farei de tudo para agradá-lo, para sempre!

Certa vez li em algum lugar sobre um enorme labirinto, achei que ele fosse uma metáfora para morte, estava muito enganada, na verdade é uma metáfora para o sofrimento, sendo que cada vez que chegamos, corremos e paramos por não ser a saída.

É como o que sentimos ao longo da nossa vida, um amor que acabou por simplesmente acabar, alguém que está longe, uma mãe, irmão(a), filho(a), amigo(a), ou uma pessoa muito especial a você que se foi para não mais voltar.

Já passei por todas essas dores, por um tempo foi muito difícil de suportar, parecia que quanto mais tentava sair do labirinto, mais perdida nele ficava, sendo que tudo que precisava era tomar a decisão de viver.

Até que um dia Ethan chegou, trazendo suas próprias dores na bagagem e juntos começamos a percorrer cada vez mais além no labirinto. Então percebi que não importa o tamanho da sua dor, se tiver ao seu lado alguém com quem dividi-la, esse alguém trará luz para os cantos mais escuros, valerá apenas continuar procurando a saída e será tão maravilhoso quando acontecer, que um dia esquecerá como era estar lá dentro.

Assim têm sido meus dias ao lado do Ethan, sei que já estive presa na dor, sem ar suficiente nos pulmões, o coração sangrando constantemente, sem força para seguir, só que tudo isso também me fez mais forte e me preparou para saber aproveitar minha grande recompensa ao sair.

A dor agora é somente uma sombra que ficou no meu passado, não posso garantir que um dia ela não voltará, porém, a cada ano, mês, dia, até mesmo segundo que estou ao lado do meu amor, tenho a certeza que sou amada e estou completa. Se um dia voltar a sofrer, terei a certeza que estive

diante do mais verdadeiro dos amores e pude vivenciá-lo por inteiro, nada complicado ou impossível, na verdade simples como o movimento de subir e descer que o peito faz ao respirar!

Fim .



A Autora

Cearense apaixonada por livros.

Escreveu seu primeiro livro em 2015, Voltando a amar.

Casada há nove anos, mãe de uma linda menina que é a luz dos seus olhos. Aprendeu desde cedo que a melhor forma de viajar sem tirar os pés do chão é através da leitura. Por isso antes de ser escritora é uma leitora voraz, assim conseguir vivenciar mil e umas emoções ao mesmo tempo.

Rede Sociais

 Danda de Alencar

 @dandaalencar_romances

 www.facebook.com/dandadealencarromances

 @edanyzia

Outras obras da autora

O vizinho

James

Há muito tempo não me sentia assim e isso me causa uma sensação estranha.

Eu amava Alana. Era jovem, mas tinha dimensão da força dos meus sentimentos e quando tudo aquilo aconteceu, que abri meus olhos para entender que o amor entre nós era unilateral, aquilo me corroeu por dentro. Aquele James tinha morrido dentro de mim. Desde então eu não era capaz de sentir essa emoção e ansiedade me preenchendo por dentro.

Como se sabe que está apaixonado? Talvez pela forma como nosso coração dispara ao lembrar da pessoa cujo sorriso faz o mundo explodir em cores a nossa volta, ou talvez a ânsia que sentimos de estar com ela, mesmo fazendo poucos minutos que nos separamos?

São perguntas sem respostas, a única coisa que posso responder com toda certeza é que não consigo esquecer o gosto dos beijos que Lina me deu, ou que eu tomei tão despidoradamente.

Não pude vê-la nos últimos dias, o ritmo da escola de medicina é puxado, não me deixara muito tempo livre, mas não a tirei dos meus pensamentos, muito menos consigo evitar a emoção que me toma por dentro quando penso nela. É uma invasão de sentimentos tão gostosa que eu já havia me esquecido como isso faz bem. Sempre que me recordo de seu beijo sinto minha pulsação acelerar, uma palpitação no peito e um enorme desejo por vê-la novamente. É quase que incontrolável e excitante. O que essa garota está fazendo comigo?

Durante as últimas noites tenho observado da minha varanda a luz que permanece acesa por mais tempo no internato, por coincidência é no quarto que fica exatamente em frente ao meu, posso vê-la se movimentar, mesmo sendo apenas uma sombra através da cortina. Pela minha visão periférica,

uma cena me chama atenção, desvio o olhar para a entrada do beco onde me despedi dela noites atrás e não acredito que tenha tamanha sorte.

Sem pensar duas vezes desço a escada correndo, logo estou no jardim atravessando o gramado, sei que essa é uma das internas do Blue Light, a vi outro dia no jardim conversando com outras garotas, fico escondido enquanto a vejo se despedindo de um rapaz com um beijo acalorado, espero até que ele tenha sumido de vista para que eu possa me aproximar dela, que ainda o observa sonhadora.

— Acho que alguém infringiu as regras! — Digo ao chegar bem perto dela, tapando sua boca quando vejo seu grito se formar. — Não grite, não lhe farei mal algum.

Seus olhos se arregalam como se me reconhecesse, balança a cabeça e sei que não gritará, bom, eu acho. Libero sua boca com cuidado, caso ela comece a gritar poderei agir rapidamente, porém, não é o que acontece.

— Ja-James, o que faz aqui? — Ela sabe o meu nome, vejam só!

— Então me conhece? Ótimo, facilita minha vida, quero chegar ao quarto de Angelina sem ser notado, sei que sabe ser um fantasma dentro dessas paredes, então me guie até ela! — Devo estar parecendo um louco, mas não ligo.

— Quem? — Agora sim, a vejo confusa, mas logo muda de expressão. — Lina, é claro, aquela danadinha! E eu pensando que era eu quem infringia as regras! Venha, o levarei, mas devo avisá-lo que os funcionários começam a chegar por volta das cinco da manhã, precisará sair antes disso. — Essa garota deve saber muito de mim, ou é mesmo muito maluca, aceitou de bom grado levar alguém para dentro do internato, espero que seja a primeira opção, não gosto de pensar que qualquer um pode ter acesso a Angelina.

— Tudo bem, até porque, me dará sua chave reserva secreta, devolvo-a pela tarde deixando próxima a essa entrada, sei que tem um jeito de recuperá-la.

— Certo, venha comigo!

Sigo-a pela mesma porta que Lina entrou cerca de uma hora antes, passando por uma enorme cozinha, depois um salão grandiosamente

espaçoso, o que me dá uma dimensão da quantidade de internas que devem morar por aqui. Subimos três lances de escadas, por sorte o piso é acarpetado abafando os nossos passos, agora sei como essa danadinha conseguiu fugir.

— Chegamos, espero que tenha decorado o caminho a seguir, pois a volta é com você! — Sussurra baixinho. — Veja, ela ainda está acordada, vão com calma, não façam tanto barulho, há crianças por perto! — Com uma risadinha, ela sai me deixando feito um adolescente bobo e apaixonado diante da porta do quarto do meu Anjo lindo.

Dou uma batidinha de leve para não chamar atenção, escuto passos vindo até a porta, a maçaneta gira e meu coração dispara.

Darla

Tem sido quase impossível dormir com tudo que meu corpo sente, desde o beijo que James me deu dias atrás, só de pensar nele sinto meu corpo inteiro alerta, sentada em minha cama volto a minha leitura e agora sim, posso imaginar que Charles é James e eu sou, de verdade, Lina, em Field Goal, a continuação de Safety, livro brasileiro que me conquistou.

Fico grata por ter me dedicado a este idioma por tantos anos. Helen, que tinha vindo do Brasil estudava aqui conosco porque sua família queria dar a ela a oportunidade de uma educação internacional e eu tive a sorte dela ser paciente comigo, me ensinando sua língua nativa por quase cinco anos. Aprendemos Espanhol no internato, por isso, apesar de ser uma língua complexa, aprendi Português por assimilação. Já o Alemão, não foi assim tão fácil.

Volto a sonhar com o personagem Charles, para mim, agora ele tem a aparência de James. No livro, o amor desse lindo casal me toca. Na vida real, por mais impossível que possa soar, penso que meu Charles possa ser o meu vizinho.

Uma batidinha suave na porta me tira do transe em que entrei, na minha mente fantasio que seja James e irá invadir o meu quarto me beijando com tudo. Doce ilusão a minha, claro que deve ser Bella, que mais uma vez esteve aprontando das suas.

— Não devia perder seu tempo comigo, se está procurando um

namorado...

“Minha nossa senhora dos malucos que sonham acordados, o que ele está fazendo aqui?”

Parado a minha porta, está aquele que não me saiu um segundo sequer da cabeça, desde nosso beijo no beco ao lado.

— Desculpe, mas não pude mais esperar, estava louco de saudade!

Diz ao entrar no meu quarto, fecha a porta com cuidado e volta para mim, logo estou nos seus braços, sua boca desce sobre a minha em um beijo de tirar o fôlego, transformando minhas pernas de sólidas a líquidas. Seus braços me apertam junto dele, dando ênfase as suas palavras.

O beijo ganha um novo ritmo, cada vez mais urgente, meu corpo pegando fogo, refletindo o calor do dele. Ficamos assim por alguns minutos nos beijando desesperados, ele para e encosta sua cabeça na minha ofegante.

— O que você está fazendo comigo, anjo? — Pergunta sem fôlego.

— O mesmo que faz comigo! — Digo num sussurro.

— Isso pode parecer loucura e um tanto precoce, mas eu não aguento mais ficar longe de você, foram dias infinitos. — Meu coração acelera com suas palavras. — Eu não sabia o que fazer para entrar em contato contigo, até que vi uma das internas que sempre consegue escapar daqui a noite. Imaginei que ela poderia me ajudar a encontrá-la.

— Você é louco! — Tento ser sensata, mas é impossível resistir a essa loucura que está acontecendo.

— Não sou! É você que me deixa louco sua diabinha! — Sua boca volta a tomar a minha, é a minha vez de puxa-lo para mim, minhas pernas movendo-se automaticamente.

Com três passos sou deitada sobre a minha pequena cama, mas o seu tamanho não importa, já que ele está sobre mim, seu corpo encontrando o meu nos lugares mais que certos, fazendo o fogo que senti no beco voltar com força total.

Sem receberem um comando direto minhas mãos começam a tirar sua camiseta, tenho uma necessidade infinita de sentir sua pele. Ele ergue o

tronco para facilitar meu trabalho e logo estou com as unhas arranhados suas costas, seus dentes tomam meu lábio inferior e os puxa, mordendo de leve, causando um frenesi no meu ponto mais sensível.

— Quero sentir sua pele, posso? — Pede desolado, como se estivesse com dor e o fato de me tocar fosse sua cura.

Faço que sim com a cabeça, uma vez que não consigo falar nada de tão ofegante que estou. Com cuidado suas mãos tocam na barra da minha camisola. Por sorte hoje não trajava um de meus tradicionais moletons para dormir e sim a camisola da Victória Secret marfim que ganhei de Bella no meu último aniversário. Lentamente vai puxando-a para cima começando a expor minha roupa íntima, é uma noite de mais descobertas, pelo que vejo, mas não sei se estou preparada para tantas.

Acho que meu medo transparece no meu corpo, James para o movimento e me olha nos olhos sério. Transmitindo-me a segurança que está me faltando.

— Não vou passar dos limites, vou até onde você quiser, basta dizer e eu paro!

Mais uma vez apenas balanço a cabeça e então estou completamente livre da minha camisola, suas mãos sobem e descem pela lateral do meu corpo, parando logo em seguida na curvatura dos meus seios. Sinto um arrepio gostoso quando seus polegares os acariciam, de forma suave, meu núcleo se contraindo de desejo, minha boca se abre soltando um gemido rouco, logo abafado por sua boca.

Sua língua me invade, pronta para duelar com a minha, enquanto sua carícia continua sobre mim, sua boca vai descendo, enchendo minha pele com beijos, indo em direção ao sul do meu corpo, estou me segurando a uma linha finíssima, que se romperá a qualquer segundo. Olhando-me nos olhos se livra da minha calcinha, volta a beijar minha barriga antes que sua boca desça ainda mais.

Meu Deus, o que estou fazendo? O que o estou deixando fazer? Mas não consigo parar, suas carícias são maravilhosas, sua língua trilhando um caminho em minha pele me deixa em um estado de excitação que eu ainda

não tinha experimentado e então acontece, sua boca chega em meu centro, causando um frenesi inimaginável. O misto da sua língua brincando no meu ponto mais sensível com suas duas mãos provocando meu corpo já sedento faz romper por completo a barreira da minha sanidade e perco o controle sobre as minhas reações, deixando um terremoto de sensações invadir o meu corpo me fazendo contorcer e convulsionar sob o seu toque, subindo, subindo, subindo até o limite e então caio no limbo sem fim, ofegando e gemendo o seu nome.

Quando começo a voltar da viagem alucinante que acabo de fazer, abro os olhos envergonhada, a tempo de vê-lo levar seus dedos à boca e chupá-los fechando os olhos como se fosse a coisa mais saborosa do mundo inteiro. Deus, o que deu em mim para ir tão longe? Mal o conheço. Não consigo olhá-lo nos olhos, temo que verei sua reprovação por ser tão fácil e libertina. Sempre fui a mais ajuizada de todas, me mantendo dentro das regras, eu não cometo deslizes.

— Lina, meu Anjo, olhe para mim! — Pede já segurando no meu queixo e fazendo-me olhá-lo nos olhos. — Nada de vergonha, lembra? Diga-me já havia beijado alguém antes? — Nego envergonhada agora por minha falta de experiência. — Fui o primeiro a quem beijou! Minha menina, não sabe como isso me deixa feliz, de uma forma que nem eu mesmo sei explicar.

Sorrio largamente para ele, pois no meu íntimo quero que seja o único, principalmente se me fizer sentir o que acabo de sentir com o seu toque.

— Venha, deve estar cansada, fico feliz em ser aquele que também te deu o primeiro orgasmo e quero ter diversas primeiras vezes com você, mas por hoje basta, quero só deitar e sentir seu corpo junto ao meu, antes da hora de ir embora.

Com mais um beijo, dessa vez doce e suave, me aninha em seu peito e fica acariciando minhas costas, até que o sono me vence e entro no mundo dos sonhos onde moram os apaixonados.

Doce paixão

Giuliano

Trabalhar diretamente com o público te proporciona um conhecimento único, com o tempo você começa a identificar pequenos detalhes de cada um: seus trejeitos, gostos e manias. Sejam eles quem forem, basta observar um pouco e lá estão todos os dias repetindo as mesmas coisas.

Não eu!

Espera, não sou psicólogo nem nada disso, sou apenas um mestre da panificação, popularmente conhecido como padeiro. Todos os dias vejo diversas pessoas entrarem e saírem pela porta do Nonna Fiorella, padaria e lanchonete que pertence a minha família há gerações.

Foi aqui que vi tudo à minha volta mudar de perspectiva. Onde refiz meus conceitos e vi que minha vida de pegar todas e não me apegar estava com os dias contados.

Vou te contar de uma forma resumida como era minha vida até aquele momento, isto é, se você tiver interesse. Mas contarei mesmo assim. Afinal hoje sou um homem totalmente diferente.

Não vou dizer que me arrependo das coisas que fiz, mas também não é para sentir orgulho, não depois de quase perder aquela que mudou minha vida, transformando o bicho solto em labrador domesticado.

Semmm mais enrolação. Prazer, sou Giuliano Borella, e aqui está minha história com Ariana, aquela que fez o meu coração fechar para balanço por tempo indeterminado.

Equívocos

Nicolas

04 de julho

“Nunca a vi beber assim, se bem que nunca bebemos na vida. Não é de estranhar que esteja tão animada, só espero ainda ser bem recebido na sua casa depois dessa noite, mas ela está tão feliz!”, penso ao ver seu sorriso despreocupado.

Faz dois anos que não a vejo sorrir assim, desde a morte de Helena, sua mãe, uma criatura incrível, que sempre me tratou como se realmente pertencesse a família, já que a minha não é um exemplo a ser seguido. Mas não estou aqui para falar de uma família destruída, não é mesmo? E sim, para falar dela...

Hoje é seu aniversário de quinze anos e ela não quis festa, todos respeitamos sua decisão, se bem que Gizane, sua irmã mais velha, tentou de todas as formas convencê-la do contrário. Coisa de irmã superprotetora, sempre tentando evitar que ela se arrependa de algo. Então ficou comigo a tarefa de fazer da sua noite memorável.

E aqui estamos nós, após assaltar a adega da minha mãe. Pois é, não poderíamos comemorar a não ser com um bom vinho, o escolhido foi um Château Grand Puy Lacoste, ela merece sempre o melhor, esse foi o primeiro que peguei antes de Verônica chegar em casa. Caso contrário, me mataria.

Sento-me em uma das pedras iluminada pelo poste ao lado da ponte metálica na Praia de Iracema, de frente para o mar e a observo sorrindo para as ondas que quebram um pouco mais à frente, quase molhando seus pés. Sempre amei o fato de que, mesmo morando numa cidade grande, sempre fui capaz de recorrer ao nosso lugar secreto na praia de Iracema. Apesar do crescimento constante de Fortaleza, se você souber onde ir, encontrará lugares como esse, próximo ao Centro Dragão do Mar, sossegado e praticamente isolado.

Olho o relógio, já passa das oito e Calye está mais que alegre, mas temos que nos apressar, caso contrário não pegaremos o Planetário aberto e quero muito dar seu presente lá dentro, no nosso lugar especial.

— Venha aniversariante, hora do presente — falo, enquanto a ajudo ficar de pé.

— Pensei ele que fochiii me embliagar. Não é? — diz com uma voz arrastada.

Assim que fica em pé, ela começa a dançar pela areia. Suspiro culpado por ter cedido aos seus desejos mais uma vez. Como sempre!

— Calye, não podemos demorar muito, se não o acesso ao Planetário já era, sabe que fecha às nove. Então vamos logo, tudo bem?

— Viu! *

Ela me lança o seu sorriso endiabrado, logo sei que está maquinando algo e só espero não entrar em apuros, não hoje.

Caminho com ela em direção ao calçadão para pegar um táxi. Em outra ocasião caminharíamos, mas com ela dando passos cambaleantes se torna impossível guiá-la até lá a tempo.

Assim que compro as entradas, sou informado de que só teremos trinta minutos antes de fechar, tudo bem é tempo suficiente. Ela está realmente bêbada, pois não fez o discurso onde pergunta: como poderemos ter cultura, se não nos deixam usufruir do que é nosso por direito? Discurso esse, que sempre faz nessas ocasiões.

Por algum motivo está estranhamente quieta, só a vi assim uma vez, que foi durante o velório da sua mãe. Até aquele dia não a tinha visto tão triste, fiquei ao seu lado todo tempo segurando sua mão, assim como sua irmã.

Vi as lágrimas descenderem pelo seu rosto e isso partiu meu coração. Foi ali que percebi que a amava, com apenas doze anos, precoce eu sei. Mas não tive dúvidas que não gostaria, nem tão pouco permitiria que ela passasse por essa dor novamente.

Percebi também, que mesmo com o coração aos pedaços, seus olhos

brilhavam para mim sempre que levantava o olhar e nossos olhares se encontravam.

Desvio minha atenção da representação da Via Láctea e encontro os mesmos olhos brilhantes me encarando com intensidade. Levo minha mão para o bolso de trás e tiro a pulseira que comprei para ela. Estendo a mão e mostro-lhe com um sorriso tímido.

Quando vê a citação que tem gravado por dentro, lágrimas enchem seus lindos olhos enquanto ela lê a frase que para mim, representa ela na minha vida.

— Muito mais que a mim? O que é isso no final, depois dos símbolos do infinito unidos? — Sei que está se referindo as nossas iniciais juntas no fim da frase.

— Ora é um N e um C juntos, como nós dois para sempre!

— Promete Nick? Promete que não vamos nunca nos separarmos? Não suportaria te perder! — Sei bem como ela se sente, sofro do mesmo mal.

— Prometo!

Ela se aproxima e me olha nos olhos. Como acontece sempre, mergulho na profundidade daqueles olhos cor de café.

— Nicolas, se eu te pedisse uma coisa você me daria? — Não penso duas vezes.

— Você sabe que sim! — “Faço tudo por você Calye!”, penso comigo mesmo.

— Me daria um beijo? — ela pede e eu congelo.

— Um... um beijo? — gaguejo, que ótimo.

— Sim! — Ela cora, então é sério. — Eu não quero que aconteça por acontecer, pensei que poderia ser com a pessoa que mais confio, você não sairia falando depois, não é? — Nunca!

— Você tem certeza? — “Por favor, diga que sim!”, eu rezo silenciosamente.

— Sim, se você quiser é claro! — “Oh! e como eu quero”.

Não posso deixar essa oportunidade passar, já esperei muito. Gentilmente pego seu rosto nas minhas mãos, tremo com a corrente elétrica que passa da sua pele para as pontas dos meus dedos e aos poucos vou tocando seus lábios com os meus, é seu primeiro beijo, não quero assustá-la com a fome abrasadora que sinto por sua boca.

Porém, sou surpreendido por suas mãos pequenas, mas fortes, que agarram meus cabelos e me puxam para si. Surpreso, desço minha mão esquerda até suas costas, enquanto a outra posiciona melhor sua cabeça, sentindo a maciez do seu cabelo longo.

Congelo novamente quando ela gruda em mim, seu corpo aderindo ao meu como se fôssemos duas peças de um quebra-cabeça. Nosso beijo se torna urgente, em segundos estamos os dois ofegantes, mas mantemos os lábios juntos.

Como quero ficar assim para sempre, nunca senti uma conexão tão forte durante um beijo. Sinto-me como se tivesse achado o complemento para o meu ser, que nem fazia ideia que estava ausente.

— Ei pombinhos, já vamos fechar, façam o favor de se retirar. — O guarda nos interrompe, quebrando o encanto do momento.

Apressadamente pego sua mão e a guio para fora. Seus passos estão um tanto cambaleantes, olho para ela e vejo como seus olhos estão pesados, as pálpebras se mantendo abertas com algum esforço.

Assim que saímos, vejo minha mãe no estacionamento. Graças a Deus! Não sei se Calye aguenta esperar por muito tempo.

Como previsto, assim que ela entra no banco traseiro do carro, deita a cabeça no meu colo, fecha os olhos e adormece.

— Obrigado Verônica, pela pontualidade! — falo, enquanto sento ao seu lado e coloco sua cabeça no meu colo.

Por incrível que pareça, minha mãe parece não se importar muito que eu a chame pelo nome.

— De nada meu amor, como foi a noite? — Ela me olha pelo retrovisor e sorri para mim, apesar das nossas diferenças, sorrio de volta.

— Boa, só que Calye está exausta, espero que durma bastante. Fazia tempo que não a via tão feliz.

— Que bom que se divertiu, porque está de castigo pelos próximos quinze dias, mocinho. — Congelo, olhando para ela.

— Sem ver a Calye? — Ela não pode fazer isso.

Os olhos da minha mãe vão para o rosto adormecido da garota que amo e ela sorri docemente, também tem bastante carinho por ela, sabe que por causa dela minha vida se tornou muito melhor e minha personalidade teve uma guinada de cem por cento para melhor.

— Não, ainda poderá vê-la. Mas desde que seja na casa dela ou na nossa. Além disso, nada mais. — Suspiro aliviado. Graças a Deus!

Ela sabe também que se estou ainda morando aqui nessa cidade é por ela, por não conseguir nem pensar em não a ter por perto, caso contrário já teria voltado a morar no Rio a essa altura.

Ficar com minha mãe, sabendo que foi por causa do seu egoísmo que minha família se despedaçou, foi algo quase impossível. Por sua culpa sinto uma saudade terrível das minhas irmãs Jamille e Sarah, além de Priscila, minha sobrinha que tanto amo. Ela não tinha o direito de trair meu pai e em seguida me fazer ficar longe de todas as pessoas que amo.

Mas agora já não me sinto tão ressentido com ela, se não tivesse me forçado a vir, não teria conhecido a garota da minha vida, — mesmo eu tendo só dezessete anos, sei que é — Carine Gabrielly Salvatore. Penso em quando ela usará também o Soares no seu nome e me sinto flutuando, enquanto penso no nosso beijo de há pouco.

Fico aqui só olhando para ela, durante todo o percurso até sua casa, lembrando de cada pequeno detalhe e da sensação maravilhosa que foi beijá-la e rogo para que ela se lembre desse beijo amanhã, assim poderei ter a oportunidade de beijá-la novamente. E que Gustavo ainda me deixe entrar depois dessa noite.

